

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras
Campus Três Lagoas

Camila Fernandes da Silva

**A EMERGÊNCIA DO CONECTIVO CONDICIONAL “CASO” NO
PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL**

Três Lagoas
2023

Camila Fernandes da Silva

**A EMERGÊNCIA DO CONECTIVO CONDICIONAL “CASO” NO
PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada como parte do requisito final para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof^a. Dr^a. Taísa Peres De Oliveira

Três Lagoas
2023

Camila Fernandes da Silva

**A EMERGÊNCIA DO CONECTIVO CONDICIONAL “CASO” NO
PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL**

Tese apresentada como parte do requisito final para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Taísa Peres De Oliveira

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Taísa Peres De Oliveira
(UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

1º examinador: Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes
(UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

2º examinador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
(UNESP – Universidade Estadual Paulista)

3ª examinadora: Profa. Dra. Angelica Teresinha Carmo Rodrigues
(UNESP – Universidade Estadual Paulista)

4ª examinadora: Profa. Dra. Cibele Naidhig de Souza
(UFPR – Universidade Federal do Paraná)

Suplente: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio
(UEM – Universidade Estadual de Maringá)

Suplente: Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques
(UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Três Lagoas
27 de fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Taísa Peres de Oliveira, ofereço meus sinceros agradecimentos por ter sido orientadora firme e exigente, mas, sobretudo, pela disposição e acolhida desde o mestrado. Agradeço por me incentivar a seguir a carreira acadêmica e por compartilhar comigo suas experiências e os seus conhecimentos.

Ao Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, ainda que qualquer manifestação de gratidão não seja o bastante diante do seu comprometimento e dedicação, agradeço profundamente pela disponibilidade, atenção e cuidado que teve em cada leitura dessa tese.

Agradeço também as leituras e a contribuição dos professores que compuseram a Banca de Defesa de Tese, Prof. Dr. Michel Gustavo Fontes; Prof. Dra. Angelica Teresinha Carmo Rodrigues; Prof. Dra. Cibele Naidhig de Souza. Aos professores Dr. Juliano Desiderato Antonio e Dra. Elizabete Aparecida Marques, membros suplentes, por, gentilmente, se dedicarem à leitura da tese.

Agradeço a todos os professores e pesquisadores que cooperaram direta ou indiretamente com este trabalho, dentre os quais, Prof. Dra. Solange de Carvalho Fortilli; Prof. Dra. Flávia Hirata-Vale; Prof. Dr. Graeme Trousdale.

Agradeço aos professores e pesquisadores membros do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e aos professores e pesquisadores membros do Grupo Discurso e Gramática (D&G) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Agradeço também ao apoio de amigos e de colegas, especialmente, dos queridíssimos Marcelo, Fábio, Poliana, Ingridy, Mariana e Lucas.

Ao meu querido esposo, Lucas, minha gratidão por acreditar em mim e por tanto me incentivar. Agradeço pela companhia em todos os momentos importantes de minha vida.

Pelos inúmeros momentos de renúncia, estímulo e amor, agradeço à minha família, especialmente, aos meus pais, Gerson e Andrea, à minha tia Débora, à Claudia, e às minhas irmãs Carolina e Fernanda.

Agradeço, por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, Campus de Três Lagoas, à Capes pelo auxílio à pesquisa e a todos os que, apesar de não citados, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Sob uma perspectiva teórico-metodológica da Gramática de Construções, o objetivo desta tese é investigar o percurso histórico de desenvolvimento de microconstruções conectivas condicionais com ‘caso’. Os dados dos séculos XIII ao XXI foram levantados a partir de corpora do português de textos históricos de diversos tipos e gêneros, os quais foram investigados quantitativa e qualitativamente. A hipótese principal que guiou esta análise é a de que os conectivos condicionais simples e complexos com ‘caso’ poderiam ser resultado de um processo de construcionalização gramatical, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). A partir da análise sincrônica e diacrônica, foram encontrados sete tipos de microconstruções com ‘caso’ atuando como conectivos condicionais, oriundas de processos de mudanças gramaticais distintas. Observamos que tratam-se de subesquemas nucleados pela base de natureza nominal ‘caso’, que podem, ou não, estar associados por preposição ‘em’ e determinante ‘o’, além do complementizador ‘que’ e/ou preposição ‘de’, os quais são: ‘no caso que’, ‘em caso que’, ‘caso que’, ‘no caso de (que)’, ‘em caso de’ e o conectivo simples ‘caso’, que podem ser acomodados em um subesquema mais geral, a saber: [(em) (o) caso (de) (que)]_{CONNECT}. Além disso, verificamos, por meio da taxionomia contextual proposta por Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2021), que, pelo efeito das generalizações realizadas pelos usuários da língua e como resultado de micropassos de mudança construcional e mudanças pós-construcionalização, o nome ‘caso’ é neoanalisado como uma construção procedural, ao longo da história do português, e passa a integrar dois subesquemas construcionais que são abrigados pela rede de conectores condicionais: [(Prep) N (Prep) (que)] oração (não) finita]], e [Conect] oração (não) finita]].

Palavras-chave: Conectivos; construcionalização gramatical; neanálise; construções condicionais.

ABSTRACT

From a theoretical and methodological perspective of Construction Grammar, the objective of this thesis is to investigate the historical development of conditional connective microconstructions with *caso* ("case"). Data from the 13th to the 21st century were collected from Portuguese corpora containing historical texts of various types and genres, which were analyzed both quantitatively and qualitatively. The main hypothesis guiding this analysis is that simple and complex conditional connectives with *caso* could be the result of a process of grammatical constructionalization, as proposed by Traugott and Trousdale (2013). Through synchronic and diachronic analysis, seven types of microconstructions with *caso* functioning as conditional connectives were found, arising from distinct grammatical change processes. We observed that these are subschemas centered on the nominal base *caso*, which may or may not be associated with the preposition *em* (in) and the determiner *o* (the), in addition to the complementizer *que* (that) and/or the preposition *de* (of). These microconstructions include: *no caso que* (in the case that), *em caso que* (in case that), *caso que* (case that), *no caso de (que)* (in the case of (that)), *em caso de* (in case of), and the simple connective *caso* (case), all of which can be accommodated into a more general subschema, namely: [(em) (o) caso (de) (que)]_{CONNECT}. Furthermore, using the contextual taxonomy proposed by Diewald (2006) and Diewald and Smirnova (2021), we found that, due to the generalizations made by language users and as a result of micro-steps of constructional change and post-constructionalization changes, the noun *caso* is reanalyzed as a procedural construction throughout the history of Portuguese. It eventually becomes part of two constructional subschemas integrated within the network of conditional connectors: [(Prep) N (Prep) (que)] finite (non-finite) clause], and [Conect] finite (non-finite) clause]].

Keywords: Connectors; grammatical constructionalization; neoanalysis; conditional constructions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1- Estágios de mudança linguística segundo Diewald e Smirnova (2012). | 45 |
| Quadro 2- Características do paradigma gramatical de tempo verbal em alemão como uma hiperconstrução..... | 46 |
| Quadro 3- Tipos de Conectivos Adverbiais no Português. | 49 |
| Quadro 4- Conectivos circunstanciais do latim para o português..... | 56 |
| Quadro 5 - Banco de dados do Corpus Diacrônico..... | 67 |
| Quadro 6 - Banco de dados do Córpus Sincrônico (século XXI). | 69 |
| Quadro 7– Corpus de dados de escrita do português arcaico..... | 70 |
| Quadro 8 – Corpus de dados de escrita do português médio/clássico. | 71 |
| Quadro 9 - Corpus de dados de escrita do português moderno..... | 73 |
| Quadro 10– Síntese dos dados selecionados para análise. | 86 |
| Quadro 11- Exemplos de <i>shell nouns</i> | 115 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1- Estrutura simbólica da construção (CROFT, 2001). | 30 |
| Figura 2- Representação da construção segundo Traugott e Trousdale (2021). | 30 |
| Figura 3- Representação de rede taxonômica..... | 32 |
| Figura 4- Esquemática e categorização..... | 33 |
| Figura 5- Mudança construcional e construcionalização. | 35 |
| Figura 6- Aumento da produtividade da construção C..... | 37 |
| Figura 7- Rede de construções condicionais. | 54 |
| Figura 8- Rede de conectivos [X QUE]. | 60 |
| Figura 9- Esquema, subesquema e microconstruções conectivas condicionais com caso. | 203 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1- Frequência token dos conectivos por século..... | 191 |
| Gráfico 2- Frequência de tipo de ordenação do arranjo linear da oração condicional em relação à oração matriz..... | 193 |
| Gráfico 3- Frequência de tipo de correlação modo-temporal da oração condicional..... | 195 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 4- Frequência de tipo de domínio cognitivo..... | 197 |
|--|-----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Número de ocorrências de caso no corpus sincrônico e diacrônico..... | 75 |
| Tabela 2 - Microconstruções selecionadas para análise e descrição. | 87 |
| Tabela 3 - Frequência <i>token</i> e <i>type</i> das microconstruções nominais com caso por século no português. | 114 |
| Tabela 4 - Determinantes do nome <i>caso</i> na microconstrução com <i>em caso (em) que</i> | 121 |
| Tabela 5 - Modificadores do nome caso na microconstrução com <i>em caso (em) que</i> | 123 |
| Tabela 6 - Presença de elemento entre o nome caso e <i>que</i> na microconstrução com <i>em caso (em) que</i> | 124 |
| Tabela 7 - Flexão do nome caso na microconstrução com <i>em caso (em) que</i> | 125 |
| Tabela 8 - Modificadores do nome caso na microconstrução com <i>no caso que</i> | 128 |
| Tabela 9 - Presença de elemento entre o nome caso e <i>que</i> na microconstrução com <i>no caso (em) que</i> | 128 |
| Tabela 10 - Flexão do nome caso na microconstrução com <i>no caso (em) que</i> | 129 |
| Tabela 11 – Determinantes do nome caso na microconstrução com <i>em caso de</i> | 135 |
| Tabela 12 - Flexão do nome caso na microconstrução com <i>em (o) caso de</i> | 136 |
| Tabela 13 – Microconstrução conectiva com <i>caso</i> encontrada na sincronia do século XIV..... | 138 |
| Tabela 14 – Microconstrução conectiva com <i>caso</i> encontrada na sincronia do século XV..... | 142 |
| Tabela 15 – Microconstruções conectivas com caso encontradas na sincronia do século XVI. | 145 |
| Tabela 16 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva <i>em caso que</i> no século XVI. | 146 |
| Tabela 17 – Microconstruções conectivas com <i>caso</i> encontradas na sincronia do século XVII..... | 152 |
| Tabela 18 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva <i>em caso que</i> no século XVII. | 152 |
| Tabela 19 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva <i>no caso (em) que</i> no século XVII. | 157 |
| Tabela 20 – Microconstruções conectivas com caso encontradas na sincronia do século XVIII. | 161 |
| Tabela 21 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva <i>no caso que</i> no século XVIII..... | 163 |
| Tabela 22 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva <i>no caso de</i> no século XVIII..... | 165 |
| Tabela 23 – Microconstruções conectivas com caso encontradas no século XIX. | 168 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 24 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva no caso de no século XIX | 169 |
| Tabela 25 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva caso no século XIX..... | 172 |
| Tabela 26 – Microconstruções conectivas com caso encontradas no século XX..... | 175 |
| Tabela 27 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva caso no século XX..... | 176 |
| Tabela 28 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva no caso de no século XX..... | 179 |
| Tabela 29 – Microconstruções conectivas com caso encontradas no século XXI. | 182 |
| Tabela 30 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva caso no século XXI..... | 184 |
| Tabela 31 - Síntese dos padrões construcionais apurados nas diferentes sincronias do português. | 189 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO 1 – PRINCÍPIOS TEÓRICOS | 17 |
| 1.1 Modelos Baseados no Uso | 17 |
| 1.1.1 Visão de língua e de gramática baseada no uso..... | 23 |
| 1.1.2 Processos cognitivos de domínios gerais | 24 |
| 1.1.3 Conceito de construção e a língua como rede de construções..... | 28 |
| 1.2 Abordagem construcional da mudança linguística..... | 34 |
| 1.2.1 Mecanismos de mudança linguística..... | 39 |
| 1.2.2 Contextos de mudança linguística e paradigmaticização..... | 42 |
| 1.3. A construção conectiva condicional | 47 |
| 1.3.1 Conectivos adverbiais | 47 |
| 1.3.2 O desenvolvimento de conectivos adverbiais no português..... | 55 |
| 1.3.3 A construção complexa condicional..... | 61 |
| | |
| CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 65 |
| 2.1 <i>Corpus</i> de análise | 66 |
| 2.2 Apuração de frequência de uso..... | 73 |
| 2.3 Dados seleccionados e excluídos | 75 |
| 2.4 Parâmetros de análise | 88 |
| 2.4.1 Parâmetros formais..... | 88 |
| 2.4.2 Parâmetros semântico-pragmáticos..... | 102 |
| | |
| CAPÍTULO 3 - CONSTRUÇÕES COM CASO NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS ... | 111 |
| 3.1 A etimologia do nome <i>caso</i> | 111 |
| 3.2 As microconstruções nominais com <i>caso</i> | 113 |
| 3.2.1 Microconstruções nominais [<i>caso que</i>]..... | 121 |
| 3.2.2 Microconstruções nominais [<i>caso de</i>]..... | 133 |
| 3.3 As microconstruções conectivas com <i>caso</i> em diferentes sincronias do português..... | 138 |
| 3.3.1 Século XIV..... | 138 |
| 3.3.2 Século XV..... | 141 |
| 3.3.3 Século XVI..... | 145 |
| 3.3.4 Século XVII | 151 |

| | |
|---------------------------|-----|
| 3.3.5. Século XVIII | 161 |
| 3.3.6. Século XIX | 168 |
| 3.3.7. Século XX | 175 |
| 3.3.8. Século XXI | 182 |

**CAPÍTULO 4 – A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DOS CONECTIVOS CONDICIONAIS
COM CASO NO PORTUGUÊS 188**

**4.1. A evolução diacrônica das construções conectivas condicionais formadas com CASO
..... 189**

| | |
|---|-----|
| 4.1.1. Contextos de mudanças nas construções conectivas com CASO | 199 |
| 4.1.1.1 Contextos de mudança linguística nas construções conectivas [<i>em (o) caso de</i>] | 199 |
| 4.1.1.2 Contextos de mudança linguística da microconstrução [<i>(em) (o) caso que</i>] e pós- construcionalização da construção conectiva simples CASO | 201 |
| 4.1.2. A rede de microconstruções conectivas condicionais com CASO no português | 203 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 205

REFERÊNCIAS 207

INTRODUÇÃO

Este trabalho segue a abordagem da Gramática de Construções (GC) e dos Modelos Baseados no Uso (MBU), as quais assumem que a língua é uma rede estruturada composta por pares de forma e significado, denominados *construções* (GOLDBERG, 1995, 2006; LANGACKER, 2008). Portanto, entendemos que a língua está em constante evolução e, assim, demonstra variação e mudança através do tempo, e essas mudanças podem ser entendidas pelos conceitos de *construcionalização*, que se refere ao processo de instanciação de uma nova construção (ou nó) à rede linguística, ou *mudanças construcionais*, que se referem às mudanças de forma ou significado em nós existentes (TRAUGOTT, 2015, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021).

Sob esse paradigma teórico mais geral, o principal objetivo deste trabalho é investigar os processos de mudanças que levaram à emergência de conectivos condicionais com *caso* no português, os quais exemplificamos nas ocorrências de (1) a (6), a seguir.

- (1) Finalmente, depois de qualquer proposição em que haja palavras que unam com as palavras seguintes. Especialmente se põe, quando se fala de coisas opostas, ou quando se faz enumeração de muitas partes e se especificam todas, v. g. Destruio cazas, e templos; o sagrado, e profano; o seu, e o alheio, etc. . *Adverte-se, porém, que os períodos (os quais, sendo longos, podem receber ponto e vírgula), em caso que sejam curtos, basta que tenham vírgula, por não fazer tão enfadonha a repetição dos pontos e vírgulas.* (CHPTB: LAV, Século XVIII)
- (2) Para isso o mais direto e seguro é perguntar francamente ao Barro Gomes. Isto não é um segredo de Estado- e estou convencido que ele to dirá sinceramente, e sem dificuldades. Depois comunica-me o que surdir. Se a minha informação é exata, e há possibilidade de que, por uma transferência do Faria, Paris venha a ficar vago, e se torne regular então a apresentação da minha candidatura- *tu farás, no caso que seja necessário dar logo alguns passos, aquilo que a tua amizade te sugerir.* (CHPTB: EQOM, Século XIX)
- (3) Em junho, haverá nova regra para cobrança da tevê por assinatura. Pela nova regra, as operadoras de televisão a cabo não podem mais cobrar pelo ponto extra ou ponto de extensão, independentemente do plano de serviço do assinante. No entanto, a regulamentação permite a cobrança de instalação e manutenção, que pode ser uma taxa mensal ou por evento. Fidelização – *Em caso de oferecer um pacote de fidelidade, a operadora é obrigada a ter um igual, sem fidelidade, sendo permitido, neste caso, haver preços diferentes.* (PorPopular: DG, Século XXI)
- (4) Deite-se um pouco de manteiga n'um prato que vá ao fogo; ponha-se a fogo brando; quando a manteiga estiver derretida, quebrem-se os ovos no prato, tendo cuidado em não desfazer a gemma; salpiquem-se de sal e de pimenta. Logo que as claras estejam presas, tire-se e sirva-se. *No caso de os ovos não estarem fritos por igual, passe-se uma pá em braza sobre os sitios que estiverem menos cozidos.* (BBM: CC, Século XX)
- (5) têm-se dois bules de prata, um para o chá preto, que é o que se toma vulgarmente, o outro para o chá verde, *no caso de que* alguém peça (BBM: CC, Século XX)

- (6) Ainda não é oficial. Mas pelas notícias de ontem o Inter vai enfrentar o Sport, amanhã à noite, no Beira-Rio, sem o incansável Magrão, que sofreu um problema na coxa na decisão de domingo e sente muitas dores no local. **Caso se confirme a ausência do volante, o técnico Abel Braga vai ter que achar um jeito de fazer o seu time seguir marcando forte, sem perder a força no ataque, num jogo em que tem obrigação de ganhar e de não levar gol.** (PorPopular: DG, Século XXI)

Como pode ser visto, nas ocorrências de (1) a (6), os conectivos complexos e simples com *caso* são utilizados como introdutores de espaços mentais hipotéticos que possibilitam uma leitura de condicionalidade da construção. Assim, nesses contextos, *caso* deixa de atuar como um nome abstrato, com semântica referencial, e se convencionaliza como um novo nó que assume função procedural conectora, utilizado para marcar uma causalidade não-preenchida entre duas orações.

Mais especificamente, o foco deste trabalho é investigar o percurso diacrônico de mudança das construções conectivas com *caso* a partir da proposta de mudanças contextuais conforme se vê em Diewald (2006, 2012, 2020) e sob a visão de construcionalização gramatical defendida em Traugott e Trousdale (2013). Sendo assim, analisamos as mudanças a partir das alterações no grau de produtividade, composicionalidade e esquematicidade. Além disso, a partir da GC, investigamos as mudanças na rede de construções conectivas condicionais, à medida em que um novo pareamento de forma/sentido é criado.

Conforme sugerem as pesquisas de Said Ali (1964), Leão (1961), Barreto (1999), Gerards e Kabatek (2018) e Longhin (2020), parte-se da proposição de que microconstruções conectivas com *caso* são formadas após processos distintos de mudanças em estruturas complexas que tem o nome *caso* como base, como *sendo caso que* e *(em) (o) (s) caso (s) (em) que*:

A conjunção *caso* (em *caso venha, caso chova*) procede da redução de *caso que*, a qual maneira de dizer é por sua vez forma reduzida de *sendo caso que*. (SAID ALI, 1964, p. 224).

[...] *no caso (em) que* é fórmula pesada e deselegante. Encurta-se em *caso*, conjunção que dá mais agilidade à frase. (LEÃO, 1961, p. 71)

[...] *caso* perdeu o seu conteúdo semântico de origem e assimilou o da conjunção *que*, condicional, formando com ela um único item, para expressar a relação de condição. Posteriormente, [...] *caso*, já imbuído do valor semântico condicional, passa a ser empregado isoladamente. (BARRETO, 1999, p. 359)

[...] apresentamos a evidência de como *em caso que* foi reduzido a *caso que*, que, crucialmente, parecia ser uma escolha melhor em contextos de imediatismo comunicativo do que *em caso que*. [...] Muito provavelmente, como sugerimos brevemente, isso tem a ver com o fato de que o

complementizador *que* passou a ser omitido regularmente, dando origem a um uso altamente notável de *caso*. (GERARDS; KABATEK, 2018, p. 15)¹

A chave do enigma diacrônico está, em grande parte, na compreensão da habilidade de *caso* adjungir-se a *que*. (LONGHIN, 2020, p.10)

Aparentemente, o subesquema [(*em*) (*o*) *caso* (*de*) *que*] emerge via analogização com o esquema [X QUE], o qual, segundo Cezário et al (2015), surge no latim com os constructos temporais *postquam*> *depois que*; *antequam*> *antes que*. Em Barreto (1990), sugere-se que o subesquema [PREP N QUE] ocorre primeiramente no português do século XIII, com as construções conectivas com valor modal *de/a guisa que* e temporal *ao tempo que*.

Uma terceira hipótese, ligada às hipóteses anteriores, é a de que a emergência da construção conectiva simples com *caso* acontece após o processo de construcionalização gramatical das construções conectivas complexas com *caso* e complementizador *que* (*em caso que*, *no caso que*, *caso que*). Acreditamos que o conectivo simples *que* é resultado de mudanças construcionais no que diz respeito aos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade; e da expansão dos conectivos complexos com *caso* (redução da forma e ampliação dos contextos estruturais e semântico-pragmáticos).

Entendemos que a construção conectiva simples com *caso* atue em mais contextos apresentando maior frequência *token* e *type* possivelmente devido à redução fônica do item: quando *caso* é utilizado com função gramatical há uma redução da forma, o que é esperado, já que construções mais gramaticais apresentam maiores possibilidades de redução fônica e perda de analisabilidade (BYBEE, 2016). Pesquisas diversas acerca de processos que levam uma construção lexical a uma construção procedural revelam que as mudanças semântico-pragmáticas pelas quais passam essas construções são acompanhadas na redução na morfologia. Assim, vê-se que há uma perda tanto da preposição *em* e no determinante *o*, quanto a perda do complementizador *que*.

A hipótese de que o conectivo simples com *caso* seja mais frequente e atue em contextos mais amplos pode estar também relacionada com o fato de que tal construção mantenha relações de herança com o subesquema de conectivos simples, com semântica mais básica e neutra; além disso, pode-se supor que o conectivo *caso* tenha emergido por meio do processo de

¹ we gave evidence of how *em caso que* was further reduced to *caso que*, which, crucially, seemed to be a better choice in contexts of communicative immediacy than *em caso que*. [...] Most likely, as we briefly suggested, this has to do with the fact that the complementizer *que* came to be omitted on a regular basis, bringing about the genesis of a highly remarkable use of *caso*.

analogização com o conectivo simples *se*, que também surge na língua através de expressões adverbiais com sentidos circunstanciais e passa por redução fônica tornando-se morfofonêmico e altamente generalizado. De acordo com Kortmann (1997), conectores altamente gramaticalizados, de preferência morfofonêmicos, ou conectores de uma única palavra, que são usados frequentemente e estáveis ao longo do tempo, são mais básicos cognitivamente para os usuários da língua. Por fim, acreditamos que todas as construções conectivas com *caso* no português possam ser abrigadas em um único subesquema, mais abstrato.

A fim de alcançar os objetivos propostos neste trabalho, selecionamos *corpus* de análise que apresentassem, tanto quanto possível, uma quantidade ampla e diversa de dados, com o intuito de traçar o desenvolvimento histórico dos padrões em análise e de comprovar nossas hipóteses. À vista disso, selecionamos textos escritos representativos dos três períodos em que, nos estudos diacrônicos, comumente se subdivide o português: *arcaico* (que se estende do século XIII ao XV), *médio/clássico* (do início do século XVI ao século XVIII) e *moderno* (a partir do século XIX até XXI).

A tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentam-se os postulados teóricos gerais dos Modelos Baseados no Uso e as abordagens da Gramática de Construções para a mudança linguística (seção 1.2). Neste capítulo, também há uma seção (seção 1.3.) em que se trata sobre as características da categoria de conectivos condicionais e as orações complexas em que eles participam.

Constitui foco do segundo capítulo, a descrição detalhada dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, os quais incluem a constituição do *corpus* de análise (seção 2.1.), a seleção dos dados (seção 2.2), e o descritivo dos parâmetros formais e semântico-pragmáticos considerados para a investigação das microconstruções nominais e conectivas com *caso* (seção 2.3.).

O terceiro capítulo destina-se à análise dos resultados alcançados para cada sincronia da história do português (seções 3.2 e 3.3). No quarto capítulo, encontra-se a discussão da evolução diacrônica das construções conectivas condicionais formadas com *caso* a partir dos critérios de análise que se mostraram mais relevantes para a explicação da trajetória de mudança dessas construções (seção 4.1.). Por fim, tendo em vista os resultados alcançados nos dois capítulos de análise, seguem as conclusões da pesquisa e as referências bibliográficas utilizadas.

CAPÍTULO 1 – PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Neste capítulo, trataremos das abordagens teóricas que elegemos para cumprir os objetivos de investigação desta pesquisa. Seguimos a orientação linguística dos Modelos Baseados no Uso – cujo enfoque nos possibilita uma visão de língua como representação funcional e cognitivamente motivada –, além da Abordagem Construcional Diacrônica, que propõe explicar como surgem novas construções e como tais construções se organizam como partes de uma rede construcional. Portanto, na seção 1.1, apresentamos a natureza geral e os princípios centrais da abordagem teórico-metodológica dos Modelos Baseados no Uso e os postulados fundamentais da Gramática de Construções. Na seção 1.2, apresentamos a abordagem construcional da mudança linguística. A seção 1.3 traz uma discussão sobre a caracterização e os processos de mudança que dão origem aos conectivos adverbiais, sobretudo, aqueles que expressam condicionalidade. Por fim, em 1.4, realizamos uma síntese dos princípios teóricos que embasam esta pesquisa.

1.1 Modelos Baseados no Uso

Esta pesquisa tem como embasamento teórico estudos em linguística que abordam a relação entre cognição e linguagem e que procuram, através da análise sistêmica de estruturas linguísticas, explicitar o uso linguístico e a construção de significados a partir de fatores funcionais e cognitivos. Em particular, investiga-se o papel da experiência na formação de categorias e representações linguísticas. Essa visão é representada por abordagens que unem propostas do Funcionalismo e do Cognitivismo norte-americanos, mais recentemente, denominadas como Modelos Baseados no Uso (LANGACKER, 1987; 2000; BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 1985; 2007; 2010).

Cunhado por Langacker (1987), o termo “*usage-based model*” justifica-se uma vez que o princípio fundamental para a teoria é a compreensão de que a estrutura da língua emerge do uso. Como afirma o autor na seguinte passagem em que ressalta a importância do uso:

Importância substancial é dada ao uso real do sistema linguístico e ao conhecimento de um dado falante sobre esse uso; a gramática é apresentada como a responsável pelo conhecimento de um falante acerca de toda a gama de convenções linguísticas, independentemente do fato de tais convenções poderem ou não ser abarcadas por postulados mais amplos. Trata-se de uma abordagem não-reducionista da estrutura linguística que emprega redes

esquemáticas totalmente articuladas e enfatiza a importância de esquemas em níveis mais baixos. (LANGACKER, 1987, p. 494),²

O que se verifica, a partir da proposta do autor, é que abordagens dos Modelos Baseados no Uso são contrárias às premissas dos estudos da Gramática Gerativa proposta por Chomsky (1965; 1995). Tal asserção é confirmada por Langacker (2000, p. 91) ao afirmar que uma gramática cognitiva tem como direção contestar as características reducionistas, minimalistas e dedutivas da linguística gerativa. Para o autor, o aprendizado de uma língua envolve aspectos que vão além da definição de parâmetros, assim, os Modelos Baseados no Uso rejeitam uma gramática que é econômica e meramente metodológica na qual se considera um conjunto de habilidades inatas e que são específicas à linguagem. Uma visão de gramática baseada no uso entende que se tornar um indivíduo falante de uma língua envolve uma quantidade enorme de aprendizado baseado no uso real, durante o qual estão envolvidas habilidades cognitivas de domínios gerais, isto é, que são compartilhadas por capacidades que não são somente linguísticas, como a percepção, a atenção, a categorização, a memória etc.

Concebe-se como características básicas de um modelo linguístico baseado no uso o caráter simbólico das estruturas linguísticas e o entendimento de que a língua é meio de comunicação/interação social. Conforme argumenta Tomasello (2003, p. 5) “se trata de padrões que correspondem a símbolos linguísticos significativos que são usados na comunicação (por exemplo, a construção passiva é usada para comunicar sobre algo que acontece com alguma entidade)”³

Com base nessa concepção de Tomasello (2003), reconhece-se que a comunicação humana é construída a partir de unidades simbólicas que são convencionalizadas a partir do uso que os indivíduos fazem da língua de forma padronizada e convencionalizada para fins de comunicação interpessoal. O autor aponta ainda o fato de que tais símbolos linguísticos são gramaticais. Mais especificamente, os símbolos linguísticos são utilizados pelos seres humanos através de padrões – as construções linguísticas emergem na língua e adquirem forma e função específicas derivadas de um conjunto de processos cognitivos e sociocognitivos de domínios

² “Substantial importance is given to the actual use of the linguistic system and a speaker’s knowledge of this use; the grammar is held responsible for a speaker’s knowledge of the full range of linguistic conventions, regardless of whether these conventions can be subsumed under more general statements. It is a nonreductive approach to linguistic structure that employs fully articulated schematic networks and emphasizes the importance of low-level schemas”.

³ “As opposed to conceiving linguistic rules as algebraic procedures for combining words and morphemes that do not themselves contribute to meaning, this approach conceives linguistic constructions as themselves meaningful linguistic symbols—since they are nothing other than the patterns in which meaningful linguistic symbols are used in communication (for example, the passive construction is used to communicate about an entity to which something happens)”.

gerais que surgem a partir da interação e comunicação entre as pessoas. Nas palavras de Tomasello (2003, p.5),

(...) a estrutura da língua emerge do uso da língua. As teorias baseadas no uso defendem que a essência da linguagem é a sua dimensão simbólica, enquanto a gramática é derivada desta. (...) A habilidade de nos comunicarmos com outros indivíduos é uma adaptação biológica específica da espécie. Porém, em contraste com a gramática gerativa e com as outras abordagens formalistas, nas abordagens baseadas no uso, a dimensão gramatical da língua é produto de um conjunto de processos históricos e ontogenéticos chamados, coletivamente, de gramaticalização.

Como se vê, essa perspectiva implica um compromisso com a proposição de que a estrutura da língua é afetada pelo uso e emerge tanto histórica quanto ontogeneticamente. Notam-se, assim, dois princípios essenciais para os Modelos Baseados no Uso: 1) a relação intrínseca entre uso e estrutura linguística – aqui, ressalta-se que a gramática é emergente da comunicação entre os indivíduos e, portanto, a língua não pode ser concebida como uma estrutura planejada e totalmente estável; 2) a língua apresenta variação e mudanças graduais ao longo do tempo, e essas mudanças se dão a partir de processos cognitivos envolvidos no uso de uma língua. Desse modo, o sistema linguístico se ajusta às necessidades de seus usuários e é atravessado pelo contexto social, histórico e cognitivo. Trata-se, então, de uma visão teórico-metodológica que é contrária à ideia de língua como um sistema imutável e fechado em si mesmo.

A gramática nos Modelos Baseados no Uso é interpretada como indissociável da semântica e da pragmática, porque não apresenta formas derivacionais de estruturas de superfície (BYBEE, 2016). Além disso, a relação entre léxico e gramática é vista como um contínuo. A sintaxe não pode ser investigada separadamente do seu significado, tão pouco das capacidades cognitivas de domínios gerais. E a separação dicotômica entre léxico e gramática dá lugar a um contínuo que tem como base a construção – qualquer padrão linguístico coerente de combinação de palavras ou morfemas e que se estabelece como um par de forma e significado (SILVA; BATORÉO, 2010).

Barlow e Kemmer (2000), ao traçar as principais características dos Modelos Baseados no Uso, trazem oito propriedades centrais aos estudos que seguem tal abordagem. De acordo com os autores, a frequência tem papel indispensável em qualquer explicação da linguagem. Uma vez que a estrutura da língua deriva da experiência de seus usuários, a frequência de um padrão de uso particular é um fator essencial para o entendimento de como uma língua opera, porque a frequência é tanto resultado quanto modeladora do sistema. Pode-se dizer que a frequência é resultado porque leva à criação de novas construções. Através da aplicação e

repetição, uma estrutura torna-se fixa e convencionalizada como parte do conhecimento da língua. É modeladora porque propriedades estruturais e semântico-pragmáticas são, significativamente, influenciadas pela língua em uso. Assim, a frequência de ocorrência de uma construção afetará todo o sistema linguístico.

Croft (2001, p. 28) argumenta que os padrões de frequência de uso determinam o nível de representação do conhecimento gramatical na mente do usuário da língua. A alta frequência de uma determinada estrutura ou construção sintática leva ao armazenamento ou sedimentação (*entrenchment*) dessa estrutura ou construção sintática na memória do usuário da língua. A frequência de diferentes padrões de uso de um mesmo esquema sintático de uma construção (frequência *type*) somado à sua frequência de ocorrência (frequência *token*) determina o grau de produtividade⁴ da construção. Quanto maior a produtividade de uma construção, maior é a evidência de que o uso de seu esquema sintático está altamente armazenado na memória do indivíduo e convencionalizado entre os usuários da língua. No entanto, a baixa frequência *token*, isto é, a ativação pouco frequente da construção no uso da língua, pode levar ao desgaste e perda de armazenamento desse esquema sintático ao longo do tempo.

Barðdal e Gildea (2015) corroboram as afirmações de Croft (2001), ao assinalarem que o conhecimento linguístico dos usuários da língua é moldado pelo uso, resultando em construções altamente frequentes, consideradas mais centrais para o sistema da língua, enquanto construções com menor frequência *type* ocupam um *status* menos central. Bybee (2007) afirma que a frequência é um fator altamente relevante para a compreensão da representação cognitiva das construções. De acordo com a autora, a alta frequência de uma estrutura irá refletir informações específicas e gerais sobre os padrões gramaticais na mente do falante, além de influenciar a natureza das categorias. Bybee (2007) ressalta a importância da frequência na formação de estruturas linguísticas:

(...) a repetição de ações provoca a formação de estruturas; assim, também na linguagem, notamos que a repetição é um componente necessário da formação gramatical (Haiman, 1994). A razão pela qual a frequência ou a repetição desempenha um papel na formação gramatical é que a mente é sensível à repetição. (BYBEE, 2007, p. 8)⁵

⁴Mais adiante, trataremos detalhadamente do processo de construcionalização, oportunidade em que retomaremos os conceitos de frequência e produtividade.

⁵“(...) repetition of actions brings about the formation of structures; thus in language, too, we see that repetition is a necessary component of grammar formation (Haiman 1994). The reason frequency or repetition plays a role in grammar formation is that the mind is sensitive to repetition. This is a domain general principle; that is, it does not apply just to language but to other cognitive domains as well”.

A compreensão e produção vista como integradas – e não como periféricas – ao sistema da língua é a segunda propriedade de uma abordagem gramatical baseada no uso exposta por Barlow e Kemmer (2000). Conforme afirmam os autores, a estrutura da língua não é separada do processamento mental envolvido no uso linguístico; logo, não existe separação entre competência e performance. A habilidade linguística do usuário da língua é, de fato, constituída por regularidades no processamento mental no uso e, assim, a performance é parte intrínseca da competência do falante. Elimina-se, desse modo, a visão gerativista de “erros de performance”, isto é, transgressões a princípios de uma gramática universal.

Outra questão essencial aos Modelos Baseados no Uso, discutida por Barlow e Kemmer (2000), relaciona-se com o foco no papel do aprendizado e da experiência durante o processo de aquisição de uma língua. Se a estruturação do sistema linguístico resulta do processamento cognitivo envolvido nos eventos de uso, logo, a experiência e o aprendizado são fundamentais e, sobretudo, significativos para a compreensão de como se dá a aquisição de uma língua. Tomasello (2003, p.13) defende que, para um modelo baseado no uso, não há razão para postular uma adaptação genética específica para a gramática, porque “os processos de gramaticalização e sintaticização podem realmente criar estruturas gramaticais a partir de enunciados concretos - e gramaticalização e sintaticização são processos histórico-culturais e não biológicos”⁶.

Nesse sentido, no processo de aprendizagem, observa-se que as crianças baseiam a criação de enunciados gramaticais, primeiramente, a partir de itens lexicais específicos, como verbos, para, mais tarde, extrair construções por meio de representações mais abstratas. Crianças podem aprender, ainda, padrões linguísticos com base em experiências corporais e sociais do seu cotidiano (cf. BARLOW; KEMMER, 2000). Assim, vê-se, mais uma vez, que a proposta rejeita a visão gerativista que defende que as categorias gramaticais básicas e as relações subjacentes a todas as línguas do mundo decorrem de uma adaptação biológica por meio de uma gramática universal e inata.

A quarta propriedade discutida por Barlow e Kemmer (2000) recai sobre o entendimento de que representações linguísticas são emergentes, e não armazenadas em um ponto neural específico como entidades fixas. Sob essa visão entende-se que unidades linguísticas são vistas como rotinas cognitivas – padrões recorrentes de ativação mental que são parte integrante da atividade de processamento cognitivo. Desse modo, quando o uso não está ocorrendo, as

⁶ “(...) processes of grammaticalization and syntacticization can actually create grammatical structures out of concrete utterances—and grammaticalization and syntacticization are cultural-historical processes, not biological ones”.

informações representadas por essas estruturas linguísticas nada mais são do que padrões de conectividade desenvolvidos a partir de experiências anteriores.

Constitui a quinta propriedade proposta por Barlow e Kemmer (2000), a importância de selecionar dados a partir de enunciados reais para a construção e descrição da teoria. Como discutido em pontos anteriores, para Modelos Baseados no uso, consideram-se dados que possam ser representativos do desempenho, não da competência. Conforme orienta os Modelos Baseados no Uso, é necessário que os dados para a análise e descrição linguística sejam representativos do ambiente de interação, pois a história de evolução dos padrões da língua, trajetórias de variação sincrônica e mudanças diacrônicas apenas podem ser observadas através da experiência e de instâncias reais de uso.

Como sexta propriedade, então, os autores tratam da relação íntima entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica. A interação entre os usuários da língua, em uma determinada comunidade linguística, leva a micromudanças diacrônicas no sistema linguístico. Isto quer dizer que as experiências de cada usuário com a língua, fatores sociais, tanto internos quanto externos à língua, influenciam o processo de convencionalização de determinado elemento linguístico em determinada construção. Sendo assim, o uso linguístico é o lócus da mudança. Ademais, em todos os estágios de mudança operam as mesmas motivações: cognitivas, articulatórias e sociais, afetando os atos de percepção e produção dos usuários da língua. Os efeitos dessas motivações são cumulativos, através de múltiplos eventos de uso, ao longo do tempo – perceptíveis sincrônica e diacronicamente.

Em sequência, os autores discutem a interconectividade do sistema linguístico com os sistemas cognitivos não linguísticos e o papel crucial do contexto na operação do sistema linguístico – sétima e oitava propriedades fundamentais para um modelo baseado no uso. Barlow e Kemmer (2000) tratam, assim, da natureza enciclopédica do conhecimento linguístico. Os autores argumentam que os humanos são sensíveis aos padrões de experiência, e os padrões aprendidos podem ser de tipos distintos, adquiridos em tipos particulares de propriedades gerais de nossa cognição e nossa experiência pré-linguística. Desse modo, a estrutura linguística é parte de estruturas conceituais mais gerais.

No que diz respeito ao papel do contexto, os autores retomam trabalhos da tradição cognitivista, como o de Fillmore (1977), Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002), por exemplo, cujo foco é demonstrar como o sentido é construído a partir do contexto; as formas linguísticas, como palavras e construções gramaticais não carregam o significado por si só, mas

são entendidas no contexto de situações de uso que envolve muito mais do que informações linguísticas, são altamente estruturadas na situação de produção e interação.

1.1.1 Visão de língua e de gramática baseada no uso

Conforme discutido na seção anterior, mecanismos cognitivos operam simultaneamente moldando a gramática que emerge por meio da repetição dos eventos de uso. Como se vê em Bybee (2016), além de apresentar padrões de regularidade, a língua demonstra fenômenos de variação e mudança. Segundo argumenta a autora, a gramática é um sistema dinâmico e emergente, adaptável às pressões provenientes do uso e da experiência dos usuários com a língua, dando origem a padrões tanto estruturados quanto variáveis.

Com base na visão de gramática emergente de Hopper (1987), Bybee (2016) propõe que a língua seja considerada um *sistema adaptativo complexo*. A autora explica que a estrutura linguística não é resultado de um planejamento, ou pré-estabelecida como um edifício, mas é como dunas de areia: tem regularidades aparentes na forma, no entanto, não é estática no tempo e no espaço, ao contrário, está em constante mudança e variação. Nas palavras de Bybee (2007, p. 8) “a língua está sempre em processo de criação - criando, perdendo e recriando estruturas que nunca são absolutamente fixas⁷”. A língua é, portanto, considerada como uma estrutura mental que está em constante uso, filtrada pelas atividades de processamento que a modificam. Esses processos de mudança e de variação revelam a natureza não discreta das estruturas linguísticas, porque elas são heterogêneas e gradientes, diversas, e não apresentam uniformidade na estrutura ou na função. Ainda segundo a autora:

a gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de um modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo. [...] A variação refere-se ao fato de que unidades estruturais da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência. (BYBEE, 2016, p. 18).

A gramática é vista como uma organização cognitiva de experiências com a língua (BYBEE, 2016, p. 28). Os padrões que ativam e modificam as estruturas gramaticais são motivados e instanciados pelo uso da língua. Rejeita-se, assim, o postulado gerativista de

⁷“(...) that language is also always in a process of becoming—creating, losing, and re-creating structures that are never absolutely fixed(..)”.

autonomia da sintaxe e entende-se a gramática como resultante da convencionalização da relação entre estrutura linguística e sua interpretação semântico-pragmática.

A partir dessa concepção, Bybee (2016) propõe explorar a possibilidade de que os fenômenos estruturais que observamos na gramática das línguas naturais podem ser derivados de processos cognitivos de domínio geral. Processos de domínio geral, de acordo com a autora, seriam aqueles operantes em outras áreas de cognição humana que não a da linguagem. Isto é, mecanismos de outros domínios da cognição, por exemplo, o da memória, percepção visual, atividades motoras, podem ser aplicados à língua, conforme explicitamos na seção seguinte.

1.1.2 Processos cognitivos de domínios gerais

Seguindo a consideração de que domínios cognitivos se aplicam também aos processos que geram as estruturas linguísticas, a proposta de Bybee (2016) é a de que devemos focar não somente na estrutura linguística, mas nos processos que a criam. O argumento principal que sustenta essa visão é que “ao investigar os processos de domínio geral, nós não apenas estreitamos a busca por processos específicos à língua, mas também situamos a linguagem no contexto mais amplo do comportamento humano” (BYBEE, 2016, p. 26). Em outras palavras, defende-se que o modo como a língua se organiza pode ser explicado por fatores que vão além dos domínios da linguagem. Entre os processos cognitivos investigados por Bybee (2016) estão *categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal*.

O mecanismo cognitivo de categorização é, conforme Bybee (2016), o mais difundido entre os processos cognitivos de domínio geral, já que ele se relaciona com os outros. “Categorização é o processo pelo qual uma nova experiência é classificada como uma instância de uma categoria ou esquema existente” (DIESSEL, 2019, p. 31)⁸. A categorização linguística, segundo Bybee (2016), é o que determina a adequação de combinações e associações particulares de construções a partir das representações estocadas na memória. Considera-se a categorização como um processo cognitivo de domínio geral por estar relacionada a estratégias que não são necessariamente específicas à linguagem. Independentemente da língua, criam-se tipos variados de categorias a partir da percepção e da experiência humana de mundo. Como exemplo disso, podemos observar o modo como categorizamos cores, animais, formas etc. Categorizamos por meio da nossa experiência. A prototipicidade, de acordo com Rosch (1973),

⁸ “Categorization is the process whereby a new experience is classified as an instance of an existing category or schema.”

é possivelmente uma implicação de propriedades que são intrínsecas das interações perceptuais do ser humano, como a saliência cognitiva. Cada protótipo nos permite realizar inferências e ponderações sobre uma determinada categoria. Tal processo envolve aspectos que são tanto graduais (não lineares e não discretos) quanto fixos em relação aos traços ou conjunto de propriedades. Há, portanto, um *continuum* categorial em que alguns membros estão situados mais nos polos da escala, com características conceituais mais ou menos bem determinadas, e outros se localizam em instâncias intermediárias, por compartilharem traços de uma ou outra categoria.

Nesse processo, tipos de construções, palavras, sintagmas e suas partes componentes são agrupados como pertencentes à determinada categoria tendo em vista as características semelhantes que são reconhecidas e associadas a representações armazenadas na memória. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, fonemas, morfemas, palavras, sintagmas ou construções (BYBEE, 2016). Novos itens podem ser usados em uma construção se forem percebidos como semelhantes de alguma forma aos membros existentes de uma categoria. Essencialmente, “sempre há vários conceitos (ou categorias) que estão potencialmente disponíveis para licenciar (ou categorizar) um novo *token* (linguístico)” (DIESSEL, 2019, p. 31)⁹.

No português, a construção com verbo pleno *deixar*, originalmente, admitia objetos mais concretos, como *deixar o carro na garagem*, porém, no português contemporâneo, observa-se que o *slot* de objeto se expandiu para estruturas sintáticas que designam entidades semânticas mais abstratas formando uma construção de verbo auxiliar com semântica aspectual de fim, sancionada pelo esquema [V1auxiliar + prep. + V2] como *deixar de comer* (PREZOTTO JUNIOR, 2020). Tal como argumenta Bybee (2007), a expansão de uma construção para outros contextos requer categorização. O uso produtivo de construções é o que permite aos indivíduos gerar novas construções, já que a língua consiste nessas rotinas concatenadas e embutidas umas nas outras.

Outro processo cognitivo importante para o desenvolvimento de estruturas linguísticas é a formação de *chunks*. *Chunking*, conforme Bybee (2016), é a relação sequencial desenvolvida quando duas ou mais palavras são usadas repetidamente juntas formando um bloco. A construção *um belo dia*, investigada por Casseb-Galvão e Silva (2019), é um exemplo de desenvolvimento de *chunk*, no português. O constructo passa por processo de abstratização e

⁹ “(...) there are always multiple concepts (or categories) that are potentially available to license (or categorize) a new (linguistic) token.”

perde seu sentido fonte de *dia bonito* e passa a expressar sentidos menos composicionais como *de repente*, *repentinamente*, isto é, indica ao interlocutor que depois de *um belo dia* haverá uma informação importante da narrativa, não esperada: *um belo dia resolvi me divorciar*. Não é possível compreender o sentido através de suas partes, mas forma-se, assim, uma sequência linguística de processamento único de seu todo significativo.

Bybee (2007, p. 326) associa o mecanismo de sequenciar estruturas linguísticas à habilidade de dirigir. Na tarefa de dirigir um carro, estão envolvidas uma série de sequências automáticas, como engatar as marchas, frear para desacelerar ou parar, acionar a seta de mudança de direção, virar à direita ou à esquerda. Se uma pessoa faz um caminho frequentemente, como, por exemplo, da casa para o trabalho, esses *chunks* de comportamento são sequenciados de modo específico e criam um constituinte maior, isto é, um bloco de procedimentos automatizados. Além disso, um motorista experiente é capaz de recombinar qualquer uma das subunidades de toda a sequência, como frear, acelerar etc. Isto acontece com facilidade e fluência da mesma forma que o usuário da língua nativo recombina os *chunks* automatizados da língua para produzir uma construção que ele nunca havia produzido antes. Desse modo, a criação de sequências automatizadas de comportamento é um processo cognitivo de domínio geral.

É também avaliado por Bybee o papel da representação de exemplares armazenados na memória e como o uso da língua afeta essa representação - o que contraria à noção gerativista de que redundâncias e variações são descartadas da memória do usuário da língua. Langacker (1987) afirma que, para formar uma generalização, é preciso acumular na memória um conjunto de exemplares e tais exemplares não são necessariamente descartados. Nas palavras de Bybee (2016, p. 37) “se a memória linguística é igual à memória da experiência em outros domínios, é improvável que exemplares específicos sejam completamente descartados quando uma generalização é feita”. A propriedade de representação de memória rica é importante para descrever e explicar como construções acumulam traços particulares quando são utilizados em um contexto. Por exemplo, é possível formar advérbios no português a partir da conexão de um adjetivo com o sufixo *-mente*, como *adequadamente*. A repetição, os detalhes fonéticos, morfológicos, significados, inferências e os contextos de uso desse tipo de construção levou à representação na memória do usuário da língua, possibilitando que tal estrutura seja exemplar para criar outros advérbios no contexto comunicativo. É um processo cognitivo de domínio geral porque, segundo Bybee (2016), memórias não linguísticas também têm impacto nas representações cognitivas. Assim, as memórias e experiências que temos ao manusear um

computador, por exemplo, nos permite que saibamos como utilizar um computador novo justamente porque está representado em nossa estrutura cognitiva e neurológica os detalhes da experiência anterior que tivemos com outros computadores.

A analogia é o processo por meio do qual novas construções são criadas com base em experiências com construções previamente existentes. Está envolvido neste processo o domínio de categorização uma vez que emergem novas construções na língua, via analogia, a depender da similaridade com sequências frequentes e convencionalizadas. Nesse sentido, outro aspecto que é importante para o fenômeno de analogia é a produtividade linguística. Nos Modelos Baseados no Uso, a produtividade é, no geral, definida como a extensão de um esquema existente para um novo contexto (LANGACKER, 2000; BYBEE, 2016). Diessel (2019) argumenta que há dois fatores gerais que afetam a extensão analógica de um esquema construcional para novos usos: (i) a força de um esquema específico na memória e (ii) a relação de similaridade entre as expressões lexicais que são licenciadas por um esquema. Construções que são mais generalizadas e mais frequentes na língua tendem a servir de modelo para a formação de novas expressões, como destaca Diessel (2019, p. 34):

(...) *tokens* com características semelhantes ou idênticas se reforçam mutuamente, criando grupos de traços de memória sobrepostos, conhecidos como “exemplares”. Todo o *cluster* de *tokens* pode ser interpretado como uma categoria emergente que funciona como um “atrator” ou “ponto de referência cognitivo” para a classificação de novas experiências (Nosofsky 1988).

A semelhança formal das construções e a adjacência dos signos são essenciais na construcionalização e na reorganização da rede (DIESEL, 2019). Conectivos complexos, por exemplo, emergem com base na generalização e na extensão de esquemas, como é o caso do esquema [X *que*]_{CONNECT} que pode atrair no *slot* X uma variedade de nomes, advérbios, preposições. Santos e Cezário (2017) mostram que o esquema mais abstrato [X *que*]_{CONNECT} sancionava, primeiramente, conectivos em que o *slot* X era preenchido por palavra que denota tempo, (como *vez*, *logo*, *já*), e que por analogia houve a extensão do esquema para outros contextos e outros itens foram recrutadas para preencher o *slot* X, como *assim que*, *mesmo que*, *se bem que*, dentre outras. Como domínio geral, a analogia tem sido investigada em termos de estruturas relacionais em estímulos visuais, como cenas, formas e cores, por exemplo, quando associamos uma cor à um elemento da nossa experiência: *branco gelo*, *marrom terroso*, *vermelho sangue*.

Inclui-se na lista de processos cognitivos a capacidade que o ser humano tem de fazer associações transmodais – tal processo relaciona-se à habilidade na criação de conexões por elos associativos. Bybee (2016) explica que experiências coocorrentes tendem a ser cognitivamente associadas. Como exemplo de associação transmodal não linguística, podemos visualizar a seguinte cena exemplificada por Bybee (2016): todas as vezes que o carteiro chega com a correspondência em uma casa, a pessoa olha no relógio e são 8h30 da manhã, assim, fixa-se na memória do indivíduo a associação de que o horário do correio é 8h30 da manhã. O sentido é associado à sequência maior, então, a partir da chegada do correio é possível inferir que horas são naquele momento sem que se verifique o relógio.

A associação transmodal na linguagem é o que possibilita o elo entre forma e sentido. Inferências realizadas pelo contexto de uso de construções específicas também podem vir a ser associadas com sequências específicas dando origem a mudanças na configuração semântica. O verbo *abrir*, por exemplo, é acionado na mente do usuário da língua não de modo isolado, mas associado a um evento em que estão envolvidos um participante, no mínimo (aquele que abre), o objeto ou local que será aberto e o tempo em que ocorre o evento. Há, assim, uma relação entre a forma e o sentido, sendo quem abre o sujeito da ação - *Maria abriu o pacote de biscoitos* -, e o que foi aberto é o objeto: *o pacote de biscoitos*.

Assim, central a este trabalho é a compreensão de que as circunstâncias de uso determinam a gramática e de que processos cognitivos de domínios gerais dão surgimento à estrutura linguística. Reconhece-se, além disso, o estatuto fundamental das funções da língua na descrição das suas formas, de modo que cada entidade linguística é definida com relação ao papel que ela desempenha nos processos reais de comunicação. Em razão disso, busca-se como objeto de análise os esquemas gramaticais resultantes da convencionalização da relação entre estrutura linguística e sua interpretação semântico-pragmática, denominados construções gramaticais. Por esta razão, passamos a delinear, na seção a seguir, sobre a abordagem teórica das Gramática de Construções, no qual explicitamos o conceito de Construção que este trabalho se baseia.

1.1.3 Conceito de construção e a língua como rede de construções

Nesta tese, seguimos uma abordagem construcional da mudança linguística, portanto, esta pesquisa está ancorada no modelo de Gramática de Construções, especialmente, em Goldberg (1995, 2006, 2013, 2020), Croft (2001), Bybee (2016), Traugott e Trousdale (2021),

Hilpert (2014), dentre outros. A abordagem construcional baseada no uso compreende que a gramática é um fenômeno emergente. As mudanças na língua são compreendidas como um processo que é gradual, *bottom-up* (de baixo para cima), e frequência de uso, sedimentação e habilidades cognitivas gerais (analogia, esquematização e categorização etc.) são essenciais para modelar a língua (SMIRNOVA; SOMMERER, 2020).

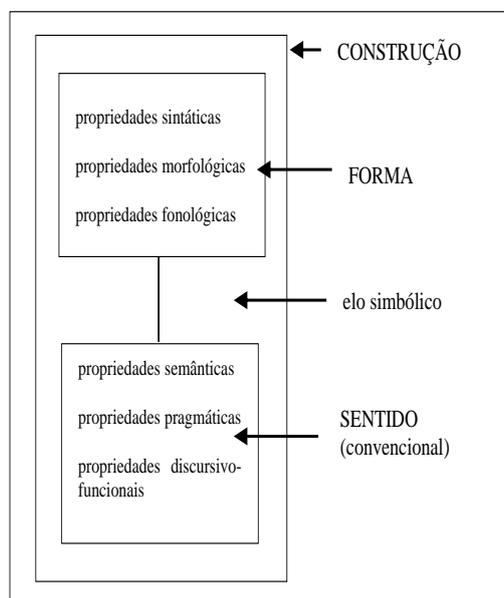
O objeto de investigação de uma gramática baseada no uso é a construção. As construções são pareamentos de forma e função em vários níveis de complexidade e abstração em que se incluem morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões linguísticos parcialmente ou totalmente preenchidos lexicalmente (GOLDBERG, 2013). Mais especificamente, nas palavras de Goldberg (2006):

qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja, estritamente, previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Ademais, padrões são armazenados como construções, mesmo se eles são totalmente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente. (GOLDBERG, 2006, p. 5)¹⁰.

Conforme dito anteriormente, as construções são unidades convencionalizadas e simbólicas: são convencionalizadas, pois são compartilhadas por uma comunidade linguística, e simbólicas, porque são signos associados, em geral, arbitrariamente por um pareamento de forma e sentido armazenados na mente do usuário da língua (GOLDBERG, 1995, CROFT, 2001, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021). A construção é representada por Croft (2001, p.18), como uma estrutura simbólica, como se observa na Figura 1.

¹⁰ “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.”

Figura 1-Estrutura simbólica da construção (CROFT, 2001).

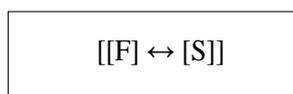


Fonte: Croft (2001, p.18)

Na Figura 1, o quadro do ‘sentido’ corresponde à representação dos traços da função de uma construção convencionalizada, a qual apresenta as propriedades semânticas e as propriedades pragmáticas. No quadro da ‘forma’, encontram-se os componentes sintáticos, morfológicos e fonológicos do enunciado. Assim, a construção é representada por uma correspondência simbólica entre forma e sentido convencional.

Nos moldes de Goldberg (2006) e Traugott e Trousdale (2021), a construção pode ser representada do seguinte modo:

Figura 2- Representação da construção segundo Traugott e Trousdale (2021).



Fonte: Traugott e Trousdale (2021, p. 36)

Conforme Traugott e Trousdale (2021), a seta bidirecional (↔) demonstra o elo entre forma e sentido, e os colchetes ilustram que há um pareamento de forma-sentido, uma unidade convencionalizada. A forma (F), assim como descreve Croft (2021), é especificada pela sintaxe,

morfologia e fonologia, enquanto o polo do sentido – representado por ‘S’ - é composto pelas propriedades do discurso, da semântica e da pragmática. Definidas como par de forma-sentido, seguindo Traugott e Trousdale (2021), as construções podem ser concebidas em diferentes dimensões, gradientemente, assumindo diferentes tamanhos (atômicas, complexas ou intermediárias), diferentes especificidades fonológicas (substantivas ou esquemáticas) e diferentes bases conceptuais (conteudísticas ou procedurais).

Uma construção atômica pode ser representada por uma construção totalmente especificada, como, por exemplo, *vermelho*. O esquema pode ser parcialmente especificado, como em *X-mente (amavelmente)*, em que se restringe o sufixo *mente*, mas o *slot X* é aberto para qualquer adjetivo. A construção pode ainda ser completamente esquemática, como é o caso do esquema SVO (*Maria comeu bolo*). Traugott (2008, p. 236) propõe os termos *macro*, *meso* e *microconstrução* para distinguir entre unidades simbólicas em diferentes níveis de esquematicidade; Traugott e Trousdale (2021) vão descrever como *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*. As construções de conteúdo (lexicais) vão fornecer material referencial como as categorias de nome, verbo e adjetivo. Já as procedurais, apresentam relações linguísticas abstratas e gramaticais, como demonstrativo, aspecto, tempo e complementizador. Léxico e gramática são vistos em um *continuum*, segundo a visão de gramática de construções baseadas no uso.

No modelo da GC, a organização do sistema linguístico é representada por redes construcionais. Em geral, uma rede consiste em: um conjunto de nós (pareamento de forma-sentido) e as conexões, elos entre esses nós. Defende-se, na teoria da GC, que todo o conhecimento linguístico é armazenado na forma de construções e tais construções estão organizadas no ‘*constructicon*’ (inventário de construções), conforme denomina Goldberg (2019, p. 36), por redes taxonômicas de famílias de construções baseadas na forma e no sentido (BARÐDAL; GILDEA, 2015, p. 23). Como afirma Hilpert (2013):

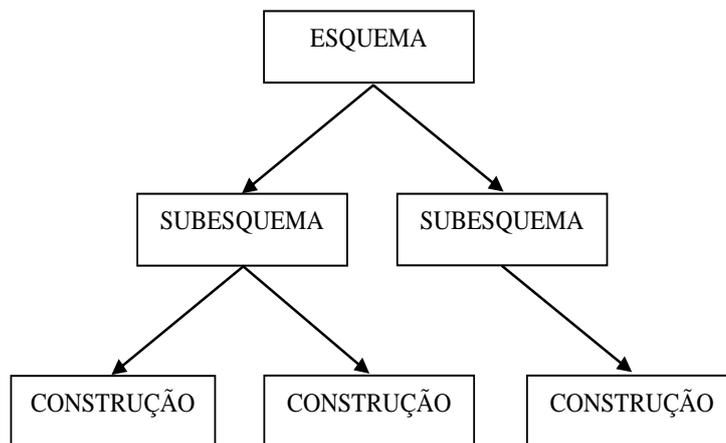
Esta é a ideia de um “inventário estruturado” (Langacker 1987: 73), uma rede hierárquica que redundantemente representa o conhecimento da língua em vários níveis de abstração, desde representações concretas e exemplares de palavras individuais até esquemas abstratos que representam relações sintáticas. Cada nó dessa rede, do mais concreto ao mais abstrato, se qualifica como uma construção e, na medida em que exhibe características imprevisíveis ou outros sinais de sedimentação cognitiva, cada um desses nós merece uma descrição individual. (HILPERT, 2013, p. 2)¹¹

¹¹ “This is the idea of a “structured inventory” (Langacker 1987: 73), a hierarchical network that redundantly represents knowledge of language at multiple levels of abstraction, from concrete, exemplar-like representations of individual words to abstract schemas that represent syntactic relations. Each node in such a network, from the

Cada nova construção que emerge na língua é um novo nó que irá alterar algum ponto da rede. Todas as construções estão representadas em uma rede dinâmica complexa que inclui construções em diferentes níveis de abstração. A relação entre essas construções nos permite compreender padrões e restrições entre os nós. A organização da gramática da língua por meio de rede ajuda-nos a captar os aspectos que motivam a criação de novas construções e como essas construções podem estar ligadas por diferentes tipos de elos.

Os nós da rede podem estar conectados entre “ligações taxonômicas”, construções conectadas verticalmente, e “ligações horizontais”, que são elos que apresentam semelhanças entre as construções (SMIRNOVA E SOMMERER, 2020, p. 25). Essas associações são impulsionadas por processos cognitivos de domínios gerais que operam no uso da língua e são sensíveis à frequência de ocorrência (DIESSEL, 2019). Os elos verticais se mantêm entre construções em diferentes níveis de esquematicidade, que são organizadas em uma rede de “relações de herança” (ZEHENTNER; TRAUGOTT, 2020). Os nós mais específicos, situados no nível mais baixo da rede, herdam traços característicos das construções mais generalizadas, que estão no topo da rede, como se vê na Figura 3.

Figura 3- Representação de rede taxonômica.



Fonte: autoria nossa.

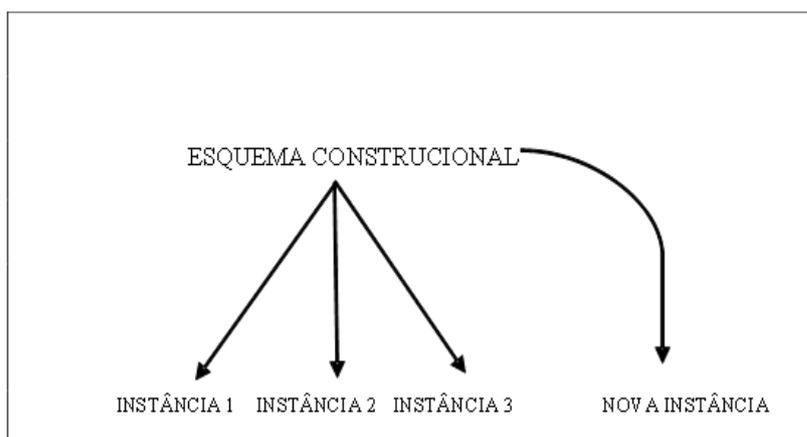
As relações taxonômicas são moldadas pela frequência de uso que, por sua vez, irá determinar a fixação de um esquema na mente do usuário da língua. A frequência *token* tem o

very concrete to the very abstract, qualifies as a construction and, to the extent that it displays non-predictable characteristics or other signs of cognitive entrenchment, each of these nodes merits individual description.”

efeito de fortalecer a informação lexical, e a frequência *type* tem impacto central para a extração do esquema e para a produtividade morfossintática (DIESEL, 2019, p. 16). O usuário da língua é, então, capaz de reconhecer similaridades entre os nós e a abstratização leva à generalização de construções mais esquemáticas. Mais especificamente, os nós são ligados por um elo de herança vertical, e as propriedades de forma e sentido são transferidas entre as construções, de baixo para cima. Assim, a construção no nível mais baixo (construção) e no nível intermediário (subesquema) mantêm relações de herança com a construção no nível mais alto (esquema). Quanto mais especificadas as informações de uma construção, mais abaixo ela estará na rede hierárquica (GOLDBERG, 1995, 2006). Por exemplo, a construção *caso eu me esqueça* é um *token* associado à microconstrução $[[\textit{caso}]_{\text{CONNECT}} \textit{oração finita}]_{\text{CONDIÇÃO}}$ que mantém elos de herança com o esquema mais abstrato $[[\text{CONNECT}] \textit{oração } i]_{\text{CONDIÇÃO}}$.

A arquitetura da língua organizada em rede traz à luz questões sobre o modo como a gramática está estruturada e se desenvolve ao longo do tempo. Tal como argumenta Diessel (2019), os elos de herança entre os esquemas e unidades lexicais podem ser investigadas, por um lado, para compreendermos como são sancionados os esquemas construcionais por meio do processo de esquematização ou abstratização, e, por outro lado, para podermos analisar como novas construções linguísticas são categorizadas a partir de esquemas existentes, conforme demonstra a Figura 4.

Figura 4- Esquematização e categorização.



Fonte: Adaptado e traduzido de Diessel (2019, p. 46)

Os nós da rede podem, também, estar vinculados por elos horizontais. Conforme sugerem os trabalhos de Van de Velde (2014), Diessel (2015), Traugott (2018) e Zehentner e Traugott (2020), os elos horizontais se dão tanto com construções que apresentam a mesma

estrutura, mas sentidos distintos, quanto entre construções que são diferentes na forma e cumprem a mesma função – denominadas aloconstruções (Perek, 2015). Van de Velde (2014, p. 172) argumenta que, para relações horizontais entre elementos estruturalmente distintos, é preciso que haja um certo grau de sobreposição semântica. Assim, os elos horizontais se dão entre construções com sentidos correspondentes ou entre formas semelhantes.

Para Goldberg (1995), há quatro tipos de elos horizontais: *elos de polissemia*, que descrevem elos de sentido entre a construção prototípica e suas extensões; *elos de extensão metafórica*, que envolve um mapeamento metafórico entre uma construção e outra; *elos de subparte*, que envolve uma construção que está relacionada a outra maior; e *elos de instância*, quando uma construção é um caso específico de uma outra construção. A construção resultativa do inglês, por exemplo, – *she drove him crazy (ela o deixou louco)* – é uma extensão metafórica da construção de movimento causado (por exemplo, *she drove to Chicago /ela dirigiu para Chicago*) e da construção com *way (she drove her way across the country/ ela dirigiu pelo país)*. Nesse sentido, a construção *she drove him crazy* está, ao mesmo tempo, associada à rede da construção de movimento intransitivo e à rede de construção de movimento causado (GOLDBERG, 2019, p. 36). Assim como os elos verticais, relacionar construções horizontalmente na rede nos permite explicar como novos nós surgem na língua ou deixam de existir ao longo do tempo e como podem afetar os traços de forma e sentido das construções envolvidas (GOLDBERG, 2019; ZEHENTNER, TRAUOGOTT, 2020).

1.2 Abordagem construcional da mudança linguística

Nesta pesquisa, descrevemos as trajetórias de mudanças que envolvem a emergência de novos nós na rede de conectivos condicionais sob a perspectiva da Gramática de Construções. Nesse passo, os processos de desenvolvimento diacrônico de uma nova construção gramatical no português serão vistos a partir da concepção de *construcionalização*¹², conforme proposta de Traugott e Trousdale (2021, p. 58):

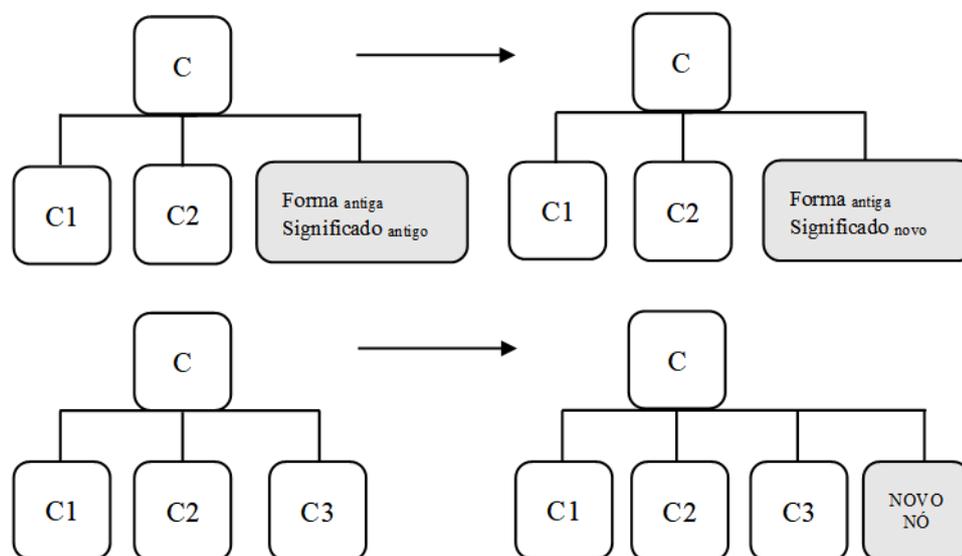
Construcionalização é a criação de (combinações de) signos forma_{nova}significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma

¹² Para Hilpert (2013, 2018), Diewald (2015) e Smirnova e Sommerer (2020), qualquer mudança de algum aspecto morfossintático e/ou semântico-pragmático deve ser entendida como o surgimento de uma nova construção na língua, haja vista que a concepção de construção parte da noção de signo de Saussure e deve ser analisada como um todo. No entanto, utiliza-se, nesta tese, a nomenclatura sugerida em Traugott e Trousdale (2021), a saber: *construcionalização e mudança construcional*.

população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. [...] Minimamente, construcionalização envolve neoanálise da forma morfosintática e do significado semântico/pragmático.

Para Traugott e Trousdale (2021, p. 58), quando há apenas mudanças na forma ou no significado não é um processo de construcionalização. Na verdade, mudanças ou na forma ou no significado constituem mudanças construcionais que afetam a configuração interna de uma construção existente e não envolvem a criação de um novo nó. Mudanças construcionais são entendidas como micropassos de mudança que podem acontecer antes da formação de um novo nó (pré-construcionalização) ou depois (pós-construcionalização) e afetam o processo de construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 66). Na Figura 5, as duas sequências representadas ilustram, respectivamente, o percurso da mudança construcional, quando uma construção passa por mudanças somente no significado, e o percurso de construcionalização, que dá origem a uma nova construção na rede.

Figura 5- Mudança construcional e construcionalização.



Fonte: Adaptado e traduzido de Smirnova e Sommerer (2020, p.12).

O processo de construcionalização, segundo Traugott e Trousdale (2021), pode dar origem a elementos lexicais, relacionados ao polo do conteúdo, processo de mudança denominado *construcionalização lexical*, ou a elementos com funções gramaticais, relacionados ao polo procedural, processo designado *construcionalização gramatical*. Tanto a construcionalização lexical quanto a gramatical envolvem mudanças nos graus de

esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade. O nosso interesse está na construcionalização gramatical, uma vez que as microconstruções em análise nesta tese, os conectivos com *caso*, passam por mudanças construcionais que levam à neónálise gradual das construções, que perdem traços da sua fonte lexical e, ao se tornarem conectivos condicionais, adquirem conteúdo procedural.

Conforme Hilpert (2013, p.109) e Traugott e Trousdale (2021, p. 207-208), construções podem mudar ao longo do tempo em termos de níveis de esquematicidade e abstração. Assim, no processo de construcionalização, as microconstruções podem se tornar mais esquemáticas ao serem recrutadas por esquemas mais abstratos. Ao passo que usos de uma microconstrução se expande e adquire gradualmente traços mais generalizados de um esquema, essa microconstrução demonstra aumento de esquematicidade. Quando observamos aumento na esquematicidade é porque uma construção se tornou mais generalizada para outros contextos, por isso uma maior frequência de diferentes tipos de itens lexicais passa a ser combinado nos *slots* daquela construção (PEREK, 2020). De acordo com Perek (2020), o aumento na esquematicidade pode também afetar o significado de uma construção que passa a ser associada a uma gama mais ampla de significados possíveis. Na representação de rede da construção, o nó mais esquemático se torna mais saliente. Um exemplo de mudança no grau de esquematicidade é o caso da construção *be going to V*, que originalmente apresentava um significado mais restrito do que o significado atual de futuro no inglês. Pesquisas sobre essa construção, no geral, mostram que *be going to* é seguido por um verbo inicialmente gramaticalizado em um marcador de intencionalidade (DISNEY, 2009; TRAU GOTT; TROUSDALE, 2021); por exemplo, *I am going to be an architect* (vou ser arquiteto) tornou-se uma forma aceitável de dizer *I intend to be an architect* (pretendo ser arquiteto), sem qualquer implicação de movimento originalmente encontrada na fonte lexical da construção (o verbo *go* ‘ir’). Com o tempo, a construção passou a ser associada ao significado mais geral de futuridade, que abrange o significado original (uma vez que intencionalidade implica futuridade), além de outros significados como previsão (por exemplo, *It’s going to rain tomorrow* ‘vai chover amanhã’) (PEREK, 2020).

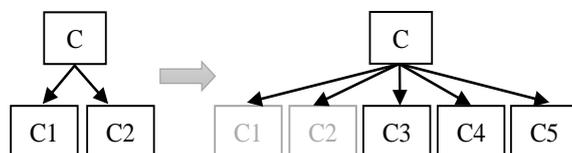
As construções também podem ser investigadas em relação ao grau de produtividade. Produtividade tem sido usada para “referir-se à gama de diferentes itens lexicais que são atestados em um *slot* particular de uma construção, como se pode observar em um *corpus*; isso corresponde ao que Baayen (2009) mais especificamente chama de ‘produtividade realizada’”

(PEREK, 2020, p. 146)¹³. A produtividade também pode estar relacionada à possibilidade de extensibilidade da construção, à capacidade que uma construção tem de atrair itens novos ou existentes (Barðdal, 2008; Barðdal e Gildea, 2015). No que diz respeito ao modelo de rede, Perek (2020) afirma que:

(...) a produtividade refere-se a nós que estão subordinados a uma construção e correspondem a instâncias mais específicas da construção com um dos *slots* preenchidos por um determinado item lexical. A produtividade realizada é capturada pelos próprios nós subordinados; extensibilidade é a probabilidade de novos nós subordinados serem criados. Um aumento na produtividade realizada significa que novos nós subordinados a essa construção são criados na rede (...).¹⁴

Como podemos depreender do diagrama elaborado por Perek (2020), exposto na Figura 6, a seguir, novos nós que são criados na rede (C3, C4, C5) são evidências da extensibilidade da construção e do aumento de produtividade. Na Figura 6, C1 a C5 são construções lexicalmente específicas de C.

Figura 6– Aumento da produtividade da construção C.



Fonte: Adaptado de Perek (2020, p. 147).

Traugott e Trousdale (2021) consideram a produtividade como um dos parâmetros importantes para avaliar uma construção na língua. De acordo com os autores, o grau de produtividade de uma construção é determinado pela frequência *token*, que se refere à frequência das mesmas experiências ou experiências semelhantes, e pela frequência *type*, que se refere ao número de tipos lexicais distintos que estão associados em uma determinada posição da construção, bem como as possíveis combinações da construção e os diferentes contextos que essa construção pode atuar (BYBEE, 2001). Para Bybee (2016), a alta

¹³“(…) can refer to the range of different lexical items that are attested in a particular slot of a construction, as can be observed in a corpus; this corresponds to what Baayen (2009) more specifically calls “realized productivity”.”

¹⁴“(…) productivity relates to nodes that are subordinate to a construction and correspond to more specific instantiations of the construction with one of the slots filled by a particular lexical item. Realized productivity is captured by the subordinate nodes themselves; extensibility is the likelihood for new subordinate nodes to be created. An increase in realized productivity means that new subordinate nodes to that construction are created in the network (...)”.

produtividade de uma construção revela que o uso de um esquema sintático está fortemente fixado na memória do indivíduo e convencionalizado entre os usuários da língua. A construção *be going to*, do inglês também demonstra mudanças no grau de produtividade. Traugott e Trousdale (2021, p. 205) relatam que, inicialmente, a construção *be going to* era utilizada com verbos de atividade (*make a noose* ‘laçar’, *read* ‘ler’, *lay out* ‘planejar’), e, posteriormente, houve a expansão da classe hospedeira (Himmelman, 2004)¹⁵, e a construção passou a ser utilizada com verbos que não tinham relação com noção de movimento com propósito, como, por exemplo, verbos de estado *like* ‘gostar’, *be* ‘ser’/ ‘estar’. Há, nesse caso, uma mudança gradual no feixe de exemplares (BYBEE, 2016).

O conceito de composicionalidade construcional, conforme defendem Dancygier e Sweetser (2005), é entendido em termos de correlações forma-significado que podem ocorrer em diferentes construções e contribuir sistematicamente para o significado construcional. Além disso, as autoras argumentam que, em muitos casos, é essencial compreender que os sentidos de uma construção podem surgir convencionalmente, como é o caso de algumas construções que expressam condicionalidade. Segundo sugerem Smith e Kirby (2012, p. 2), o que torna a interpretação de novas construções possível é o fato de que a língua é um sistema composicional recursivo: se os usuários da língua reconhecem o sentido dos elementos básicos e os efeitos associados aos elementos combinados, pode-se deduzir o sentido de qualquer construção do sistema linguístico. Nessa perspectiva, Traugott e Trousdale (2021, p. 53) explicam que:

Se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entende o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo.

No processo de construcionalização gramatical, geralmente, a construção perde composicionalidade, isto é, demonstra “redução na transparência da compatibilidade entre o significado das partes e a forma/sintaxe” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 215). Conforme Schmid (2016), ao longo do tempo, e após mudanças construcionais graduais, os vínculos sintagmáticos internos da construção são fortalecidos, podendo formar *chunks* que tendem a reduzir sua autonomia sintagmática externa, tornando-se mais dependentes de seu contexto gramatical (LEHMANN, 2004). De acordo com Bybee (2001), as construções

¹⁵ Himmelman (2004) define como expansão da classe hospedeira quando há ampliação do arranjo colocacional de uma construção.

apresentam graus distintos de convencionalização, e devido à autonomia que acompanha a repetição e a frequência de uso, muitas vezes, assumem significados não transparentes. Assim, há redução da especificidade semântica das sequências com funções procedurais, como, por exemplo, *be going to*, do inglês, que deixa de expressar *movimento com propósito* e passa a expressar sentido menos composicional - *intenções futuras* (BYBEE; PAGLIUCA, 1985; BYBEE, 2016). Essas mudanças semânticas que levam à perda de composicionalidade podem ocorrer tanto em construções gramaticais quanto lexicais, por exemplo, nomes compostos que são processados de maneira holística, que são armazenados e acionados como um todo e seu significado não pode ser depreendido pelas suas partes separadamente (SCHMID, 2016).

Em síntese, seguindo Langacker (2000), Goldberg (2006), Hilpert (2013), Diessel (2019), e Traugott e Trousdale (2021), vê-se que o objetivo da Gramática de Construções está em explicar como as redes construcionais se formam e mudam através do tempo, focalizando, principalmente, em como novos nós e elos entre os nós emergem por meio de analogização e neanálise – mecanismos de mudança que iremos detalhar na Seção 1.2.1, a seguir.

1.2.1 Mecanismos de mudança linguística

Conforme argumenta Bybee (2001, p. 190), “mecanismos de mudança são processos que ocorrem enquanto a língua está sendo usada, e esses são os processos que criam a estrutura da língua”¹⁶. Assim, entende-se que é preciso incluir os mecanismos pelos quais a mudança ocorre na língua como parte integrante de sua arquitetura (BYBEE, 2001). No processo de construcionalização gramatical, estão envolvidos dois principais mecanismos de mudança, comumente, reconhecidos na abordagem diacrônica da Gramática de Construções: neonálise e analogização¹⁷.

De acordo com Traugott e Trousdale (2021), o mecanismo de neonálise é considerado como micropasso de mudança que pode atuar na forma ou no significado, essas mudanças construcionais podem resultar na construcionalização que é a emergência de um novo nó na rede construcional, com nova forma e novo significado. Um exemplo de neonálise, no português, é a construção *pois não* (LÔBO; CASSEB-GALVÃO, 2018), que passa, gradualmente, por micropassos de mudanças na forma e no significado dando origem a uma

¹⁶ “Mechanisms of change are processes that occur while language is being used, and these are the processes that create language structure.”

¹⁷ Seguindo Traugott e Trousdale (2021), adotamos o termo *neonálise* ao invés de reanálise, e o termo *analogização* ao invés de analogia.

nova construção na língua. Em contexto fonte, *pois* é utilizado para vincular orações em um mesmo enunciado e estabelecer relação de conclusão, dedução ou consequência sobre o que fora mencionado previamente. Como se verifica na ocorrência exemplificada abaixo (cf. (7)), *pois* aparece após o verbo *resolver*, funcionando como um elemento de ligação entre orações (assinaladas pelos verbos *resolver* e *contrariar*), e expressando ideia de consequência.

- (7) Resolveram, **pois**, não contrariá-lo. (19:Fic:Br: Alencar: Gaúcho – *Corpus do Português* – LÔBO; CASSEB-GALVÃO, 2018, p. 266

Na primeira neonálise, *pois* se desloca para posição pré-verbal (antes de *haver*), perde traços da função conjuntiva e expande o uso para um campo mais discursivo. Como se observa no exemplo em (8), *pois* indica o estabelecimento de uma conclusão, mas não a conexão entre orações.

- (8) – Como, **pois**, havia de [não] formular um programa conjugal para nosso uso? (19:Fic:Br: Alencar: Senhora – *Corpus do Português* – LÔBO; CASSEB-GALVÃO, 2018, p. 266)

Uma segunda neonálise ocorre quando *pois* relaciona-se à partícula de negação *não* e perde completamente sua função de conjunção conclusiva, assumindo a função de parentético enfático, conforme o exemplo em (9).

- (9) **Pois** não é que o homem está desperdiçando discursos.
(19:Fic:Br:Coelho:Conquista – *Corpus do Português* – LÔBO; CASSEB-GALVÃO, 2018, p. 268)

Posteriormente, após uma sequência de mudanças construcionais, *pois não* forma um *chunk*, se convencionalizando como um marcador discursivo (cf. (10)). Observamos, portanto, que há a emergência de um novo nó procedural no português. Trata-se, assim, de um caso de construcionalização gramatical.

- (10) [...] *manicoba não é uma planta que dá goma elástica no nordeste?*
- É. **Pois não**. Mas aqui é comida. [...]. (20:Fic:Br:Morais:Igaraunas – *Corpus do Português* – LÔBO; CASSEB-GALVÃO, 2018, p. 273)

Com base nos processos cognitivos de domínios gerais, Bybee (2016) defende que a analogia é tanto um mecanismo de processamento quanto de mudança associado à

categorização e à frequência de uso. De acordo com a autora, analogia, no nível da experiência linguística, é o “processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiência prévias” (BYBEE, 2016, p. 27). Aqui, estão envolvidas a experiência do usuário com a língua, a gradiência e extensão de similaridade com os usos antigos da construção. Enquanto Bybee (2016) utiliza o termo *analogia* tanto para pensamento analógico quanto para o mecanismo de mudança, Traugott e Trousdale (2021), distinguem *analogia* (motivação) de *analogização* (mecanismo). Os autores definem a *analogização* como “um mecanismo ou processo de mudança que resulta em pareamentos de significado e forma que não existiam antes” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 83). Sendo o pensamento analógico base para a criação de novas construções (BYBEE, 2016), reconhece-se, portanto, que novos esquemas surgem a partir das relações de forma e significado com esquemas anteriores.

Igualmente essenciais para o percurso de mudança investigado, nesta tese, são os mecanismos de metaforização e metonimização. O mecanismo de metaforização está relacionado à analogia e “envolve a conceptualização de um elemento de uma estrutura conceptual C_a em termos de um elemento de outra estrutura conceptual C_b .” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 28)¹⁸. Tal qual delinea Sweetser (1990), os processos de mudança que envolvem metaforização são conceituados em termos de domínios fontes e alvos por relações paradigmáticas. Para exemplificar, pode-se dizer que, a partir de inferências metafóricas, o desenvolvimento do conectivo condicional *desde que* (*desde que você venha trabalhar, te entregarei o salário*) tem como fonte o significado de tempo (*desde que te vi, me apaixonei*). Assim, o usuário da língua conceptualizou o significado de condição (domínio alvo), mais abstrato, a partir do significado mais concreto, temporal (domínio fonte). Outro exemplo de projeção metafórica pode ser observado na mudança linguística que envolve a construção *às vezes*. Nas ocorrências a seguir, observamos que o valor de tempo descontínuo básico de *às vezes* (cf. (11)), que pode ser parafraseado por “em alguns casos”, se perde e um novo valor é identificado (cf. (12)).

(11) “**Às vezes** fico de olho para ver se ele está se comportando”, revela Bruna. Gostam de ir ao cinema e ao shopping juntos e dividem o sofá numa boa na hora da ..
(Diário do Grande ABC - HERNANDES; CASSEB GALVÃO, 2013, p. 72)

(12) “... manter um celular que vai além das ligações e trocas de torpedos é cada vez mais barato, com custo mensal a partir de R\$ 10 ou **às vezes** até menos”.
(Diário de S. Paulo - (HERNANDES; CASSEB GALVÃO, 2013, p. 72)

¹⁸ “(...) involves conceptualizing one element of a conceptual structure C_a in terms of an element of another conceptual structure C_b ”.

No contexto, ilustrado em (12), *às vezes* deixa de ser interpretado como um advérbio de tempo, que é circunstancial de uma ação ou evento (cf. (11)), e passa a ser entendido como um advérbio de dúvida, que codifica uma informação pertinente ao seu interlocutor e não à informação em si (HERNANDES; CASSEB GALVÃO, 2013). Os contextos de alternância temporal (domínio fonte) de *às vezes* levam a inferências na direção dos valores mais abstratizados relacionados à incerteza e dúvida (domínio alvo). No que diz respeito à metonimização, Traugott e Dasher (2005, p. 79) argumentam que, enquanto a metaforização compreende similaridade, mapeamento de um domínio para o outro, relações paradigmáticas e iconicidade, a metonimização, por sua vez, envolve contiguidade, relações sintagmáticas, indexicalidade e projeção no mesmo domínio. O domínio da negação, conforme ilustrado em (13), no português é um exemplo da atuação de projeções metonímicas.

- (13) foi aí que eu fui ao... a um alergista... aí ele disse... “ah você tem que se mudar do ambiente que você tá... que passa muito ônibus... é muito... poluído... mude pra um ambiente mais limpo... porque **sua rinite num tá muito boa não**”... (Corpus D&G/Natal, p. 364 - FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 74)

Ao se tornar frequente no português, o *não* pós-verbal perde a sua natureza enfática e torna-se regular. O segundo *não* deixa de ser interpretado como um padrão discursivo de reforço, se gramaticaliza, e começa a ser utilizado como parte da própria estrutura negativa. Há, nesses casos, micropassos de mudanças graduais que envolvem não só a atuação de projeções metafóricas e metonímicas, mas analogização e neoanálise.

1.2.2 Contextos de mudança linguística e paradigmaticização

Nesta tese, mapeamos os estágios de mudança e os contextos específicos que levam à emergência de microconstruções conectivas condicionais com *caso* em português, a partir da proposta de Diewald (2002, 2006), Diewald e Smirnova (2012) e Diewald (2020).

Conforme Diewald (2002, 2006), o desenvolvimento diacrônico de novas construções é influenciado por diferentes tipos de contextos. Similar à proposta elaborada por Traugott e Trousdale (2021), de que no processo de construcionalização estão associados micropassos de mudanças, a autora argumenta que novos usos não emergem na língua de forma homogênea, uma vez que a origem de uma nova construção está relacionada a contextos ou a construções específicas, e enfatiza o papel das relações paradigmáticas entre construções em um

determinado estágio histórico na língua, bem como a influência das oposições paradigmáticas na categoria alvo. O foco da abordagem¹⁹ de Diewald (2002; 2006) é especificar a noção de interdependência entre os contextos sintáticos e semântico-pragmáticos a partir de três estágios²⁰ sucessivos no desenvolvimento diacrônico das funções gramaticais associadas a três tipos distintos de contextos: *contexto atípico*, *contexto crítico* e *contexto de isolamento*. Esses tipos de contextos permitem-nos mapear os processos contínuos de mudanças construcionais e estabelecer o grau em que os processos avançaram em um determinado momento na língua.

O estágio inicial caracteriza-se por uma expansão semântico-pragmática. A construção começa atuar em contextos distintos, mais abstratos do sentido original. Nesse estágio, os contextos ainda são lexicais, mas “o novo significado, que pode ser gramaticalizado no desenvolvimento posterior, surge como uma implicatura conversacional [...] não explicitamente codificada” (Diewald 2006, p. 4)²¹. Aqui, estão as pré-condições para a mudança gramatical. Esses contextos são denominados por Diewald (2002; 2006) de contextos atípicos (*untypical contexts*). O segundo estágio, contexto crítico (*critical context*), marca o acionamento real do processo de mudança. Este contexto é caracterizado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas e, portanto, convida a várias interpretações alternativas, entre elas o novo significado gramatical. No último estágio, o novo significado gramatical é isolado como um significado separado do significado mais antigo e mais lexical. Essa separação dos dois significados deve-se ao desenvolvimento de contextos de isolamento (*isolating contexts*) para ambas as leituras, ou seja, contextos linguísticos específicos que favorecem uma leitura e excluem a outra. Neste momento, se dá a fase final do processo de gramaticalização.

Diewald e Smirnova (2012) tratam do desenvolvimento diacrônico do verbo alemão *drohen* para um marcador de evidência inferencial. No primeiro estágio, em seu uso mais lexical, o significado de *drohen* é *ameaçar*:

- (14) sie **tröuwend**, dich mit dem schwert auszurotten und dich zu verbrennen. (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012, p. 123)
‘they *threatened* to eradicate you with the sword and to burn you up.’
(‘eles *ameaçaram* exterminar você com a espada e te queimar.’)

¹⁹Embora a proposta de Diewald (2002; 2006) tenha sido elaborada no âmbito da gramaticalização, assumimos ser possível aplicar os contextos propostos pela autora à abordagem construcional de mudança linguística.

²⁰ Nesta pesquisa, incluímos o estágio 0, o que denominamos de contexto típico, ou contexto fonte (Heine, 2002), que é caracterizado pelos usos mais plenos e lexicais da construção.

²¹ “(...) the new meaning, which may be grammaticalized in the further development, arises as a conversational implicature [...] not explicitly coded.”

A partir do século XVIII, no contexto crítico, *drohen* passa a apresentar ambiguidades na forma e no sentido, proporcionando leituras diferentes da anterior:

- (15) shon loderte die Flamme, und **droht** das herrliche Werk in die Asche zu legen (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012, p. 123)
'the flame blazed and *DROHTE* to burn up the lovely work'
(‘a chama brilhou e *ameaçou* queimar o adorável trabalho’)

Por meio da construção exemplificada em (15), observam-se três contextos: 1. *drohen* passa a funcionar como verbo principal, usado metaforicamente com um sujeito inanimado personificado (*a chama brilhou e ameaçou...*); 2. pode ser também interpretado como um marcador temporal-aspectual iminente, sinalizando o início da situação (o processo de queimar está no começo), e, por fim, 3. é possível ser interpretado como um marcador evidencial inferencial (aqui, há evidências do processo de queimar).

No último estágio, no contexto de isolamento, as autoras argumentam que a função de marcador evidencial inferencial (auxiliar) é consolidada. Como podemos ver a partir da ocorrência a seguir (cf. (16)), as leituras anteriores não podem ser recuperadas e a nova construção gramatical se fixa na língua.

- (16) Sitz gerade auf dem Fahrrad, Ilja! Füh den Lenker nach links, wenn du nach rechts zu kippen **drohst!** (DIEWALD; SMIRNOVA, 2012, p. 123)
'Sit straight on the bike, Ilja! Turn the handlebars to the left when you *threaten* to topple to the right.'
(‘Sente-se direito na bicicleta, Ilja! Vire o guidão para a esquerda, quando estiver *ameaçando* tombar para a direita!’)

Além dos três contextos desenvolvidos em Diewald (2002, 2006), Diewald e Smirnova (2012) acrescentam o quarto estágio – a *(re)integração paradigmática*. Esta expansão dos tipos de contextos está sistematizada no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1- Estágios de mudança linguística segundo Diewald e Smirnova (2012).

| Estágio | Contexto | Sentido/Função | Tipos de construções |
|---|------------------------|--|---|
| I) pré-condições de gramaticalização | contexto atípico | implicatura conversacionais | sem tipo particular de construção; composicional |
| II) desencadeamento da gramaticalização | contexto crítico | opacidade múltipla | expressões idiomáticas extragramaticais |
| III) reorganização e diferenciação | contexto isolado | itens polissêmicos/heterossêmicos | expressões idiomáticas formais ou lexicalmente abertas |
| IV) integração paradigmática | contexto paradigmático | oposições paradigmáticas com sentido relacional reduzido, isto é, sentido gramatical | escolhas paradigmáticas dentro de um esquema construcional abstrato |

Fonte: Traduzido e adaptado de Diewald e Smirnova (2012, p. 126).

Diewald e Smirnova (2012) explicam que, enquanto os estágios I, II e III estão no eixo sintagmático, o quarto estágio compreende o eixo paradigmático. No estágio IV, um novo signo se convencionaliza e integra um novo paradigma. Enquanto os primeiros três estágios demonstram micropassos de mudanças na forma e no significado, se distanciando da forma fonte, no quarto estágio configura-se o processo em que a nova construção se torna independente dos contextos anteriores e é acomodada e relacionada aos outros membros da categoria (novo paradigma). Conforme explicitam Diewald e Smirnova (2012), o novo significado gramatical se torna dependente do significado do novo paradigma. Trata-se, assim, de um novo nó mais específico que está relacionado por elos com os esquemas mais abstratos do paradigma.

Sobre esta questão, Diewald (2020) sugere que conceito de paradigma precisa ser inserido na Gramática de Construções; de acordo com a autora, o paradigma gramatical é um novo tipo de nó, uma *hiperconstrução* que representa as especificidades categóricas do significado gramatical. A seguir, o quadro reproduzido de Diewald (2020) traz a representação de *hiperconstrução* a partir do paradigma gramatical de tempo verbal do alemão.

Quadro 2- Características do paradigma gramatical de tempo verbal em alemão como uma hiperconstrução.

| <i>Rótulo da categoria</i> | Marcadores de tempo | | |
|---------------------------------|--|--|--|
| Características formais | Modificadores do verbo principal | | |
| Sentido categorial | Localização temporal do evento em relação ao tempo do discurso | | |
| <i>Nome da categoria</i> | Presente | Pretérito | Futuro I |
| Oposição semântica no paradigma | Incluído | Excluído | |
| Valores distintivos dos membros | não distante | ‘passado’ distante | ‘futuro’ distante |
| Realizações formais | verbo finito - não marcado | verbo finito - flexão - apofonia - outros | contraste perifrástico - <i>werden</i> (finito) e infinitivo |

Fonte: Traduzido e adaptado de Diewald (2020, p. 306)

Com base na noção de hiperconstrução como uma “entidade semiótica holística de um conjunto funcional e formalmente definido de escolhas (mutuamente restritas)”²², Diewald (2020, p. 311) argumenta que, diferentemente de construções esquemáticas como N, ADJ, SVO etc., as relações paradigmáticas, como pessoa, caso ou tempo, são representadas por paradigmas gramaticais e suas construções dependentes – células paradigmáticas. A autora destaca que a hiperconstrução é um tipo específico de nó, pois está relacionada a um sistema hierárquico ordenado de construções individuais (nós), cujo significado é a soma total dessas relações estabelecidas.

Conforme se verifica no Quadro 2, Diewald (2020) demonstra que quando a nova construção *werden* + infinitivo (como marcador de futuro) surge na língua, uma distinção de tempo é adicionada ao paradigma. A autora afirma que é importante notar que todo verbo em alemão passa a ter acesso a essa nova distinção, e toda construção verbal finita (no indicativo) tem que expressar um valor temporal, ou seja, a categoria de tempo é obrigatória. Os verbos finitos vão apresentar valor temporal de presente ou de passado e, no caso de um falante do alemão querer expressar o significado de predição incondicionada, ou seja, futuro puro, explicitamente, ele usará a construção *werden* + infinitivo. A emergência de um novo nó, portanto, altera a configuração do paradigma como um todo.

Paradigmatização diz respeito, então, ao modo como o novo nó é acomodado em uma nova categoria. A título de exemplo, em determinado ponto da história do português, *caso* se consolida na língua e se integra ao paradigma de conectivos condicionais por ter adquirido a função procedural de introduzir uma estrutura adverbial de sentido condicional. Em termos de

²² “(...) the holistic semiotic entity of a functionally and formally defined set of (mutually restricted) choices (...)”

esquemática, por sua vez, a construção marcada por *caso* associa-se por elos de herança ao esquema mais abstrato [[CONNECT] ORAÇÃO_i] CONDIÇÃO na rede.

1.3. A construção conectiva condicional

Esta seção está dividida em três partes: na primeira, focalizamos as características gerais de construções conectivas adverbiais; na segunda, sistematizamos os traços dos conectivos que expressam condicionalidade no português, e, por fim, na terceira parte, discutimos sobre o desenvolvimento de conectivos em várias línguas.

1.3.1 Conectivos adverbiais

Conforme a caracterização descrita em Kortmann (1991, p. 4), conectivos adverbiais são “formas livres ou morfemas adverbiais presos que especificam algum tipo de relação semântica intraoracional (ou circunstancial, adverbial) entre uma oração subordinada, sobre a qual eles operam, e uma oração matriz”. Para Oliveira (2014), porém, tal definição não compreende completamente a categoria e trata-se de uma proposta engessada para o entendimento de conectivos. Um dos pontos questionados pela autora é a de que subordinação nem sempre envolve orações, e, assim, a noção de conectivo adverbial não pode estar vinculada à sua função intraoracional. À vista disso, em Neves (2006), confirma-se que conectivos adverbiais podem estar ligados a estruturas bastante gerais. Com base em Halliday e Hasan (1976), a autora assinala que conectivos especificam a conexão que existe entre o que vem depois e o que vem antes de um enunciado, podendo relacionar semanticamente orações, complexos oracionais, trechos de textos, entre outros. Como destaca Halliday (2004, p. 132), conectivos adverbiais servem para “estabelecer relações de contextualização entre partes do texto e, assim, pertencer à metafunção textual (...)”²³.

Kortmann (1997) afirma que conectivos adverbiais também podem estabelecer conexões com diversas categorias, participando de um *continuum* em vários domínios, o que dificulta uma definição rígida. Assim, Oliveira (2014) propõe que a classificação de conectivos adverbiais compreenda um conjunto de critérios que conjuguem, ao mesmo tempo, os aspectos morfossintáticos, funcionais e todas as conexões que o conectivo adverbial faz com outros domínios. É neste mesmo caminho que Kortmann (1997) delinea seis critérios mais centrais

²³ “set up contextualising relationships between portions of text and thus to belong to the textual metafunction (...)”

que definem conectivos adverbiais prototípicos²⁴. Os conectivos adverbiais são, de acordo com o autor, itens não-composicionais que normalmente ocorrem à margem esquerda das orações, são formas não flexionáveis, não aceitam marcação de caso, número e gênero – o que os diferenciam de pronomes relativos -, atuam sobre uma oração que funciona como adjunto (no geral, finita), não assumem funções argumentais de sujeito/objeto/predicativo na oração em que participam e não pertencem a um registro específico ou modalidade da língua. (KORTMANN, 1997, p. 72).

No que se refere aos conectivos complexos, o autor acrescenta três propriedades que lhe são específicas: (i) deve haver um mínimo de fusão entre a base lexical e a partícula subordinativa, (ii) as propriedades do sintagma de origem devem ser opacizadas, e (iii) devem apresentar ao menos uma leitura adverbial que não seja possível reconstruir completamente a partir do significado de suas partes (KORTMANN, 1997, p. 72-73)²⁵. Montólio (2000) destaca que conectivos adverbiais que são complexos estabelecem uma relação semântica muito mais precisa e restrita entre as orações do que os conectivos simples.

Na sequência, o Quadro 3, reproduzido de Oliveira (2014, p. 57), demonstra que conectivos adverbiais, simples e complexos, podem ser classificados em termos de suas funções semânticas e de sua natureza morfossintática, no que se refere à sua base lexical.

²⁴ Admite-se que as categorias são não-discretas e que aspectos estruturais são determinados pelos contextos semânticos-pragmáticos, assim, reconhecemos que alguns elementos poderão ser mais prototípicos enquanto outros, mais distantes do centro, manifestarão em menor grau os traços definidores da categoria.

²⁵ As propriedades descritas por Kortmann (1997), tanto as relacionadas aos conectivos adverbiais quanto às restritas a conectores complexos, serão incorporadas aos parâmetros de investigação do processo diacrônico de formação de conectivos condicionais com *caso*. Estas propriedades nos permitem fazer generalizações sobre os micropassos de mudança construcional que levam ao desenvolvimento de conectivos adverbiais no português.

Quadro 3- Tipos de Conectivos Adverbiais no Português.

| CONECTIVOS ADVERBIAIS | | | | | |
|------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|---|--|---------------------------|
| Simplex | | Complexos | | | |
| | | Base Verbal | Base adverbial | Base nominal | Base preposicional |
| Temporal | <i>quando; enquanto</i> | - | <i>antes que; depois que; logo que; assim que; sempre que</i> | <i>na hora que</i> | <i>até que; desde que</i> |
| Causal | <i>porque; como; pois</i> | <i>dado que; visto que</i> | <i>já que; uma vez que</i> | <i>por causa (de) que</i> | <i>desde que</i> |
| Condicional | <i>se; caso</i> | <i>a não ser que; supondo que</i> | <i>contanto que; uma vez que; a menos que</i> | <i>no caso (de) (que)</i> | <i>desde que</i> |
| Concessiva | <i>embora; conquanto</i> | <i>posto que</i> | <i>mesmo que; ainda que; apesar (de) que</i> | <i>não obstante</i> | - |
| Final | <i>para</i> | - | - | <i>a fim de que; de modo que; com propósito de que; com intuito de que</i> | <i>para que</i> |
| Conformativa | <i>conforme; como; consoante</i> | - | - | - | - |
| Proporcional | <i>conforme</i> | - | - | <i>à proporção que; à medida que; ao passo que</i> | - |

Fonte: Adaptado de Oliveira (2014, p.57)

Conforme Kortmann (1997), conectivos adverbiais podem se dividir em várias relações semânticas básicas (causa, condição, concessão (CCC), finalidade, propósito, sobreposição de simultaneidade, duração de simultaneidade, anterioridade, anterioridade imediata, lugar e similaridade) e várias camadas de relações mais periféricas. A partir do Quadro 3, elaborado por Oliveira (2014), observamos que, no português, os conectivos adverbiais podem expressar relações temporais, causais, condicionais, concessivas, de finalidade, conformativas, proporcionais, dentre outras.

Ademais, conectivos adverbiais são caracterizados pelos traços lexicais que manifestam e pelos diferentes graus de gramaticalização e de composicionalidade que apresentam. Como vemos em Oliveira (2014), as relações semânticas circunstanciais podem ser marcadas pelo próprio conectivo adverbial. Na ocorrência a seguir, pode-se observar que a base lexical do

conectivo especifica a relação de circunstância estabelecida entre a oração dependente e a nuclear.

- (17) *No caso que* o estudante não tenha quem o aconselhe na eleição de livros, deve sempre apegar-se a uma Gramática das mais modernas e mais breves, principalmente compostas por alguns seculares ingleses, holandeses, alemães e alguns franceses, porque, como estes não seguem as leis que obrigam alguns Regulares a não se desviarem dos seus antigos métodos, procuram sempre melhorar no método e na inteligência, como a experiência me tem mostrado. (CHPTB: LAV, Século XVIII)

Em (17), *no caso que* indica uma relação causal não preenchida/situação hipotética (*o estudante ter quem o aconselhe/apegar-se a uma Gramática*), sentidos que são básicos para a expressão de condicionalidade. Oliveira (2019a) explica que o significado de conjuntura específica presente em *caso* serve de fonte para inferência metafórica de conjuntura aberta/não referencial – este é o gatilho para a manifestação de significado condicional. Mais especificamente, *caso* deixa de retomar uma entidade específica no discurso e passa a introduzir uma situação que é abstrata. A autora acrescenta que, em um *continuum* entre o polo lexical e gramatical, *no caso (em) que, no momento em que, a fim de que; de modo que; de maneira que* etc., são menos gramaticais do que conectivos menos transparentes como, *desde que*; e são parcialmente composicionais, pois traços do seu significado projetam parte do significado da construção.

Os conectivos adverbiais *caso, uma vez que, desde que, dado que, posto que, visto que, ainda que, mesmo que, já que* seriam, segundo Oliveira (2014), menos composicionais do que os conectivos apresentados anteriormente. Em termos de estatuto categorial, este grupo estaria situado no meio do caminho entre os polos de lexicalidade e gramaticalidade, uma vez que apresenta traços de sua fonte lexical, porém são menos concretos. Já os conectivos adverbiais *se, quando, porque, pois, como, enquanto, para e embora* fazem parte de um terceiro grupo. Trata-se de conectivos que perderam composicionalidade e não demonstram conteúdo lexical. São os primeiros conectivos a se formar na língua, e, como consequência, o conteúdo semântico é altamente abstrato, apresentam redução fônica, e alta frequência *token* (OLIVEIRA, 2014).

Outra questão relevante para o tratamento de conectivos é a de que uma mesma forma pode instanciar relações semânticas distintas, como se verifica nas ocorrências com *desde que, a seguir*.

- (18) *Desde que* assumi o governo pensei que seria necessário realizar reformas estruturais na economia italiana. (OLIVEIRA, 2014, p. 60) *Tempo*

- (19) Essas conseqüências são previstas *desde que* eles façam evidentemente um exame pré-nupcial ou pré-natal. (OLIVEIRA, 2014, p. 60) *Condição*

Em (18), *desde que* introduz uma construção de expressão temporal - indica o ponto inicial no tempo – *assumi o governo* – a partir do qual a situação da oração nuclear se realiza - *pensei que seria necessário realizar reformas estruturais na economia italiana*. Já na ocorrência em (19), o evento descrito na oração hipotética é uma condição para a concretização do evento descrito na oração núcleo. Assim, é possível verificar a atuação de inferências metafóricas como um dos principais processos na formação de conectivos adverbiais. Observa-se que o traço lexical de deslocamento no espaço, de *desde* (Ele veio desde São Paulo até aqui) sofreu abstratização, expressando domínios menos composicionais, como deslocamento no tempo, e posteriormente, relação de condição.

Como se discute em Oliveira (2019a), no contexto da abordagem construcional, não podemos tratar do conectivo de forma isolada, mas, sim, recorrer a explicações do modo como a emergência de um novo padrão afeta a rede e os outros membros pertencentes desta rede. Cada conectivo tem sua história e traços de significado que vão influenciar o desenvolvimento de um novo padrão, no entanto, é preciso compreender como a construção está relacionada com os esquemas e subesquemas da rede da qual participa. Assim, nas próximas subseções discutimos como as construções e os conectivos condicionais são caracterizados no português e como estão organizadas em rede.

1.3.2 Conectivos condicionais

Segundo a proposta de Visconti (1996), para o inglês e para o italiano, conectivos condicionais podem ser classificados a partir de três leituras, a saber: restritivas positivas, restritivas negativas e hipotéticas. Nessa perspectiva, Neves (2000) e Oliveira (2008; 2010) analisam conectivos condicionais no português brasileiro e demonstram que tais elementos, embora expressem o mesmo significado condicional, nem sempre vão apresentar o mesmo valor. Afirma Oliveira (2008; 2010) que o maior número de conectivos condicionais vai se abrigar sob o valor restritivo positivo: *somente se, só se, desde que*, entre outros. Como se vê, os conectivos complexos condicionais são formados, geralmente, por esquemas que envolvem núcleos de natureza categorial distintos relacionados ao conectivo *se* ou ao complementizador *que*. Nessas construções, a leitura marcada pelo conectivo é bicondicional (AWERA, 1983;

VISCONTI, 1996; NEVES, 2000), haja vista que a relação entre as orações é mútua: ou ambas são verdadeiras ou ambas são falsas. É o que se notam nas ocorrências (20) e (21).

- (20) Motivo para acordar mais cedo *só se* for o horário de verão que dizem vir por aí. (OLIVEIRA, 2010, p. 250)
- (21) *Somente se* Zé Lino não aceitar é que Fares Lopes passará a analisar outros nomes. (OLIVEIRA, 2010, p. 250)

Na construção em (20), o segmento adverbial marcado por *só se* (for o horário de verão que dizem vir por aí) mostra uma condição única e necessária para validar a situação descrita no segmento nuclear (motivo para acordar mais cedo). Em (21), para que o evento do segmento nuclear se realize (Fares Lopes passar a analisar outros nomes), é necessário que o conteúdo da condicional iniciada por *somente se* se confirme (Zé Lino não aceitar). Conforme mostra Oliveira (2008; 2010), tais conectivos restringem o significado da oração condicional, e, assim, a construção recebe a seguinte leitura: - considere a realização/verdade/adequação pragmática da oração núcleo na condição única da realização/verdade/adequação pragmática da oração condicional.

Ainda segundo a autora, no português brasileiro, observamos que o segundo grupo mais produtivo, em termos de frequência *type*, é aquele formado por conectivos complexos que marcam um valor restritivo negativo: *a não ser que, salvo se, exceto se, a menos que*. Nos casos exemplificados em (22) e (23), o conectivo restringe a relação de condição com inversão de polaridade, de modo que a realização da oração núcleo é condição única da não realização do evento contido na oração condicional. Oliveira (2008, 2010) propõe a seguinte leitura para esse tipo de conectivo: - considere a realização/verdade/adequação pragmática da oração núcleo na condição única da não realização/verdade/adequação pragmática da oração condicional.

- (22) Não há significativos custos para os cofres públicos, *a não ser que* o governo local opere mal uma empresa pública ou subsidie o preço da passagem. (OLIVEIRA, 2010, p. 250)
- (23) As duas camadas externas neuronais da retina geralmente permanecem sem lesões, *exceto se* oclusões vasculares estão superajustadas. (OLIVEIRA, 2010, p. 251)

Em (22), o evento da condicional encabeçada por *a não ser que* é apresentado como uma condição para que o conteúdo da oração núcleo seja considerado não-verdadeiro. O mesmo ocorre em (23), pois a oração condicional com *exceto se* (oclusões vasculares estão

superajuntadas), uma vez validada, segue necessariamente a não-validação da oração núcleo (as duas camadas externas neuronais da retina geralmente permanecem sem lesões).

Os conectivos condicionais que expressam leitura hipotética no português, segundo Oliveira (2008, 2010), são *se* e *caso*. Trata-se de um grupo menor no que se refere à frequência de tipos de conectivos encontrados (*type*), porém altamente produtivo em relação à frequência de ocorrência (*token*) de *se* e *caso* na língua. As condicionais hipotéticas constituem uma relação mais básica, neutra, sem aliar nenhum outro valor semântico. Estabelecem, portanto, uma relação de condição mais ampla, bastante produtiva, já que atuam em construções com padrões colocacionais relativamente extensos. Exemplificam esse tipo de condicional, as construções introduzidas por *se* (24) e *caso* (25), a seguir.

(24) *Se* chover assim no mês de fevereiro teremos que adiar a colheita. (OLIVEIRA, 2010, p. 251)

(25) *Caso* ele seja respeitado pelos motoristas, os acidentes deverão diminuir bastante. (OLIVEIRA, 2010, p. 251)

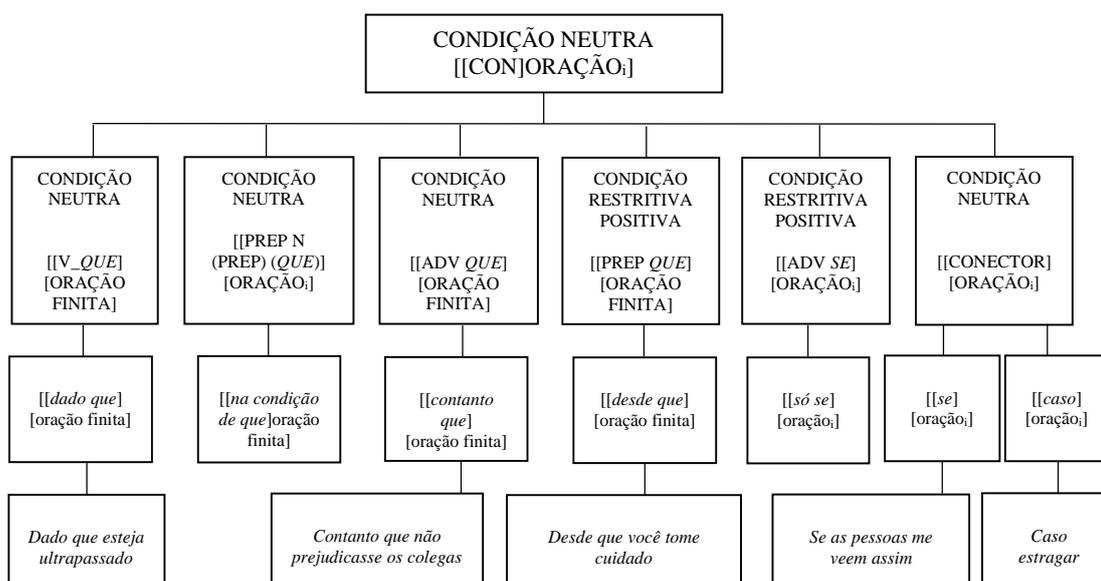
Seguindo a Tese da Condicionalidade Suficiente (*Sufficient Conditionality Thesis*), proposta em Avera (1983), Oliveira (2010) argumenta que conectivos hipotéticos são caracterizados por apresentar a oração condicional como uma condição suficiente para a realização da situação descrita na oração núcleo. Nesse sentido, a partir das construções iniciadas por *se* e *caso*, podemos ter a seguinte interpretação: “considere a realização/verdade/adequação pragmática da oração núcleo no caso da realização/verdade/adequação pragmática da oração condicional”. No exemplo (24), a condição descrita na oração marcada por *se* (chover assim no mês de fevereiro) é descrita como uma condição suficiente para a validação do evento da oração nuclear (adiar a colheita). O mesmo ocorre na construção (25), em que a realização do conteúdo da condicional com *caso* (ser respeitado pelos motoristas) implica a realização do conteúdo da principal (os acidentes diminuirão bastante).

É possível visualizar, assim, a partir dos estudos elaborados por Oliveira (2008, 2010, 2014), que conectivos condicionais correspondem a um grupo muito diversificado, podendo expressar valores distintos, e apresentar complexidade morfosintática bastante variada.

Considerando a abordagem da Gramática de Construções, Oliveira (2019a) propõe abrigar as construções adverbiais marcadas por conectivos condicionais a partir do esquema [[CON]ORAÇÃO_i] CONDIÇÃO NEUTRA. Por meio deste esquema, é possível representar como as construções estão acomodadas em rede hierarquicamente e organizar os diferentes

níveis esquemáticos, desde esquemas mais abstratos até os esquemas mais restritos. Assim, observa-se que a condicionalidade é uma categoria extremamente complexa que abriga padrões com diferentes graus de esquematicidade, e podem ser marcados por conectivos que vão além do conectivo *se*. Na sequência, reproduzimos a configuração de rede da família de construções condicionais²⁶.

Figura 7- Rede de construções condicionais.



Fonte: Adaptado de Oliveira (2019a, p.125)

Como observamos na rede de construções condicionais, conectivos condicionais podem ser restritivos positivos ou negativos e hipotéticos. Oliveira (2019a) defende que essas construções se associam por elos relacionais e de herança múltiplos, sobretudo por elos de subparte e de extensão metafórica, a um esquema mais amplo [[CON]ORAÇÃOi] CONDIÇÃO NEUTRA. Este esquema codifica uma condição aberta e mais produtiva uma vez que instancia uma quantidade maior de subsquemas. Segundo a autora, essa construção é a primeira que emerge na história do desenvolvimento de construções condicionais (em português ou em qualquer outra língua) e a partir dela outros tipos foram se desenvolvendo através do tempo.

²⁶ A família de construções condicionais, evidentemente, conforma outras construções, no entanto, por uma questão de espaço, trazemos uma representação de alguns dos exemplares que podemos encontrar no português brasileiro, conforme se vê em Oliveira (2019a).

1.3.2 O desenvolvimento de conectivos adverbiais no português

No tocante ao percurso histórico que originou o quadro de conectivos do português, Longhin (2003) considera que há duas tendências contrastantes:

de um lado, uma redução do inventário de conectivos, pelo qual **que** assumiu quase todos os mecanismos de subordinação; e, de outro lado, uma ampliação desse inventário, provocada pelo aparecimento de uma quantidade de perífrases conjuncionais baseadas em **que**, além da adaptação de palavras de diferentes classes para o papel de conjunção. (LONGHIN, 2003, p. 108, grifos no original)

Do latim para o português, em relação aos conectivos adverbiais circunstanciais, Longhin (2003) mostra, com base em diversos historiadores, que houve uma mudança na língua que fez com que muitas formas do latim clássico fossem abandonadas no latim vulgar, restando, no português, apenas os conectores *se (si)* condicional, *quando* temporal, *como (quomodo)* comparativo e *que (quod, quid, quia e quam)*, para as demais formas de subordinação como, causal, consecutiva, comparativa etc. (BUENO, 1967; CÂMARA, 1975; COUTINHO, 1976; SAID ALI, 1964), tal como se observa no quadro a seguir.

Quadro 4- Conectivos circunstanciais do latim para o português.

| Tipo de significado | LATIM CLÁSSICO | LATIM VULGAR | PORTUGUÊS |
|----------------------------|---|---|---|
| Final | <i>ut quod, quia ne ou ut ne</i> (negação) | <i>quod, quia</i> | <i>para que, a fim de que, para, a fim de, de modo que, de maneira que</i> |
| Consecutiva | <i>ut non, quin</i> (de tal modo que não); <i>ut, uti</i> (de tal modo que) | <i>Quod</i> | que , de (tal) maneira que, de (tal) modo que, de (tal) sorte que, de (tal) forma que, a tal ponto que, tanto que, tão que, a ponto de |
| Concessiva | <i>quamquam, etsi, tametsi, cum, ut</i> (ainda que); <i>quamuis, licet</i> (posto que, embora); <i>etiamsi</i> (ainda quando); | construções assindéticas | <i>embora, conquanto, mesmo que, ainda que, posto que, apesar (de) que, se bem que, por mais que, por muito que, por menos que, nem que, ainda quando, não obstante</i> |
| Temporal | <i>cum, ubi</i> (quando); <i>dum, donec, quoad</i> (enquanto até que); <i>antequam, priusquam</i> (antes que); <i>ut, ut primum, ubi, ubi primum, cum primum, simul ut, simulac, simulaque</i> (logo que); <i>postquam</i> (depois que). | <i>Quando</i> | quando , enquanto, mal, apenas, antes que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, desde que, primeiro que, todas as vezes que, cada vez que |
| Causal | <i>cum</i> (como); <i>quod, quia, quoniam</i> (porque); <i>quoniam</i> (visto que); <i>siquidem, quandoquidem</i> (visto que); | <i>quod, qui a</i> -locuções: <i>per quod, pro quod, per quid</i> | que , porque, como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, desde que, visto que, visto como, pois que, tanto mais que, por causa que, por isso que |
| Comparativa | <i>ac, atque</i> (como, assim como); <i>quam</i> (do que); <i>tamquam si, ut si, uelut si, quase, proinde ac si, proindequasi</i> (como se); <i>ut, uti, sicut, sicuti, tamquam, uelut, ueluti</i> (como, assim como); <i>potiusquam</i> (antes que); | <i>quomo(do), quam, quad, quia</i> | como, que , tanto/quanto, tanto tão, como, não só/somente/, como também, mais/que, mais-menos-tão/(do) que, antes/do que, tal qual, tal como, bem como, assim como, maior-melhor-pior/(do) que |
| Condicional | <i>si</i> (se); <i>sin</i> (mas se); <i>siue</i> (seja que); <i>nisi, ni</i> (se não, a não ser que); <i>dum, modo, dummodo</i> (contanto que) | <i>si, si non</i> | se , caso, desde que, contanto que, uma vez que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se, exceto se |

Fonte: Adaptado de Longhin (2003, p. 102)²⁷

Como demonstrado no Quadro 4, são poucos os conectivos do latim que permaneceram no português. Sobre essa questão, os historiadores da língua portuguesa (BUENO, 1967; CÂMARA, 1975; COUTINHO, 1976; SAID ALI, 1964) afirmam que para “repor” os conectivos que se tornaram escassos desde o latim vulgar, as línguas românicas recorreram a

²⁷ Os conectivos circunstanciais do português foram extraídos e adaptados de Neves (2011, p. 787-929).

duas estratégias. Uma dessas estratégias, de acordo com Longhin (2003; 2004), é habilitar construções de diferentes categorias – adverbial, preposicional, pronominal e nominal – à função de conectivo; os conectivos *pois*, *embora*, *porém* são exemplares dessa estratégia. Uma segunda estratégia corresponde à generalização do processo – iniciado no latim – que consiste em combinar o elemento subordinativo *que* com outros elementos de naturezas diversas, para a formação de conectivos complexos. As duas estratégias apresentam como característica comum a reutilização de elementos linguísticos já disponíveis na língua. Uma vez que essas estratégias dão origem a novos itens gramaticais na língua, são consideradas, na literatura, como casos de gramaticalização (LONGHIN, 2003; 2004).

A respeito da evolução de *porém*, Said Ali (1964) evidencia como formas de outras categorias na língua, neste caso adverbial, podem ser reaproveitadas para compor o inventário de conectivos. Segundo o autor, o conectivo adversativo *porém*, proveniente do advérbio latino *per inde/pro inde*, era utilizado no português antigo, nas grafias *porende/porém*, em contextos explicativos/causais, podendo ser parafraseado por *por isso* ou *por essa razão*. Tal advérbio apresentava função anafórica de retomada da oração antecedente, como é notório no seguinte fragmento (SAID ALI, 1964, p. 187):

- (26) Quando elrei esto ouviu, suspeitou que algũa sanha ouvera delle o infante, e que porê se partira delle. Destruio pois **porende** o castello; mas nom mentre persival foi vivo. (Santo Graal)
(‘quando o rei ouviu isto, suspeitou de alguma ira do militar para com ele. *Por isso* destruiu o castelo, mas não enquanto persival estava vivo.’).

No português moderno, segundo Said Ali (1964), a forma *porende* foi substituída pela forma mais curta *porém* que passou a ser empregada em outros contextos. Como observamos nos fragmentos em (27) e (28) adiante, há uma mudança semântica: *porém*, sobretudo quando acompanhado pela forma negativa, perde sentido de *por isso/por essa razão* e passa a significar *nem por isso, não por isso, não porém*, indicando contrajunção.

- (27) Forom feridos... **nom porem** de perigosas feridas. (Zurara, Guiné)
- (28) o levaram diante del-rei desmaiou, **não** desjalleceu **porem** em sua firmeza, mas foi hum natural pejo. (Jerônimo de Mendonça, Jorn. de Afr.)

(SAID ALI, 1964, p. 187)

O uso de *porém* com as formas negativas *nom/não* levam a novas interpretações. A leitura de causa determinante de certo ato dá lugar à noção de oposição de ideias ou pensamentos. O advérbio anafórico com significado de *por isso, por essa razão*, se torna um

conectivo adversativo com sentido de *mas, apesar disso, contudo*. A mobilidade que é característica da categoria de advérbios é conservada e o conectivo *porém* pode ser utilizado em qualquer posição: no início, intercalada ou no final da oração. Os fragmentos abaixo ilustram essas ocorrências de *porém* atuando como conectivo adversativo no português moderno (SAID ALI, 1964, p. 187).

(29) O forte Baçaim se lhe dará, não sem sangue ***porém***. (Camões, Luís)

(30) – Dizem. Eu não creio ***porém***. (Garrett, Viag.)

Em outras línguas também é possível verificar processos de mudanças a partir de estruturas adverbiais como é o caso do desenvolvimento dos conectivos temporais no inglês *any time, each time* e *every time*, investigado por Brinton (2007). A autora mostra que essas construções, que atuavam como locuções preposicionais (cf. (31)), ao longo do tempo, perdem os traços da fonte nominal e passam a apresentar usos adverbiais (cf. (32)).

(31) a. Gyf heo eft ***on ænige time*** hig sylfe tomynstres wununge gefæstnian wille (BRINTON, 2007, p. 81)
 ‘If she again *at any time* herself to the dwelling of the monastery will secure.’
 (‘Se ela voltar *em qualquer momento* para o monastério, estará segura.’)

b. Ic herige mine drihten ***on ælcne timan*** (BRINTON, 2007, p. 84)
 ‘I praise my lord *each time*.’
 (‘Eu louvo meu senhor *todas as vezes*.’)

c. ***At euery tyme*** obeye vnto youre lordeWhenne yee answeere (BRINTON, 2007, p. 86)
 ‘Obey your lord *every time* when you answer.’
 (‘Obedeça ao seu senhor *todas as vezes* que responder.’)

(32) a. he would hazard his Person ***any time***, and fight for him that would give him the best Promotion. (BRINTON, 2007, p. 83)
 (‘ele arriscaria a sua pessoa *a qualquer momento* e lutaria por ela que lhe daria a melhor promoção.’)

b. [she] often tottered against his side, and recovered herself ***each time*** by a feebler effort. (BRINTON, 2007, p. 85)
 (‘[ela] frequentemente cambaleava contra o lado dele, e se recuperava *a cada vez* com um esforço mais fraco.’)

c. ***Euery time*** he wole take His fleshely lust . . . And þat is pure lyf of beest (BRINTON, 2007, p. 86)
 ‘*Every time* he will take his fleshly lust and that is the pure life of a beast.’
 (‘*Todo momento* ele terá sua luxúria carnal e essa é a vida pura de um animal.’)

Mais tarde, em um segundo estágio de mudança, as construções formam um *chunk*, se fixam sintaticamente como conectores adverbiais complexos, expressando uma contingência temporal, com sentido similar à *whenever* ‘sempre que’ (cf. (33)). Com base nos critérios de Kortmann que definem um conector adverbial (1998), Brinton (2007) mostra que há uma diminuição na polissemia e polifuncionalidade sintática das construções *any/each/every time*, bem como uma fusão entre as partes da construção que conseqüentemente perdem alguns dos seus traços de significado e deixam de ser totalmente composicionais.

- (33) a. Well, then, **any time** you find it convenient to move in, they are ready (BRINTON, 2007, p. 84)
 (‘Bem, então, *sempre que* achar conveniente se mudar, eles estão prontos.’)
- b. **Each time** I kneel before you, I shall rise As well a better, as a happier Man, Indebted to your Virtue, and your Love. (BRINTON, 2007, p. 85)
 (‘*Cada vez que* eu me ajoelhar diante de você, me levantarei, bem como um homem melhor, como um homem mais feliz, em dívida com sua virtude e seu amor.’)
- c. Upon my word, Mrs. Bess, you improve in beauty, **everytime** I see you. (BRINTON, 2007, p. 87)
 (‘Palavra de honra, Sra. Bess, você fica mais bonita, *toda vez que* a vejo.’)

Na história do português, como dito anteriormente, uma segunda estratégia para formação de conectivos adverbiais complexos envolve a combinação de uma base preposicional, adverbial ou nominal com o subordinador *que* (BARRETO, 1999; CÂMARA, 1975; LONGHIN, 2003; SAID ALI, 1964). Desde o latim vulgar, segundo Maurer (1959), *que* (*quod/quid*) é o conector subordinante por excelência. De acordo com Câmara Jr (1975), o conector *que* é produto do esvaziamento semântico pronominal da forma neutra *quid*, do pronome indefinido interrogativo e sua coalescência com a outra forma neutra *quod*, reservada ao pronome relativo. Em segundo lugar, ocorreu a convergência da evolução fonética do conector comparativo *quam* e do conector causal *quod*. A partir daí, resultou *que* como o único elemento multifuncional, empregado nos mais variados contextos oracionais.

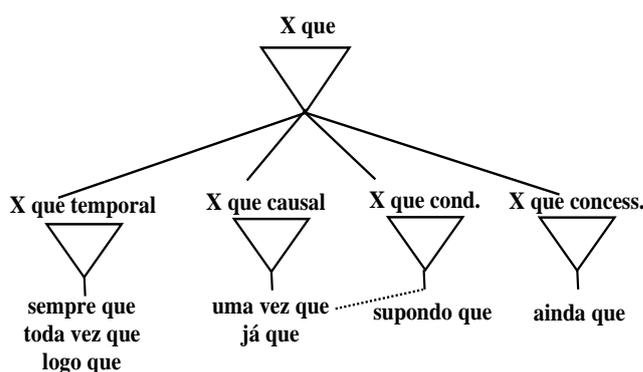
A respeito da multifuncionalidade de *que*, Barreto (1999) destaca os variados usos do conector, o qual pode ser recrutado em diferentes construções e demonstrar sentidos polissêmicos.

(...) é ele o elemento que por um processo metonímico, experimenta a semanticização de acordo com o contexto: torna-se adversativo se está ligado a uma negação, na oração precedente; alternativo, se repetido, por analogia às demais correlações alternativas (*ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer*); comparativo, se na oração subordinante há marcas de comparação de superioridade ou de inferioridade, representadas pelos intensificadores ou por

adjetivos no grau superlativo sintético (maior, melhor, menor, etc.); consecutivo, se correlacionado aos intensificadores *muitos, tan, tanto, tal* e *tamanho* ou aos indefinidos *toda* e *quantos*. (BARRETO, 1999, p. 408, grifo no original)

Essa estratégia de formação de conectivos complexos com *que* é ainda bastante produtiva no português. Conforme propõem Santos e Cezário (2019), os conectivos adverbiais com *que* podem ser organizados em uma rede construcional (cf. Figura 8) ocupada por um esquema mais amplo [X *que*]_{CONNECT} que dá origem a subesquemas em níveis construcionais mais específicos, como, por exemplo, conectivos complexos temporais (*sempre que, toda vez que, logo que*), causais (*uma vez que, já que*), condicionais (*uma vez que, supondo que*), concessivos (*ainda que*), dentre outros.

Figura 8- Rede de conectivos [X *QUE*].



Fonte: Adaptado de Santos e Cezário (2019, p. 969)

Estão envolvidos nas mudanças que dão origem a conectivos complexos com *que* os processos cognitivos de *chunking* e analogização. Como observamos a partir da análise da formação do conectivo temporal *uma vez que* de Santos e Cezário (2019), o elemento *uma vez* perde seus traços adverbiais de origem, passa a ser utilizado frequentemente com *que*, como conectivo temporal, formando um *chunk*. De acordo com as autoras, outros conectivos adverbiais passam a ser criados ao longo do tempo em analogia ao esquema mais geral [X *QUE*], como *sempre que, já que, logo que*, entre outros.

Barreto (1999) defende que o conectivo simples *caso* tem origem no conectivo complexo formado com *que*: *caso que* que seria uma redução de *sendo caso que* – hipótese

também defendida por Said Ali (1964). Na história da língua portuguesa, outros elementos conectivos parecem apresentar idêntica evolução, como:

embora que > embora
em tanto que > entanto
enquanto que > enquanto
por isso que > por isso

Mauri e Sansò (2012) descrevem o percurso de formação do conectivo condicional *caso mai* no italiano. O conectivo *caso* é atestado desde o século XIV em locuções preposicionais com função conectiva condicional como *in caso che, nel caso che*. Do século XVI ao século XIX, no entanto, encontra-se também *caso che*, sem qualquer preposição, introduzindo uma prótase condicional.

(34) E **caso che** istanotte non veniate dove e a le quante ore vi dirà [...]io mi ammazzarò. (MAURI; SANSÒ, 2012, p. 8)

(‘E caso que esta noite você não apareça no local e horário que ela te informar [...] eu me mato.)

Conforme afirmam Mauri e Sansò (2012), ao longo dos séculos, o elemento nominal *caso* perde sua função referencial (que ainda é mantida em construções como *nel caso che*) e passa a ser percebida como uma única unidade funcional com o complementizador *che*, o qual perde seus traços pronominais, formando juntamente com *caso* um conectivo condicional.

1.3.3 A construção complexa condicional

A construção condicional é definida, geralmente, como um enunciado complexo no qual estão envolvidos um segmento nuclear (denominado apódose ou *q*) e um segmento adverbial (*p* ou prótase). A oração adverbial é marcada por um conectivo, sendo o mais frequente no português brasileiro, mais sedimentado, e com características mais prototípicas, o conectivo *se*. No que se refere à semântica, uma construção condicional é aquela que se apoia, basicamente, numa hipótese; a relação que se instaura entre o conteúdo da oração condicional e o conteúdo da oração núcleo (entidade *q*) é uma relação do tipo *condição para realização > consequência/resultado da resolução da condição enunciada* (NEVES, 2002, p. 497).

Desde os trabalhos de Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988), Gívon (1990) e Hopper e Traugott (1993), um número considerável de estudos têm demonstrado que

conectivos podem ter funções diferentes na articulação de orações no sentido de que podem introduzir sentenças dependentes e independentes. Admitindo que as categorizações não devem ser rígidas e imutáveis, a proposta de Gívon (1990) é de que o processo de integração de orações seja caracterizado segundo um *continuum*, que vai, gradualmente, de um máximo a um mínimo de integração sintática, com zonas intermediárias fluídas, como também admite Neves (2012).

Matthiessen e Thompson (1988) consideram que a combinação de orações reflete a organização das relações retóricas (relações de causa, condição, concessão etc.). As orações hipotáticas condicionais são caracterizadas pelos autores como uma relação núcleo-satélite, em que, na organização do discurso, um elemento se ancora em outro; o núcleo é fundamental aos objetivos do usuário da língua, enquanto o satélite traz a informação complementar. Importante enfatizar que as orações adverbiais incorporam uma ampla gama de tipos de construções com propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas variáveis e que muitas vezes se sobrepõem às propriedades correspondentes de orações coordenadas e outros tipos de construções subordinadas (DIESSEL, 2013).

Sob o ponto de vista construcional, Gonçalves e Oliveira (2020) defendem que a oração adverbial, caracterizada pelo esquema [[CONNECT]ORAÇÃO_i], herda propriedades semânticas de modificação dos advérbios, uma vez que a oração adverbial [[CONNECT] ORAÇÃO_i] atua como uma espécie de modificador da oração núcleo ([ORAÇÃO_j]), indicando a circunstância que especifica/realça/determina sua ocorrência/validade/adequação pragmática. Além disso, as condicionais compartilham da mesma função de adjuntos adverbiais, pois ambos funcionam como construtores de espaços mentais (FAUCONNIER, 1997; DANCYGIER, 1998; DANCYGIER, SWEETSER, 2005).

Em relação à expressão de condicionalidade, Dancygier (1998) argumenta que alguns dos aspectos de forma encontrados nas construções condicionais fazem contribuições de significado próprias e podem, portanto, reaparecer em diferentes construções, induzindo assim a emergência de aspectos específicos de significado. A autora elabora um conjunto de aspectos semântico-pragmáticos que são específicos da interpretação de condição, são eles: *causalidade não preenchida, predição, não assertividade, distância epistêmica e elaboração de espaços mentais hipotéticos*. Por meio desses aspectos, é possível entender como a categoria condicional está organizada, a fim de descobrir quais exemplares são mais centrais e quais estão mais afastados da categoria.

A leitura de causalidade refere-se ao modo como a construção condicional se organiza sequencialmente: da condição enunciada na oração adverbial decorre a consequência enunciada

na oração núcleo. Assim, em *Se chover, sua camiseta irá molhar*, a condicional *Se chover* é causa não preenchida a partir da qual se identifica o efeito *sua camiseta irá molhar*. Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005) mostram que a causalidade subjacente à condicionais é compreendida a partir de domínios cognitivos distintos, como exemplificamos a partir das ocorrências com o conectivo *caso*, de Silva (2018), apresentados de (35) a (38).

- (35) *Caso a vítima não seja resgatada a tempo*, a morte se dará por afogamento secundário advindo do choque hipovolêmico provocado por a hemorragia. (SILVA, 2018, p. 55)
- (36) *Caso o SBT não coloque os vídeos*, saberemos que é porque alguém os informou que as pessoas notaram a coincidência. (SILVA, 2018, p. 56)
- (37) *Caso você não saiba*, a PM exerce funções de polícia judiciária militar e faz inquéritos com relação a crimes militares; Eu já fui escrivão de sua Polícia e não tenho como objetivo voltar. (SILVA, 2018, p. 58)
- (38) A Casa de a Torre, da família Dias D'Ávila - poderosos cristãos novos - chegou a possuir milhares de quilômetros quadrados de terra, indo da Bahia ao Piauí, incluindo ainda trechos de Sergipe, partes da Capitania das Alagoas e pedaços de Pernambuco. Mais ainda, os da Casa da Torre eram cristãos novos - judeus convertidos a ferro e a fogo. *Caso essa informação seja correta*, Lula seria então um provável descendente de judeus. Logo ele, que arrasta a asa para os ditadores árabes. A vida é engraçada! (SILVA, 2018, p. 60-61)

No *domínio de conteúdo* (35), relacionam-se estados de coisas, já no *domínio epistêmico* (36) tem se uma premissa na condicional e uma conclusão na oração principal. Os *domínios de atos de fala* (37) e *metatextual* (38), mais intersubjetivos, são utilizados em estratégias retóricas e textuais – a condicional é pano de fundo para um ato de fala ou é utilizada como um recurso textual de retomada, destaque, ou comentário sobre algum aspecto do próprio texto. Como afirmam Oliveira e Hirata-Vale (2017), há um *cline* gradual em que a causalidade vai se rescindindo e o significado torna-se cada vez mais (inter)subjetivo.

Outra característica presente em condicionais é a predição, capacidade que uma condicional tem de apresentar uma projeção potencial futura a respeito de um determinado evento. Considerando-se que a expressão de condição se constrói, basicamente, em uma relação de causa-consequência e que o ato de prever algo está claramente associado a uma situação futura, é notório que esse tipo de oração se desenvolva dentro de uma sequencialidade temporal, como se vê nas ocorrências acima, em (35) e (36).

Quanto à natureza não-assertiva da construção condicional, Dancygier (1998) argumenta que, geralmente, o conector é responsável por marcar uma leitura não factual sobre o conteúdo da oração condicional. No entanto, é preciso considerar que a forma da construção como um todo pode contribuir com o sentido de não-assertividade. Na condicional do domínio

de conteúdo, em (35), é possível entender, pela configuração dos verbos – presente do modo subjuntivo (seja), na condicional, e futuro do presente do indicativo (dará), na principal – que o usuário da língua não nega nem confirma o conteúdo da sentença, mas abdica da responsabilidade de afirmar algo como verdade, já que não tem certeza sobre o acontecimento do evento.

Postura epistêmica, segundo Fillmore (1990), refere-se à associação ou dissociação mental do falante em relação ao conteúdo da oração adverbial. Assim, em relação às crenças do usuário da língua (positiva, negativa ou neutra) sobre o conteúdo da condicional, Dancygier (1998) explica que as construções condicionais são caracterizadas por apresentar um distanciamento epistêmico do usuário da língua em relação ao que está sendo comunicado, porque o usuário não se compromete que o evento da condicional irá acontecer, como em (39), ou o seu posicionamento é neutro – não afirma e também não nega a realização das situações descritas na construção, como em (40).

(39) Para o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos e Sócio Econômicos (Dieese), o mínimo constitucional (alimentação, moradia, vestuário e lazer) para um casal e dois filhos deveria ser hoje de R\$ 840,00. *Caso o mínimo fosse reajustado em 100%, para R\$ 224,00, continuaria pequeno como renda, mas jogaria a inflação para o alto, desorganizando toda a economia, explica Arandia.* (SILVA, 2018, p. 68)

(40) *Caso cumpras o que te peço, ser-te-ei mui grato no futuro.* (SILVA, 2018, p. 74)

Em (39), na condicional configurada no tempo pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), a postura epistêmica construída é classificada como negativa, pois o usuário da língua se distancia da afirmação de que o conteúdo da condicional seja verdadeiro em “*Caso o mínimo fosse reajustado em 100%, para R\$ 224,00*” e, conseqüentemente, também não crê na realização do evento descrito na oração núcleo “*continuará pequeno como renda...*”. Na ocorrência (40), por sua vez, há um posicionamento neutro, uma vez que as formas verbais utilizadas (presente do subjuntivo/futuro do presente do indicativo) revelam que o usuário da língua não considera nem desconsidera o conteúdo da condicional como verdadeiro. A escolha de *caso* e do tempo verbal demonstra que o usuário da língua não quer se comprometer com a verdade do conteúdo da oração, sinalizando neutralidade. Verificam-se, portanto, diferentes graus de comprometimento e de crença do usuário da língua em relação ao que está sendo enunciado.

Como explicam Dancygier e Sweetser (2005), a partir do conector e das formas verbais, entre outros aspectos da construção condicional, constrói-se uma perspectiva hipotética, ou

seja, os eventos descritos na construção são alternativos. Assim a elaboração de espaços mentais alternativos é uma noção básica para a interpretação do significado condicional.

Dancygier (1998) destaca a importância de investigar as diferenças pragmáticas na escolha da posição da condicional em relação a oração núcleo. No geral, condicionais ocorrem antepostas à oração principal. Para Haiman (1978), o fato de as condicionais aparecerem, na maioria das vezes, na posição inicial corresponde à função de tópico da condicional, isto é, o conteúdo da prótase funciona como um conhecimento que é compartilhado com os participantes da interação. Em linhas gerais, a posição inicial da condicional ser mais frequente pode estar associada à elaboração de espaços mentais, os quais orientam o tipo de mundo alternativo que o usuário da língua pretende evocar. Devido à menor complexidade cognitiva para a formulação e a codificação da oração, a anteposição da condicional é mais utilizada. As condicionais pospostas e intercaladas são as ordens marcadas e, portanto, são mais complexas e subjetivas. Essas condicionais atuam como um adendo ou *afterthought*, conforme denominado por Chafe (1984).

À vista dessas questões, nas análises realizadas nesta tese, as construções condicionais podem ser interpretadas a partir da combinação composicional entre forma e significado, no entanto, tal como sugerem Oliveira e Hirata-Vale (2017), é preciso considerar a condicionalidade como um significado convencional que emerge na língua a partir da relação com diferentes nuances de sentido e estruturas bastante variadas.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentam-se as diferentes fontes de dados de corpora sincrônicos e diacrônicos utilizadas no presente trabalho e, em seguida, demonstram-se os métodos e critérios para delimitação da composição da amostragem de dados usada e os parâmetros aplicados nos procedimentos de análise.

2.1 *Corpus de análise*

Sob a noção básica dos Modelos Baseados no Uso de que a língua é um sistema adaptável e sempre emergente, consideramos para esta pesquisa um *corpus* de análise composto por dados em contextos reais da língua em diferentes fases do português. Primeiramente, foram coletados dados do português escrito atual, para, posteriormente, compor o *corpus* diacrônico que dispõe de textos representativos de oito séculos. A escolha de dois *corpora*, um de sincronia contemporânea do português brasileiro (século XXI) e outro diacrônico, se ampara na afirmação de Bybee (2016) de que para analisar mudanças linguísticas é necessário a verificação do uso da língua a partir de uma abordagem que seja tanto sincrônica quanto diacrônica:

A mudança linguística não é apenas um fenômeno periférico que pode ser incluído em uma teoria sincrônica; sincronia e diacronia precisam ser vistas como um todo integrado. A mudança é uma janela para representações cognitivas e um criador de padrões linguísticos. (BYBEE, 2016, p. 167)

Do ponto de vista quantitativo, as frequências de ocorrência das construções foram estimadas por século, de modo que, para cada século, delimitamos um conjunto de textos que apresentam em torno de 400.000 palavras. Os dados do *corpus* diacrônico, que correspondem aos séculos XIII ao XX, foram coletados a fim de examinar a trajetória de mudança pela qual passaram as construções com *caso* ao longo da história do português. Os dados do *corpus* sincrônico (século XXI) foram selecionados com o objetivo de delinear os usos atuais dessas construções. Em termos qualitativos, buscou-se selecionar bancos de dados compostos por textos que representassem diferentes tipologias textuais e que tratasse de temas variados, de modo que os resultados da pesquisa não fossem enviesados por tipos e temas textuais específicos.

Seguimos a proposta de Vitral (2006) que argumenta que o controle dos textos escolhidos para a pesquisa, tanto no que diz respeito a extensão deles quanto aos gêneros textuais, pode ser determinante na análise da frequência das construções e na descrição do processo de mudança pela qual estejam percorrendo.

Quando possível, optar pela diversidade de gêneros nos textos que compõem cada *corpus* de cada período. A atenção de textos diferentes favorece o surgimento de ambientes semânticos diferentes que propiciam a ampliação dos usos dos itens, com significados diferentes [...]. Idealmente, os textos de cada *corpus* devem ser, ainda que aproximadamente, do mesmo tamanho, isto é, com o mesmo número de palavras. Esse procedimento justifica-se devido ao fato de ser imprescindível [...] a análise da frequência dos itens em relação a certos aspectos semânticos que podem evidenciar a existência de um processo de gramaticalização. [...] É desejável que haja a maior distância possível entre o último texto que compõe o *corpus* de um período e o primeiro texto que compõe o *corpus* do período subsequente. Esse cuidado pode facilitar a identificação do processo em análise (VITRAL, 2006, p. 152-153).

Nos Quadros 6 e 7, abaixo, apresentamos as bases de dados eletrônicas das quais extraímos os materiais e as respectivas sincronias do português. Os dados de escrita relativos ao *corpus* diacrônico advêm de quatro fontes conforme apresentadas no Quadro 6: *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM)²⁸, *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (CHPTB)²⁹, *Banco Informatizado de Textos (BIT) do projeto PROHPOR*³⁰, e *Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin* (BBM)³¹.

Quadro 5 - Banco de dados do *Corpus* Diacrônico.

| Século | Fontes dos textos selecionados | Identificação da fonte |
|--------|--------------------------------|------------------------|
|--------|--------------------------------|------------------------|

²⁸ Disponível em: <<https://cipm.fcsh.unl.pt>>.

²⁹ Disponível em: <www.tycho.iel.unicamp.br/>.

³⁰ Disponível em: <<https://www.prohpor.org/bit-prohpor>>.

³¹ Disponível em: <www.bbm.usp.br>.

| | | |
|---------------------|--|-------------|
| Século XIII | <i>Corpus</i> informatizado do português medieval | CIPM |
| Século XIV | <i>Corpus</i> Histórico do português <i>Tycho Brahe</i> | CHPTB |
| Século XV | <i>Corpus</i> informatizado do português medieval | CIPM |
| Século XVI | <i>Corpus</i> Histórico do português <i>Tycho Brahe</i> | CHPTB |
| Século XVII | | |
| Século XVIII | | |
| Século XIX | | |
| Século XX | | |
| | PROHPOR- Banco Informatizado de textos | BIT-PROHPOR |
| | Acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin | BBM |

Fonte: Autoria nossa.

O *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM) foi realizado pelos pesquisadores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, o *corpus*, disponível *online*, é composto por textos do português dos séculos XII a XVI em prosa, literários (narrativas hagiográficas, históricas e de viagem, prosa doutrinal de corte, tratados filosóficos, textos de caráter moralista e religioso) e não literários (documentos notariais de caráter particular, documentos régios, testamentos e foros - textos essencialmente jurídicos).

O *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* (CHPTB) trata-se de um banco de dados eletrônico desenvolvido pelos pesquisadores Charlotte Galves (UNICAMP), Aroldo Leal de Andrade (UFMG) e Pablo Faria (UNICAMP). No *corpus* do *Tycho Brahe*, encontram-se textos representativos dos séculos XIV ao XX que demonstram diferentes tipos de textos, como cartas, atas, textos narrativos, textos dissertativos, textos de dramaturgia, gramáticas, gazetas e jornais.

O *corpus* do BIT-PROHPOR, organizado pelos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, sob coordenação da Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva, conforma em seu *site* textos escritos em português do século XIII ao XXI. O material que constitui o banco de dados é de natureza linguística variada, contendo, portanto, romances, gramáticas, cartas, atas e ofícios.

O acervo digital da Biblioteca Brasileira (BBM), por sua vez, é um banco de textos eletrônico da Universidade de São Paulo (USP) em que se é possível encontrar dados dos mais variados textos dos anos 1500 aos anos 2000. Os textos se dividem em almanaques, cartas, folhetos, livros bibliográficos, manuscritos, mapas e periódicos.

Para os dados do *corpus* sincrônico, conforme disposto no Quadro 6, selecionamos ocorrências do *Projeto História do Português Paulista* (PHPP)³² e do *Projeto Padrões do Português Popular Escrito* (PorPopular)³³.

Quadro 6 - Banco de dados do *Córpus Sincrônico* (século XXI).

| Século XXI | | |
|--------------------------|---|-------------------------------|
| Modalidade | Fontes dos textos selecionados | Identificação da fonte |
| Português Escrito | <i>Corpus</i> do Projeto História Do Português Paulista | PHPP |
| | Projeto Padrões do Português Popular Escrito | PorPopular |

Fonte: Autoria nossa.

O *corpus* do PHPP, organizado por José da Silva Simões (USP), Verena Kewitz (USP) e Alessandra Castilho Ferreira da Costa (UFRN), é constituído de documentos que estão editados e divididos em três conjuntos de dados: *corpus* mínimo manuscrito (testamentos, atas e cartas), *corpus* mínimo impresso (textos jornalísticos: notícias, cartas de redatores, cartas de leitores, anúncios etc.) e *corpus* diferencial (memórias históricas e diários de viagem). É possível encontrar no banco de dados do PHPP documentos dos séculos XVII ao XXI.

O Projeto PorPopular, desenvolvido por pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, oferece como *corpus* uma amostra seriada de edições diárias, entre os anos de 2008 e 2010, do jornal popular, de grande circulação, Diário Gaúcho (doravante DG) publicado na cidade de Porto Alegre. Encontramos, assim, material jornalístico, que compreende textos como notícias, anúncios, entrevistas e reportagens.

Com intuito em melhor perceber as inovações diacrônicas que ocorrem com as construções em análise, utilizamos, aqui, periodização proposta por Mattos e Silva (1992; 2006) que compreende, para a história da língua portuguesa, três períodos: *arcaico* (que se estende do

³² Disponível em: <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>.

³³ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/textecc/porlexbras/porpopular/index.php>>.

século XIII ao XV), *médio/clássico* (do início do século XVI ao século XVIII) e *moderno* (a partir do século XIX até XXI).

No Quadro 7, mostramos quais os textos escritos selecionados do período arcaico do português. O quadro a seguir apresenta o nome do texto, acompanhado da sigla³⁴ utilizada para identificação das ocorrências nos exemplos, bem como a extensão dos textos por número de palavras em cada século do português.

Quadro 7–Corpus de dados de escrita do português arcaico.

| PORTUGUÊS ARCAICO | | |
|---|-------------------------------|---------------------------|
| Século XIII | | |
| Textos Selecionados | Identificação da fonte | Número de palavras |
| <i>Textos Notariais in História do Galego-Português</i> | HGP | 29.093 |
| <i>Foros de Garvão</i> | FG | 6.536 |
| <i>Tempos dos Preitos</i> | TP | 1.588 |
| <i>Cantigas de Escárnio e Maldizer</i> | CEM | 111.126 |
| <i>Cantigas de Amigo</i> | CAMI | 57.873 |
| <i>Notícia de Torto- CIPM</i> | NT | 775 |
| <i>Testamento de D. Afonso II</i> | TDA | 1.412 |
| <i>Textos notariais in Documentos</i> | DN | 27.129 |
| <i>Textos notariais in Apêndice Documental de Clíticos na História do Português</i> | CHP | 26.049 |
| <i>Chancelaria de D. Afonso III</i> | CDA | 17.629 |
| <i>Textos notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford)</i> | TOX | 8.583 |
| <i>Foro Real</i> | FR | 49.721 |
| <i>Dos Costumes de Santarém</i> | CS | 5.450 |
| <i>Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense</i> | VS | 25.332 |
| Subtotal | | 368.296 |
| Século XIV | | |
| <i>Fernão Lopes (1380) Crônica del-Rei Dom João I-CHPTB</i> | FL | 93.781 |
| <i>Afonso X, Primeira Partida (1350)- CIPM</i> | PP | 170.138 |
| <i>Livro de Montaria – CIPM</i> | LM | 129.827 |
| <i>Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford)- CIPM</i> | TOX | 4.290 |
| <i>Foros de Garvão-CIPM</i> | FG | 675 |
| <i>Cantigas de Escárnio e Maldizer-CIPM</i> | CEM | 296 |
| <i>Crônica de Afonso X in Crônica Geral de Espanha de 1344-CIPM</i> | CGE | 5.380 |
| Subtotal | | 404.387 |
| Século XV | | |
| <i>Textos notariais in Apêndice Documental de Clíticos na</i> | CHP | 39.351 |

³⁴ Nos capítulos de análise, e ao longo desta tese, as ocorrências serão identificadas de acordo com as siglas entre parênteses do texto ou inquérito, acompanhadas das siglas das fontes a que pertence o texto ou entrevista bem como o século em que foi produzido. Segue-se tal procedimento a fim de facilitar para o leitor uma possível consulta da ocorrência nos textos de origem.

| | | |
|--|-----|------------------|
| <i>História do Português – CIPM</i> | | |
| <i>Leal Conselheiro – CIPM</i> | LC | 105.762 |
| <i>Duarte Galvão (1435) Crônica del-Rei D. Afonso Henriques- CHPTB</i> | DG | 53.500 |
| <i>Francisco Sá de Miranda (1481) Teatro- CHPTB</i> | FSM | 37.578 |
| <i>Crônica do Conde D. Pedro de Meneses - CIPM</i> | CPM | 134.699 |
| <i>Subtotal</i> | | 370.890 |
| <i>TOTAL GERAL</i> | | 1.143.573 |

Fonte: Autoria nossa.

A lista de todos os textos pesquisados para o português médio/clássico encontra-se no Quadro 9, o qual apresenta o nome do texto, acompanhado do século a que pertence o texto, a sigla utilizada para identificação das ocorrências nos exemplos e o número de palavras que compõem cada texto.

Quadro 8 –Corpus de dados de escrita do português médio/clássico.

| PORTUGUÊS MÉDIO/CLÁSSICO | | |
|---|-------------------------------|---------------------------|
| Século XVI | | |
| Textos Seleccionados | Identificação da fonte | Número de palavras |
| <i>Cartas, D. João III</i> | CDJ | 57.738 |
| <i>Pero Magalhães de Gandavo (1502) História da Província de Santa Cruz</i> | PMG | 22.944 |
| <i>Fernão Mendes Pinto (1510) Perigração</i> | FMP | 47.580 |
| <i>Francisco de Holanda (1517) Da pintura antiga</i> | FH | 56.338 |
| <i>Teatro, António Ribeiro Chiado</i> | ARC | 22.814 |
| <i>Teatro, António Ferreira</i> | AF | 50.592 |
| <i>Diogo do Couto (1542) Décadas</i> | DC | 47.605 |
| <i>Luis de Sousa (1556) A vida de Frei Bertolameu dos Mártires</i> | LS | 53.986 |
| <i>Bernardo de Brito (1569) Da Monarquia Lusitana</i> | BB | 50.394 |
| Subtotal | | 409.991 |
| Século XVII | | |
| <i>Manuel da Costa (1601) A arte de furar</i> | MC | 52.867 |
| <i>António de Sousa de Macedo (1606) Mercúrio Português</i> | ASM | 46.992 |
| <i>Cartas Familiares, Francisco Manuel de Melo</i> | FMM | 58.070 |
| <i>Francisco Manuel de Melo (1608) Tácito Português</i> | FMMTP | 35.039 |
| <i>Cartas, Antonio Vieira</i> | CAV | 57.088 |
| <i>Padre A. Vieira (1608) História do futuro</i> | PAV | 50.190 |
| <i>Manuel Bernardes (1644) Nova Floresta</i> | MB | 52.374 |
| <i>Manuel dos Santos (1672) História Sebástica</i> | MS | 62.357 |
| Subtotal | | 414.977 |
| Século XVIII | | |
| Textos Seleccionados | Identificação da fonte | Número de palavras |
| <i>Cartas, Cavaleiro de Oliveira</i> | CO | 51.234 |
| <i>Aires, Matias (1705): Reflexões sobre a Vaidade dos Homens-</i> | AM | 56.479 |
| <i>Orta, Teresa Margarida da Silva e (1711): Aventuras de Diófanes-</i> | TMS | 68.985 |
| <i>Verney, L. A. (1713): Verdadeiro Método de Estudar-</i> | LAV | 49.335 |
| <i>Silva, António José da (1705): Teatro cômico português-</i> | AJS | 26.089 |
| <i>Garrett, J.B.S.L. de Almeida (1799): Viagens na minha terra-</i> | AG | 51.544 |
| <i>Cartas, Antonio da Costa</i> | AC | 27.096 |
| <i>Cartas, P. Manique</i> | PM | 25.057 |
| <i>Cartas, Marquesa de Alorna</i> | MA | 49.900 |
| Subtotal | | 405.719 |
| TOTAL GERAL | | 1.230.687 |

Fonte: Autoria nossa.

No Quadro 9, trazemos os textos escritos selecionados para o português moderno que compreende quatro sincronias. Na primeira coluna do quadro há a denominação do texto selecionado. Na segunda coluna está a sigla através da qual o texto é identificado ao longo da

tese, enquanto a terceira coluna traz o número de palavras de cada conjunto de texto por sincronia.

Quadro 9 - Corpus de dados de escrita do português moderno.

| PORTUGUÊS MODERNO | | |
|---|-------|------------------|
| Século XIX | | |
| <i>Jornais da Bahia (1833-1850)</i> | JBI | 79.362 |
| <i>Souza, Antônio Gonçalves Teixeira e (1812): Maria ou a menina roubada</i> | AGT | 60.879 |
| <i>Cascais, Joaquim da Costa (1815): A inauguração da estátua equestre</i> | JCC | 27.835 |
| <i>Branco, Camilo Castelo (1826): Maria Moisés</i> | CCB | 24.265 |
| <i>Jornais da Bahia (1898-1900)</i> | JBII | 78.579 |
| <i>Alencar, José de (1829): Iracema, lenda do Ceará</i> | JA | 34.683 |
| <i>Cartas Brasileiras: cultos</i> | CB | 63.083 |
| <i>Cartas, Eça de Queirós e Oliveira Martins</i> | EQOM | 36.361 |
| Subtotal | | 405.047 |
| Século XX | | |
| <i>Jornais da Bahia (1945-1948)</i> | JB | 79.900 |
| <i>Cartas de Leitores e Redatores Folha do Norte</i> | CLRFN | 13.890 |
| <i>Cartas de Leitores e Redatores O Progresso</i> | CLRP | 9.395 |
| <i>Anúncios Folha do Norte</i> | AFN | 9.220 |
| <i>Cartas Particulares</i> | CP | 73.981 |
| <i>O cozinheiro dos cozinheiros</i> | CC | 219.013 |
| Subtotal | | 405.399 |
| Século XXI | | |
| <i>Editoriais da imprensa paulistana de bairro (Jornal Nosso Bairro, Folha, SP Norte)</i> | EIPB | 9.767 |
| <i>Amostra de textos do diário gaúcho on-line (2008-2010)</i> | DG | 346.186 |
| Subtotal | | 355.953 |
| TOTAL GERAL | | 1.166.399 |

Fonte: Autoria nossa.

O *corpus* sincrônico organizado constitui-se, portanto, de amostras de escrita de textos jornalísticos, do século XXI. Já o *corpus* diacrônico, compõe-se de amostras do português histórico, dos séculos XIII ao XX, extraídas de textos escritos de gêneros discursivos variados, códigos jurídicos, textos notariais, textos teatrais, crônicas, biografias, receitas, cartas oficiais e pessoais, e textos jornalísticos, provenientes de diferentes corpora.

2.2 Apuração de frequência de uso

Como se pode observar na descrição das fontes das quais foram selecionadas amostras de textos escritos para compor o *corpus* de análise desta pesquisa, foram elas as escolhidas

porque seus bancos de dados estão disponíveis *online*, sendo possível ter acesso à íntegra dos textos e das transcrições das entrevistas e diálogos.

Para o levantamento das instâncias circunstanciais com *caso*, todos os textos e inquiridos foram lidos integralmente, com foco em identificar não somente as ocorrências de microconstrução conectiva condicional com *caso*, mas também com o objetivo de apreender quais seriam os outros subesquemas empregados em contextos que favorecem a construcionalização gramatical de *caso*.

Assim, constituído o *corpus* de análise, a pesquisa dos dados foi realizada por meio de ferramentas eletrônicas de busca de todas as variações de grafias de *caso* ao longo do tempo - sendo na maioria das vezes *caso* e, escassas vezes, *casus*, *cazo*³⁵ - em textos que apresentam três formatos: DOC, TXT e PDF. Foram extraídas, desse modo, todas as ocorrências de *caso* que estavam disponíveis no material selecionado a partir de cada sincronia. Os dados foram, na sequência, analisados e quantificados. A partir dos dados levantados, utilizamos, como ferramenta auxiliar, o Excel para organizá-los e a linguagem de programação R (R CORE TEAM, 2021) para a medição das frequências de uso e para a realização das computações estatísticas e expressões gráficas dos resultados.

Assumindo que a frequência tem papel importante na emergência e convencionalização de novas construções na língua, e que o aumento de frequência de uma construção pode impactar os graus de composicionalidade, de esquematicidade e de produtividade, a aferição da frequência dos dados foi realizada a partir da proposta de Bybee (2003). A autora sugere dois métodos de verificação da frequência, a saber: *token*, que é a apuração do número de ocorrências de uma construção sem relacioná-la aos diferentes traços formais e semânticos que são encontrados, e *type* (ou tipo), em que se realiza a contagem das microconstruções específicas; isto é, são contabilizadas as diferentes funções, sentidos e a variedade de estruturas.

Desse modo, em nossas análises, a frequência *type* é a verificação dos padrões construcionais específicos atualizados por *caso*, a partir do qual estão associadas diferentes realizações desses padrões, apurados a partir da frequência *token*. Por exemplo, se o conectivo simples *caso* ocorre 57 vezes em um *corpus*, sua frequência *token* é 57, porém em termos de frequência *type* trata-se de apenas 1 tipo de microconstrução.

Ambos os tipos de frequência podem afetar a representação de conceitos linguísticos na memória do indivíduo. A frequência *token* tem efeito de fortalecimento na informação lexical

³⁵ Para auxiliar a busca das variações ortográficas de “caso”, foram consultados as seguintes gramáticas e os seguintes dicionários etimológicos do latim e do português: Ernout e Meillet (1951), Nascentes (1955), Said Ali (1964), Coutinho (1972) e Rezende e Bianchet (2014).

e a frequência *type* é de importância central para extensibilidade do esquema e produtividade morfossintática (BARÐDAL, 2008; BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019; PEREK, 2020). Nós e conexões de nós que são utilizados com mais frequência são mais sedimentados, enquanto nós menos frequentes não possuem fortalecimento e estão, portanto, menos fixados na mente do usuário da língua (LANGACKER, 1987). Verificamos, desse modo, as microconstruções caracterizadas a partir de parâmetros de forma e de sentido; um *type* é, primeiramente, definido pelos diferentes padrões instanciados por *caso*, cujo item pode atuar em subesquemas distintos (SN, SPrep, e conectivos condicionais).

Na seção seguinte, descreve-se, detalhadamente, como delimitamos as microconstruções com *caso* que foram analisadas e quais as microconstruções que foram excluídas da análise.

2.3 Dados selecionados e excluídos

Como dissemos na seção antecedente, para a coleta dos dados, buscamos nos *corpora* todas as ocorrências de *caso*³⁶. Nesta primeira pesquisa, obteve-se um total de 1385 ocorrências, das quais 187 são dados do *corpus* sincrônico (século XXI) e 1198 são construções do *corpus* diacrônico. A Tabela 1, a seguir, demonstra a frequência de todas as ocorrências de *caso*, dos séculos XIII ao XXI.

Tabela 1 - Número de ocorrências de *caso* no corpus sincrônico e diacrônico.

| <i>Corpus sincrônico e diacrônico</i> | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|------|-----|-----|-----|------|-------|-----|-----|-----|-------------|
| Séc. | XIII | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX | XXI | Total |
| Freq. Token de <i>caso</i> | 5 | 16 | 160 | 173 | 214 | 217 | 218 | 195 | 187 | 1385 |

Fonte: Autoria nossa.

Após o levantamento de todas as ocorrências nos séculos investigados, os dados foram refinados, momento em que selecionamos as microconstruções com *caso* que seriam ou não analisadas, tendo em vista o foco principal da pesquisa. Não foram contempladas, portanto, as microconstruções com *caso* que não teriam nenhum valor circunstancial hipotético, mas que desempenham o papel de referenciar ou enfatizar uma situação preenchida/realizada, factual e

³⁶ Dos dados coletados, 12 ocorrências apresentaram a grafia *cazo* (11 dados no século XVIII, 1 dado no século XIX) e 1 ocorrência, *casus*, no século XVII.

que, portanto, não configurariam estágios anteriores à formação de construção procedural, como exemplificamos nas ocorrências a seguir.

O item *caso* ocorre no português em construções de funções e sentidos variados. Uma das funções de *caso* é a de substantivo, que atua, comumente, como um sintagma nominal com nuances de significados ligados à factualidade e exerce, na construção, função argumental. Por se comportar como elemento nominal, como é o exemplo das ocorrências abaixo, *caso* apresenta semântica referencial e pode ser utilizado na construção como sujeito ((41a)), objeto ((41b)), e predicativo da oração ((41c)). Tais construções exemplificadas a seguir não foram consideradas para esta pesquisa.

- (41) a. O fato aconteceu em novembro do ano passado na Zona Leste da cidade, foi registrado como tentativa de roubo e na época, a mãe — que não tinha antecedentes criminais — chegou a ficar detida 128 dias, tendo a liberdade negada quatro vezes pela Justiça. **O caso teve grande repercussão na imprensa e a opinião pública, em geral, se mostrou solidária à mãe — embora, é preciso ficar claro, que ela chegou a cometer um crime previsto de punição pela lei.** (PHPP: EIPB, Século XXI)
- b. Lucas de Souza Maciel, 21 anos, foi assassinado no começo da tarde de ontem no Bairro São Judas Tadeu, em Gravataí. Segundo a Brigada, por volta das 15h, uma dupla em uma moto atirou contra o jovem na Rua Vasco Alves e fugiu. Ninguém foi preso. **A 2ª DP vai investigar o caso.** (PorPopular: DG, Século XXI)
- c. As medidas preventivas que foram implementadas já do dia 1º se estendem até 15 de abril. Pela previsão do Centro de Gerenciamento de Emergência (CGE), os paulistanos vão sofrer. No próximo verão, o volume de chuvas pode ser de 30% a 50% acima da média registrada dos anos anteriores. Segundo estimativas da Prefeitura, cerca de 15 mil pessoas estarão mobilizadas para prestar socorro à população. **Treinar agentes para socorrer só é válido quando não há solução para evitar que o problema ocorra — como é o caso de São Paulo.** (PHPP:EIPB, Século XXI)

Foram também desconsiderados das análises as ocorrências em (42), em que o sintagma nominal com *caso* está sendo utilizado nas construções, acompanhado do item *que*, funcionando como pronome relativo e não como conjunção e, em (43), em que o nome *caso*, com o verbo cópula, seguido do complementizador *que*, ocorre em uma estrutura clivada.

- (42) Ha certas cousas que nos impressionam de tal sorte, que não podemos nunca esquecel-as: - e na ordem destas entra (para mim) **o caso que referi**: - e quanto mais me adiantava eu na arte de curar, tanto mais elle se pintava vivo em minha imaginação. (CHPTB: JBI, Século XIX)
- (43) Hoje disse o Presidente dos Commissários que toda a dificuldade consistia em Angola, e **o caso é que** querem os da Companhia ficar absolutamente senhores de toda a costa, e que o comércio das fortalezas que temos no sertão passe todo pelos seus portos, e lhes paguemos a êles os direitos que ali se costumavam pagar a El-rei. (CHPTB: CAV, Século XVII)

Nos exemplos (41-43), observamos que as construções expressam semântica factual, pois o nome *caso* retoma um estado de coisas específico, um evento realizado no discurso, ausente de leitura circunstancial hipotética. Em (41a), *caso* se refere a um estado de coisas concluído no passado: a tentativa de roubo que aconteceu no ano anterior. No mesmo sentido, em (41b), o nome *caso* diz respeito a um evento real: o assassinato ocorrido em Gravataí. No exemplo (41c), *caso*, que funciona como predicativo de *São Paulo*, está relacionado com o evento factual descrito anteriormente na sentença – *treinar agentes para socorrer só é válido quando não há solução para evitar que o problema ocorra*.

De modo similar, em (42) e (43), *caso* é utilizado para fazer referência a uma situação real, que já foi dita, como se vê em (42) - *o caso que referi* - ou que ainda vai ser apresentada pelo usuário da língua, como ocorre em (43) - *o caso é que querem os da Companhia ficar absolutamente senhores de toda a costa (...)*. Este tipo de construção, conforme ilustrada em (43), é utilizada, segundo Schmid (2000), quando o usuário da língua deseja colocar ênfase ou focalizar algo do que foi enunciado. O autor destaca que este tipo de padrão pode também estar relacionado a usos epistêmicos, uma vez que o usuário da língua utiliza tais elementos para enfatizar que o conteúdo expresso após o complementizador é real/verdadeiro.

Além das microconstruções anteriormente citadas, não fazem parte desta pesquisa usos em que o nome *caso* apresenta sentidos que não são relevantes para a formação de conectivo condicional, como ocorre em (44a), em que há semântica de *relação extraconjugal*. Também foram excluídas, pelas mesmas razões, as microconstruções em que *caso* faz menção à *declinação gramatical do latim*, representada na ocorrência (44b), e aquelas em que a microconstrução nominal diz respeito a uma *ação jurídica*, como em (44c).

- (44) a. Leila argumenta que não é pornô porque “tem uma história”: – Minha personagem é uma atriz de sucesso na Europa. **Ela volta ao Brasil e tem um caso com o primo, um seminarista (vividido pelo ator Carlão Bazuca)**. (PorPopular: DG, Século XXI)

b. A razão por que nos parece tão dificultoso o estudo da Gramática Latina (além de outros motivos que em seu lugar direi) é porque nos persuadimos que toda aquela máquina de regras é particular da língua latina, e não há quem nos advirta quais são as formas particulares dessa língua, a que chamam Idiotismos, quais as comuns com as outras. **Se a um rapaz que começa explicassem e mostrassem, na sua própria língua, que há Verbo, Caso, Advérbio etc.** ; que há formas particulares de falar, de que se compõe a sintaxe da sua língua; se, sem tantas regras, mas com mui simples explicações, fizessem com que os principiantes reflectissem que, sem advertirem, executam as regras que se acham nos livros, e isto sem género algum de preceitos, mas pelo ouvirem e exercitarem; seguro a V.P. que abririam os olhos por uma vez, e entenderiam as coisas bem, e se facilitaria a percepção das línguas todas. (CHPTB: LAV, Século XVIII)

c. **O mais interessante é o Sr. Agamemnon, que procura uma jurisprudencia para o caso do "Diario de Pernambuco".** Menos interessado é o Sr. João Alberto com suas responsabilidades limitadas ao problema da ordem e, pois, sem lucro certo na supressão da liberdade de imprensa. Quem, entretanto, só por deploravel equivoco, ou má sugestão, poderá supôr-se beneficiario da Censura é o general Dutra. (CHPTB: JB, Século XX)

Excluimos ainda as expressões *fazer (pouco) caso (de)*, que significa ‘dar ou não importância’, *em todo (o) caso*, com sentido de ‘de qualquer modo/apesar de tudo’³⁷, bem como o conectivo complexo *caso contrário* e o modalizador *se caso* – redução de *se acaso* –, uma vez que demonstram fenômenos de mudanças distintos ao investigado nesta tese. As ocorrências a seguir exemplificam tais microconstruções.

(45) a. Decididamente muito *pouco caso fazem* nossos adversarios do bom senso do publico e do criterio dos nossos compatriotas, tal o desembaraço e a incomparavel desfaçatez com que se dizem victoriosos em um pleito, em que a derrota que soffreram foi a mais estrondosa de quantas tem inflingido o independente eleitorado desta capital a aquelles que não merecem a sua confiança. (CHPTB: JBII, Século XIX)

b. Relacionam se essas perguntas com possibilidade de ser offerecido ao governo Bahiano um emprestimo garantido pelas vendas de exportação. **Não sei qual a operação que querem propôr, mas em todo caso deve ser cousa séria pois conheço acasa que se occuparia disto, e que é**

³⁷ As acepções das expressões foram consultadas no minidicionário da língua portuguesa de Bechara (2009).

uma das primeiras do mundo. É a casa Schroeder Gebrüder de Hamburgo com sucursales em Londres etc. (CHPTB: CB, Século XIX)

c. **Se você viu isso em minhas cartas, acertou. Caso contrario, se e[le]nganou apenas.** Por tudo isto você deve compreender [o]como eu preciso de você q e do seu carinho que é onde eu busco abrigo e onde eu me sinto segura e confiante. (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

d. E o que peor he: estes, que devyam buscar fisico spiritual entendido e sperto, que soubesse dar medicynal remedio, conhecendo a doença e as causas della, nom [solamente] nom buscam tal, mas ainda **se caso** acham algu~u~ que conheçam em confessandosse que ta he, por hu~a vez se podem confessar a el, mais daly adiante assy fogem del que nunca a el mais tornam. (CIPM: LC, Século XV)

São objeto deste trabalho os tipos de construções lexicais com *caso* exemplificados nas ocorrências a seguir que apresentam valores circunstanciais ou estruturas morfossintáticas que possam ter sido gatilho para formação de microconstruções conectivas de expressão condicional.

(46) a. E posto que vós estais em liberdade para vos poderdes soltar do praticado, se, porém, pelo modo em que já está negociado e vemos em que as coisas lá estão, vós virdes que, de vós soltares, lá pode ficar tamanho escândalo que as coisas se danem, e fiquem em pior estado do que dantes estavam pela carta de marca, e vós não poderdes deixando-as em tal estado que se não rompam com vossa ausência, vir a ausência, vir a mim, para me informades delas, e com vossa informação eu poder ordenar o que se lá depois conclua, segundo cumprir a meu serviço, ou não consentindo o negócio virdes, **não podendo tomar tempo para compridamente de tudo me avisardes por vossa carta, como o farieis por vós, e esperar minha reposta, em tal caso haverei por bem que concluais na melhor maneira que puderdes, segundo tendes praticado;** e podendo vos vir, ou não podendo escrevendo-me na dita maneira. (CHPTB: CDJ, século XVI)

b. **Se, pela ventura, virdes pela corte da imperatriz, e vos parecer bem fazerde-lo, neste caso lhe dares conta do negócio assim como vos bem parecer**, porque a vós deixo que façais nisso o que mais meu serviço vos parecer, deixando a vós fazerdes por aí o caminho ou não; e se trouxerdes algumas cartas do imperador para ela, e não houverdes de vir por onde ela está, por vos parecer bem não o fazerdes, lhe as enviareis por alguém vosso, fazendo-lhe disso a desculpa que vos bem parecer, de virdes mal disposto, ou em qualquer outro modo que melhor virdes. (CHPTB: CDJ, século XVI)

As duas ocorrências ilustradas acima podem ser consideradas, conforme as indicações de Longhin (2020), como um estágio crucial para que construções lexicais com *caso* passem a ter *status* gramatical. Note-se que os usos em (46) sugerem novas nuances de significado para o nome *caso*. Nessas ocorrências, não há referência a um fato, um acontecimento específico,

mas um evento não preenchido, e portanto, não real. Tanto em (46a) quanto em (46b), as microconstruções adverbiais [*em tal caso*] e [*neste caso*], representadas pelo subesquema [PREP PRON_{DEM} CASO_N], são utilizadas como recurso anafórico, em que o nome *caso* retoma um conteúdo proposicional. Em (46a), é possível verificar nuance condicional de modo que *em tal caso* está se referindo a uma situação alternativa e hipotética: *podendo tomar tempo para compridamente de tudo me avisardes por vossa carta*. O mesmo ocorre em (46b) em que *neste caso* faz referência anafórica ao evento da condicional mencionado anteriormente – *se, pela ventura, virdes pela corte da imperatriz (...)* – para apresentar uma conclusão/consequência na oração subsequente.

Nas amostras investigadas, encontramos outro tipo de construção com o nome *caso* em contextos que sugerem sentidos abstratizados. Tais construções, mais pretéritas, são marcadas, no geral, pela preposição *per/por* associadas ao sintagma adjetival *fortoyto*³⁸ – *fortuito*, no português atual, que, conforme Nascentes (1955), vem do latim *fortuito*, que significa, segundo Bechara (2009), *eventual, imprevisto*. O uso do modificador *fortuito*, bem como o uso da preposição precedendo *caso*, acrescenta às construções, as nuances semânticas *circunstanciais/eventuais*, as quais permitem que as construções desse período sejam compreendidas como contextos importantes para expressão de significado condicional. Por esta razão, tal microconstrução, representada pelas ocorrências (47a) e (47b), foi considerada como objeto de análise desta pesquisa.

- (47) a. Con tall condiçom que elle e as ditas duas pessoas, adubem as dictas casas de paredes de pedra e call telha e madeira grossa e delgada e pregadura e as manteerem ssempre em casas feitas **posto que pereçam per qualquer caso fortoyto**. (CIPM: CHP, século XV)
- b. E as pesoas que despos elle ujerem coregam a dicta casa asy de taýpa como de telha madeýra grosa e delgada e pregadura **posto que caía ou pereça por agua ou ffogo ou por outro qualquer casoo ffortoító** e ffindas as dictas tres pesoas que êtan ffique as dictas herdades e casa liure e despachada a dicto moesteiro melhoradas e nõ peJoradas sem nehũa comtenda e que elles nẽ as pesoas que despos elle ujerem nom posam uender nem dar nem doar. (CIPM: CHP, século XV)

³⁸ Encontra-se, no século XV, nos *corpora* investigados, as grafias *fortoyto*, *ffortoító*, *furtujto* e *fortujto*.

Com essas nuances relativas a noções hipotéticas, contemplamos, ainda, para as análises as construções com o nome *caso* em conjunto com a partícula *que*, podendo haver, algum elemento interveniente, como, por exemplo a preposição *em*. Estas ocorrências estão exemplificadas abaixo.

Em (48), encontram-se as microconstruções com *caso* em sintagma preposicional introduzindo uma oração complexa adverbial com sentidos hipotéticos.

(48) a. **E supondo El-rei de Castela ser verdadeira esta notícia , escreveu a Dom Affonso de Toar, seu Embaixador residente em Lisboa, que desse a mesma notícia aos Ministros do conselho del-rei Dom Sebastião, e os advertisse, que deviam ter prestes as suas naus de guerra para o caso que os Turcos passassem aos mares de Portugal:** assim o fez o Embaixador, e o regente lhe mandou dar por escrito esta resposta, que temos copiada no nosso arquivo; diz assim: O que El-senhor respondeu ao que o sereníssimo rei de Castela lhe escreve sobre a Armada dos Turcos , e Mouros de Argel, e do intento deles, em que lhe da sua parte falou o Embaixador Dom Affonso de Toar, é: Que Sua Alteza sente tanto, como é razão, estas novas; e estima muito mandar-lhes o sereníssimo rei comunicar [...](CHPTB: MS, Século XVII)

b. **Em todo caso que** se oferecia per pallavra, contenença e boa pratica, lhe mostravamos que seu serviço e boa vontade sobre a nossa e todo nosso proveito avançavamos. (CIPM: LC, Século XV)

c. E poderá esta renda situar-se em Pernambuco, como a outra está no Rio de Janeiro e na Baía. - Maranhão, 10 de Junho de 1658. Depois de se remeter êste papel ao Padre Provincial chegou o Padre Visitador Francisco Gonçalves, e consultando-se-lhe a matéria se conformou com o mesmo parecer, **dizendo que, no caso suposto que os padres possam ser socorridos e visitados, é conveniente que fiquem, pois por esta só razão se mandaram retirar.** (CHPTB: CAV, Século XVII)

Já em (49), *caso* aparece seguido de complementizador *que* em orações adverbiais reduzidas, de gerúndio (cf. (a) e (b)) e participio (cf. (c) e (d)), em que também é possível a interpretação não-factual.

(49) a. Outra cousa, que muito asyicava o povo meudo , era aver na Cidade gram parte de Gallegos, & Castellaõs, & muytos criados da Rainha, assim por criação como por bemfeitoria, & officios, que lhe derão. **Os quaes avendo tal caso, que se defender quizessem, temiam de ser da sua parte, & de todo ponto estorvo contra elles.** E postas todas cousas ante seus olhos, nenhum era sabedor do que avi de fazer. (CHPTB: FL, século XIV)

b. De todo ho que lhe assi deu, fez Condado chamado ho Condado de Portugal, com tal condição, 'q ho Conde D. Anrique ho servisse, e fosse às suas Cortes, e chamados, e **sendo caso**

que fosse doente, ou tivesse legitimo impedimento a nom poder là hir, lhe mandasse hum dos mais principaes de sua terra ha seu serviço com trezentos de cavallo, nom avendo naquelle tempo mais naquella terra de Portugal. (CHPTB: DG, século XV)

c. O dinheiro que se deu por ela já tenho dito muitas vezes a Vossa Excelência que se não pode trocar por outro, pois está dado, mas poderia Duarte Nunes aplicar outra tanta quantia ao negócio para que se há mistér êste, **pôsto que a importância de Sua Majestade ter navios é tão grande e tão precisa, que sempre eu seria de parecer que aqueles cem mil cruzados se não divertissem para outra cousa, salvo em caso que dêles dependesse o negócio de Veneza, que sempre está diante de tudo;** mas Duarte Nunes, com as remessas que agora se lhe fizeram, está tão acreditado que sôbre seu crédito pode tomar tudo quanto fôr necessário. (CHPTB: CAV, século XVII)

d. Mas eu estou persuadida que ela é capaz do maior heroismo e que, certa do excessivo dano que causa a João do Rêgo, será ela mesma quem solte a palavra dêste honrado homem e admita qualquer outra proposição digna dela, e neste mesmo acto provará que os seus grilhões só eram de honra e de dignidade e que o brio é só quem os quebra, quando tôda a fôrça foi inútil. Estas idéias elevadas podem muito com uma mulher de juízo e são a melhor refutação de tôdas as calúnias. **Dado o caso que o que me lembra seja possível, não cuide V. A. que fico descansada.** (CHPTB: MA, século XVIII)

Observa-se nas ocorrências acima que o esquema $[[X \text{ CASO}_N \text{ QUE}] \text{oração}_i]$ atua em uma construção que pode ter a seguinte interpretação: a partir da causa não preenchida descrita na oração adverbial há um possível resultado/consequência evidenciado na oração principal. Consideramos tais microconstruções para nossa análise a partir da hipótese de que construções complexas introduzidas por *que* podem ter levado o nome *caso* a integrar a rede de microconstruções conectivas $[X \text{ N } \text{QUE}]_{\text{CONNECT}}$ com valor condicional.

Além disso, consideramos para as análises os dados que apresentassem o nome *caso* seguido da preposição *de*, conforme ilustramos a partir das ocorrências a seguir.

- (50) a. Põe-se a chaleira no meio da mesa, collocam-se as chiearas por detraz ; têm-se dois bules de prata, um para o chá preto, que é o que se- toma vulgarmente, o outro para o chá verde, no caso de que alguém o peça; **deve haver um terceiro bule de porcelana contendo agua a ferver, para o caso de que alguém ache o chá forte.** (BBM: CC, Século XX)

b. Pelo que tenho dito e comprovado com as opiniões de notáveis escriptores, que hei citado, bem vêem os que me tem lido, que dado **não é a qualquer credor reconsiderar aquillo que se praticou em sua presença e com seu assentimento, principalmente, na reunião de credores, e que passou em julgado, salvos, bem se vê, os casos excepcionaes de dolo e força maior, que, porventura, tivessem intervindo na verificação dos credits.** (CHPTB: JBII, Século XIX)

Em (50a), há relação condicional entre as orações: o evento da oração principal (*deve haver um terceiro bule de porcelana contendo agua a ferver*) é marcado como efeito/consequência provável do evento que constitui sua condição, expresso na oração introduzida por *para o caso de que* (*alguém ache o chá forte*), ou seja, podemos parafrasear por: *se alguém achar o chá forte, deve haver um terceiro bule de porcelana contendo agua a ferver*. No exemplo (50b), do mesmo modo, o evento - *reconsiderar aquillo que se praticou em sua presença e com seu assentimento, principalmente, na reunião de credores, e que passou em julgado* - é apresentado como resultado/efeito do evento hipotético (*tivessem intervindo na verificação dos credits*), veiculado na oração introduzida por *salvo o caso de que*.

Os exemplos de *no caso de* e *em caso de*, em (51), embora não apresentem valores circunstanciais hipotéticos, são dados importantes para análise, pois podem ser microconstruções fonte para criação de locução adverbial com *caso*, como se vê adiante em (52).

(51) a. Aos primeiros sinais de que o general Dutra reagiu à manobra involutiva e reacionária, o PSD trocou o sorriso de subserviência pelo rictus de desprazer e de ameaça. A resistencia às primeiras medidas de pacificação nacional tomou vulto, a ponto de refletir-se **no caso da Bahia**, que ainda continua sem interventor; e a audacia do partido majoritário culminou, por fim, com a negativa na Constituinte de saudar as forças armadas pelo golpe de 29 de outubro. (CHPTB: JB, Século XX)

b. A Italia, aliás, não insistiu muito **nesse caso da fronteira com a França** porque antes de tudo está interessada em restabelecer a solidificar a amizade com a "irmã latina". Muito mais interessada nessa amizade do que em alguns poucos quilometros quadrados nos Alpes. Mas o exemplo é ilustrativo. (CHPTB: JB, Século XX)

As expressões adverbiais representadas nas ocorrências em (52) parecem configurar um contexto anterior ao desenvolvimento das microconstruções conectivas complexas *em caso de* e *no caso de (que)*.

(52) a. Shows, distribuição de brindes e interação com a comunidade, além da participação de comunicadores da RBS, integram a programação. **Em caso de chuva, o evento será cancelado.** (PORPOPULAR: DG, Século XXI)

b. Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. **A Brites aconchegava-se do vigário a fim de, no caso de intervenção diabólica, se encostar à coluna da Igreja. Luís meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estúpido a chegada da mulher.** (CHPTB:CCB, Século XIX)

Em razão do nosso foco principal, que é descrever a emergência de conectivos condicionais com *caso*, considera-se como objeto de análise as microconstruções procedurais que atuam como introdutoras de construção adverbial condicional, tanto de base morfológica simples quanto complexa, conforme ilustramos abaixo.

Os padrões construcionais exemplificados em (53) correspondem ao conectivo complexo em uma oração condicional, sancionado pelo subesquema $[[(\textit{em}) (\textit{o}) \textit{caso} (\textit{em}) \textit{que}]]$ CONECT $\textit{oração}_i$]_{condição}

(53) a. Contentou-lhe muito a prática, e me pediu que lhe fizesse um papel, e que lho mandasse no correio seguinte por mão de Monsieur Brasset, traduzido em francês, porque em chegando o queria comunicar logo ao Cardial; eu o fiz ao senhor Embaixador que o aprovou muito. **No correio que vem mandarei a Vossa Excelência uma cópia do papel, e agora quis fazer êste aviso por maior, para que Vossa Excelência tivesse notícias de tudo o que cá passámos com Monsieur de Estrada, em caso que êle chegue primeiro, que cuidado não será, porque nos disse vai directamente ao exército.** (CHPTB: CAV, Século XVII)

b. Julgue agora Castela se terá esse interesse cobiçosos e este empenho imitadores. **Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação), que, no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao Turco que a Castela.** (CHPTB: PAV, Século XVII)

c. E hei por melhor, quanto a esta parte, ficarem as coisas na ordem do direito comum. **E se, no caso que houvésseis de fazer o concerto, eles o não quiséssem fazer sem este capítulo, vós em**

nenhuma maneira o fareis; por que a coisa atrás dita hei por bastante por ela só o não fazerdes. (CHPTB: CDJ, Século XVI)

d. Porque, caso que a carta se devesse dar, sendo mal julgado cá como eles dizem, que ao menos o ver-se se foi bem julgado ou mal não pode deixar de ser razão ver-se e julgar-se primeiro que dar a carta; por que forte coisa seria dar-se a carta por dizerem lá os que a pedem, - que não são de crer, - que cá lhe não fizeram justiça, e isto crer-se-lhe sem ordem de justiça, nem sem se verem os processos e tudo o mais que para a clareza disto é razão e direito que se veja. (CHPTB: CDJ, Século XVI)

Entre os diferentes padrões construcionais, selecionamos, além disso, para análise, as orações introduzidas pelos conectivos complexos formados com a preposição *de*, representadas pelo subesquema [*em (o) caso de (que)*] CONNECT oração_i condição, como exemplificamos em (54).

(54) a. Porém, tendo por certa a perda e não menos o favor de El-Rei antigo, ***em caso de se oporem ao moderno, se acomodavam a participar os perigos da contingência com a firme esperança do prêmio seguro.***(CHTB:FMMTP, Século XVII)

b. Negociei, trabalhei e venci tudo, e escrevo ao Príncipe, dizendo-lhe que, se quere a glória que lhe ofereço, me mande uma simples carta de recomendação para esta Côrte, que me autorize a aparecer em público, o que ainda não fiz nem posso fazer dignamente sem ela. Em troca disto, ofereço-lhe da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e o excedente das fôrças que ela precisa para sua própria defesa, concordando S. A. R. em conceder aos realistas os socorros que lhe prometeu, se a concordância destas duas potências existisse. **Remeto a V. Em.^a a carta para o Príncipe pelo Ministro de Inglaterra que, no caso de achar a V. Em.^a molesta, entregará êle mesmo a S. A. R.**(CHPTB:MA, Século XVIII)

c. Põe-se a chaleira no meio da mesa, collocam-se as chiearas por detraz ; **têm-se dois bules de prata, um para o chá preto, que é o que se- toma vulgarmente, o outro para o chá verde, no caso de que alguém o peça;** deve haver um terceiro bule de porcelana contendo agua a ferver, para o caso de que alguém ache o chá forte. (BBM: CC, Século XX)

Consideramos, por fim, o conectivo simples com *caso* em construções complexas condicionais (cf. (55)), o qual faz parte do subesquema [*caso*] CONNECT oração_i condição.

(55) No outro dia tudo correu como o sr. Estevão havia disposto. Em uma hora convencionada, e a

um signal do patife, Domingas chamou seu senhor a parte, e soprou-lhe no ouvido que no quarto da senhora estava um preto detraz da porta. O sr. Bento crendo que fosse algum ladrão, disse aos parceiros: - Que engraçada cousa! Diz-me a preta que no meu quarto está um preto detraz da porta!.. - Algum miseravel ladrão disse o sr. Estevão. - **Sem duvida; mas peço a dois dos senhores para irem por fóra, e cortarem-lhe a passagem pela janella, caso elle queira por ali evadir-se.** Eu, e os mais senhores, vamos ao quarto. (CHPTB: AGT, Século XIX)

Como evidenciamos anteriormente, para este estudo foram consideradas apenas as microconstruções que apresentam a noção circunstancial hipotética e/ou condicional. Se a construção descrevia uma situação factual, ou outros sentidos que se distanciam do nosso objetivo de estudo que é analisar a trajetória de formação de conectivo condicional, era excluída da pesquisa; mas se apresentasse alguma nuance semântico-pragmático relacionada à conjectura ou estivesse em alguma estrutura importante para algum estágio de mudança, era selecionada para a análise. Sintetizamos, no Quadro 10, a seguir, quais tipos de microconstruções com *caso* foram selecionadas para esta pesquisa. Na primeira coluna, estão as microconstruções em que *caso* atua como nome, já na segunda coluna, estão expostas as diferentes microconstruções conectivas com *caso* que foram consideradas para análise.

Quadro 10– Síntese dos dados selecionados para análise.

| DADOS SELECIONADOS | |
|---|---|
| MICROCONSTRUÇÕES NOMINAIS COM CASO | MICROCONSTRUÇÕES CONECTIVAS COM CASO |
| [PREP PRON DEM caso_N] | [[em caso que] CONECT oraçãoi] CONDIÇÃO |
| <i>Se chovesse, neste caso eu não iria ... nesse caso ... em tal caso</i> | <i>em caso que chova</i> |
| [PREP caso_N fortuito] | [[no caso (em) que] CONECT oraçãoi] CONDIÇÃO |
| <i>por caso fortuito</i> | <i>no caso em que dissesse</i> |
| [[V caso_N que]oraçãoi] | [[no caso de (que)] CONECT oraçãoi] CONDIÇÃO |
| <i>sendo caso que dissesse havendo caso que .. salvo caso que.. dado caso que..</i> | <i>no caso de chover no caso de que me dissesse</i> |

| | |
|--|--|
| [[PREP caso_N (de) que] oração_i] | [[em caso de] CONECT oração_i] CONDIÇÃO |
| <i>para o caso(s) (de) que dissesse no(s) caso(s) (de) (em) que .. em caso(s) que ..</i> | <i>em caso de dizer em caso de chover</i> |
| [[PREP caso_N de] X] | [[caso] CONECT oração_i] CONDIÇÃO |
| <i>para caso(s) de ter dito em caso(s) de emergência no(s) caso(s) de Maria</i> | <i>caso chovesse caso chova</i> |

Fonte: Autoria nossa.

Seguindo tal proposta, foram filtradas as instâncias da construção com *caso*, resultando em 300 instâncias, das quais 174 são microconstruções nominais, e 126 correspondem às microconstruções procedurais conectivas. A Tabela 2 demonstra esse resultado.

Tabela 2 - Microconstruções selecionadas para análise e descrição.

| <i>Types</i> | XIII | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX | XXI | Total de tokens |
|---------------------------|-------------|------------|-----------|------------|-------------|--------------|------------|-----------|------------|------------------------|
| MicroCxt Nominal | 1 | 1 | 31 | 13 | 18 | 19 | 26 | 36 | 29 | 174 |
| MicroCxt Conectiva | - | 1 | 1 | 8 | 21 | 19 | 18 | 24 | 34 | 126 |
| Frequência token | 1 | 2 | 32 | 21 | 39 | 38 | 44 | 60 | 63 | 300 |

Fonte: Autoria nossa.

Nesta tese, analisamos as diversas mudanças graduais que ocorrem com as microconstruções com *caso* através das sincronias do português de acordo com um conjunto de

parâmetros formais e funcionais. Tais parâmetros serão descritos detalhadamente a seguir, na próxima seção.

2.4 Parâmetros de análise

Descrevemos as microconstruções com *caso* de acordo com um grupo de fatores de análise de forma e de significado os quais seguem os critérios definidores de conjunções adverbiais proposto por Kortmann (1997), bem como os parâmetros de condicionalidade de Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005). Em nossa análise, os parâmetros formais e semântico-pragmáticos foram articulados às propostas de Bybee (2016), no que diz respeito aos processos cognitivos de domínios gerais, de Diewald (2002, 2006), Diewald e Smirnova (2012) e Diewald (2020) para os contextos de mudança e paradigmaticidade, e de Traugott e Trousdale (2021), em relação às propriedades construcionais de esquematicidade, produtividade e de composicionalidade, como discutimos adiante.

2.4.1 Parâmetros formais

(i) Caracterização formal da microconstrução com *caso*

O primeiro parâmetro de análise relaciona-se à identificação das diferentes microconstruções do *corpus* da pesquisa. Sendo assim, separamos, primeiramente, os dois tipos de microconstruções com *caso* que serão analisadas: (i) *microconstruções nominais* e (ii) *microconstruções procedurais*; para depois identificar quais são os subtipos encontrados. Como exemplo, há em (56) uma microconstrução classificada como nominal e em (57) uma microconstrução que é procedural.

- (56) E eu respondi-lhe:- Quero que o senhor atire primeiro. Antes, porém, chegue-se á esta mesa, e escreva uma declaração, como lhe eu dictar. **Com effeito, o homem chegou-se para mesa, conservando-me em distancia delle de modo que me podesse servir de minhas pistolas, no caso de aperto.** (CHPTB: AGT, Século XIX)
- (57) Ao capital, nacional ou estrangeiro, invertido em serviços de utilidade publica deverá ser garantida, em quaisquer circunstancias, a integridade, além de uma razoavel remuneração durante o tempo em que estiver ligado á execução dos serviços. **No caso de ser importado o capital, essas garantias respeitarão a moeda de origem.** (CHPTB: JB, Século XX)

Em (56), note-se que *caso* atua como nome e faz referência à situação hipotética de *aperto*. Já em (57), *no caso de* funciona como conectivo complexo de uma oração adverbial condicional, relacionando, portando, duas orações: a oração principal – *essas garantias respeitarão a moeda de origem* – com a oração adverbial (*no caso de ser importado o capital*).

Objetivamos, a partir da análise deste parâmetro, descrever as características estruturais e semântico-pragmáticas dessas microconstruções de modo a evidenciar em que momento da história do português o nome *caso* passa a também ser usado como conectivo de uma construção que expressa condicionalidade.

(ii) Determinantes de *caso* na construção

Esse critério de análise verifica a forma do determinante que antecede *caso* na microconstrução nominal ou conectiva, conforme observamos nas ocorrências (58-65).

Ausência de determinante

(58) Aos curas que achava de boa vida e costumes, que faziam bem seu ofício, honrava, e punha-os à sua mesa, e tinham nele sempre amigo certo. Com os homens e molheres que achava embaraçados e em mau 'stado usava de um meio diferentíssimo do que hoje anda em costume - costume pernicioso e porventura fomentado polo enemigo comum, que procura acrecentar pecados e pecadores, e não ver nenhum emendado. Mandava aos abades e curas que, sendo os cômlices ambos solteiros, lhes fizessem perguntas se queriam casar e, vindo nisso, os recebessem logo, não havendo impedimento; e, **em caso que** não quisessem casar, de nenhuma maneira se lhes levasse pena pecuniária. (CHPTB: LS, Século XVI)

Artigo definido

(59) Se a minha informação é exata, e há possibilidade de que, por uma transferência do Faria, Paris venha a ficar vago, e se torne regular então a apresentação da minha candidatura- tu farás, **no caso que** seja necessário dar logo alguns passos, aquilo que a tua amizade te sugerir.(CHPTB: EQOM, Século XIX)

(60) De passagem: esta resposta não é lá muito para louvar-se. A melhor e mais eloquente resposta que uma senhora grave deve dar a uma declaração, é o voltar costas ao atrevido, sem gestos,

sem palavras, e sem rudeza: **no caso de** se tornar elle pertinaz e impertinente, como o sr. Estevão, o melhor meio é evita-lo, e evita-lo á todo o custo; mas nós desculpamos uma moça, que timbrava de ser honesta (e o era), que aborrecia a um demonio, que a importunava sempre, accrescendo que sua educação não era lá mito fina e muito cuidada. (CHPTB: AGT, Século XIX)

Artigo e pronome demonstrativo

- (61) Nom afroxando per fraqueza de voontade, nem nos torvando por trigança com grande acrecentamento della, mas determynando seguramente o que he bem em cada hu~u~ feito, nom se recrecendo **em el tal caso que** seja razom fazer mudamento no começado, nom leixemos nosso proposito por suas mudanças, ante com boa deligencia per graça do senhor contynuemos ataa vi~i~r a fynal conclusom de nosso desejo. (CIPM: LC, Século XV)

Pronome indefinido e artigo

- (62) Depois, com effeito, de observar que a theoria predita, << rectificando este e outros pontos de doutrina, tem assentado, com verdade, que a nullidade dos contractos, **em todos os casos em que** era attribuida á influencia do erro, procede realmente de causa diversa >>, e de ter indicado casos em que, quaes os de defeito ou preterição de solemnidades externas, de solemnidades internas e doutros requisitos ou elementos cardeaes, os contractos são nullos por esses mesmos defeitos e não por erro essencial, escreve o illustre jurista: O discriminar os casos em que o vicio do contracto está, não no erro, mas na ausencia de elementos essenciaes á sua formação, isolando o que é assim propriamente effeito do erro, e não de causas estranhas, tem consequencias de inestimavel valor pratico. (CHPTB: JBII, Século XIX)

Pronome indefinido

- (63) E poreu he de proveer **em qualquer caso que** a tristeza venha, se o corpo he em boa disposiçom e saude, por que ainda que per aquel aazo nom venha, a tristeza meesma traz desordenança do corpo, a qual sempre requiere enmenda, por que a faz acrecentar. (CIPM: LC, Século XV)

Pronome demonstrativo

- (64) Ao doente não se lhe há de fazer a vontade, e que ele por então o não conheça , depois o

conhecerá, e agradecerá. Calídio Aquele é forte ponto. Vejamos que ali responde o nosso procurador. Vidal *Nesse caso que* dizes, o que jaz doente; jaz fraco, e não pode fazer mais que ameaçar. Nest' outro poente logo as mãos, e vingam-se. (CHPTB: FSM, Século XV)

- (65) E havendo-vos vós de vir, porque não podereis vir tanto depressa , me enviareis logo em diligência recado de como vós vindes, e o modo em que deixais o negócio, tudo muito declaradamente. E *neste caso de* deixardes assentado o concerto, e vir cá a minuta dele, como dito é, vós vos podereis vir em boa hora; porque não será lá mais necessária vossa estada. (CHPTB: CDJ, Século XVI)

A justificativa desse critério está pautada nas propostas de Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021) em relação às propriedades de analisabilidade e composicionalidade. Pressupõe-se que à medida que o nome *caso* enfraquece seu significado referencial e se torna mais frequente em contextos mais abstratos e procedurais, há menor grau de composicionalidade semântica e analisabilidade sintática da construção.

Assim, com base em Kortmann (1997), nossa hipótese é que na trajetória de nome à conectivo adverbial, os sentidos de *caso* se tornam opacizados e, conseqüentemente, suas propriedades nominais vão se perdendo. Espera-se, nesse sentido, que nas microconstruções nominais com *caso* ainda se encontrem usos de determinantes variáveis e complexos, porém, em microconstruções conectivas, a expectativa é de que haja ausência de determinantes ou presença fixa de determinante simples³⁹, como o artigo definido que ocorre em alguns conectivos complexos com *caso* (*no caso de/ no caso que*).

(iii) Modificadores de *caso* na construção

Com esse terceiro parâmetro formal, buscou-se averiguar quais os tipos de modificadores que atuam sobre o nome *caso* na construção. O nosso propósito com esse parâmetro é atestar que modificadores deixam gradualmente de ocorrer quando *caso* passa a integrar microconstruções procedurais.

Ausência de modificadores

³⁹ O artigo definido é classificado no português como um determinante de natureza simples. (SOUZA E SILVA; KOCH, 2011)

- (66) Isto quanto às nossas conquistas; e não falo nas do Brasil e Angola, porque destas não parece conveniente conceder coisa alguma à França, sem muito conhecida e superior utilidade, a qual se não pode facilmente considerar senão **em caso que**, ficando França em guerra com Holanda, nos ajudasse a conquista daquelas terras e praças. Mas também vejo que, no tal caso, nós bastaríamos para as recuperar. (CHPTB: CAV, Século XVII)
- (67) Negocieei, trabalhei e venci tudo, e escrevo ao Príncipe, dizendo-lhe que, se quere a glória que lhe ofereço, me mande uma simples carta de recomendação para esta Côrte, que me autorize a aparecer em público, o que ainda não fiz nem posso fazer dignamente sem ela. Em troca disto, ofereço-lhe da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e o excedente das fôrças que ela precisa para sua própria defesa, concordando S. A. R. em conceder aos realistas os socorros que lhe prometeu, se a concordância destas duas potências existisse. Remeto a V. Em.^a a carta para o Príncipe pelo Ministro de Inglaterra que, **no caso de** achar a V. Em.^a molesta, entregará êle mesmo a S. A. R. (CHPTB: MA, Século XVIII)

Oração relativa

- (68) Emfim quero suppor que em nenhum desses casos, que apresento, houvesse verdadeiramente phtysica, que mesmo **no caso que me servio de experiencia** não a houvesse, posto que estou convencido da existencia della, principiando,- quero suppor, disse, e conceder até isso;- muito pouco custa, e por tanto deixo estas considerações para alguém, que mais habilitado estiver do que eu, pensar sobre ellas, e ver emfim se por esse meio que proponho se pode arrear por um pouco mais da sociedade este terrivel flagello. (CHPTB: JBI, Século XIX)

Sintagma Preposicional

- (69) O bahiano tem a grande qualidade de saber distinguir o joio do trigo. Entre os brasileiros de outros Estados que aqui chegam, o moço bahiano sabe escolher entre o mandrião e o dinâmico, entre o inteligente e o cretino. **No caso do futebol** é a mesma coisa. Muitos quadros têm vindo à Bahia, mas, nenhum apareceu tantas vezes, em tão pouco tempo, quanto o América do Recife. E' que os bahianos gostam da fidalguia nos desportos, da disciplina e valor técnico no profissionalismo. E o América reúne essas qualidades. (CHPTB: JB, Século XX)

A escolha desse critério tem as mesmas motivações da análise dos tipos de determinantes na construção com *caso*. Entendemos que, nos passos finais da construcionalização gramatical, o uso de modificadores se tornarão cada vez menos frequentes.

À vista disso, supõe-se que há perda gradual de composicionalidade, como defendem Traugott e Trousdale (2021), e há uma constante fusão entre os elementos da microconstrução, segundo propõe Kortmann (1997) levando à perda de analisabilidade, nos termos de Bybee (2016).

(iv) Tipo de material interveniente na microconstrução com *caso*

Por meio desse parâmetro, verifica-se os diferentes elementos que podem ocorrer na microconstrução entre o nome *caso* e o complementizador *que* ou preposição *de*.

Ausência de material interveniente

- (70) A quynnta, que pois nosso senhor he fonte, comprimento e perfeiçom de toda virtude, que de todo [que] per el foi ordenado sejamos contentes, ou creamos fymemente que o devemos seer, sabendo que al nom pode nem deve seer bem feito nem bem ordenado, ainda que o desejemos ou nos razom pareça, dizendo ***em caso que*** tal duvyda ou contradizimento da voontade syntamos: Senhor, nom assy como eu entendo nem quero, mas como tu. (CIPM: LC, Século XV)
- (71) Este, acabado o sermão, disse: Eu estava esperando, quando veio Sales, se pregaria ou se o deixaria para outra ocasião melhor; e juro que se não pregasse, me tornava a meus antigos erros e desamparava a fé católica. Mas, ainda ***no caso que*** ninguém se converta, nem o trabalho do operário fica inútil nem a palavra de Deus infecunda, porque o procurar a salvação dos próximos sempre assegura e promove a salvação própria. (CHPTB: MB, Século XVII)

Oração relativa

- (72) Vinte e quatro Capítulos cheos de promessas, que Filippe jurou a este reyno, quasi todos se quebraraõ, tendo no fim delles, que ***sendo caso, o que Deos não permittisse, nem se esperava, que*** o Serenissimo Rey Dom Filippe, ou seus Successores, não guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxação do juramento, os tres Estados destes Reynos não seriaõ obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a sugeição, e vassallagem, e que lhe não obedecessem, sem porisso incorrerem em perjuro, crime lesæ Majestatis, nem outro máo caso algum. (CHPTB: MC, Século XVII)

Sintagma Adjetival

- (73) E se tanto tem valido e importa a Portugal o conhecimento de seus futuros, ***em todos os casos maiores que*** podem acontecer a um reino; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a coroa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe acrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a elas e se restituiu a si mesmo, oh! quanto mais necessário lhe será a Portugal e quanto mais útil e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros sucessos para aquelas empresas novas, e muito maiores, que nos tempos que hão-de vir (ou que já vêm) o esperam! Não se poderá compreender a grandeza e capacidade desta importância, senão depois de lida toda a História do Futuro, na qual só se medirá bem a imensidade do objecto com a desigualdade do instrumento. (CHPTB: PAV, Século XVII)
- (74) Pelo que tenho dito e comprovado com as opiniões de notaveis escriptores, que hei citado, bem vêem os que me tem lido, que dado não é a qualquer credor reconsiderar aquillo que se praticou em sua presença e com seu assentimento, principalmente, na reunião de credores, e que passou em julgado, ***salvos, bem se vê, os casos excepcionaes de dolo e força maior, que***, porventura, tivessem intervindo na verificação dos creditos. (CHPTB: JBII, Século XIX)

Sintagma adjetival e verbo

- (75) O #XIIIº he que saibha como se fazem as despesas, e nom lhe seja ascondido qual quer proveito que spere do negocio que a elle perteece, e nom seja cousa que os subdictos se possam delle querellar nem fazer algu~u~ queixume, ***salvo em os casos suso dictos, scilicet que*** pertecam e aproveitem aa rreal magestade. (CIPM: LC, Século XV)

*O XIII é que saiba como se fazem as despesas e não lhe seja escondido qualquer proveito que espera do negócio que a ele pertence, e não seja coisa que os subdictos se possam dele contestar nem fazer alguma reclamação, salvo em os casos anteriormente citados, isto é, que pertençam e aproveitem a real majestade.*⁴⁰

Procura-se analisar, por meio desse parâmetro, os graus de esquematicidade e composicionalidade das construções com *caso*. A pressuposição por trás desse parametro é de que na formação de conectivo adverbial ocorrem mudanças na composicionalidade da construção que levam à formação de *chunks*. Assim, quanto mais os elementos da construção

⁴⁰ Tradução com base no dicionário de latim de Rezende e Bianchet (2014).

são utilizados juntos, menor será a probabilidade de encontrarmos material linguístico interveniente (sintagma adjetival, oração, verbo). Desse modo, espera-se que em ocorrências com microconstruções nominais seja possível a presença de elementos intervenientes variados; acreditamos, no entanto, que as microconstruções procedurais não vão admitir a presença de elementos entre *caso* e *que* ou entre *caso* e *de*, uma vez que para se configurar como microconstrução conectiva complexa, tal como sugere Kortmann (1997), é necessário um maior grau de fusão entre a base nominal e a partícula subordinadora.

(v) Flexão de *caso* na microconstrução

Considera-se, em nossas análises, a propriedade flexional de número de *caso* que pode ocorrer no *singular* (cf. (76)) ou no *plural* (cf. (77)).

(76) O assistente uruguaio Pablo Fandiño foi atingido com um cubo de gelo na cabeça, e o árbitro Jorge Larrionda suspendeu o jogo um minuto antes do tempo estipulado. Além da perda do mando, o Boca foi punido com multa de US\$ 30 mil (cerca de R\$ 50 mil). Assim, o atual campeão da América livrou-se da pena máxima, que era a perda pelo placar de 3 a 0. **Diante disto, na semana que vem, em Minas Gerais, o Cruzeiro só passará de fase se vencer por 1 a 0 ou por dois gols de diferença (no caso de o Boca marcar algum).** (PorPopular: DG, Século XXI)

(77) Quem defende o parcelamento, justifica: **Reduz o impacto nos casos de multas gravíssimas, que chegam perto de R\$ 1 mil.** Dará mais chance de pagamento para quem usa o carro para trabalhar, como os taxistas. (PorPopular: DG, Século XXI)

Visto que em passos mais avançados da construcionalização gramatical as microconstruções com *caso* deixam de apresentar características da categoria de nome, a expectativa é a de que ao desenvolver-se como conectivo adverbial, tanto simples, quanto complexo, *caso* permaneça no singular e não permita mais variações flexionais de número.

(vi) Posição da microconstrução com *caso*

Verificamos, ainda, a posição de *caso* na oração, cujo item pode ocorrer em posição final, após à oração, conforme ilustra a ocorrência em (78) e, em posição inicial, antes da oração, como demonstrado em (79) e (80).

Posição final

- (78) Aos primeiros sinais de que o general Dutra reagiu à manobra involutiva e reacionária, o PSD trocou o sorriso de subserviência pelo rito de desprazer e de ameaça. **A resistencia às primeiras medidas de pacificação nacional tomou vulto, a ponto de refletir-se no caso da Bahia**, que ainda continua sem interventor; e a audácia do partido majoritário culminou, por fim, com a negativa na Constituinte de saudar as forças armadas pelo golpe de 29 de outubro. (CHPTB: JB, Século XX)

Posição inicial

- (79) Póde-se também preparar os gelados convertendo as peras em marmelada; **n'este caso, porém, elles perdem a maior parte do seu perfume**. (BBM: CC, Século XX)
- (80) Faço, e sobre esta mesa deixo esta solemne declaração; para que, **no caso de eu morrer, não seja o dito senhor tido, como um vil assassino**. “Villa de Parahyba do Sul, 13 de dezembro (pouco depois da meia-noite) de 1838. (CHPTB: AGT, Século XIX)

Observe-se que, em contextos circunstanciais, a microconstrução com o nome *caso*, em (78) e (79), aparece em posições mais salientes, as quais variam entre posição inicial da oração, ou posição final (pós oração), em razão de sua característica de modificação adverbial. Por outro lado, ao se constituir como microconstrução conectiva adverbial, conforme demonstra o exemplo em (80), vê-se que a ordem de *no caso de* na oração não pode ser alterada sem afetar sua gramaticalidade, mantendo-se fixamente na posição inicial, com função pragmática de tópico na oração.

Com esse critério de análise, pretendemos demonstrar que, à medida que as microconstruções com *caso* se consolidam na rede linguística, via neoanálise, maior a produtividade em padrões colocacionais que são típicos da classe dos conectores, os quais apresentam, segundo Kortmann (1997), posição invariável à margem esquerda de uma oração hipotática. A confirmação desse resultado nos permite, assim, atribuir a essas microconstruções *status* categorial de conectivo adverbial.

(vii) Função sintática da microconstrução com *caso*

Esse parâmetro controla a função sintática de *caso* na oração. Nas microconstruções nominais, encontram-se *caso* com *função argumental* de objeto (cf. (81)), e de complemento nominal (cf. (82)). Não são possíveis os usos hipotéticos de *caso* em posição de sujeito da oração, pois, nesta função, o nome *caso* integra um sintagma nominal o qual é sempre utilizado para retomar ou enfatizar um evento concluído/realizado – dado este não considerado na pesquisa.

Função argumental

(81) **A Italia, aliás, não insistiu muito nesse caso da fronteira com a França porque antes de tudo está interessada em restabelecer a solidificar a amizade com a "irmã latina".** Muito mais interessada nessa amizade do que em alguns poucos quilômetros quadrados nos Alpes. Mas o exemplo é ilustrativo. (CHPTB: JB, Século XX)

(82) Prezado Amigo Dr. Dantas Junior Muito e muito grato por todo o seu interesse **no caso do recurso de habeas corpus**, cuja derrubada constitui uma brilhante vitória. (PROHPOR: CP, Século XX)

Há instâncias em *função não argumental* em que a microconstrução com *caso*, que se comporta como adjunto adverbial, introduz uma oração simples, tal como representada na ocorrência (83), e instâncias em que *caso* atua como conector e, portanto, encabeça uma oração complexa, ilustrada pela ocorrência em (84).

Função não argumental em oração simples

(83) O especialista, que exerceu a função durante oito anos, dá uma boa notícia para condutores comuns: **No caso do freio com ABS, a diferença entre um profissional e um amador é mínima.** Esse equipamento praticamente iguala as coisas e deixa a moto muito mais segura. (PorPopular: DG, Século XXI)

Função não argumental em oração complexa

- (84) Prezado e Digníssimo Dr. Dantas Junior, Meus respeitosos e cordiais, cumprimentos extensivos à Excelentíssima Família. Fui, novamente, esse ano, removida para Rio Real (sede). O Dr. Alvaro Silva assim que se positivou a 1ª vaga se lembrou de mim; até me comunicou no mesmo dia, por telegrama. A minha substituída que é a profª Maria Conceição Gavazza e que foi 1v. removida nas mesmas condições, foi agora efetivada na Escola da Pojuca e eu ainda continuo interina. **Eis o meu pedido, no caso de vos ser possível. A cadeira de Teotonio, é para mim de todo inconveniente; pois a saúde ali me foi assás prejudicada.**

A exemplo dos critérios descritos anteriormente, com a verificação deste parâmetro de análise, busca-se traçar os micropassos de mudanças construcionais com *caso* de modo a evidenciar as perdas graduais de seus traços nominais. Analisamos, de tal modo, as diferentes posições sintáticas do nome *caso* na construção, as quais permitem funções que também variam. Ao assumir significado procedural, no entanto, pressupõe-se que a microconstrução conectiva com *caso* perda variabilidade sintagmática, se fixe à margem da oração, deixe de apresentar função argumental, e passe a desempenhar a função de introduzir uma oração complexa circunstancial.

(viii) Arranjo linear da oração condicional em relação à oração matriz

Sob este parâmetro, verificamos a posição da oração hipotática introduzida pelos diferentes conectivos formados com *caso* em relação à oração principal. O objetivo é mapear diacronicamente as diferenças de uso entre as microconstruções conectivas, além de verificar as mudanças graduais nas propriedades de esquematicidade e produtividade de cada microconstrução através dos séculos.

Uma característica básica das orações adverbiais é que elas podem ocorrer tanto antes quanto depois da oração associada (DIESSEL, 2013). Como ilustrado pelos exemplos a seguir, as orações adverbiais, aqui, analisadas apresentam variabilidade quanto ao seu arranjo linear, podendo ser *anteposta*, *intercalada* e *posposta* à oração principal.

Anteposta

- (85) Deite-se um pouco de manteiga n'um prato que vá ao fogo; ponha-se a fogo brando; quando a manteiga estiver derretida, quebrem-se os ovos no prato, tendo cuidado em não desfazer a gemma; salpiquem-se de sal e de pimenta. Logo que as claras estejam presas, tire-se e sirva-se.

No caso de os ovos não estarem fritos por igual, passe-se uma pá em braza sobre os sitios que estiverem menos cozidos. (BBM: CC, Século XX)

- (86) Quanto às terras, **em caso que não tenhamos paz com os holandeses se pode capitular com França que, ajuntando na Índia ambas as coroas duas partes iguais de poder, ou oculta ou declaradamente (segundo o estado em que França ficar com os holandeses) se faça uma liga contra êles,** com a qual lhes faremos uma poderosa e mui proveitosa guerra, assim nas terras que ocupam na Índia, como nos mares em que comerceiam, partindo-se igualmente entre as duas corôas tanto as presas como as fortalezas e terras que se tomarem, em que Portugal cederá o seu direito à França, pela parte que lhe couber, a qual parte melhor é que a possuam católicos, ficando da outra excluídos os hereges. (CHPTB: CAV, Século XVII)
- (87) Item: **no caso que o concerto se houver de concluir, tereis sempre lembrança de se fazer no segredo modo do que por vossa carta me dizeis,** e de os pagamentos do dinheiro serem aos mais largos tempos que vos seja possível, porque assim cumpre para se melhor poderem pagar; e também neste negócio todo o mais tempo, que for possível este dinheiro contrato estar sem se entregar, pode ser muito proveitoso. (CHPTB: CDJ, Século XVI)
- (88) Em razão da forte rejeição dos torcedores ao nome de Adilson, a estratégia seria anunciá-lo em meio a Copa do Mundo e junto com algum reforços de impacto. **Caso não haja acerto com Adilson, restará ao Inter pagar a multa de 2,3 milhões de dólares (R\$ 4,1 milhões) para tirar Abel Braga do Al Jazira (Emirados Árabes Unidos).** O treinador já admitiu que voltaria correndo ao Inter. (PorPopular: DG, Século XXI)

Intercalada

- (89) Otto: Ouço o Concerto de “Vassovia”. E cedo a um impulso. Digo impulso porque não pretendia, depois do que aconteceu, por-me no seu caminho novamente. E estou certa que se a música cessar, eu o impulso também cessará. **Quem lhe escreve é uma amiga – caso possa ser considerada “ainda” como tal – que sentiu necessidade de conversar com você.** É como se discasse para 10-50. (PROHPOR: CP, Século XX)

Posposta

- (90) Tirem-se os dois queixos, e corte-se a extremidade do focinho. Lave-se o resto em agua, juntamente com os outros miúdos; branqueiem-se em agua a ferver, e cozam-se em caldo. Junte-se toucinho do peito cortado em bocados pequenos, uma capella de cheiros com tomilho e louro (**pôde supprimir-se o louro no caso de incomodar o seu aroma.**) (BBM: CC, Século XX)

- (91) E, se o nosso comércio está tão diminuído pela parte que dêle nos tiraram os holandeses, qual ficará se os franceses levarem outra? E quando Sua Majestade, por comprazer em tudo a França, intentasse qualquer destas coisas, principalmente a primeira, é matéria que se não pode fazer sem consentimento do reino, o qual nunca viria nela; **e isto se podia responder ao Cardial em caso que declaradamente a pedisse.** (CHPTB: CAV, Século XVII)

Conforme argumenta Diessel (2013), a ordenação do arranjo linear da oração adverbial é motivada pelas características semântico-pragmáticas da construção. Segundo o autor, as propriedades de processamento de construções complexas são determinadas, sobretudo, pela posição da oração hipotática. Como as orações condicionais são comumente utilizadas para estabelecer a conceptualização de um cenário hipotético para a interpretação das orações subsequentes, elas tendem a ocorrer no início de uma construção complexa, funcionando como tópico da construção (HAIMAN, 1978).

Outro fator que influencia a ordenação linear das orações adverbiais condicionais é a iconicidade (COMRIE, 1986). Entende-se que há uma sequencialização dos eventos na construção a partir da expressão de causa-efeito: o evento descrito na condicional precede o evento da oração principal. Concordamos com a proposta de Dancygier (1998) que afirma que a ordem da oração condicional é melhor capturada não em termos de eventos, mas em termos de suposições que devem ser apreendidas antes de outros pressupostos. A alta frequência da ordem anteposta também pode estar vinculada à elaboração de espaços mentais, pois a partir da oração condicional o usuário da língua pretende orientar o seu interlocutor de que o evento deve ser concebido como não-factual e alternativo (DANCYGIER; SWEETSER, 2005).

Nesse sentido, a proposição desta pesquisa é a de que as microconstruções com *caso*, ao se consolidarem na rede de estruturas condicionais, passem a assumir, por analogia, as características de exemplares que são mais centrais à categoria. Conforme explicita Bybee (2016, p. 132) “ (...) usar uma língua é uma questão de acessar representações estocadas, aquelas que são mais fortes (as mais frequentes) são acessadas mais facilmente e podem, então, ser mais facilmente usadas como base para categorização de itens novos.” De tal modo, esperamos encontrar maior frequência de microconstruções conectivas que introduzam orações que antecedem à oração núcleo, que é a ordem mais básica e prototípica, no que diz respeito às construções complexas de semântica condicional.

Uma segunda proposição é a de que microconstruções altamente construcionalizadas que estão, conseqüentemente, mais generalizadas poderiam permitir qualquer tipo de posição

sintática. A confirmação dessa hipótese poderá indicar que no processo de construcionalização houve um aumento na esquematicidade do *slot* da oração adverbial da construção que se torna mais amplo e passa a sancionar diferentes tipos de ordenação do arranjo linear, podendo apresentar usos em contextos mais abstratos, como as ordens pospostas e intercaladas da oração hipotática face à oração matriz, as quais são cognitivamente mais complexas e pragmaticamente mais (inter)subjativas.

(ix) Correlação modo-temporal da oração condicional e da oração matriz

Esse parâmetro controla a referência modo-temporal configurada nas orações condicionais introduzidas pelas diferentes microconstruções conectivas com *caso*. As construções condicionais aqui investigadas vão demonstrar correlações modo-temporais bastante variadas. Trazemos algumas dessas correlações nas ocorrências exemplificadas em (92-94).

Presente do subjuntivo- Futuro do presente do indicativo

- (92) Se a minha informação é exata, e há possibilidade de que, por uma transferência do Faria, Paris venha a ficar vago, e se torne regular então a apresentação da minha candidatura- **tu farás, no caso que seja necessário dar logo alguns passos**, aquilo que a tua amizade te sugerir.(CHPTB: EQOM, Século XIX)

Infinitivo- Presente do indicativo e infinitivo

- (93) De passagem: esta resposta não é lá muito para louvar-se. A melhor e mais eloquente resposta que uma senhora grave deve dar a uma declaração, é o voltar costas ao atrevido, sem gestos, sem palavras, e sem rudeza: ***no caso de se tornar*** **elle pertinaz e impertinente, como o sr. Estevão, o melhor meio é evita-lo**, e evita-lo á todo o custo; mas nós desculpamos uma moça, que timbrava de ser honesta (e o era), que aborrecia a um demonio, que a importunava sempre, accrescendo que sua educação não era lá mito fina e muito cuidada. (CHPTB:AGT, Século XIX)

Preterito imperfeito do subjuntivo - Presente do indicativo

- (94) Ainda que alguma vez nos encontremos, não me falle, nem me corteje. Não julgue que é medo,

não; mas devemos seguir á risca os preceitos do padre Balthazar, que recommenda toda a prudencia, para que se não perca a nossa santa causa. (Fecha a porta. Pelle sae.) (Reparando á janella) Oh!... Ahi vem o mestre de minha sobrinha... Encontrou-se com o Genovez... Observa-o... Olha agora para cá... Chico é guapo moço... Será... Lá pára... Ora mede com a vista o Genovez, ora olha para cá... Não seja *caso que desconfiasse...* (Pensa) **Mando dizer que não estou em casa.** Virei depois, se quizer. Como não ha só uma porta... (Chama) Honorata. (CHPTB: JCC, Século XIX)

Devido à expressão de não-factualidade e não-assertividade das construções condicionais, a nossa pressuposição mais geral, a partir da análise desse parâmetro, é de que as microconstruções conectivas com *caso* introduzam orações adverbiais que apresentem maior frequência no modo subjuntivo, dada a sua natureza *irrealis*⁴¹.

No início da trajetória de mudança das diferentes microconstruções conectivas com *caso*, espera-se encontrar, nas orações por elas introduzidas, formas verbais não-finitas, nos modos infinitivo, particípio ou gerúndio, como mostram os vários estudos sobre gramaticalização de conectivos adverbiais em diversas línguas. Nos passos finais da construcionalização, no entanto, segundo as indicações de Traugott e Trousdale (2021), a hipótese é de que haja aumento na frequência *type* das configurações modo-temporais e expansão gradual dos contextos morfossintáticos em que podem ocorrer as microconstruções conectivas. Mais especificamente, espera-se mostrar como as propriedades estruturais, em particular, as formais verbais da construção, vão se alterando ao longo do tempo e se tornando mais produtivas. Com base em Barðdal (2008) e Perek (2020), entende-se que quanto mais produtivo um esquema, menos restrições ele exhibirá, o que implica no aumento nos graus de abstratização e esquematicidade da construção.

2.4.2. Parâmetros semântico-pragmáticos

(i) Caracterização semântica da microconstrução com *caso*

Como critério dependente, investigamos as microconstruções com *caso* a partir de suas propriedades semânticas mais gerais. Considerando a natureza categorial lexical, em contextos

⁴¹ Conforme Givón (1995), o modo subjuntivo é utilizado para marcar nuances de incerteza na construção. Para o autor, a presença do modo subjuntivo nas orações complexas pode favorecer o modo *irrealis* no comportamento verbal, a qual se refere a noções como futuridade, incerteza, habitualidade, hipótese e condição.

circunstanciais, *caso* apresenta função *referencial*, designando na oração uma entidade abstrata de 3ª ordem, uma proposição, conforme representado na ocorrência em (95). Enquanto microconstrução procedural, *caso* exerce função *conectora*, já que é utilizado para relacionar duas orações de uma construção complexa adverbial, como se vê em (96).

Referencial

- (95) **E se tanto tem valido e importa a Portugal o conhecimento de seus futuros, em todos os casos maiores que podem acontecer a um reino;** se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a coroa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe acrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a elas e se restituiu a si mesmo, oh! quanto mais necessário lhe será a Portugal e quanto mais útil e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros sucessos para aquelas empresas novas, e muito maiores, que nos tempos que hão-de vir (ou que já vêm) o esperam! Não se poderá compreender a grandeza e capacidade desta importância, senão depois de lida toda a História do Futuro, na qual só se medirá bem a imensidade do objecto com a desigualdade do instrumento. (CHPTB: PAV, Século XVII)

Conectora

- (96) Nestes termos é a V. Em.^a que recorro, para ver se me pode alcançar do Príncipe todos os papéis que escrevi e que o Visconde diz que lhe tornou a entregar; e, **no caso que isto não seja assim, peça que o Príncipe lhe ordene que mos entregue logo**, sem reservar um só, e que me permita ir dizer-lhe se mos entregou ou não, porque eles não fazem senão o que querem. (CHPTB: MA, Século XVIII)

Propõe-se que a microconstrução com *caso* tenha passado por uma série de mudanças na forma e no significado que possibilitaram com que o item lexical fosse recrutado pelos usuários da língua para cumprir funções gramaticais. A avaliação deste critério nos permite observar os novos elos que são estabelecidos na rede a partir da emergência de uma nova construção, bem como identificar os contextos e micropassos de mudanças construcionais que desencaderam a neónalise e afetaram à propriedade de composicionalidade, tendo em vista que uma estrutura sintática totalmente composicional, com sentido referencial, se desenvolve para uma estrutura menos composicional, uma construção procedural com função conectora.

(ii) Tipo de referência semântica de *caso* na construção

A partir da classificação de entidades proposta por Lyons (1977), investigamos os tipos de categorias semânticas que o nome *caso* pode se referir na construção. Conforme Lyons (1997, p. 442- 447), as entidades podem ser classificadas em: *1ª ordem (indivíduos)*, *2ª ordem (estado-de-coisas)*, *3ª ordem (proposições)* e *4ª ordem (atos de fala)*.

Em seu contexto fonte, o nome *caso* pode fazer referência a entidades de *2ª ordem (estado-de-coisas)*, como observamos no dado a seguir, em que *caso* é utilizado como recurso anafórico para retomar, na oração seguinte, o fato descrito na oração anterior: a tentativa de roubo.

- (97) O fato aconteceu em novembro do ano passado na Zona Leste da cidade, foi registrado como tentativa de roubo e na época, a mãe — que não tinha antecedentes criminais — chegou a ficar detida 128 dias, tendo a liberdade negada quatro vezes pela Justiça. **O caso teve grande repercussão na imprensa e a opinião pública, em geral, se mostrou solidária à mãe — embora, é preciso ficar claro, que ela chegou a cometer um crime previsto de punição pela lei.** (PHPP: EIPB, Século XXI)

Nas microconstruções investigadas, o nome *caso*, em contextos importantes para a formação de conector condicional, pode fazer referência a *entidades de 3ª ordem (proposições)*, que constituem construtos mentais do usuário da língua e, sendo assim, devem ser avaliadas somente em termos de sua verdade, tal como podemos observar nas microconstruções exemplificadas nas ocorrências em (98) e (99).

- (98) **e o senhor Duque, e seu filho disseram; que sendo caso, que falecesse primeiro o esposo com filhos, ou sem eles, prometiam de arras à dita senhora Dona Catharina dois contos de renda em cada um ano, em vida dela, além do juro, que tem da sua legítima, e da tença real dos trezentos mil reis;** e assim lhe prometem a Vila de Portel com todo seu mero, e misto império, datas de ofícios, e benefícios, e tudo mais que tem na dita Vila, etc .(CHPTB:MS, Século XVII)
- (99) Um quarto de hora é bastante para que a bouillabaisse esteja prompta é perfeita. **Será necessário prolongar esse tempo por mais cinco ou seis minutos, se na bouillabaisse entrarem cavallas, mas este peixe só deve ser admittido *em caso de* necessidade.** (BBM:CC, Século XX)

A 4ª ordem refere-se às entidades que caracterizam *atos de fala*. Estas entidades podem ser localizadas no espaço e no tempo, e avaliam-se em termos de suas condições de felicidade, segundo destacam Camacho *et al* (2014). A microconstrução com nome *caso* pode designar, assim, um ato ilocutivo, como pode ser observado na ocorrência (100).

(100) Ao doente não se lhe há de fazer a vontade, e que ele por então o não conheça, depois o conhecerá, e agradecerá. Calídio Aquele é forte ponto. Vejamos que ali responde o nosso procurador. Vidal *Nesse caso que dizes, o que jaz doente; jaz fraco, e não pode fazer mais que ameaçar*. Nest' outro poente logo as mãos, e vingam-se. (CHPTB: FSM, Século XV)

A análise do tipo de entidade a qual a microconstrução com *caso* faz referência na oração nos permite verificar a hipótese de que *caso* deixa de fazer referência a entidades de 2ª ordem (estado-de-coisas) - característica esta específica à classe nominal -, quando atua como conectivo condicional. Considerando essa hipótese, espera-se que nos primeiros estágios da mudança, contextos atípicos e críticos, pressupõe-se uma expansão dos tipos de entidades para categorias semânticas mais abstratas (proposições e atos de fala), em razão das mudanças no sentido e nos padrões colocacionais das microconstruções nominais com *caso* que passam a ser usadas em outros contextos morfossintáticos e a expressar significados menos composicionais.

(iii) Domínios cognitivos da construção com *caso* em orações complexas

Segundo Dancygier (1998, p. 13), “As relações que ligam *p* e *q* são interpretadas de modos diferentes, dependendo do domínio no qual a relação condicional se aplica”⁴². Sob tais considerações, adotamos a proposta de Sweetser (1990) e Dancygier (1998) que avaliam que a expressão de causalidade da condicional se manifesta em quatro domínios conceptuais: *a) domínio de conteúdo; b) domínio epistêmico; c) domínio dos atos de fala e; d) domínio metatextual*. Assim, contemplamos a classificação das autoras para a análise de construções complexas marcadas pelos diferentes conectivos com *caso*, a fim de demonstrar as diferentes interpretações pragmáticas encontradas através das sincronias.

No *domínio de conteúdo*, as relações entre os segmentos da construção se referem a eventos do mundo real, e, portanto, são relações mais concretas, que são interpretadas como: *o evento ou estado de coisas descrito pela oração condicional, se realizado, será suficiente para*

⁴² “The relations linking *p* and *q* are construed differently, depending on the domain in which the conditional relationship applies”.

a realização do evento ou estado descrito na oração principal. Este tipo de domínio conceptual está exemplificado em (101).

- (101) Pelas razões expostas, deve-se evitar alimentos industrializados. Quanto mais naturais, melhor. **O suco de laranja, por exemplo, perde todas as suas propriedades antioxidantes caso a garrafa fique aberta por muito tempo.** O mesmo ocorre com frutas muito maduras. (PorPopular: DG, Século XXI)

A relação entre as orações pode apresentar uma leitura mais subjetiva, em *domínios epistêmicos*. Neste domínio conceptual, o significado da construção está embasado nas crenças e atitudes do usuário da língua no que concerne ao que foi enunciado. Em suma, a interpretação que se faz é a seguinte: *a partir da premissa do evento condicionante, constata-se o evento principal*. Como podemos observar em (102):

- (102) Queria Silvano dizer que o beber no caminho fora por vício do apetite, e o comer no mosteiro por virtude da condescendência com os próximos, em significação de que os amava, conforme à regra do apóstolo: Alegrai-vos com os que se alegram. Não eram aqueles jejuns de preceito, mas de superrogação e estilo dos monges, e os santos, ao exercitar as acções, não atendem tanto ao material delas quanto ao espírito que as motiva e rege, e, como estão limpos, tudo para eles é limpo; Omnia munda mundis. E bem se vê que Silvano e Zacarias atendiam só ao fim da mortificação; pois um supunha, e outro não negava, que o beber água aguava ou destruía o jejum. **Mas, ainda no caso que houvesse preceito, podia, em opinião provável, deferir à urbanidade dos que rogavam, sendo a quantidade pouca.** (CHPTB: MB, Século XVII)

Sweetser (1990) argumenta que o *domínio de atos de fala* demonstra nuances semântica-pragmáticas mais intersubjetivas, uma vez que, em uma situação interacional, o usuário da língua considera relevante enunciar algo, e insere o seu interlocutor nesse enunciado. No geral, interpreta-se as condicionais de atos de fala como: *considere o evento da condicional e eu executo esse ato de fala*. É o que se vê em construções como (103).

- (103) Constando que vae vagar o logar de preparador da cadeira de histologia, e desejando eu propor para o dito logar o Dr. José de Aguiar Costa Pinto, **peço lhe a fineza de informar-me se lhe é possível fazer a proposta d'este nosso collega no caso de dar-se a vaga durante sua interinidade.** Se puder acceder a este pedido muito obsequiará. (CHPTB: CB, Século XIX)

Por fim, as condicionais que expressam *domínios conceptuais metatextuais*, bastante semelhantes às de atos de fala, funcionam como um recurso textual e metalinguístico, pois a partir da condicional realiza-se uma menção explícita ao enunciado que a antecede na sentença. Segundo Dancygier (1998, p. 94), “as condicionais metatextuais são usadas como comentários sobre algum aspecto da apódose”⁴³. Trata-se, assim, de um sentido altamente intersubjetivo, uma vez que há preocupação do usuário da língua com a interpretação que seu interlocutor pode ter a partir do enunciado, como se vê em (104).

- (104) Não sei se a notícia encontra confirmação oficial, porque não vi nem ouvi nada sobre isso partindo do clube. **Mas, caso se confirme, a questão é saber quem será o goleador 10 mil.** Isso poderá ocorrer já contra o Flamengo, e torço para que ocorra, porque assim estaremos perto de uma vitória. (PorPopular: DG, Século XXI)

Na direção de ver a expansão diacrônica das microconstruções conectivas condicionais em diferentes domínios conceptuais, com este parâmetro de análise espera-se que a expressão de domínios mais concretos (conteúdo e epistêmicos) seja mais frequente no percurso inicial da mudança e que microconstruções conectivas que estejam mais consolidadas na língua demonstrem aumento de frequência *token* e conseqüentemente atuem em mais tipos de domínios, tanto os mais concretos quanto os mais (inter)subjetivos (atos de fala e metatextuais).

(iv) Parâmetros do significado condicional

Dancygier e Sweetser (2005) defendem que os mecanismos de composicionalidade construcional dependem em algum grau dos mecanismos de integração conceitual. Na visão da autoras, a composicionalidade por si só não pode explicar exhaustivamente os significados construcionais presentes na construção condicional, pois, na maioria das vezes, os aspectos de significado da construção surgem convencionalmente.

Com base nesses pressupostos, e nas análises de Oliveira e Hirata-vale (2017), entendemos que a condicionalidade é uma categoria conceitual que abriga uma variedade de construções de diferentes estruturas que podem manifestar matizes de condicionalidade em diferentes graus. Diante disso, acreditamos que os processos responsáveis pelo surgimento das

⁴³ “if-clauses are used as metatextual comments on some aspect of the apodosis”.

construções discutidas aqui podem ser resultado da combinação de aspectos de forma (tipo de conectivo, correlações modo-temporais das orações, ordenação do arranjo linear da oração etc.) e aspectos semântico-pragmáticos que são base para a expressão de condicionalidade. Esses parâmetros de significado foram elencados por Dancygier (1998), os quais descrevemos a seguir.

- (02) *Causalidade*: a oração marcada por conectivo condicional tende a expressar uma causa não preenchida, enquanto a oração subsequente é interpretada como uma consequência de uma possível realização do evento hipotético descrito na oração adverbial. Essa interpretação causal que se estabelece, sobretudo, na relação sequencial entre a oração condicional e a oração matriz pode se manifestar em diferentes domínios conceptuais, a partir de uma hierarquia semântico-pragmática que envolve quatro domínios: *domínio de conteúdo*, *domínio epistêmico*, *domínio de atos de fala* e *domínio metatextual*. A partir de um processo metafórico, há uma extensão dos significados de domínios físicos para os domínios mental e social. Quanto mais esses significados se distanciam da base causal, mais (inter)subjetivos eles se tornam (TRAUGOTT, 1985, 1989, 1995; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).
- (03) *Não assertividade da construção*: as proposições descritas em uma construção condicional não podem ser interpretadas como um evento real, e por isso, elas são concebidas como não-assertivas. O traço de não-assertividade da construção condicional é marcado, sobretudo, pelo conector que introduz a cláusula condicional, o qual funciona como angulador que estabelece condições de validação do discurso. Isto é, em construções condicionais, as condições de felicidade não estão completamente preenchidas, de modo que “o falante não tem embasamento suficiente para afirmar *p* como uma afirmação factual e, de fato, não acredita que o conteúdo em *p* seja verdadeiro”⁴⁴.
- (04) *Predição* (futuro potencial ou futuro passado): uma das características centrais da construção condicional é apresentar uma projeção potencial futura sobre determinado evento que pode se realizar (futuro potencial) ou que poderia ter se realizado (futuro

⁴⁴ “the speaker does not have enough grounds for asserting *p* as a factual statement and may in fact not believe *p* to be true”.

passado). Este parâmetro está associado à sequencialidade dos eventos da proposição e se aplica, especialmente, às condicionais dos domínios de conteúdo e epistêmicas. O significado preditivo é marcado, no geral, pelas formas verbais com referências futuras atualizadas na construção.

(05) *Distância epistêmica*: a postura epistêmica está relacionada à associação ou dissociação mental que o usuário da língua faz sobre o evento construído na prótase (FILLMORE, 1990; SWEETSER, 1990). Em construções condicionais, este posicionamento pode ser codificado pelo conector e pelo tempo e modo verbal da construção, e pode expressar dois tipos de significados: postura epistêmica neutra ou negativa. A postura epistêmica neutra está relacionada com a incerteza do indivíduo sobre a efetivação do evento, a postura negativa, por sua vez, diz respeito àquilo que o usuário da língua não acredita ser possível de acontecer.

(06) *Espaços mentais*: nos termos de Fauconnier (1997), os conectores condicionais funcionam como construtores de espaços mentais alternativos. Em construções condicionais, há a criação de um espaço base, em que estão inseridas todas as informações importantes do discurso, a partir desse espaço, são construídos dois novos espaços mentais, denominados fundação e expansão. Assim, em uma construção como *se chover, molhará o quintal*, entende-se que há dois espaços alternativos que podem ser evocados no discurso: (1) espaço fundação: *chover e molhar o quintal* e (2) espaço expansão: *não chover e não molhar o quintal*. Nesse sentido, observa-se que o conector introduz uma oração condicional que descreve uma situação não factual que codifica uma estrutura conceitual que permite a interpretação hipotética e alternativa das orações subsequentes.

A análise qualitativa dos cinco parâmetros discutidos tem por objetivo identificar em quais estágios da mudança se encontram as microconstruções conectivas com *caso* e quais tipos de microconstruções passam a associar nas orações complexas marcadas por elas tais nuances semântico-pragmáticas em menor ou maior grau. Desse modo, espera-se que, em fases mais iniciais da mudança, as microconstruções dependam de aspectos relacionados ao contexto para a expressão de condicionalidade. Pressupõe-se, no entanto, que quanto mais convencionalizada

entre os usuários da língua, mais traços de significado condicional a construção irá manifestar, estando, assim, cada vez mais próxima à zona de condicionalidade.

Os parâmetros formais e semântico-pragmáticos apresentados neste capítulo guiaram a análise das microconstruções com *caso* a fim de cumprir o principal objetivo deste trabalho que consiste em mapear os micropassos e os contextos de mudanças construcionais na forma e no sentido que contribuem para o desenvolvimento diacrônico de novos nós na rede de microconstruções conectivas com *caso* de significado condicional.

No capítulo seguinte, trazemos a descrição dos resultados obtidos com as análises quantitativas e qualitativas dos dados sincrônicos ao qual se segue capítulo no qual objetiva-se mostrar a evolução histórica das microconstruções com *caso*. A partir dos parâmetros de análise selecionados, busca-se, assim, evidenciar como o aumento gradual da frequência de microconstruções de natureza lexical em subesquemas com nuances circunstanciais hipotéticas impactam na formação de vários conectivos com *caso*.

CAPÍTULO 3 - CONSTRUÇÕES COM *CASO* NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, realizamos a descrição das microconstruções com *caso*, com o foco em confirmar a proposição de que o nome *caso* passou por uma série de mudanças na forma e no sentido que levaram a emergência de novos nós na rede de conectivos condicionais no PB, conforme discutiu-se em capítulos anteriores. A partir da consideração desse objetivo, buscase, primeiramente, em dicionários etimológicos, a origem do nome *caso*, visando demonstrar que o processo de mudança e abstratização de *caso* no português advém desde o latim. Mostramos, além disso, que o desenvolvimento de conectivos condicionais a partir do significado de origem do nome *caso* pode ser observado em várias línguas. Nas seções seguintes, apresentamos os resultados alcançados na investigação dos dados. Inicialmente, analisamos as microconstruções com nome *caso* em contextos que correspondem a estágios importantes para o percurso de mudança que dá origem aos conectivos condicionais. Com base na investigação desses dados, passamos, então, à sistematização e caracterização das propriedades estruturais e semântico-pragmáticas dos *types* de microconstruções conectivas com *caso* que emergem a cada sincronia do português. Observamos, de tal modo, quais são as mudanças nos graus de produtividade, esquematicidade, composicionalidade e analisabilidade que ocorrem com cada padrão construcional que surge no português, do século XIV ao XXI.

3.1. A etimologia do nome *caso*

A origem de *caso* no português está no nome do latim, conjugado no masculino, *casus*, podendo apresentar formas variadas como *cado*, *cadis*, *casu*, *casum* etc., cujas acepções estão relacionadas ao verbo do latim *cadere* que significa, conforme Ernout e Meillet (1951), *cair*, *tombar*, *sucumbir*, em todos os seus sentidos, tanto físico quanto moral. Os autores explicam que *casus* tem acepção relativa ao inglês *fall*, isto é, *queda*. Na tradução do latim para o português, encontramos em Rezende e Bianchet (2014) designações semelhantes à de Ernout e Meillet (1951), como *queda*, *ato de cair*, *fim*, *ruína*, *acaso*, *circunstância*, *acontecimento*, *infelicidade*, *desgraça* e *caso gramatical*. Vê-se em Bechara (2009), que os primeiros significados de *caso*, para o português, são *acontecimento* e *fato* podendo também significar *narrativa*, *conto*, *história*, ou *relação amorosa*, *romance*, *amante*; o autor traz ainda os sentidos de *situação especial*, *circunstância* e *condição*. Além dessas acepções, o autor demonstra as designações das lexias *em todo (o) caso*, que significa *de qualquer maneira*, *fazer caso de* - que

é dar importância a algo -, e *vir ao caso*, ou seja, ter pertinência.

Importante observar que o nome latino já apresentava sentidos que, embora fossem mais referenciais e mais composicionais, podem ser relacionados à semântica de hipótese, como, por exemplo, as noções mais abstratas à *queda*, como *fim*, *acontecimento*, *circunstância* e *acaso*. Estas últimas acepções permanecem no português e, aparentemente, vão se tornando cada vez menos composicionais conforme novas formas vão surgindo na língua, como verificado em Bechara (2009), no qual encontramos não só *fato* e *circunstância*, mas *situação especial* e *condição*. Nesse mesmo sentido, no dicionário analógico de Azevedo (2010, p.3), encontra-se que *caso* é uma palavra que expressa uma relação abstrata e está análoga ao valor modal de circunstância:

Circunstância, situação, localização, particularidade, temperatura, fase, posição, ponto, positura, postura, condição, pé, estado, disposição, atitude, lugar, termo, regime, classe, categoria, *status*, ocasião, oportunidade, contexto, conjuntura, congeminência, contingência, lance, transe, emergência, passagem, **caso**, crise; vicissitude, últimas, lance decisivo; predicamento, peripécia, aperto, embaraço, momento; momento psicológico/crítico. *Adj.* circunstancial, dado, condicional, provisional, crítico, provisório, passageiro, efêmero, ocasional, modal, contingente, eventual, acidental. *Adv.* circunstancialmente & *adj.*; sob o império das circunstâncias, como vão as coisas, conforme der o dado, conforme soprar o vento, segundo as circunstâncias, por essa razão, segundo, conforme; em circunstâncias & *subst.*; assim, desse modo, por esse modo, dessa maneira; consoante, sendo esse o caso, assim sendo, assim considerando, tendo em vista essa circunstância; no rumo em que as coisas vão, nesse estado de coisas; condicionalmente, contanto que, no caso de, na hipótese de, se tal suceder, se isto se verificar, se isto se der, nessa conjuntura, em tal caso, a menos que, sem que; conforme as circunstâncias/ a ocasião/ o momento, como Deus for servido, *pro re nata*. Frase: *Ça dépend*. Depende. Vai depender. (AZEVEDO, 2010, p. 3, grifo nosso)

Percurso de mudança similar ao português acontece em sueco, conforme mostra a pesquisa de Rosenkvist (2004), em que o nome *fall*, que significava *queda*, definida em termos de categoria cognitiva como atividade ou um tipo de processo (cf. Heine *et al*, 1991, p. 55), passa a ter acepções mais abstratas como *acontecimento* e *circunstância*. A partir daí, *fall* liga-se a preposição *in*, formando a expressão adverbial *in fall*, e ao longo do tempo e a partir de sucessivas mudanças graduais na forma e no sentido, emerge o conectivo com semântica condicional *ifall*. Estruturas formadas por nome e preposição que, geralmente, dão origem a expressões adverbiais semelhante à *in fall*, segundo argumenta Granvik (2018), podem ser observadas nas línguas indo-europeias: no espanhol, na formação de *en caso*, no português *em caso/ no caso*, no francês *em cas*, no italiano *nel caso*, e no inglês *in case*. O autor explica que

a análise de Rosenkvist (2004) nos revela uma importante consideração sobre o desenvolvimento do significado condicional a partir dos sentidos encontrados no nome *caso*. Para Rosenkvist (2004, p. 169), o sentido hipotético presente na acepção de *circunstância* é diretamente derivado do significado básico de *queda* e “a possibilidade de uma interpretação condicional é uma propriedade latente de *queda*”⁴⁵. Sendo a hipoteticidade uma nuance essencial do significado condicional, conseqüentemente, o significado de origem (*queda*) tem efeito importante para o desenvolvimento do significado posterior de *circunstância*, *hipótese*, e por fim, *condição*. Assim, segundo Rosenkvist (2004), o sentido da fonte *fall* exibe determinação na formação da semântica de condição das construções com o conectivo *ifall*.

Como veremos na análise dos dados, no português, o surgimento do conectivo *caso* passa por processo similar do sueco *ifall*, uma vez que as acepções primeiras no latim, do nome *caso*, estavam relacionadas à ação de cair e, posteriormente, esse significado vai se rescindindo para um significado condicional. É possível observar que a preposição *no* e *em*- assim como *in* do sueco - aliada à *caso*, já no português arcaico, tem influência na criação de sentidos relacionados a situações circunstanciais e hipotéticas levando a formação de conectivos condicionais com *caso*. Cabe dizer, porém, que a formação do conectivo condicional *caso* não surge no português através de uma microconstrução específica, como aconteceu no sueco *ifall*. A história de *caso* revela que houve mais de uma forma relevante para a mudança e essas formas deram origem a mais de um conectivo envolvendo *caso*, em que uns perduram até os dias atuais e outros deixaram de existir em algum momento, conforme pretendemos mostrar detalhadamente nas próximas seções.

3.2. As microconstruções nominais com *caso*

Nesta seção, exploramos os dados de microconstruções com o nome *caso* em contextos circunstanciais em dados do século XIII ao XXI. Embora o elemento *caso* ainda pertença à classe nominal nestes contextos, essas microconstruções podem nos fornecer elementos importantes para os processos de mudanças que deram origem aos conectivos condicionais com *caso* no português.

Como mostra a Tabela a seguir, identificamos, nas sincronias investigadas, 13 *types*, em um total de 174 *tokens*, de microconstruções nominais com *caso* em contextos que o valor alvo pode ser inferido.

⁴⁵ “(...) the possibility of a conditional interpretation is a latent property of fall (...)”

Tabela 3 - Frequência *token* e *type* das microconstruções nominais com *caso* por século no português.

| <i>Type</i> | XIII | XIV | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX | XXI | Total de <i>tokens</i> |
|---------------------------------|------|-----|----|-----|------|-------|-----|----|-----|------------------------|
| <i>em tal caso</i> | - | - | - | 4 | 3 | 2 | - | - | - | 9 |
| <i>Neste /nesse caso</i> | - | - | 2 | 2 | 1 | 14 | 6 | 17 | 2 | 44 |
| <i>caso fortuito</i> | - | - | 9 | - | - | - | - | - | - | 9 |
| <i>em caso (em) que</i> | 1 | - | 9 | - | 2 | - | 1 | - | - | 13 |
| <i>no caso que</i> | - | - | 3 | - | 5 | - | 1 | - | - | 9 |
| <i>em caso de</i> | - | - | 3 | 1 | 2 | - | 3 | 4 | 13 | 26 |
| <i>no caso de</i> | - | - | - | - | 1 | 1 | 11 | 13 | 12 | 40 |
| <i>para caso de (que)</i> | - | - | 1 | - | - | - | 1 | 2 | 2 | 6 |
| <i>Havendo tal caso que</i> | - | 1 | - | - | - | - | - | - | - | 1 |
| <i>salvo (em) caso de (que)</i> | - | - | 1 | - | - | - | 2 | - | - | 3 |
| <i>sendo caso que</i> | - | - | 1 | 6 | 2 | - | - | - | - | 9 |
| <i>para caso que</i> | - | - | - | - | 1 | - | - | - | - | 1 |
| <i>dado caso que</i> | - | - | - | - | - | 2 | - | - | - | 2 |
| <i>salvo em caso que</i> | - | - | 2 | - | 1 | - | 1 | - | - | 4 |
| Freq. <i>token</i> | 1 | 1 | 31 | 13 | 18 | 19 | 26 | 36 | 29 | 174 |
| Freq. <i>Type</i> | 1 | 1 | 9 | 4 | 9 | 4 | 8 | 4 | 4 | 13 |

Fonte: Autoria nossa.

Para compreender os processos de mudança que estão envolvidos na emergência das construções conectivas condicionais com *caso*, antes, é necessário um entendimento sobre a natureza da fonte nominal. De acordo com Longhin (2020), *caso* faz parte de uma classe heterogênea de nomes abstratos genéricos e de semântica inespecífica, tais como *fato*, *problema*, *coisa*, *questão*, *situação* etc., que, em alguns contextos, podem funcionar como *shell nouns*. O termo *shell nouns* foi cunhado por Schmid (2000; 2007) para se referir a “nomes que têm, em graus variados, o potencial de serem usados como conchas conceituais para

informações complexas, semelhantes a proposições” (p. 4)⁴⁶. Os *shell nouns* apresentam, segundo o autor, três funções: a *função semântica* de caracterizar e perspectivar blocos complexos de informação que são expressos em orações ou mesmo em trechos mais longos de texto; a *função cognitiva* de formação de conceito, ou seja, eles permitem que os usuários da língua encapsulem⁴⁷ esses blocos complexos de informação em conceitos nominais temporários com fronteiras conceituais aparentemente rígidas e bem definidas; e a *função textual* de vincular esses conceitos nominais a orações ou a outras partes do texto que contenham os detalhes reais da informação, instruindo assim o interlocutor a interpretar diferentes partes de um texto em conjunto. Ainda conforme Schmid (2000), a propriedade de *shell noun* é uma propriedade funcional, isto significa que um *nome* não é definido com tal propriedade a partir de suas características próprias, mas através de seu uso e dos objetivos do usuário da língua.

Conforme ilustramos no Quadro 11, o autor categoriza os *shell nouns* em seis tipos de classes a partir dos seus traços semânticos.

Quadro 11- Exemplos de *shell nouns*.

| Classe | Exemplos de nomes |
|-----------------------|--|
| <i>Factual</i> | <i>fato, coisa, ponto, problema, razão, diferença, resultado</i> |
| <i>Linguístico</i> | <i>novidades, mensagem, rumor, notícia, ordem, proposta, questão</i> |
| <i>Mental</i> | <i>ideia, noção, crença, suposição, objetivo, plano, decisão</i> |
| <i>Modal</i> | <i>possibilidade, verdade, permissão, obrigação, necessidade, habilidade</i> |
| <i>Eventivo</i> | <i>ato, movimento, medida, reação, tentativa, tradição</i> |
| <i>Circunstancial</i> | <i>situação, caso, contexto, lugar, tempo, modo</i> |

Fonte: Traduzido e adaptado de Schmid (2000, p. 4, grifo nosso.)

Na classificação de Schmid (2000), o nome *case* ‘caso’ é um *shell noun* que pode ser utilizado pelos usuários da língua para destacar a totalidade das circunstâncias sob as quais um evento ocorre, como, por exemplo, o lugar, o tempo, o modo ou a condição. Com base nessa perspectiva, concordamos com a proposta de Longhin (2020, p. 14), que assume que, no português, “*caso* atua como um *shell noun* que comporta informação circunstancial sobre

⁴⁶ “nouns that have, to varying degrees, the potential for being used as conceptual shells for complex, proposition-like pieces of information.”

⁴⁷ A concepção de encapsulamento foi elaborada primeiramente por Sinclair (1981).

eventos, particularmente envolvendo a noção de contingência, em que *caso* é concebido como algo que acontece, aconteceu ou poderá acontecer a qualquer instante.” Para a autora, o que possibilita a leitura condicional em padrões com o nome *caso* são as funções semântico-cognitivas que são típicas de *shell nouns*, que, por serem genéricos e inespecíficos, podem fazer referência a diversos tipos de situações.

Como é possível notar nos exemplos abaixo, o nome *caso* admite informação circunstancial específica e pode designar entidades diversas, relacionadas, por exemplo, a estados de coisas, como a perda da radiografia ((105)), a proposições do usuário da língua, como possibilidade de infecção por sífilis em estágio secundário ((106)) ou como as situações, boas e ruins que a fortuna pode trazer ((107)).

(105) Ao saber do **caso de perda da radiografia**, Oberdan reconheceu que há dificuldades de comunicação entre os setores e despreparo dos funcionários. (PorPopular: DG, Século XXI)

(106) Na Capital Bahiana Attesto que, na minha clínica, e **para os casos do syphilis secundaria**, tenho aconselhado o emprego do Elixir de Nogueira do pharmaceutico João da Silva Silveira e sempre com resultados satisfactorios. Dr. Durval M. da Silva Braga (Firma recunhecida) Vende-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade. (PROHPOR: AFN, Século XX)

(107) A guerra não era igualmente grata a todos os espanhóis grandes, porque alguns deles sendo interessados em o sangue de El-Rei e Rainha de Portugal, não lhes desprazia sua sublimidade; e a todos por ter um rei católico tão vizinho de quem se socorressem **em aqueles casos que a fortuna traz consigo maiores e menores**. (CHPTB: FMMTP, Século XVII)

Nuances do significado condicional parecem surgir em contextos de uso de microconstruções com o nome *caso* combinado com preposição e pronome demonstrativo, formando as expressões adverbiais *em tal caso* e *nesse caso/este caso* (Schmid, 2000; Granvik, 2018; Longhin, 2020). Nos dados levantados, como se verifica na Tabela 3, acima, foram identificados 9 (5,17%) *tokens* de *em tal caso* e 44 (25,28%) *tokens* de *nesse/este caso*. Essas microconstruções nominais com *caso* ocorreram em todas as fases do português, conforme ilustramos nos dados a seguir, extraídos de textos na modalidade escrita do português arcaico, clássico/médio e moderno.

(108) Se disserem: poucas som as boas, eu digo que muytas [som] **em este caso**, pois ao presente eu nom sei nem ouço molher de cavalleiro nem outro homem de boa conta em todos meus reynos

que aja fama contraira de sua honrra em guarda de lealdade. (CIPM: LC, Século XV)

- (109) E se porém no revogar-se de todo a carta, depois de nisso lhe falardes, e lhe replicardes, e fizerdes toda instância, virdes que não há remédio, e que lhe parece grave fazê-lo, **em tal caso** lhe direis, quase como de vosso, que pois assim lhe parece, posto que eu aí não mandara pedir-lhe senão a total revogação do mal feito. (CHPTB: CDJ, século XVI)
- (110) Se ele quer que Vossa Mercê o creia, que se mate. Depois irá Vossa Mercê consultar os sábios por espaço de sessenta ou oitenta anos quanto a saber se ele obrou bem, e se os sábios disserem que sim, **nesse caso** deve Vossa Mercê fazer todas as diligências para viver outros sessenta ou oitenta anos a fim de fazer neles penitência para morrer bem arrependido da sua cobardia. (CHPTB: CO, século XVIII)

É notório, a partir dos exemplos acima, que as propriedades anafóricas do nome *caso* são essenciais para que novas inferências pragmáticas sejam codificadas. Nas ocorrências acima, o nome *caso* não faz referência a uma situação realizada/concluída, mas a um evento hipotético, que pode ou não acontecer. Por exemplo, em (108), o sintagma nominal *em este caso* encapsula e faz referência à construção condicional enunciada anteriormente – *Se disserem: poucas som as boas (...)*. Assim, *em este caso* funciona como construtor de espaço mental hipotético, pois fornece novas possibilidades e alternativas a partir das quais novas consequências são estabelecidas: *se disser poucas são boas, eu digo que muitas são/ se não disser poucas são boas, eu não digo*. De semelhante modo, em (109), *em tal caso* é utilizado para integrar e retomar uma oração condicional: *se porém no revogar-se de todo a carta, depois de nisso lhe falardes, e lhe replicardes (...)*. As informações hipotéticas contidas na oração condicional são agrupadas pelo sintagma nominal *em tal caso* que está associada à oração matriz.

Como argumenta Longhin (2020), *em tal caso* atua como correlato enfático da oração condicional e assume um significado contextual temporário que dispara uma relação causal possível com o conteúdo da oração subsequente. Observamos também em (110) que o sintagma *nesse caso* encapsula um conteúdo que apresenta uma situação aberta, não factual. A verdade/realização do evento retomado por *nesse caso* passa a ser compreendida como suficiente para habilitar a verdade/realização do evento da oração matriz. Assim, *nesse caso* é o indicador da relação de implicação entre dois conteúdos: *se os sábios disserem que sim/deve Vossa Mercê fazer todas as diligências para viver outros sessenta ou oitenta anos*.

Tais microconstruções com o nome *caso* passam a capturar proposições abstratas, geralmente, codificadas em construções adverbiais condicionais introduzidas por *se* (cf.(111)) ou por orações reduzidas de gerúndio (cf. (112) e (113)), como podemos verificar nas ocorrências adiante.

- (111) O sinal que lhe prometi e que há-de provar quanto digo, e a firmeza das alianças que necessita para livrar-se do jugo que o oprime, irá logo que V. A. R. me escrever e me recomendar a esta Côrte. *Mas se não quere ser servido, nesse caso fique certo que prefiro finalmente o descanso, o silêncio e esquecimento da suma indiferença com que t~eem sido pagos os meus esforços.* (CHPTB: MA, século XVIII)
- (112) E se pode ver da carta, se passou bem ou mal, sem se tratar da sentença, é escusado apontar que também se veja a sentença pelos ditos juízes, pois aí se entende. E *sendo caso que, vendo-se como passou a carta, não se há de tratar da sentença, em tal caso olhará o doutor Gaspar Vaz, se está mais claro o direito da sentença por minha parte ou o modo de que a carta passou.* (CHPTB: CDJ, século XVI)
- (113) *não podendo tomar tempo para compridamente de tudo me avisardes por vossa carta, como o farieis por vós, e esperar minha repostas, em tal caso haverei por bem que concluais na melhor maneira que puderdes, segundo tendes praticado; e podendo vos vir, ou não podendo escrevendo-me na dita maneira.* (CHPTB: CDJ, século XVI)

Por apresentarem ambiguidade semântico-pragmática, essas microconstruções nominais com *caso* podem ser consideradas como contextos atípicos, nos termos de Diewald (2002; 2006). Nas construções em (111), a oração condicional introduzida por *se* corresponde ao conteúdo encapsulado e codificado pelo sintagma nominal *nesse caso*. Como mostra o exemplo, o sintagma nominal *nesse caso* pode ser substituído por uma construção condicional, podendo ser parafraseado como: *isso só acontecerá nesta condição*. Em (112) e (113), a elaboração de um cenário hipotético também é possível. Como se vê, o sintagma nominal *em tal caso* empacota e retoma uma oração condicional reduzida de gerúndio, que se trata de uma informação não factual, que não pode ser confirmada pelo usuário da língua, e, ainda, funciona como base causal para o conteúdo da oração posterior. Em termos estruturais, como destaca Longhin (2020), os sintagmas *em tal caso* e *nesse caso* ocupam a posição inicial à margem da oração, antecipando-se ao evento que será apresentado como resultado ou consequência.

Os usos das microconstruções com *caso* parecem, então, contribuir para a função cognitiva de integração das informações e organização do texto, bem como a expressão de sentidos relacionados à contingência. Este tipo de padrão parece existir devido ao sentido circunstancial do nome *caso* aliado à preposição *em* e aos pronomes anafóricos *esse, este, tal*. Segundo Longhin (2020), a semântica genérica e inespecífica de *caso* como *shell noun* exige alguma forma de complementação, o que pode se resolver com a participação do demonstrativo anafórico, em que nome e pronome contíguos são neonalisados e passam a se comportar como expressões adverbiais juntivas, *neste caso/ em tal caso*. Em outras construções, a falta de complementação se resolve com os usos de preposição (*no caso de haver*), ou com complementizador *que* (*no caso que houvesse*).

Schmid (2000) argumenta que é a função cognitiva integradora presente em *shell nouns* que possibilita que estes elementos, como *caso*, se refiram a relações abstratas quando relacionados a pronomes demonstrativos anafóricos e preposições. Segundo o autor, um nome concreto prototípico com potencial identificador e caracterizador, normalmente, não funciona para estes propósitos. O autor explica que este tipo de construção é utilizado por uma questão de economia linguística. Do mesmo modo que o usuário da língua opta por usar um pronome anafórico, como *ela, ele, nós*, por apresentar menor complexidade cognitiva, ele utiliza um *shell noun* quando pretende capturar muitos parágrafos ou porções grandes de textos. Essa pode ser a razão pela qual os usuários da língua selecionam microconstruções com o nome *caso* para ser tópico discursivo de uma construção. A função cognitiva de integração está associada às próprias características básicas da classe dos nomes, os quais são utilizados para reificação e identificação de partes da experiência como *gestalts* conceituais integrados (Schmid, 2000).

Os exemplares encontrados em nosso *corpus* demonstram que preposição *em* + pronome demonstrativo *este/esse/tal* + o nome *caso* são frequentemente utilizados e processados juntos, como uma unidade. Vergaro e Schmid (2018) afirmam que as razões semânticas que podem explicar este tipo de *clustering* (agrupamento) é a utilização de *shell nouns*, principalmente, nas funções de tópico. Como dito anteriormente, é muito complexo cognitivamente para o usuário da língua repetir todas as informações dadas na sentença anterior; assim, os sintagmas nominais são introduzidos como tópicos que atuam como ponto de partida para que o interlocutor mantenha sua atenção tanto nas novas informações que serão fornecidas, como nas informações acessíveis.

Interessante observar que a função discursiva de tópico da oração também é uma propriedade de construções adverbiais que expressam condicionalidade. Haiman (1978) afirma

que as orações condicionais apresentam informações compartilhadas entre os usuários da língua, que irão constituir a moldura de referência a partir da qual a oração núcleo será estabelecida. Sobre esta questão, Ford (1993) demonstra que as orações adverbiais antepostas realizam a organização do texto. Anteriormente, em Chafe (1984), argumenta-se que tais orações apresentam função de “guia”, pois sinalizam um caminho ou orientação em termos de quais as informações seguintes devem ser compreendidas pelos usuários da língua. A propriedade cognitivo-discursiva de tópico dessas microconstruções não só agrupa os eventos contidos em segmentos precedentes do texto, mas aciona espaços mentais que contribuem para nuances do significado condicional.

Outros exemplos do século XV, extraídos do nosso *corpus*, indicam como o nome *caso* pode estar relacionado ao significado de eventualidade/hipoteticidade.

- (114) E rrefazer de paredes E madeira grossa dalgada pregadura telha E de todallas outras cousas que lhe compridoiras fforem todo aa custa delles perssoas posto que algũa das ssobredictas coussas *pereçam per quallquer caso ffurtuito que lhe avijr possa* Em tall gujssa que todo ande ssenpre melhorado e nom peJorado E dem e paguem de fforo E penssom da dicta vinha E da dicta cassa E do dicto oliuall sseiçentos E quarenta Reaes brancos. (CIPM: CHP, século XV)
- (115) E majs serom obrjgados as ditas pesoas de rrefazer e fazer todo ho majs das ditas casas de paredes e de pedra e call e madeira grossa e delgada pregadura e telha ã quallquer tempo que lhe neseçarjo for *E posto que pereçam per caso furtujto ou ã furtujto* que lhes aujr posa que as dictas pessoas tornẽ todo a rrefazer. (CIPM: CHP, século XV)

Tais construções ocorreram 9 vezes (5,17%) no *corpus* e se comportam de modo peculiar na diacronia, pois são as únicas marcadas pela preposição *per* – todas as outras construções ocorrem com a preposição *em* + pronome demonstrativo. Convém destacar, além disso, que tais construções sempre estão associadas ao sintagma adjetival *fortoyto– fortuito*, em português contemporâneo, que, conforme Nascentes (1955), vem do latim *fortuitu*, que significa, segundo Bechara (2016), *eventual, imprevisto*. O uso do modificador *fortuito*, bem como o uso da preposição *per* precedendo *caso*, acrescenta às microconstruções as nuances semânticas *circunstanciais/eventuais*, as quais permitem que as construções desse período sejam compreendidas como contextos importantes para a mudança de *caso* para um marcador de condicionalidade.

3.2.1 Microconstruções nominais [*caso que*]

De acordo com Kortmann (1997), o subordinador *que* tem importância crucial para o desenvolvimento do sistema conjuncional em várias línguas. O autor mostra que é comum a formação de conectivos complexos a partir da relação entre uma base nominal e um relativizador ou complementizador. Com base nessas informações, investigamos microconstruções do nome *caso* e *que* em contextos que, segundo Diewald (2002; 2006), podem corresponder ao acionamento do processo de mudança gramatical (*contexto crítico*).

Nos dados diacrônicos, as microconstruções nominais circunstanciais com *que* ocorreram em diferentes estruturas: *havendo caso que, sendo caso que, salvo (em) caso que, dado caso que, para caso (em) (que), em (o)(s) caso(s) (em) que*. Conforme ilustra a Tabela 3, da seção 3.2, nos dados investigados, o primeiro exemplar encontrado é da microconstrução *em caso que*, que ocorre no século XIII, demonstrada em (116).

- (116) E se cada huu veo e depoyz alguu foy revel, no~ deve seer ovydo se no~ der p(ri)meiramente as despesas e fyador q(ue) stara a todo d(ere)ito e disy de' o d(e)mandador o que dema~da en escripto e simplizme~te. E se a parte o mae~festar que foy demandada, deve o juyz a poer o p(ra)zo p(er) a pagar e (con)dane o en aquello en q(ue) maenfestar. *E se o dema~dado quiser que lhy den mesma, deven lho dar se no~ for en pequenos p(re)ytos ou em outros casos q(ue) ma~da a lee.* (CIPM: TP, século XIII)
- (‘E se o demandado quiser que lhe deem a mesma, devem dar-lhe se não for em pequenos preitos ou **em outros casos que** manda a lei.’)

Encontram-se, em nossos dados, 13 (7,47%) *tokens* da microconstrução nominal *em caso (em) que*, que ocorreram nos séculos XIII, XV, XVII e XIX. Nessas construções, embora sentidos circunstanciais/hipotéticos possam ser inferidos, traços da analisabilidade e composicionalidade do nome *caso* ainda são perceptíveis. Como mostra a Tabela 4, no que concerne ao uso de determinantes que compõem o sintagma em que o nome *caso* aparece, notamos a presença de variados tipos de elementos antecedendo *caso*.

Tabela 4 - Determinantes do nome caso na microconstrução com em caso (em) que.

| MicroCxt | Det. | XIII | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|----------|------|------|----|------|-----|-------|-----------|
|----------|------|------|----|------|-----|-------|-----------|

| | | | | | | | |
|-------------------------|-----------------------------------|-----------|------------|----------|-----------|----|--------|
| EM CASO (EM) QUE | <i>Artigo + Pronome demonstr.</i> | - | 1 11,1% | - | - | 1 | 7,69% |
| | <i>Pronome indef. + Artigo</i> | - | - | 1 50% | 1 100% | 2 | 15,38% |
| | <i>Pronome indef.</i> | 1 100% | 6 66,6% | - | - | 7 | 53,84% |
| | <i>Pronome demonstr.</i> | - | 2 22,2% | 1 50% | - | 3 | 23,07% |
| | <i>TOTAL</i> | 1 | 9 | 2 | 1 | 13 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

Reproduzimos, a seguir, os usos dos determinantes que atuam nas microconstruções nominais com *em caso (em) que* nas sincronias investigadas, a saber: *artigo + pronome demonstrativo* (cf. (117)), *pronome indefinido + artigo* (cf. (118)), *pronome indefinido* (cf. (119)) e, mais frequentemente, *pronome demonstrativo* (cf. (120)).

- (117) Nom afroxando per fraqueza de voontade, nem nos torvando por trigança com grande acrecentamento della, mas deternynando seguramente o que he bem em cada hu~u~ feito, nom se recrendo **em el tal caso que** seja razom fazer mudamento no começado, nom leixemos nosso proposito por suas mudanças, ante com boa deligencia per graça do senhor contynuemos ataa vi~i~r a fynal conclusom de nosso desejo. (CIPM: LC, século XV)
- (118) Depois, com effeito, de observar que a theoria predita, << rectificando este e outros pontos de doutrina, tem assentado, com verdade, que a nullidade dos contractos, **em todos os casos em que** era attribuida á influencia do erro, procede realmente de causa diversa >>, e de ter indicado casos em que, quaes os de defeito ou preterição de solemnidades externas, de solemnidades internas e doutros requisitos ou elementos cardeaes, os contractos são nullos por esses mesmos defeitos e não por erro essencial, escreve o illustre jurista: O discriminar os casos em que o vicio do contracto está, não no erro, mas na ausencia de elementos essenciaes á sua formação, isolando o que é assim propriamente effeito do erro, e não de causas estranhas, tem consequencias de inestimavel valor pratico. (CHPTB: JBII, século XIX)

- (119) E porem he de proveer **em qualquer caso que** a tristeza venha, se o corpo he em boa desposiçom e saude, por que ainda que per aquel aazo nom venha, a tristeza meesma traz desordenança do corpo, a qual sempre requiere enmenda, por que a faz acrecentar. (CIPM: LC, século XV)
- (120) Ao doente não se lhe há de fazer a vontade, e que ele por então o não conheça, depois o conhecerá, e agradecerá. Calidio Aquele é forte ponto. Vejamos que ali responde o nosso procurador. Vidal **Nesse caso que** dizes, o que jaz doente; jaz fraco, e não pode fazer mais que ameaçar. Nest' outro poente logo as mãos, e vingam-se. (CHPTB: FSM, século XV)

Investigamos, ainda em termos do grau de composicionalidade e analisabilidade da construção, a presença de modificadores que atuam sob o nome *caso* na microconstrução *em caso (em) que*, como mostra a Tabela 5.

Tabela 5- Modificadores do nome caso na microconstrução com em caso (em) que.

| MicroCxt | Modif. | XIII | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|-------------------------------------|------------------------|-----------|------------|-----------|-----------|-------|-----------|
| EM CASO (EM) QUE | <i>Ausente</i> | - | 3 33,3% | - | - | 3 | 23,07% |
| | <i>Oração relativa</i> | 1 100% | 6 66,6% | 2 100% | 1 100% | 10 | 76,92% |
| | <i>TOTAL</i> | 1 | 9 | 2 | 1 | 13 | 100% |

Fonte: Aatoria nossa.

Há, nos dados investigados, ocorrências em que não há presença de modificador associado ao nome *caso*, como ilustramos em (121), e, com maior frequência *token*, ocorrências em que o nome *caso* é modificado por uma oração relativa, conforme mostramos em (122).

- (121) Nom afroxando per fraqueza de voontade, nem nos torvando por trigança com grande acrecentamento della, mas determynando seguramente o que he bem em cada hu~u~ feito, nom se recrecendo **em el tal caso que** seja razom fazer mudamento no começado, nom leixemos nosso proposito por suas mudanças, ante com boa deligencia per graça do senhor contynuemos ataa vi~i~r a fynal conclusom de nosso desejo. (CIPM: LC, século XV)
- (122) **Em todo caso que se oferecia per pallavra, contenença e boa pratica**, lhe mostravamos que seu

serviço e boa vontade sobre a nossa e todo nosso proveito avançavamos. (CIPM: LC, século XV)

No que diz respeito ao parâmetro de material interveniente nas microconstruções com *em caso (em) que*, chega-se ao resultado de que, no geral, há ausência de elemento interveniente, com exceção de uma ocorrência registrada no século XIII, que apresenta um sintagma adjetival entre o nome *caso* e *que*. Mostramos esse resultado na Tabela 6, abaixo.

Tabela 6 - Presença de elemento entre o nome caso e que na microconstrução com em caso (em) que.

| MicroCxt | Elemento | XIII | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|-------------------------------------|----------------|-----------|-----------|----------|-----------|-------|-----------|
| EM CASO (EM) QUE | <i>Ausente</i> | 1 100% | 9 100% | 1 50% | 1 100% | 12 | 92,30% |
| | <i>Sadj</i> | - | - | 1 50% | - | 1 | 7,69% |
| | <i>TOTAL</i> | 1 | 9 | 2 | 1 | 13 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

Em (123), há uma ocorrência da microconstrução *em caso que* sem nenhum material interveniente, já em (124), há o predicado *maiores* entre *caso* e *que*.

(123) **Em todo caso que** se oferecia per pallavra, contenença e boa pratica, lhe mostravamos que seu serviço e boa vontade sobre a nossa e todo nosso proveito avançavamos. (CIPM: LC, século XV)

(124) E se tanto tem valido e importa a Portugal o conhecimento de seus futuros, ***em todos os casos maiores que podem acontecer a um reino***; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a coroa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe acrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a elas e se restituiu a si mesmo, oh! quanto mais necessário lhe será a Portugal e quanto mais útil e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros sucessos para aquelas empresas novas, e muito maiores, que nos tempos que hão-de vir (ou que já vêm) o esperam! Não se poderá compreender a grandeza e capacidade desta importância, senão depois de lida toda a História do Futuro, na qual só se medirá bem a imensidade do objecto com a desigualdade do instrumento. (CHPTB: PAV, Século XVII)

Para avaliar o grau de composicionalidade e analisabilidade da microconstrução *em caso (em) que*, analisamos também a propriedade flexional de número do nome *caso* que, como pode se notar na Tabela 7, e nos exemplos adiante, demonstrou variação entre as formas de *singular* e *plural* através das sincronias.

Tabela 7- Flexão do nome caso na microconstrução com em caso (em) que.

| MicroCxt | Flexão | XIII | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|-------------------------------------|-----------------|-----------|-------------|-----------|-----------|-------|-----------|
| EM CASO (EM) QUE | <i>Singular</i> | - | 6 66,66% | - | - | 6 | 46,15% |
| | <i>Plural</i> | 1 100% | 3 33,33% | 2 100% | 1 100% | 7 | 53,84% |
| | <i>TOTAL</i> | 1 | 9 | 2 | 1 | 13 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

Os exemplares, a seguir, demonstram os usos do nome *caso* no singular (cf. (125)) e no plural (cf. (126) e (127)) nas microconstruções com *em caso (em) que*.

- (125) A husança das pírollas comũs pera esto acheý muyto proveitosa, e ***em todo caso que me a tristeza recrecia, a ellas me tornava***, tomandoas em razoada maneira, segundo eu sentia que conviinha aa desposiçom em que eu estava. E ssempre della[s] me acheý pera esto de grande vantagem, porem o que bem estiver de saude, purgar, sangrias e vomytos deve muyto scusar quando sse bem pode fazer. (CIPM: LC, século XV)
- (126) ***Em todos casos que se oferecia, muy dereitamente segundo nosso juyzo o consselhavamos***, guardando tempos e boa desposiçom, sem empacho, com brandeza de pallavras e contenença lhe contradieziamos o que nos razom parecia, e no muyto bem e grandes virtudes que deos lhe dera o louvavamos temperadamente, segundo se os feitos e razoamentos seguyam. (CIPM: LC, século XV)
- (127) A guerra não era igualmente grata a todos os espanhóis grandes, porque alguns deles sendo interessados em o sangue de El-Rei e Rainha de Portugal, não lhes desprazia sua sublimidade; e a todos por ter um rei católico tão vizinho de quem se socorressem ***em aqueles casos que a fortuna traz consigo maiores e menores***. (CHPTB: FMMTP, século XVII)

Observamos, além disso, que a microconstrução *em caso (em) que* ocorre sempre em posição inicial, como tópico da oração, como pode-se verificar nos exemplos em (128) e (129).

- (128) Ao doente não se lhe há de fazer a vontade, e que ele por então o não conheça, depois o conhecerá, e agradecerá. Calídio Aquele é forte ponto. Vejamos que ali responde o nosso procurador. Vidal *Nesse caso que dizes, o que jaz doente; jaz fraco*, e não pode fazer mais que ameaçar. Nest' outro poente logo as mãos, e vingam-se. (CHPTB: FSM, Século XV)
- (129) *E porem he de proveer em qualquer caso que a tristeza venha*, se o corpo he em boa desposiçom e saude, por que ainda que per aquel aazo nom venha, a tristeza meesma traz desordenança do corpo, a qual sempre requiere enmenda, por que a faz acrescentar. (CIPM: LC, Século XV)

Em relação ao critério de função sintática de *caso* na oração, observamos que, nas microconstruções nominais com *em caso (em) que*, encontram-se apenas ocorrências em *função não argumental*, em que o nome *caso* atua como introdutor de adjunto em uma oração complexa, conforme representamos em (130).

- (130) *Em todo caso que se oferecia per pallavra*, contenença e boa pratica, lhe mostravamos que seu serviço e boa voontade sobre a nossa e todo nosso proveito avançavamos. (CIPM: LC, século XV)

Nas microconstruções nominais com *em caso (em) que*, *caso* apresenta característica semântica referencial, típica da categoria de nomes. Investigamos, portanto, os tipos de entidades semânticas que o nome *caso* pode referenciar na construção. Tal como ilustram as ocorrências a seguir, verifica-se que, nesse contexto, o nome *caso* pode fazer referência, sobretudo, às categorias de 3^a ordem (*proposições*), e, menos frequentemente (uma ocorrência), de 4^a ordem (*atos de fala*).

Como se vê, em (131), há a codificação de uma hipótese do usuário da língua, uma situação que ele prevê que poderá acontecer, sendo, assim, uma construção mais abstrata e subjetiva em relação aos usos mais concretos do nome *caso*. Já em (132), mais intersubjetiva, o nome *caso* designa um ato ilocutivo, evidenciado pelo verbo *dicendi, dizer*.

- (131) E se tanto tem valido e importa a Portugal o conhecimento de seus futuros, *em todos os casos maiores que podem acontecer a um reino*; se debaixo desta fé nasceu, quando recebeu a coroa; se debaixo desta fé cresceu, quando lhe acrescentou as conquistas; se debaixo desta fé se restaurou, quando as restituiu a elas e se restituiu a si mesmo, oh! quanto mais necessário lhe será a Portugal e quanto mais útil e importante esta mesma fé e conhecimento de seus futuros

sucessos para aquelas empresas novas, e muito maiores, que nos tempos que hão-de vir (ou que já vêm) o esperam! Não se poderá compreender a grandeza e capacidade desta importância, senão depois de lida toda a História do Futuro, na qual só se medirá bem a imensidade do objecto com a desigualdade do instrumento. (CHPTB: PAV, Século XVII)

- (132) Ao doente não se lhe há de fazer a vontade, e que ele por então o não conheça, depois o conhecerá, e agradecerá. Calídio Aquele é forte ponto. Vejamos que ali responde o nosso procurador. Vidal *Nesse caso que dizes*, o que jaz doente; jaz fraco, e não pode fazer mais que ameaçar. Nest' outro poente logo as mãos, e vingam-se. (CHPTB: FSM, Século XV)

Conforme observa-se na Tabela 3, seção 3.2, as primeiras instâncias da microconstrução nominal com *no caso (em) que* ocorre posteriormente às construções com *em caso (em) que*. Nos dados do nosso *corpus*, os primeiros registros da construção com *no caso (em) que* são do século XV, cujos exemplares reproduzimos a seguir.

- (133) Em mayor provaçom desta mynha teençom veemos que, sendo dicto a nosso senhor que do pynacullo abaixo se lançasse, respondeo que era scripto: "Nom tentaras teu deos". E que al he tentar deos senom, quando bem scusar se pode, nom scolhermos aquella mais segura parte que nosso entender nos demostra, e provarmos outra, *teendo sandeu esforço em sua speranza no caso que per necessidade nom somos costrangydos de o assy fazer?* (CIPM: LC, século XV)
- (134) E pera saber convem preguntar a ssi primeiro, pensando das cousas como som, e a maneira que sobr'ellas deve teer com as outras circunstancias a esto perteecentes, e aos outros que devem seer preguntados, e que per si e doutros aprender nom aja empacho de o enssynar e praticar *nos casos que bem for*. (CIPM: LC, século XV)
- (135) Aquestas declarações vos screvo consiirando meus sentidos, e dos outros, segundo meu juyzo demostra ante estes nossos sentymentos, nos quaaes he de consiirar que podemos errar per os avermos *nos casos que nom devemos ryjo e mais tempo que he razoam*. (CIPM: LC, século XV)

As microconstruções nominais com *no caso (em) que* apresentaram frequência *token* de 9 ocorrências (5,17%) no *corpus*, distribuídas entre os séculos XV, XVII e XIX. Como deixam claro os exemplos demonstrados anteriormente, todas as ocorrências apresentaram determinante simples (artigo definido). Já em termos do uso de modificadores do nome *caso*, a microconstrução nominal com *no caso (em) que* se assemelha à microconstrução com *em caso*

(em) que, demonstrando, na maioria dos dados, a presença de oração relativa e, em alguns casos, ausência de modificadores. A Tabela 8 expõe tal resultado.

Tabela 8 - Modificadores do nome caso na microconstrução com no caso que.

| MicroCxt | Modif. | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|-------------|------------------------|------------|----------|-----------|-------|-----------|
| NO CASO QUE | <i>Ausente</i> | 1 33,3% | 1 20% | - | 2 | 22,22% |
| | <i>Oração relativa</i> | 2 66,6% | 4 80% | 1 100% | 7 | 77,77% |
| | <i>TOTAL</i> | 3 | 5 | 1 | 9 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

Nos exemplares a seguir mostramos os usos de ausência de modificador em (136) e presença de oração relativa associada ao nome *caso*, em (137)

(136) Em mayor provaçom desta mynha teençom veemos que, sendo dicto a nosso senhor que do pynacullo abaixo se lançasse, respondeo que era scripto: "Nom tentaras teu deos". E que al he tentar deos senom, quando bem scusar se pode, nom scolhermos aquella mais segura parte que nosso entender nos demostra, e provarmos outra, teendo sandeu esforço em sua sperança **no caso que per necessidade nom somos costrangydos de o assy fazer?** (CIPM: LC, século XV)

(137) Emfim quero suppor que em nenhum desses casos, que apresento, houvesse verdadeiramente phtysica, que mesmo **no caso que me servio de experiencia não a houvesse**, posto que estou convencido da existencia della, principiando,- quero suppor, disse, e conceder até isso;- muito pouco custa, e por tanto deixo estas considerações para alguem, que mais habilitado estiver do que eu, pensar sobre ellas, e ver emfim se por esse meio que proponho se pode arredar por um pouco mais da sociedade este terrivel flagello. (CHPTB: JBI, século XIX)

Com foco em compreendermos o grau de esquematicidade, composicionalidade e analisabilidade da construção, investigamos o critério de tipo de material interveniente entre *caso* e *que*, nas microconstruções com *no caso (em) que*. Na Tabela 9, e a partir dos exemplos abaixo, percebe-se a relativa composicionalidade da construção, já que é possível encontrar, no século XVII, os usos de sintagmas adjetivais que ocorrem entre o nome *caso* e *que*.

Tabela 9 - Presença de elemento entre o nome caso e que na microconstrução com no caso (em) que.

| MicroCxt | Elemento | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|------------------|----------------|-----------|----------|-----------|-------|-----------|
| NO CASO (EM) QUE | <i>Ausente</i> | 3 100% | 2 40% | 1 100% | 6 | 66,6% |
| | <i>Sadj</i> | - | 3 30% | - | 3 | 33,3% |
| | <i>TOTAL</i> | 3 | 5 | 1 | 9 | 100% |

Fonte: Autorial nossa.

Na construção (138), não há elemento interveniente, mas, as microconstruções em (139) e (140), por sua vez, são menos esquemáticas e apresentam menor grau de fusão, já que os sintagmas adjetivais *suposto* e *presente* estão entre *caso* e *que*.

(138) Julgue agora Castela se terá esse interesse cobiçosos e este empenho imitadores. Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação), que, **no caso em que** a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao Turco que a Castela. (CHPTB: PAV, século XVII)

(139) E poderá esta renda situar-se em Pernambuco, como a outra está no Rio de Janeiro e na Baía. - Maranhão, 10 de Junho de 1658. Depois de se remeter êste papel ao Padre Provincial chegou o Padre Visitador Francisco Gonçalves, e consultando-se-lhe a matéria se conformou com o mesmo parecer, dizendo que, **no caso suposto que** os padres possam ser socorridos e visitados, é conveniente que fiquem, pois por esta só razão se mandaram retirar. (CHPTB: CAV, Século XVII)

(140) E se esta razão, ainda em termos tão apertados é sempre verdadeira, quanto mais **no caso presente em que** a mesma grandeza de Espanha e sua potência é o maior seguro de sua reputação! (CHPTB: PAV, Século XVII)

Quanto ao critério de flexão de número do nome *caso* nas microconstruções com *no caso (em) que*, percebemos variação entre singular e plural, sendo os usos de singular com maior frequência *token*, como demonstrado na Tabela 10.

Tabela 10- Flexão do nome caso na microconstrução com no caso (em) que.

| MicroCxt | Flexão | XV | XVII | XIX | Freq. | Prop. (%) |
|------------------|-----------------|-------------|----------|-----------|-------|-----------|
| NO CASO (EM) QUE | <i>Singular</i> | 1 33,33% | 4 80% | 1 100% | 6 | 66,66% |
| | <i>Plural</i> | 2 66,66% | 1 20% | - | 3 | 33,33% |
| | <i>TOTAL</i> | 3 | 5 | 1 | 9 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

Trazemos, nas ocorrências a seguir, um exemplo de microconstrução, menos composicional, no *singular* e outra, mais composicional e analisável, no *plural*, respectivamente.

- (141) Emfim quero suppor que em nenhum desses casos, que apresento, houvesse verdadeiramente phtysica, que mesmo *no caso que* me servio de experiencia não a houvesse, posto que estou convencido da existencia della, principiando,- quero suppor, disse, e conceder até isso;- muito pouco custa, e por tanto deixo estas considerações para alguém, que mais habilitado estiver do que eu, pensar sobre ellas, e ver emfim se por esse meio que proponho se pode arredar por um pouco mais da sociedade este terrivel flagello. (CHPTB: JBI, século XIX)
- (142) Aquestas declarações vos screvo conssiirando meus sentidos, e dos outros, segundo meu juyzo demonstra ante estes nossos sentymentos, nos quaaes he de conssiirar que podemos errar per os avermos *nos casos que* nom devemos ryjo e mais tempo que he razom. (CIPM: LC, século XV)

As microconstruções nominais com *no caso (em) que* apresentaram função não argumental em orações complexas, sempre ocupando posição inicial da oração, como podemos atestar na ocorrência exemplificada em (143).

- (143) Julgue agora Castela se terá esse interesse cobiçosos e este empenho imitadores. Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação), que, *no caso em que* a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao Turco que a Castela. (CHPTB: PAV, século XVII)

Ainda sobre as microconstruções com *no caso (em) que*, verifica-se que, o nome *caso* apresenta característica semântica referencial podendo designar na oração uma entidade de 3ª ordem (*proposição*). Como se verifica na ocorrência (144), o nome *caso* se refere a uma

situação hipotética descrita pelo usuário da língua; trata-se da descrição da possível realização de um evento: o benefício de ser representado juridicamente ser concedido.

- (144) Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos Reynos materia exorbitante, e qualificada: pois com isso está, que he verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensaõ alguma *nos casos, em que o Direito concede este beneficio da representaçaõ*. (CHPTB: MC, século XVII)

O mesmo acontece em (145); o nome *caso* na microconstrução com *no caso que* faz referência a uma proposição construída pelo usuário da língua, que supõe a situação em que os padres possam receber socorro e visita. Corresponde a um posicionamento epistêmico do usuário da língua, demonstrando a abstratização do nome *caso*, neste contexto.

- (145) E poderá esta renda situar-se em Pernambuco, como a outra está no Rio de Janeiro e na Baía. - Maranhão, 10 de Junho de 1658. Depois de se remeter êste papel ao Padre Provincial chegou o Padre Visitador Francisco Gonçalves, e consultando-se-lhe a matéria se conformou com o mesmo parecer, dizendo que, *no caso suposto que os padres possam ser socorridos e visitados, é conveniente que fiquem, pois por esta só razão se mandaram retirar*. (CHPTB: CAV, Século XVII)

Vários outros tipos de padrões construcionais com o nome *caso + que*, com sentidos circunstanciais/hipotéticos, ocorreram em nosso *corpus* diacrônico. A primeira instância encontrada é da microconstrução com *havendo tal caso que*, no século XIV, como demonstramos na ocorrência a seguir.

- (146) Outra cousa, que muito asyicava o povo meudo, era aver na Cidade gram parte de Gallegos, & Castellaõs, & muytos criados da Rainha, assim por criação como por bemeitoria, & officios, que lhe derão. *Os quaes avendo tal caso, que se defender quizessem, temiam de ser da sua parte, & de todo ponto estorvo contra elles*. E postas todas cousas ante seus olhos, nenhum era sabedor do que avi de fazer. (CHPTB: FL, século XIV)

Como mostram os dados de (147) a (150), a partir do século XV, outras construções complexas com sentido condicional passam a ser frequentes, como é o exemplo das construções encabeçadas por orações reduzidas, instanciadas pelo subesquema [[V *caso que*] oração finita],

sendo caso que, salvo (em) caso que e dado caso que, e da construção introduzida por *para caso que*, instanciada pelo subesquema [[PREP *caso que*] oração finita].

- (147) De todo ho que lhe assi deu, fez Condado chamado ho Condado de Portugal, com tal condição, 'q ho Conde D. Anrique ho servisse, e fosse às suas Cortes, e chamados, e ***sendo caso que fosse doente, ou tivesse legitimo impedimento a nom poder là hir, lhe mandasse hum dos mais principaes de sua terra*** ha seu serviço com trezentos de cavalo, nom avendo naquelle tempo mais naquella terra de Portugal. (CHPTB: DG, século XV)
- (148) O dinheiro que se deu por ela já tenho dito muitas vezes a Vossa Excelência que se não pode trocar por outro, pois está dado, mas poderia Duarte Nunes aplicar outra tanta quantia ao negócio para que se há mistér êste, ***pôsto que a importância de Sua Majestade ter navios é tão grande e tão precisa, que sempre eu seria de parecer que aqueles cem mil cruzados se não divertissem para outra cousa, salvo em caso que dêles dependesse o negócio de Veneza, que sempre está diante de tudo***; mas Duarte Nunes, com as remessas que agora se lhe fizeram, está tão acreditado que sôbre seu crédito pode tomar tudo quanto fôr necessário. (CHPTB: CAV, século XVII)
- (149) Mas eu estou persuadida que ela é capaz do maior heroismo e que, certa do excessivo dano que causa a João do Rêgo, será ela mesma quem solte a palavra dêste honrado homem e admita qualquer outra proposição digna dela, e neste mesmo acto provará que os seus grilhões só eram de honra e de dignidade e que o brio é só quem os quebra, quando tôda a fôrça foi inútil. Estas idéias elevadas podem muito com uma mulher de juízo e são a melhor refutação de tôdas as calúnias. ***Dado o caso que o que me lembra seja possível, não cuide V. A. que fico descansada***. (CHPTB: MA, século XVIII)
- (150) ***E supondo El-rei de Castela ser verdadeira esta notícia , escreveu a Dom Affonso de Toar, seu Embaixador residente em Lisboa, que desse a mesma notícia aos Ministros do conselho del-rei Dom Sebastião, e os advertisse, que deviam ter prestes as suas naus de guerra para o caso que os Turcos passassem aos mares de Portugal***: assim o fez o Embaixador, e o regente lhe mandou dar por escrito esta repostagem, que temos copiada no nosso arquivo; diz assim: O que El- senhor respondeu ao que o sereníssimo rei de Castela lhe escreve sobre a Armada dos Turcos , e Mouros de Argel, e do intento deles, em que lhe da sua parte falou o Embaixador Dom Affonso de Toar, é: Que Sua Alteza sente tanto, como é razão, estas novas; e estima muito mandar-lhes o sereníssimo rei comunicar [...](CHPTB: MS, Século XVII)

As construções com *sendo (o) caso que, salvo (em) caso que, dado o caso que, para (o) caso que*, são, no geral, antepostas ou pospostas a uma oração matriz, favorecendo a relação semântica de condição/consequência. Apresentam, na oração hipotática, verbos no subjuntivo, expressando predição futura, não assertividade do usuário da língua, e nuances de não-factualidade – traços essenciais à condicionalidade (DANCYGIER, 1998). O nome *caso*, nessas construções, sempre se refere a uma proposição do usuário da língua que apresenta uma conjectura da realização possível de alguma situação.

Como foi possível observar a partir de nossas análises, não apenas o sentido circunstancial anafórico do nome *caso*, mas todos os elementos da construção ajudam a compor o significado hipotético. Conforme aponta Longhin (2020), o processo gradual que envolve a formação de conectivo com *caso* demonstra uma crescente ligação entre o nome e *que*, além de outros traços formais e semântico-pragmáticos que são essenciais para a emergência de uma construção condicional.

3.2.2. Microconstruções nominais [_ caso de]

Sob os critérios de Kortmann (1997), Bybee (2010) e de Traugott e Trousdale (2021), investigamos em perspectiva diacrônica os graus de composicionalidade e analisabilidade de microconstruções nominais com *caso* que parecem ser fontes importantes para a constituição dos conectivos complexos condicionais *em caso de* e *no caso de*. Assim como na seção anterior, examinamos, a partir de um conjunto de parâmetros de forma e significado, o grau de fusão entre as partes da construção, a perda dos traços da fonte nominal e se a relação de significado pode ou não ser recuperável pelas partes que compõe a construção.

Das 174 ocorrências de microconstruções nominais com *caso*, foram encontradas em nosso *corpus* um total de 26 tokens (14,94 %) de construções com *em caso de* e 40 (22,98%) ocorrências com *no caso de*. Os dados apontam que as microconstruções nominais com *em caso de* surgem em sincronias anteriores às microconstruções com *no caso de*. As primeiras microconstruções com *em caso de* ocorrem no século XV; já os registros de microconstruções com *no caso de* aparecem tardiamente, a partir do século XVII.

Quanto aos critérios de análise que se relacionam com o grau de composicionalidade das formas fonte, focalizamos os traços morfossintáticos que caracterizam o nome *caso*, como o uso de determinantes, de modificadores, a flexão em número, a posição e a função sintática

na oração, e os traços semânticos-pragmáticos como o tipo de referência semântica de caso na construção. Os resultados, nas sincronias investigadas, mostram que há preservação de determinante artigo, como exemplificam as ocorrências (151) e (152).

- (151) BRAZ Peça qualquer coisa. CHICO Muito simples. BENEFICIADO Um copo d'agua. ALFERES E **no caso de defluxo, morna**. D. BRAZ O sr. Casaca é que ha de decidir. Quer-se coisa, que não faça mal a um doente. (CHPTB: JCC, século XIX)
- (152) *Com Gillete TECH, não há perigo de cortes **no caso de um gesto brusco**...* Frisos anti-deslisantes garentem segurança! (PROHPOR: AFN, século XX)

Há também dados, como observamos na Tabela 11, com uso de determinantes pronomes indefinidos (cf. (153)) e pronomes demonstrativos (cf. (154) e (155)) antecedendo o nome *caso* nas microconstruções com em caso de:

- (153) Mas para o nosso caso não são necessários exemplos, nem têm lugar, porque é diverso de todos e de superior jerarquia. E quando concedamos aos políticos que, para vaidade fantástica da opinião, se devam arrastar tantos respeitos sólidos e verdadeiros, como eles falsamente ensinam, **em nenhum caso de** paz e recíproca desistência das armas esteve mais segura e mais honrada a reputação de Espanha e de seu grande monarca, que no da guerra presente, e pelo mesmo fundamento e único em que se funda todo este discurso; (CHPTB: PAV, século XVII)
- (154) Ho comde, tanto que vio a frota dos mouros, começou de rrepartir suas guardas. - Senhor, - disse elle contra dom Johã - quero saber de vos omde vos prazerá ter carrego de estar, pera eu perder o cuydado dessa parte omde vos estiverdes, caa, pero este cuydado primçipall seja meu, vista vossa gramdeza, nõ vos ey **ẽ este caso de** ter senã por parceiro. (CIPM: CPM, século XV)
- (155) E havendo-vos vós de vir, porque não podereis vir tanto depressa , me enviareis logo em diligência recado de como vós vindes, e o modo em que deixais o negócio, tudo muito declaradamente. E **neste caso de** deixardes assentado o concerto, e vir cá a minuta dele, como dito é, vós vos podereis vir em boa hora; porque não será lá mais necessária vossa estada. (CHPTB: CDJ, século XVI)

Verifica-se, na Tabela 11, e nas ocorrências a seguir, que a maioria dos dados com *em caso de* demonstram ausência de determinantes.

Tabela 11 – Determinantes do nome caso na microconstrução com em caso de.

| Micro Cxt | Det. | XV | XVI | XVII | XIX | XX | XXI | Freq. | Prop. (%) |
|------------|--------------------------|-------------|-----------|----------|-----------|----------|------------|-------|-----------|
| EM CASO DE | <i>Ausente</i> | 1 33,33% | - | 1 50% | 3 100% | 2 50% | 13 100% | 20 | 76% |
| | <i>Pronome indef.</i> | 1 33,33% | - | 1 50% | - | - | - | 2 | 7,69% |
| | <i>Pronome demonstr.</i> | 1 33,33% | 1 100% | - | - | 2 50% | - | 4 | 15,38% |
| | <i>TOTAL</i> | 3 | 1 | 2 | 3 | 4 | 13 | 26 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

Os dados (156) e (157) ilustram usos menos composicionais das microconstruções nominais com *em caso de*.

- (156) O artigo 108 do Código Nacional de Transito determina: " Art. 108- ***Em caso de*** acidente grave na via pública e apurada a culpa do condutor, será o mesmo submetido a novo exame de visão, e, ainda, ao exame psico-fisiológico, se decorridos mais de dois anos, a contar do último a que foi submetido "(CHPTB: JB, século XX)
- (157) Shows, distribuição de brindes e interação com a comunidade, além da participação de comunicadores da RBS, integram a programação. ***Em caso de*** chuva, o evento será cancelado. (PORPOPULAR: DG, século XXI)

Observamos, além disso, que o nome *caso*, em tais microconstruções apresentam sintagma preposicional como modificador, como se verifica nas ocorrências exemplificadas a seguir.

- (158) Entre os mais culpados pareceu mais inocente o duque de Caminha, que em tudo obrou como fiel, se não prevalecesse aquela sentença de Bártolo, tão reprovada de Baldo, que obriga aos filhos e pais, contra a Lei da Natureza, delatarem ao príncipe uns e outros ***em caso de conspiração***. (CHTB: FMMTP, Século XVII)
- (159) A pistola não tem espoleta!!! - Não se assuste (respondi-lhe eu); vou dar-lhe a espoleta. Como tenho a desgraça de o conhecer, e conhecer muito, é-me preciso toda cautela com vossemecê. Assim, enquanto vem buscar a pistola sobre a mesa, enquanto volta para seu posto, e escorva,

& c., é mister que eu tenha sempre a minha pistola de pontaria feita, para lhe fazer voar os miolos, *no caso de uma traição...* heim? (CHTB: AGT, século XIX)

Não foram encontrados dados de elemento linguístico entre o nome *caso* e a preposição *de*. No que diz respeito ao critério de flexão em número de *caso*, os resultados da análise diacrônica, expostos na Tabela 12, apontam que os usos de singular são muito mais frequentes em comparação aos usos de plural, para os dois tipos de microconstruções.

Tabela 12- Flexão do nome caso na microconstrução com em (o) caso de.

| Micro Cxt | Flexão | XV | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX | XXI | Freq. | Prop. (%) |
|------------|--------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-------------|-------------|------------------|-----------|-------------|
| NO CASO DE | <i>Sing.</i> | - | - | 1 100% | 1 100% | 10 90,9% | 12 92,3% | 11 91,66 % | 35 | 92,10 % |
| | <i>Plur.</i> | - | - | - | - | 1 9,09% | 1 7,69% | 1 8,33% | 3 | 7,89 % |
| | Total | - | - | 1 | 1 | 11 | 13 | 12 | 38 | 100% |
| EM CASO DE | <i>Sing.</i> | 3 100% | 1 100% | 2 100% | - | 3 100% | 4 100% | 12 92,3% | 25 | 96,15 % |
| | <i>Plur.</i> | - | - | - | - | - | - | 1 7,69% | 1 | 3,84% |
| | Total | 3 | 1 | 2 | - | 3 | 4 | 13 | 26 | 100% |

Fonte: Autoria nossa.

A possibilidade de variação do nome *caso* entre singular (cf. (160) e (161)) e plural (cf. (162) e (163)) podem ser verificadas nas ocorrências a seguir.

(160) Motociclismo (FGM) é de que o número de inscritos supere o da prova anterior, que teve 230 participantes. *O público estimado é de pelo menos 5 mil pessoas, em caso de tempo bom.* (PORPOPULAR: DG, século XXI)

(161) Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. *A Brites aconchegava-se do vigário a fim*

de, no caso de intervenção diabólica, se encostar à coluna da Igreja. Luís meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estúpido a chegada da mulher. (CHPTB: CCB, século XIX)

- (162) A nullidade do contracto na primeira hypothese (a da ausencia de elementos essenciaes) é de pleno direito, visceral, absoluta; assim pode ser invocada a todo tempo e por quem quer que seja; annulla o contracto desde sua origem, e não depende de prova de prejuizo. *Ao contrario, nos casos de erro propriamente dito, etc...* (CHPTB: JBII, século XIX)
- (163) Com a internet, poderemos contar com a ajuda da comunidade, como já acontece com o Disque Denúncia da Secretaria da Segurança Pública (181) – explica o titular da Roubos, delegado Juliano Ferreira. O site pode ser acessado a partir da página da Polícia Civil (www.pc.rs.gov.br). Para preservar as vítimas, o site não divulgará os seus nomes e o endereço onde ocorreu o crime, apenas a localização aproximada. *O mesmo ocorrerá em casos de assaltos a bancos ou outros estabelecimentos comerciais.* Na sexta, imagens de quatro assaltantes já estavam no site. A ideia é ter imagens de até 20 criminosos desconhecidos da polícia. (PORPOPULAR: DG, século XXI)

Todas as ocorrências com *em (o) caso de* encontram-se em *função não argumental* em que a microconstrução com *caso*, que se comporta como adjunto adverbial, está em posição inicial, introduzindo uma oração simples, como ilustra a ocorrência (164).

- (164) O especialista, que exerceu a função durante oito anos, dá uma boa notícia para condutores comuns: *No caso do freio com ABS, a diferença entre um profissional e um amador é mínima.* Esse equipamento praticamente iguala as coisas e deixa a moto muito mais segura. (PorPopular: DG, Século XXI)

Em relação ao critério de tipo de entidade semântica, o nome *caso*, nessas microconstruções, pode fazer referências às entidades de 3ª ordem (*proposição*), como mostram os exemplos abaixo.

- (165) Com Gillete TECH, não há perigo de cortes *no caso de um gesto brusco...* Frisos anti-deslisantes garentem segurança! (PROHPOR: AFN, século XX)
- (166) O artigo 108 do Código Nacional de Transito determina: " Art. 108- *Em caso de acidente grave na via pública* e apurada a culpa do condutor, será o mesmo submetido a novo exame de visão, e, ainda, ao exame psico-fisiológico, se decorridos mais de dois anos, a contar do último a que foi submetido "(CHPTB: JB, século XX)
- (167) Um quarto de hora é bastante para que a bouillabaisse esteja prompta é perfeita. Será necessário prolongar esse tempo por mais cinco ou seis minutos, se na bouillabaisse entrarem cavallas, mas este peixe só deve ser admittido *em caso de necessidade.* (BBM: CC, século XX)

Encontram-se, além disso, dados de construções complexas encabeçadas por *para (o)(s) caso(s) de e salvo(s) (o) (s) caso(s) de*, como mostram os exemplos adiante.

- (168) Na Capital Bahiana Attesto que, na minha clínica, e *para os casos do syphilis secundaria*, tenho aconselhado o emprego do Elixir de Nogueira do pharmaceutico João da Silva Silveira e sempre com resultados satisfactorios. Dr. Durval M. da Silva Braga (Firma recunhecida) Vende-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade. (PROHPOR: AFN, século XX)
- (169) Para chegar á conclusão á qual, muitissimo juridicamente, chegou, na decisão aggravada, de que o calculo do cambio attinente ao credito dos aggravantes, para a eleição de syndicos e membros da commissão fiscal, realizada a 23 de março do corrente anno, << afastara-se dos principios de direito >>, desde que fora feito, tomando-se, como base delle, a cotação de data posterior á epocha legal da fallencia, isto é, do proprio dia daquela eleição, começou o honrado e talentoso juiz a quo por deixar assentados dois principios ou regras: 1º, que o processo de fallencia << é todo de excepção >>; 2º, que tal processo << tem por base o princípio de egualdade de tratamento entre credores, os quaes, *salvo o caso de preferencia*, devem ser collocados no mesmo nivel juridico, para todos os effeitos legaes que decorrem do estado de fallencia >>. (CHPTB:JBII, século XIX)

Essas construções também vinculam uma situação eventual, hipotética, e o modo como estão estruturadas sugere um significado de condição/efeito. Em nossos dados, estes tipos de construções ainda apresentam traços da fonte nominal, como flexão de número, e significado referencial do nome *caso* que retoma uma proposição. Embora essas construções não apareceram funcionando como conectoras, correspondem a dados que servem de base para formação de conectivos, uma vez que apresentam características semânticas e morfossintáticas de conectivos condicionais e revelam a abstratização gradual do nome *caso*.

3.3. As microconstruções conectivas com *caso* em diferentes sincronias do português

3.3.1. Século XIV

Na tabela a seguir, estão as frequências *token* e *type* de ocorrência da microconstrução conectiva condicional com *caso* no século XIV. Importante destacar que a investigação levou em consideração somente as ocorrências em que *caso* introduzia uma oração adverbial de expressão condicional, a qual é instanciada pelo esquema mais abstrato [[CONNECT] oração_i] CONDIÇÃO.

Tabela 13– Microconstrução conectiva com *caso* encontrada na sincronia do século XIV.

| Esquema |
|---------|
|---------|

| [[CONNECT] oração i] CONDIÇÃO | | | |
|--|---------------|---|-----------------|
| Subesquema | Freq. Type | Microconstrução | Total |
| [[PREP N PREP] oração não finita] CONDIÇÃO | 1 | [[em caso de] oração não finita] CONDIÇÃO | 1 (100%) |
| Freq. Token | | | 1 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

Como se pode observar, foi encontrado no século XIV a primeira ocorrência de microconstrução conectiva com *caso*, sancionada pelo subesquema [[PREP N PREP] oração não finita] CONDIÇÃO. Na construção exposta em (170), é possível verificar que *em caso de* funciona como um conectivo adverbial complexo, com significado condicional, uma vez que encabeça uma hipotaxe de realce, a partir da qual um cenário hipotético é apresentado, que leva à realização eventual do conteúdo enunciado na oração subsequente.

- (170) Vasco Martins disse que lho tinha em grande merce, mas que tal carregó nam filharia, por elle ser vassalo Del Rey de Portugal, & seu Guarda mòr, & que poderia ser de se receber depois guerra contra o Reyno de que elle era natural, & *cahiria em caso de menos valer*. (CHPTB: FL, Século XIV)

Uma das propriedades que apuramos na presente análise é o arranjo linear da oração hipotática introduzida pelo conectivo em relação à sua oração principal. Como ilustra o exemplo acima, no século XIV, a condicional com *em caso de* ocorre depois da oração a ela associada. Na ocorrência exemplificada ((170)), a condicional *em caso de menos valer* é pragmaticamente mais subjetiva e cognitivamente mais complexa para o usuário da língua, à medida que não há a ordem canônica de causa-efeito dos eventos descritos nas orações, em que a partir da possível efetivação da situação em *p* há uma possível consequência em *q*, mas, sim, uma ressalva/adendo na oração condicional sobre o que foi enunciado anteriormente na oração principal.

No que diz respeito às formas verbais, a construção complexa marcada por *em caso de* apresenta uma oração não finita, com verbo no infinitivo⁴⁸ na condicional (*valer*) e futuro do pretérito do indicativo na oração principal (*cahiria*). É notório em (170) que as formas verbais com referências futuras e o contexto do enunciado constrói uma interpretação temporal que favorece a nuance semântica de não-assertividade, isto é, os eventos descritos na proposição não são factuais, o que corresponde a um traço essencial para expressão de significado condicional.

⁴⁸ O infinitivo do verbo pode ser parecido com formas no futuro do subjuntivo.

A presença do conectivo *em caso de* e das formas verbais utilizadas no *slot* da oração condicional e da oração núcleo também colaboram para a manifestação de outro traço básico do significado de condicionalidade, que é o distanciamento epistêmico do usuário da língua ao enunciar uma construção hipotética. Na ocorrência em (170), as formas verbais no infinitivo e futuro do pretérito indicam que o indivíduo não acredita nem descredita na realização do evento enunciado, sendo, portanto, uma postura epistêmica classificada como neutra. Isso significa que o usuário da língua não considera nem desconsidera que os eventos codificados nas orações podem acontecer, já que se trata de uma situação que faz referência ao que poderia ter ocorrido e provavelmente pode ainda se realizar no futuro.

A microconstrução [[*em caso de*] oração não finita] funciona, além disso, como um construtor de espaços mentais alternativos. Na construção condicional “Vasco Martins disse que (...) poderia ser de se receber depois guerra contra o Reyno de que elle era natural, & cahiria em caso de menos valer”, cria-se um espaço base a partir do qual é possível construir dois espaços: no primeiro, há a afirmação da situação hipotética “poderia receber depois da guerra contra o reino e cairia em caso de menos valer”; no segundo espaço, denominado expansão, há a negação do espaço anterior “não se pode receber e não cairia em caso de menos valer”.

Com relação aos domínios conceptuais, encontramos, neste século, o uso da condicional em domínio de conteúdo. Nota-se que o evento descrito no segmento matriz – “cahiria” – é um possível resultado a partir da realização do evento do segmento condicional – “em caso de menos valer”. Ressalta-se que este tipo de construção condicional mantém uma relação de causalidade mais concreta entre os segmentos da construção, pois há uma sequencialidade linear evidente entre os eventos descritos em que o acontecimento da oração condicional precede o acontecimento da oração principal.

O resultado da investigação desse parâmetro corrobora as nossas expectativas, já que esperávamos encontrar microconstruções conectivas com *caso* em domínios menos abstratos nas primeiras sincronias investigadas, seguindo a proposta de Sweetser (1990). Conforme a autora, o desenvolvimento de conectivos adverbiais segue um *cline* direcional que vai de domínios mais concretos (conteúdo e epistêmico) até domínios mais subjetivos (atos de fala).

As análises dos parâmetros de forma e de significado nos levam a considerar que a microconstrução com *em caso de* assume papel de conectivo complexo adverbial de significado condicional – um *chunk* procedural sancionado pelo esquema mais abstrato [[CONNECT] oração_i] CONDIÇÃO. O que se nota, portanto, é que o subtipo em análise demonstra elos de herança à rede de microconstruções conectivas complexas e, assim, observamos que a construção

possui as seguintes características : (i) o caráter não-argumental de *caso*; (ii) a posição fixa no início da oração adverbial de sentido circunstancial; (iii) a não possibilidade de flexão de número, (iv) a fusão e a opacidade semântica dos elementos que formam o conectivo complexo *em caso de*. Como consequência das diversas mudanças estruturais e funcionais, observamos, além disso, alterações nos graus de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade da construção.

Com a averiguação do grau de esquematicidade, chega-se ao resultado de que o subesquema encontrado nesta sincronia apresenta baixa esquematicidade uma vez que apresenta restrições em todos os *slots* do arranjo colocacional da construção [[PREP N PREP] oração_i]. O *slot* do conectivo é especificado pela preposição *em* + a base nominal *caso* e pela preposição *de*. O *slot* da oração_i pode apenas ser preenchido por uma oração finita, com verbo no futuro do modo subjuntivo. A microconstrução também não demonstra propriedades morfossintáticas da natureza lexical de *caso*, como a presença de determinantes e/ou modificadores. Há diminuição, nesse sentido, dos graus de composicionalidade, já que o subesquema é utilizado em um contexto discursivo-pragmático específico – a integração entre os elementos do conectivo complexo [*em caso de*] e o verbo da oração no infinitivo favorece a emergência de valores semânticos mais abstratos. No entanto, nota-se, nessa sincronia, que ainda existem na microconstrução traços do sentido referencial do nome *caso*, a qual precisa se amparar em outros elementos da construção, como, por exemplo, a preposição *em* e o subordinador *de*, além das formas verbais das orações, para construir significado de microconstrução conectiva com sentidos relacionados à condição. No que concerne à propriedade de produtividade, encontramos apenas uma instância de microconstrução conectiva com *caso* nesse século, demonstrando obviamente baixa produtividade.

O resultado dos parâmetros de análise para esse primeiro padrão construcional do século XIV é o primeiro indicativo para a confirmação da nossa hipótese principal de que as microconstruções conectivas complexas formadas com *caso* emergem a partir do processo de construcionalização gramatical. Tem-se, portanto, o desenvolvimento gradual de um novo nó procedural na rede de subesquemas [PREP N PREP]_{CONNECT} oração_i] CIRCUNSTÂNCIA.

3.3.2. Século XV

No século XV, há a emergência de uma nova microconstrução conectiva com *caso* no português, como podemos verificar na Tabela 14, abaixo.

Tabela 14– Microconstrução conectiva com *caso* encontrada na sincronia do século XV.

| Esquema | | | |
|---|------------|---|-----------------|
| [[CONNECT] oração i] CONDIÇÃO | | | |
| Subesquema | Freq. Type | Microconstruções | Total de tokens |
| [[PREP N <i>QUE</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 | [[<i>em caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (100%) |
| Freq. Token | | | 1 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

Em (171), há a primeira ocorrência de microconstrução conectiva condicional com *em caso que* no português, sancionada pelo subesquema [[PREP N *QUE*] oração finita]. No exemplo abaixo, *em caso que* atua como conector condicional complexo, introduzindo uma oração condicional que circunscreve uma moldura semântico-pragmática que valida a oração principal. Observamos que, nesse contexto, *em caso que* assume posição fixa no início da oração, não mais ocupa função argumental, não apresenta modificadores, tampouco pode ser flexionado em número.

- (171) A quynta, que pois nosso senhor he fonte, comprimento e perfeiçom de toda virtude, que de todo [que] per el foi ordenado sejamos contentes, ou creamos fyrmente que o devemos seer, sabendo que al nom pode nem deve seer bem feito nem bem ordenado, ainda que o desejemos ou nos razom pareça, dizendo ***em caso que tal duvyda ou contradizimento da vontade syntamos***: Senhor, nom assy como eu entendo nem quero, mas como tu. (CIPM:LC, Século XV)

A primeira diferença que podemos notar, em comparação com o século anterior, são as formas verbais presentes na construção. Em (171), o conectivo complexo *em caso que* encabeça uma oração finita, com o verbo no presente do modo subjuntivo (*sintamos*), e a oração principal apresenta-se no gerúndio (*dizendo*). Nesta investigação preliminar, verificamos que a presença de *que* na microconstrução parece permitir apenas formas verbais finitas (cf. (172a)) no *slot* da oração adverbial, enquanto a microconstrução *em caso de* parece admitir somente orações no com verbo no infinitivo, na prótase (cf. (172b)), para que mantenha sua gramaticalidade.

- (172) (a) *Em caso que* tal dúvida sintamos

**Em caso que* tal dúvida sentir

- (b) *Em caso de* tal dúvida sentir

**Em caso de* tal dúvida sintamos

Esse resultado pode ser explicado pela função subordinadora de *que*, o qual é utilizado, desde o latim, para formar conectores complexos circunstanciais, estando, portanto, mais

generalizado e fixado na rede, enquanto *em caso de* parece estar em processo mais incipiente de mudança, ainda apresentando formas nominais do verbo no *slot* da oração.

Podemos dizer, além disso, que o contexto e as formas verbais utilizadas no *slot* da oração hipotática podem contribuir para a atribuição de sentido condicional. O uso do conectivo aliado à oração no modo subjuntivo favorece o sentido de não assertividade às orações subsequentes e indica ao interlocutor/leitor que as situações descritas no enunciado devem ser consideradas como espaços mentais alternativos e hipotéticos. No mesmo sentido, o uso de gerúndio no segmento matriz (*dizendo*) destaca que o evento não foi concluído, logo, trata-se de uma situação que não pode ser entendida como real. Os tempos verbais também atuam na manifestação do posicionamento epistêmico distanciando do usuário da língua frente às suas afirmações. O uso de presente do subjuntivo e gerúndio na construção demonstra um posicionamento neutro, uma vez que não se considera nem se desconsidera que o evento pode se realizar no futuro.

No entanto, segundo as indicações de Dancygier (1998), não há nuances de predição na ocorrência em (171). Como em condicionais de atos de fala não há um vínculo claro em termos de sequencialidade temporal e causal dos eventos descritos na construção, o raciocínio preditivo parece não estar presente aqui. Por se relacionarem com a organização da interação pragmática e discursiva, não é possível identificar de forma evidente em condicionais de atos de fala uma projeção do usuário da língua sobre algum acontecimento futuro, como acontece em condicionais de conteúdo e epistêmicas que tratam da representação das pressuposições, dos eventos e estados de coisas.

Outro fator analisado diz respeito ao arranjo linear da ordenação do segmento condicional face à oração principal na construção complexa. Na investigação do século XV, observou-se que, na instância encontrada (cf. (171)), a oração condicional (oração_i), em destaque, está intercalada à oração principal (oração_j), como mostramos a seguir em (173).

(173) [*sejamos contente (...) dizendo*] oração_j [***em caso que*** CONECT *tal duvyda (...) syntamos*] oração_i
[*Senhor, nom assy como eu entendo ...*] oração_j

À semelhança da construção que analisamos no século anterior, percebemos que o uso de ordenação não prototípica. Neste caso, a posição intercalada da condicional entre as orações principais, se justifica pela função pragmática da sentença. Seguindo a proposta de Zamproneo (1998 apud Hirata, 1999), é possível interpretar a oração condicional em (171) como um adendo informacional com função restritiva. Nota-se que há uma especificação na oração

condicional intercalada de qual é exatamente a situação que permite a realização do evento da oração principal – “sejamos contente (...) dizendo Senhor, nom assy como eu entendo...”. Ou seja, há um adendo restritivo de que os eventos da oração principal somente devem ocorrer a partir da consideração do conteúdo assinalado na oração condicional “em caso que tal duvyda syntamos”.

Outro aspecto que consideramos para análise das microconstruções conectivas foi a identificação dos domínios conceptuais instaurados na construção complexa. Podemos interpretar a ocorrência em (171) como uma construção condicional de atos de fala, uma vez que o usuário da língua apresenta uma recomendação na oração principal que deve ser seguida a partir da validação do evento da oração condicional. Verifica-se, com as análises realizadas até aqui, que a primeira instância de uso de microconstrução conectiva com *em caso que* é utilizada em contexto conversacional. Podemos dizer que o uso no contexto de um conselho/recomendação, como observamos na construção em (171), parece invasiva ao destinatário de modo que é necessário justificar tal colocação com uma ressalva/um adendo – “em caso que tal duvyda syntamos” - que atenua o tom imperativo da recomendação. À medida que esses tipos de textos contendo atos diretivos se tornam recorrentes, é natural que as microconstruções investigadas ocorram em domínios relacionados a esses contextos.

Questão também verificada nessa sincronia é a de que há resquícius da semântica composicional da forma fonte na nova construção que permitem ao usuário da língua utilizar *em caso que* para enfatizar sob qual circunstância específica tal recomendação deve se amparar. Em (171), a oração adverbial introduzida por *em caso que* também poderia ser parafraseada como ‘*Na situação em que tal dívida sintamos*’, o que pode implicar uma leitura relativizadora de *em caso que*. Por outro lado, a construção estruturada na moldura sintática ‘*em caso que oração_i, oração_j*’, bem como a posição inicial de *em caso que* à margem da oração adverbial e a forma verbal no presente do subjuntivo *sintamos* são traços que evidenciam que estamos diante de uma oração complexa marcada por conectivo com semântica condicional. Como afirmamos anteriormente nas análises das microconstruções nominais, as características anafóricas e encapsuladoras do nome *caso* em sintagmas preposicionais, bem como a presença do complementizador *que*, parecem possibilitar que a construção seja neonalizada como conectivo condicional complexo.

A partir da perspectiva de Traugott e Trousdale (2021), observamos que desenvolvimento da microconstrução procedural [[*em caso que*] oração finita] leva à formação de um *chunk* demonstrando diminuição da composicionalidade e aumento nos graus de

esquemática. Tal microconstrução é instanciada pelo subesquema [[PREP N *QUE*] oração finita] que, por apresentar restrições de colocação em todos os seu *slots*, pode ser considerada como uma construção menos esquemática, com alto grau de especificidade. Assim, no subesquema, o *slot* de [CONNECT] deve ser preenchido obrigatoriamente por *em caso que* e o *slot* da [oração_i] deve ser ocupado por uma oração finita. Como podemos visualizar na Tabela (14) acima, há baixa produtividade de conectivos condicionais com *caso* nesse século, com apenas uma ocorrência.

3.3.3. Século XVI

Os resultados referentes às microconstruções observadas no século XVI demonstram a emergência de dois novos *types* de conectivos com *caso*, os quais estão em destaque na Tabela 15 a seguir.

Tabela 15– Microconstruções conectivas com *caso* encontradas na sincronia do século XVI.

| Esquema | | | |
|---|------------|---|------------------------|
| [[CONNECT] oração _i] CONDIÇÃO | | | |
| Subesquema | Freq. Type | Microconstruções | Total de <i>tokens</i> |
| [[PREP] (DET) N <i>QUE</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 3 | [[<i>em caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 5 (62,5%) |
| | | [[<i>no caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 2 (25%) |
| | | [[<i>caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (12,5%) |
| Freq. <i>Token</i> | | | 8 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

No século XVI, foram levantadas no *corpus* 8 ocorrências de microconstruções conectivas com *caso*, instanciando três microconstruções diferentes, sendo dois *types* novos. A primeira microconstrução, instanciada em sincronia anterior, é a mais frequente (62,5% = 5/8). O conectivo é formado por [*em caso que*] e introduz uma oração hipotática finita que pode ocorrer posposta ou anteposta à oração matriz, conforme mostramos nas ocorrências em (174) e (175), respectivamente.

- (174) Que faria o zeloso Prelado ***em caso que a doença pedia remédio apressado e as mèzinhas ordinárias não eram adequadas ao sojeito?*** (CHPTB: LS, Século XVI)
- (175) Aos curas que achava de boa vida e costumes, que faziam bem seu ofício, honrava, e punha-os à sua mesa, e tinham nele sempre amigo certo. Com os homens e mulheres que achava embaraçados e em mau 'stado usava de um meio diferentíssimo do que hoje anda em costume -

costume pernicioso e porventura fomentado polo enemigo comum, que procura acrecentar pecados e pecadores, e não ver nenhum emendado. Mandava aos abades e curas que, sendo os cômlices ambos solteiros, lhes fizessem perguntas se queriam casar e, vindo nisso, os recebessem logo, não havendo impedimento; e, **em caso que não quisessem casar**, de nenhuma maneira se lhes levasse pena pecuniária. (CHPTB: LS, Século XVI)

A maioria das orações marcadas por *em caso que* apresenta ordem anteposta à oração principal (80% = 4/5); a posposição da oração condicional ocorreu apenas uma vez (20% = 1/5), e não houve nenhuma ocorrência de oração intercalada. Com relação à configuração modo-temporal dos verbos da oração condicional e da principal, encontramos 4 *types* diferentes, como mostra a Tabela 16.

Tabela 16– Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *em caso que* no século XVI.

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|--------------|------------------------------------|------------------------------------|-------------|-----|
| 1. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo | 1 | 20% |
| 2. | Presente do subjuntivo | Presente do subjuntivo | 2 | 40% |
| 3. | Presente do subjuntivo | Infinitivo | 1 | 20% |
| 4. | Pretérito imperfeito do indicativo | Pretérito imperfeito do indicativo | 1 | 20% |

Fonte: Autoria nossa.

Dentre as quatro correlações verbais possíveis na construção, o verbo no tempo presente no modo subjuntivo na oração condicional e na oração nuclear (cf. (176)) é a correlação mais frequente nas construções marcadas por *em caso que* (40% = 2/5), enquanto o restante das formas verbais ocorrem uma vez cada. Na ocorrência abaixo, trazemos o exemplo com os verbos em destaque.

(176) Pelas quais razões todas, eu hei por meu seviço que vós não façais o concerto que tínheis praticado em nenhuma maneira. **E em caso que tenhais concertado**, hei por bem que vós **desconcertes** em todas as maneiras. (CHPTB: CDJ, Século XVI)

Conforme esperado, além de encontrar orações com subjuntivo na maioria dos dados, também se percebe o aumento da frequência *type* das correlações modo-temporais em comparação com a sincronia anterior. Essas formas verbais das orações com referências temporais relacionadas à futuridade, sobretudo o modo subjuntivo, favorecem as nuances de predição e de não assertividade. No que concerne ao traço de predição, há nas orações

condicionais em tempos de presente do subjuntivo uma projeção potencial futura sobre determinado evento que pode se realizar enquanto, nas condicionais em tempos de pretérito, há uma previsão sobre o que poderia ter acontecido. Em termos de não assertividade, *em caso que* introduz uma oração que delinea um evento não concluído e, portanto, deve ser interpretado como não real.

Além disso, os tipos de correlações modo-temporais expostos da Tabela 16 sugerem usos de *em caso que* em contextos de posicionamento epistêmico neutro do falante. As formas verbais utilizadas revelam que o falante não considera nem desconsidera o evento como verdade. A escolha de *em caso que* e do tempo verbal demonstra que o falante não quer se comprometer e nem se descomprometer com a afirmação realizada na oração, sinalizando neutralidade. Essa nuance de significado é essencial para a instanciação de condicionalidade nas estruturas examinadas.

Enquanto microconstrução nominal, *caso* pode fazer referência a eventos reais em que as condições de felicidade estão plenamente preenchidas, já as microconstruções conectivas com *em caso que* perdem função referencial e atuam como um construtor de espaços mentais a partir do qual são projetados dois cenários alternativos, como podemos ver na ocorrência exemplificada em (177).

- (177) Mandava aos abades e curas que, sendo os cômlices ambos solteiros, lhes fizessem perguntas se queriam casar e, vindo nisso, os recebessem logo, não havendo impedimento; e, *em caso que não quisessem casar, de nenhuma maneira se lhes levasse pena pecuniária*. (CHPTB: LS, Século XVI)

O exemplo acima demonstra uma construção condicional no domínio de conteúdo que configura exatamente um espaço conceptual alternativo na oração adverbial marcada por *em caso que*, isto é, a predição pode ser afirmada (*quisessem casar*) ou negada (*não quisessem casar*). Com exceção da construção conforme exemplificada em (174), que veicula uma condicional de atos de fala, todas as outras microconstruções com *em caso que* (80%=4/5) atuam em uma construção condicional em que a relação de causalidade se dá em domínios sócio-físicos. Consideramos a construção em (174) como pertencente ao domínio conversacional pois, o propósito da oração condicional “em caso que a doença pedia remédio apressado ...” é estabelecer, a partir de um tópico compartilhado entre os interlocutores, um motivo para se produzir o ato de fala na oração principal – “Que faria o zeloso Prelado”.

Quanto à segunda microconstrução mais frequente, encontram-se, nessa sincronia, duas ocorrências (25% = 2/8) com o conectivo complexo [*no caso que*], que seguem exemplificadas em (178) e (179).

- (178) Item: ***no caso que o concerto se houver de concluir, tereis sempre lembrança de se fazer no segredo modo do que por vossa carta me dizeis, e de os pagamentos do dinheiro serem aos mais largos tempos que vos seja possível***, porque assim cumpre para se melhor poderem pagar; e também neste negócio todo o mais tempo, que for possível este dinheiro contrato estar sem se entregar, pode ser muito proveitoso. (CHPTB: CDJ, Século XVI)
- (179) Por estes respeitos vo-lo não envio, nem hei por meu serviço que em tal capítulo se fale em maneira alguma. E hei por melhor, quanto a esta parte, ficarem as coisas na ordem do direito comum. ***E se, no caso que houvésseis de fazer o concerto, eles o não quiséssem fazer sem este capítulo, vós em nenhuma maneira o fareis***; por que a coisa atrás dita hei por bastante por ela só o não fazerdes. (CHPTB: CDJ, Século XVI)

Observa-se a partir das ocorrências mostradas acima que a oração condicional com *no caso que* está, em ambos os dados, anteposta à oração matriz. Em relação às correlações modo-temporais, temos dois *types*: em (178), futuro do subjuntivo na oração condicional (*houver de concluir*) e futuro do presente do indicativo na oração matriz (*tereis*); em (179), há tempo pretérito do modo subjuntivo na prótase (*houvésseis de fazer*) e futuro do presente do indicativo na apódose (*fareis*).

Nesse século, todos os dados com *no caso que* ocorrem em domínios de conteúdo. Tais domínios demonstram uma dependência causal entre dois eventos ou estados de coisas. Em (178) e (179), *no caso que* configura um espaço condicional primário e um espaço alternativo, ambos interpretados como projeções futuras potenciais a partir de um espaço base atual (DANCYGIER; SWEETSER 2005). Segundo as autoras, esse espaço alternativo dá origem a uma implicatura condicional, ou seja, o evento da oração condicional implica/desencadeia a situação enunciada na oração núcleo. Na sentença (178), observamos que a oração núcleo “tereis sempre lembrança de se fazer no segredo modo do que por vossa carta me dizeis...” é a consequência/o efeito da condicional “no caso que o concerto se houver de concluir...”. Em (179), do mesmo modo, o segmento principal “vós em nenhuma maneira o fareis...” é apresentado como a consequência do evento descrito no segmento condicional “no caso que houvésseis de fazer o concerto, eles o não quiséssem fazer sem este capítulo...”. É possível

perceber nos dois exemplos (178 e 179) que o significado de causalidade é a base para a estruturação dos eventos entre a prótase e a apódose.

O terceiro *type* manifesta-se apenas em uma ocorrência (12,5% = 1/8), a que segue mostrada em (180).

- (180) Porque, **caso que a carta se devesse dar**, sendo mal julgado cá como eles dizem, que ao menos o ver-se se foi bem julgado ou mal não pode deixar de ser razão ver-se e julgar-se primeiro que dar a carta; por que forte coisa seria dar-se a carta por dizerem lá os que a pedem, - que não são de crer, - que cá lhe não fizeram justiça, e isto crer-se-lhe sem ordem de justiça, nem sem se verem os processos e tudo o mais que para a clareza disto é razão e direito que se veja. (CHPTB: CDJ, Século XVI)

Nesse terceiro *type* instanciado no século XVI temos um conectivo complexo formado por [*caso que*], que introduz uma oração adverbial, com verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo (*devesse dar*) seguido de infinitivo na oração principal (*ver*). Como se vê em (180), a oração condicional com *caso que* ocorre anteposta à principal e a relação de causalidade entre as orações ocorre em domínio de conteúdo. Desta forma, o evento hipotético da oração adverbial “caso que a carta se devesse dar” é uma implicação condicional para a realização eventual da situação subsequente “ver-se se foi bem julgado..”. Nota-se que o usuário da língua ainda destaca na oração principal a sequencialidade linear dos eventos: “ver-se e julgar-se primeiro que dar a carta”, isto é, um evento – *ver* e *julgar* – deve ocorrer anteriormente ao outro – *dar a carta*. Percebe-se aqui, mais uma vez, a função de construtor de espaços mentais alternativos da microconstrução com *caso que*, bem como a presença de formas verbais no *slot* da oração adverbial que indicam traços de incerteza, futuridade, predição e posicionamento epistêmico neutro do usuário da língua.

Chama a atenção, nessa microconstrução, a omissão da preposição inicial *em*, presente em outros conectivos atestados até então com *caso* – *em caso de*, *em caso que* e *no caso que*. Trata-se de uma formação típica de conectivo complexo circunstancial no português composto por dois elementos linguísticos, que é sancionado pelo esquema mais geral [X *QUE*]_{CONNECT}, como é o caso de *desde que*, *visto que*, *dado que*, etc.

Enquanto as microconstruções com *em caso de*, *em caso que*, e *no caso que* demonstram variações formais e funcionais em contexto crítico, *caso que*, desde seu primeiro uso, nessa sincronia, parece já representar um estágio de convencionalização do significado condicional, em contexto de isolamento. Portanto, é possível afirmar que *caso que* foi criado com base nas

microconstruções que surgiram antes dele, como *em caso que*, *havendo caso que*, *sendo caso que* – que emergem nos séculos XIV e XV- e *no caso que* – no século XVI. Pode-se dizer que *caso que* tenha surgido no português com base nessas formas pela razão de que não se encontram dados de *caso que* em contextos ambíguos como as outras microconstruções; *caso que* funciona, desde o início, como um conectivo complexo condicional.

Percurso de mudança similar é encontrado na análise de Mauri e Sansò (2014) sobre a emergência do conectivo complexo condicional italiano *casomai*. Segundo Mauri e Sansò (2014), o conectivo condicional *casomai* surge no italiano após mudanças construcionais que envolvem o nome *caso* em sintagmas preposicionais e o subordinador *che*, entre os séculos XIII e XV, a saber: *in caso che* e *nel caso che*. Com o tempo, *caso* perde sua função referencial, a preposição é omitida, e se dá origem a forma *caso che*. Mais tarde, no século XVII, *caso mai che* é atestada e, por fim, o complementizador *che* deixa de ser necessário para a expressão de condicionalidade, e uma forma mais reduzida é criada - *casomai*.

Em Granvik (2018), observa-se o desenvolvimento do conectivo condicional complexo *(en) (el) caso (de) que*, no espanhol. Semelhante aos nossos dados, a constituição de conectivo complexo condicional em espanhol se deu a partir das expressões adverbiais, como *en tal caso*, que, posteriormente, exclui a preposição *en* e liga-se ao complementizador *que* formando o subesquema *[(en) (el) caso (de) que]* que pode apresentar as microconstruções *en caso (de) que*, *nel caso (de) que*, e *caso que*.

Com base na explicação de Rostila (2006) sobre a gramaticalização da preposição alemã *Richtung*, Granvik (2018) argumenta que a omissão do *en* inicial de *caso que* pode ser explicado haja vista que o conectivo complexo se estabelece como “uma unidade de significado que pode ser manipulada como um todo, (...) a construção atômica e específica/item lexical não é necessária em seu processamento e pode ser reduzida.”(ROSTILA, 2006, p. 10)⁴⁹. Como demonstra a ocorrência em (180), o conectivo *caso que* é menos composicional e mais esquemático do que os outros padrões, por se tratar de uma forma reduzida, sem a presença da preposição *em* e do determinante simples.

Por fim, há que se destacar o aumento de produtividade *token* e *type* das microconstruções conectivas com *caso* no século XVI. Percebe-se, como indicam os resultados da Tabela 16 acima, além do aumento de frequência *token* de conectivos condicionais com *caso*, a emergência de dois novos *types* no português: *no caso que* e *caso que*. Em primeiro lugar,

⁴⁹ “a meaning unit that can be manipulated as a whole, ... the atomic and specific construction/lexical item in is not needed in its processing and can be reduced.”

nota-se que o desenvolvimento de instâncias com *no caso que* é posterior à formação do conectivo *em caso que*. Tal verificação está em conformidade com os resultados constatados por Gerards e Kabatek (2018). De acordo com os autores, a constante rotinização da construção aliada às reduções na forma sugerem um percurso de mudança em que *em caso que* seria derivado de *no caso que*. No entanto, a trajetória *em caso que* > *no caso que* pode ser explicada pelo fato de que a gramaticalização de artigos ocorre mais tarde na língua em comparação às locuções preposicionais, as quais demonstram opcionalidade no uso de determinante. (HIMMELMANN, 1997; LYONS, 1999; CODITA, 2017).

Como o conectivo *em caso que* surge em sincronia anterior, há maior frequência de usos e, conseqüentemente, maior expansão no século XVI dos tipos de correlações verbais, além da ampliação dos domínios cognitivos e dos tipos de ordenações distintas do arranjo linear nas orações em que tal conectivo ocorre, em relação às estruturas marcadas por *no caso que* e *caso que*. Nesse passo, a microconstrução com *em caso que* é claramente mais produtiva em relação às estruturas *no caso que* e *caso que*.

No século XVI, as microconstruções atestadas estão inseridas no subesquema [[(PREP) (DET) N QUE]_{CONNECT} oração finita] _{CONDIÇÃO}. Nessa sincronia, o subesquema se torna mais amplo e apresenta um nível menor de especificidade, já que passa a abstrair sobre mais instâncias de uso e mais tipos de microconstruções. Portanto, pode-se dizer que o grau de esquematicidade da construção é intermediária. No subesquema, o *slot* da oração pode ser ocupado por orações finitas, no *slot* de conectivo, há a possibilidade de preenchimento ou não da preposição ou do determinante, e o uso de *caso* e de *que*, no entanto, é fixo.

Como duas novas microconstruções foram formadas e houve aumento na frequência *token* dos conectivos com *caso*, percebemos uma expansão nos padrões colocacionais e, assim, a produtividade neste século é visivelmente maior do que nos séculos anteriores examinados. Trata-se de um subesquema mais generalizado com graus distintos de analisabilidade e composicionalidade. Como já mencionado, as microconstruções conectivas *no caso que* e *em caso que* são mais transparentes semanticamente e mais analisáveis sintaticamente, já que os traços da microconstrução nominal com *caso*, como a presença de preposição *em* e determinante, podem ainda ser percebidos.

3.3.4. Século XVII

Na tabela 17, expõem-se as frequências *token* e *type* das microconstruções conectivas

examinadas no século XVII.

Tabela 17 – Microconstruções conectivas com *caso* encontradas na sincronia do século XVII.

| Esquema | | | |
|---|------------|--|------------------|
| [[CONNECT] oração i] CONDIÇÃO | | | |
| Subesquema | Freq. Type | Microconstruções | Total de tokens |
| [[(PREP) (DET) N (PREP) (QUE)] oração finita] CONDIÇÃO | 4 | [[<i>em caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 15 (71,4%) |
| | | [[<i>no caso (em) que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 4 (19,04%) |
| | | [[<i>caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (4,76%) |
| | | [[<i>em caso de</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (4,76%) |
| Freq. Token | | | 21 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

Em comparação ao século XVI, no século XVII, há aumento da frequência *token* para 21 instâncias de microconstruções conectivas condicionais com *caso* e aumento da frequência *type* para 4 microconstruções distintas. Três *types* permanecem os mesmos em relação ao século anterior – *em caso que*, *no caso que* e *caso que* – e o *type* que emerge no século XIV – *em caso de* – volta a ocorrer. Isso significa que mesmo não tendo se manifestado em sincronias anteriores, a microconstrução com *em caso de* continua parte do sistema. Nenhum novo *type* se desenvolve nessa sincronia.

No que diz respeito à microconstrução conectiva *em caso que*, tipo ainda mais frequente, observamos aumento no número de ocorrências (71,4% = 15/21) e consequente expansão dos tipos de correlações modo-temporais na oração adverbial e núcleo em relação ao século anterior, como ilustra a Tabela 18.

Tabela 18 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *em caso que* no século XVII.

| Types | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|-------|--------------------|------------------|-------------|---|
|-------|--------------------|------------------|-------------|---|

| | | | | |
|-----|------------------------------------|------------------------------------|---|-------|
| 1. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo | 2 | 13,3% |
| 2. | Presente do subjuntivo | Pretérito imperfeito do subjuntivo | 1 | 6,6% |
| 3. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo | 2 | 13,3% |
| 4. | Presente do subjuntivo | Infinitivo | 1 | 6,6% |
| 5. | Presente do subjuntivo | Pretérito perfeito do indicativo | 1 | 6,6% |
| 6. | Presente do subjuntivo | Infinitivo | 1 | 6,6% |
| 7. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Presente do indicativo | 1 | 6,6% |
| 8. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Pretérito imperfeito do indicativo | 1 | 6,6% |
| 9. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Pretérito imperfeito do subjuntivo | 3 | 20% |
| 10. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Gerúndio | 1 | 6,6% |
| 11. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Futuro do pretérito do indicativo | 1 | 6,6% |

Fonte: Autoria nossa.

Foram identificadas, no total, 11 combinações modo-temporais diferentes na construção condicional com o conectivo *em caso que*, das quais são mais frequentes três tipos de correlações: presente do subjuntivo na oração adverbial e presente do indicativo na oração nuclear (cf. (181)), presente do subjuntivo e futuro do presente do indicativo (cf. (182)) e pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo (cf. (183)).

- (181) Quanto às terras, ***em caso que não tenhamos paz com os holandeses se pode capitular com França que, ajuntando na Índia ambas as coroas duas partes iguais de poder, ou oculta ou declaradamente (segundo o estado em que França ficar com os holandeses) se faça uma liga contra eles***, com a qual lhes faremos uma poderosa e mui proveitosa guerra, assim nas terras que ocupam na Índia, como nos mares em que comerceiam, partindo-se igualmente entre as duas corôas tanto as presas como as fortalezas e terras que se tomarem, em que Portugal cederá o seu direito à França, pela parte que lhe couber, a qual parte melhor é que a possuam católicos, ficando da outra excluídos os hereges. (CHPTB: CAV, Século XVII)
- (182) Com esta vai cópia do papel que me pediu Monsieur de Estrade, e lho remeto traduzido em francês, e ainda que nêle considero só os interêsses de França, os nossos são tão grandes que, ainda sem a liga, me parece nos conviria muito êste concôrto, e bastavam, quando não houvesse outros, os três seguintes: primeiro enfraquecermos o poder de Holanda que sempre nos deve ter em receio, como de inimigo tão vizinho em toda a parte; segundo crescer o reino a grande opulência e ficar desembaraçado da assistência das conquistas, que tanta gente e dinheiro nos divertem; terceiro termos o dinheiro de França e Suécia em Portugal, com que estas duas nações ficam empenhadas na nossa defesa como em cousa própria, e tantos procuradores teremos

nelas para os nossos socorros quantos forem os interessados nas companhias; e ***em caso que se faça a liga será esta a melhor caução e os mais firmes refens com que a podemos segurar.*** (CHPTB: CAV, Século XVII)

- (183) A permissão que Sua Majestade me tinha dado, de poder tornar para Portugal, se me revogou pelas últimas cartas, querendo Sua Majestade ***que eu me detivesse aqui, para assistir, segundo entendo, a Dom Luís de Portugal, em caso que os negócios desta paz ficassem à sua disposição,*** o que entendo não será, porque desta vez devem ficar ou desesperados ou concluídos, salvo em alguns acidentes, que melhor se podem negociar do Reino, enviando com que adoçar vontades, do que trabalhando aqui pelas persuadir. (CHPTB: CAV, Século XVII)

Como podemos observar nos exemplos acima, as construções condicionais com *em caso que* apresentam, sobretudo, verbos com referências futuras que expressam não-assertividade e distância epistêmica do usuário da língua frente às suas afirmações. Tais nuances de semântico-pragmáticas presentes nas correlações modo-temporais são cruciais para a expressão do significado condicional. Esse resultado preliminar mostra que a mudança gramatical não ocorre de forma isolada apenas com o item conjuncional, mas na construção adverbial como um todo.

Quanto ao parâmetro de ordenação do arranjo linear, constatamos que as orações hipotáticas marcadas por *em caso que* ocorrem antepostas (40% = 6/15), pospostas (53,33% = 8/15) e intercaladas às orações principais (6,66% = 1/15). Sendo assim, há mais tipos de posições variadas nesta sincronia tendo em vista que, no século XVI, a posição intercalada não foi verificada.

Os três tipos de ordenação podem ser visualizados, respectivamente, nas ocorrências a seguir.

- (184) E que quando os Estados venham à catcha, e queiram deixar ir o senhor Embaixador, acudirá o de França a o impedir. Isto disse Brasset, e Mazarino o aconselha, e Luís Pereira o aprova. E eu me conformarei mais com o parecer de Vossa Excelência, que com nenhum outro. O meu, ainda que se me não pediu, foi que, ***em caso que se falasse em despedida, fôsse somente insinuando-se por termos que mostrassem a ferida mas não empenhassem a palavra, com que ficasse sempre livre a Francisco de Sousa ir ou ficar, como melhor lhe estivesse.*** (CHPTB: CAV, Século XVII)
- (185) Estimou-se cada alqueire de trigo a duzentos e trinta réis, e cada alqueire de cevada a [...] posto nas praças que se lhe sinalaram; o que tudo importou seiscentos e sessenta mil cruzados, entrando quinze por cento das quebras que poderá haver na cobrança, da qual quantia somente se lhe deram consignações. ***E por este preço se obrigou a Companhia ao provimento, suprimindo o mais em caso que subisse, para Sua Majestade lho haver de pagar depois de feitas conta[s]; como também ela restituiria o que sobej[a]sse, se o pão, e cevada custasse menos.***
- (186) Se nestes quatro dias, que correm desde a entrega dos reféns, Dom João de Áustria vier com exército a socorrer esta praça, e o fizer re[a]lmente desaloj[a]ndo este exército, se dá por desobrigado o dito governador da entrega dela, o que se não há de entender ainda que entrem 400, ou 500 homens furtivamente, nem ainda que se ponha com o exército à nossa vista, de maneira que h[á] de haver entr[e]g[a] inviolável enquanto o nosso exército não for reto, e não

poderá, em caso que os exércitos pelejem dentro no termo dos qu[a]tro dias a guarnição da praça fazer mais que guard[á]-la, e em se ac[a]bando [e]st[e]s qu[a]tro dias, que é terça-feira que vem às sete horas da tarde dia de São João, se entregarão as portas, e castelo da dita praça, para que se lhe meta guarnição deste exército, e declara-se que será portuguesa. (CHPTB: ASM, Século XVII)

A alta frequência de posposição da oração condicional em relação a oração núcleo, assim como a ocorrência de orações intercaladas, indicam aumento de usos mais complexos e subjetivos da construção com *em caso que*. O que evidencia a expansão da construção para outros contextos.

As construções complexas com *em caso que*, de que (184), (185) e (186) são exemplos, mostraram-se predominantemente em domínios de conteúdo (80% = 12/15). É possível notar que as orações adverbiais com *em caso que* em (184) - (186) tendem a expressar causas não preenchidas, enquanto as orações nucleares são interpretados como efeitos. Essas construções se referem a eventos do mundo real que são interpretados como causalmente sequenciais e por isso são consideradas como condicionais de conteúdo (SWEETSER, 1990; DANCYGIER 1998). Assim, uma construção como exemplificada em (184) tem como parte de sua interpretação a proposição de que “falar em despedida” é uma causa para o resultado “insinuar e mostrar a ferida”. A construção em (185) também revela a interpretação sequencial no domínio de conteúdo, que pode ser parafraseado como “suprindo mais o preço, se ele subisse”. O mesmo pode ser verificado em (187), já que os eventos hipotéticos “o exército pelejar/não poderá fazer mais do que guardar a guarnição da praça” estão ordenados sequencialmente e são suscetíveis a interpretações causais. Pode-se dizer, assim, que a realização do estado de coisas da condicional marcada por *em caso que* implica a possível realização do estado de coisas da oração principal.

O predomínio de ocorrências com a microconstrução conectiva *em caso que* em domínios de conteúdo não é um resultado surpreendente, pois esperávamos, com base nas pressuposições de Sweetser (1990), que a interpretação causal na sequencialidade entre as duas orações da construção condicional ocorresse, primeiramente, em domínios mais concretos para que então, via metaforização, outras leituras pragmáticas menos composicionais possam emergir através dos séculos. Como discutimos anteriormente, estamos lidando com um *cline* de domínios conceptuais sobre o significado condicional que envolve desde um vínculo maior em termos de sequencialidade temporal e causal, como as condicionais de conteúdo e epistêmicas, até relações mais abstratas que estão ligadas à organização discursiva e retórica, como acontece nas condicionais de atos de fala e metatextuais.

Verificamos, no entanto, ocorrências em domínios mais abstratizados; em (187) tem-se uma condicional epistêmica (6,66% = 1/15) e em (188) há uma condicional de atos de fala (13,33% = 2/15). Nos casos, como em (187) e (188) a seguir, percebemos uma diluição da relação de causalidade entre a oração condicional com *em caso que* e a oração principal. Nota-se, de tal modo, a expansão da microconstrução conectiva *em caso que*, neste século, para contextos mais amplos, no que concerne aos domínios cognitivos manifestados.

- (187) Não serei contudo de voto que se lhe ofereça sem resposta de Sua Majestade, nem ainda que se fale em Tângere, porque eles não nomearam praça, e nós temos também em África Mazagão, a qual se deveria oferecer e pleitear primeiro, ***em caso que* *houvéssemos de dar alguma***. (CHPTB: CAV, Século XVII)
- (188) No correio passado avisei a Vossa Excelência da necessidade que aqui há de dinheiro, ***em caso que com efeito se trate de concluir a nossa paz***, e o menos que logo-logo podem ser necessários são os vinte mil cruzados, que o senhor Embaixador diz que faltam para inteirar os trinta mil, que Sua Majestade últimamente escreveu lhe mandara remeter de França. (CHPTB: CAV, Século XVII)

No exemplo (187), o usuário da língua considera a premissa da oração condicional “em caso que houvéssemos de dar alguma” para poder concluir como verdadeiro o enunciado da oração principal “nós temos também em África Mazagão, a qual se deveria oferecer e pleitear primeiro”. Conforme delinea Neves (2000, p. 500), em domínios epistêmicos, “o conhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase é uma condição suficiente para se deduzir a verdade da proposição expressa na apódose”. Como há, nessa construção, o posicionamento do usuário da língua que faz uma conclusão na oração principal a partir de uma avaliação na oração hipotática, trata-se aqui de uma condicional que apresenta subjetividade do indivíduo, sendo, de tal modo, uma construção mais abstrata.

O contexto da construção condicional em (188) mostra um enunciado em que há na oração núcleo um ato linguístico diretivo, mais especificamente, um aviso. Conforme Koch (2008), esses tipos de contextos que envolvem um aviso, uma ordem, uma instrução, e/ou uma recomendação podem se configurar como um ato de ameaça à face do interlocutor/destinatário, que pode pressupor como uma ação de intromissão do seu “território” (Goffman, 1997, apud Koch, 2008). Por essa razão, esse ambiente discursivo pode ter propiciado o uso de condicional por ser uma estrutura com nuances de significado ligados à não assertividade. Nesse sentido, emprega-se a condicional “em caso que com efeito se trate de concluir a nossa paz” como estratégia de polidez com intuito em atenuar as ameaças pragmáticas assertivas presente no ato de fala contido na oração núcleo “avisei a Vossa Excelência da necessidade que aqui há de dinheiro”. Percebe-se que há em (188) duas situações que são independentes pois, o conteúdo

da condicional “concluir a nossa paz” não é uma implicação para a realização do enunciado da oração principal “a necessidade que aqui há de dinheiro”. Em (188), o propósito da oração com *em caso que* é estabelecer uma base condicional para possibilitar a declaração da oração principal.

O segundo *type* instanciado neste século consiste no uso da microconstrução condicional [[*no caso (em) que*] oração finita]. Assim como na sincronia anterior, encontramos, no século XVII, somente dados da oração hipotática com *no caso (em) que* anteposta à oração principal. A ocorrência em (189) é um exemplo dessa microconstrução.

(189) Porém, se lhe estão já perdoados ou se é digno do amor ou do ódio de Deus, isso totalmente ignora, e, por conseguinte, sempre lhe importa andar solícito em fazer cada dia mais e mais certa a sua eleição e salvação por obras santas, como nos admoesta o príncipe dos apóstolos. **E, ainda no caso que de certo soubesse estar em amizade de Deus, sempre deve procurar adiantar-se nela, pois nesta vida não tem limite certo** (como erradamente afirmaram os begardos, ou beguinos, condenados no concílio Vienense, que congregou o papa Clemente V), e, conforme forem agora em uma alma as riquezas da caridade, serão depois os graus e aumentos de sua glória. (CHPTB: MB, Século XVII)

Destaca-se, nesta sincronia, o aumento da frequência *token* do conectivo complexo *no caso (em) que* em construções condicionais (19,04% = 4/21), razão pela qual é possível atestar outros tipos de correlações modo-temporais no arranjo colocacional da oração condicional e da oração subsequente (cf. Tabela 19).

Tabela 19 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *no caso (em) que* no século XVII

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. <i>Token</i> | % |
|--------------|------------------------------------|------------------------------------|--------------------|-----|
| 1. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo | 1 | 25% |
| 2. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Pretérito imperfeito do indicativo | 2 | 50% |
| 3. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Presente do indicativo | 1 | 25% |

Fonte: Autoria nossa

Nos três tipos de combinações verificadas nos segmentos da construção, prevalece o emprego dos verbos no modo subjuntivo na condicional. As correlações modo-temporais mais frequentes são pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase e pretérito imperfeito do indicativo na apódose (50% = 2/4), conforme representamos em (190).

(190) Levaram o que nos não faz falta, porque se levaram; e deixaram o que nos ajuda a defender, porque nos deixaram suas rendas. A Portugal deixaram os despojos de suas casas, aos vindouros

a memória de sua infidelidade e ao mundo o pregão de seu desvalor. Tal foi o merecimento, tal o prêmio. Julgue agora Castela se terá esse interesse cobiçosos e este empenho imitadores. Dizia um dos primeiros embaixadores de Portugal em França (quando ainda havia quem impugnasse a esperança da nossa conservação), que, **no caso em que a desgraça fosse tanta, antes se havia de entregar ao Turco que a Castela.** (CHPTB: PAV, Século XVII)

A interpretação condicional da construção com *no caso em que* em (190), acima, é possível devido ao uso dos verbos que expressam noção *irrealis*, tanto na oração adverbial quanto na oração principal. Em (190), a forma perifrástica no pretérito do indicativo e infinitivo (*havia de entregar*) na oração principal expressa uma situação posterior ao evento de fala, apresentando uma projeção potencial futura ancorada em momento de referência no passado, pelo uso da forma verbal de pretérito imperfeito do subjuntivo (*no caso em que a desgraça fosse tanta*), que representa uma implicação condicional para que a situação se realize. Neste contexto, portanto, há a expressão de predição (futuro passado) em que há na oração condicional uma previsão sobre o que poderia acontecer na oração núcleo se o evento da prótase fosse realizado.

O mesmo arranjo semântico-discursivo ocorre em (191), porém codificado pelo verbo no presente do subjuntivo no *slot* da oração adverbial e presente do indicativo na oração matriz.

(191) Este, acabado o sermão, disse: Eu estava esperando, quando veio Sales, se pregaria ou se o deixaria para outra ocasião melhor; e juro que se não pregasse, me tornava a meus antigos erros e desamparava a fé católica. **Mas, ainda no caso que ninguém se converta, nem o trabalho do operário fica inútil nem a palavra de Deus infecunda**, porque o procurar a salvação dos próximos sempre assegura e promove a salvação própria. (CHPTB: MB, Século XVII)

O verbo no presente do subjuntivo na prótase *converta* revela um traço de projeção futura, codificando condições para a realização de um evento também ancorado no presente que só poderá ser efetuado no futuro – “nem o trabalho do operário *fica* inútil nem a palavra de Deus infecunda”. Os traços de futuridade no eixo dos mundos possíveis, de incerteza e de dúvida, essenciais à expressão de condicionalidade, constitui contexto que é favorável à retenção do modo subjuntivo (PIMPÃO, 1999). Tais noções ligadas à modalidade *irrealis* não se manifestam no conector *no caso (em) que*, mas na estrutura verbal da oração adverbial que apresenta uma situação futura que não pode ser compreendida como factual e conseqüentemente leva à interpretação não factual da situação da oração seguinte.

Constatou-se também uma expansão dos tipos de domínios cognitivos nas construções complexas com *no caso (em) que*, as quais podem expressar relação de causalidade não só em domínios de conteúdo (50% = 2/4), mas também em domínios epistêmicos (50% = 2/4). O

aumento gradual de usos da microconstrução conectiva *no caso que* e a expansão de tipos de domínios cognitivos constitui evidência de que há um processo de generalização da construção com *no caso que* que passa a codificar nuances de sentido condicional mais abstratizadas. A ocorrência com construção condicional epistêmica com conectivo *no caso que* é dada a seguir.

- (192) Necessitam aqui o mestre de alguma explicação, e o discípulo de seu vexame. Queria Silvano dizer que o beber no caminho fora por vício do apetite, e o comer no mosteiro por virtude da condescendência com os próximos, em significação de que os amava, conforme à regra do apóstolo: Alegrai-vos com os que se alegram. Não eram aqueles jejuns de preceito, mas de superrogação e estilo dos monges, e os santos, ao exercitar as acções, não atendem tanto ao material delas quanto ao espírito que as motiva e rege, e, como estão limpos, tudo para eles é limpo; Omnia munda mundis. E bem se vê que Silvano e Zacarias atendiam só ao fim da mortificação; pois um supunha, e outro não negava, que o beber água aguava ou destruía o jejum. **Mas, ainda *no caso que* houvesse preceito, podia, em opinião provável, deferir à urbanidade dos que rogavam, sendo a quantidade pouca.** (CHPTB: MB, Século XVII)

Pode-se interpretar a ocorrência em (192) como uma condicional epistêmica, haja vista que há um conhecimento do usuário da língua sobre o fato, expresso na proposição da condicional “no caso que houvesse preceito”, sob a qual pode-se concluir como uma verdade a expressão contida na oração matriz “podia, em opinião provável, deferir à urbanidade dos que rogavam, sendo a quantidade pouca”. Trata-se de uma construção mais subjetiva, pois o usuário da língua se posiciona e faz uma avaliação sobre o evento da condicional. A relação de causalidade dá-se, aqui, no sentido de que a conjectura expressa na prótase causa a conclusão descrita em na apódose.

Como no século anterior, identificamos somente uma ocorrência da microconstrução conectiva com *caso que*, conforme exemplificamos em (193).

- (193) Seja notório a todos os eclesiásticos, e seculares moradores nesta ribeira do Minho, compreendida da cid[a]de de T[u]i, [a]té a Vila da Guarda, que os que quiserem assistir em suas igrejas, casas, e f[a]zendas, o poderão fazer, vindo tomar s[a]lvaguarda, que lhe mandarei dar, e os segurarei de qualquer hostilidade, querendo avir-se, e reconhecer obediência às r[ea]is armas de El-Rei Dom Afonso o sexto Meu Senhor, e em seu real nome serão desobrigados de todos os tributos a que os obriga o terrível, e ímpio domínio de Castela, e gozarão suas fazendas, e bens com todo o descanso; **caso que não venham todos os moradores dos lugares compreendidos, oferecer a devida obediência, serão os lugares, e fazendas entregues à violência da guerra com todo o rigor dela.** (CHPTB: ASM, Século XVII)

Em (193), *caso que* encabeça uma oração finita com verbo no presente do subjuntivo na prótase (*venham*) e futuro do presente do indicativo na apódose (*serão*). Assim como no século XVI, o segmento adverbial condicional ocorre anteposto ao segmento núcleo e há, aqui, uma leitura de causalidade em domínio de conteúdo, porque podemos visualizar uma relação

sequencial de uma causa expressa no evento hipotético “caso que não venham todos os moradores dos lugares compreendidos, oferecer a devida obediência” para que haja a realização da situação contida em “serão os lugares, e fazendas entregues à violência da guerra com todo o rigor dela”.

Quanto à última microconstrução identificada, verifica-se que, com exceção da ordenação linear e do tempo e modo verbal da apódose, mantêm-se as mesmas características observadas no século XIV. Assim, a construção complexa com *em caso de* apresenta verbos no futuro do subjuntivo na oração condicional e pretérito imperfeito do indicativo na oração matriz, e a relação causal entre os eventos pode ser interpretada em domínio de conteúdo, como se verifica na ocorrência em (194).

(194) Alguns políticos, ou cegamente piedosos ou incrédulos se persuadiram a negar todos estes princípios. Fácil é de interpretar e ainda de satisfazer qualquer acção antes de contratada pelos primeiros sucessos. Porém quando estes se lhe seguem, como infalível consequência, parece antes injúria que piedade querer admitir as escusas dos criminosos. Contudo me persuado não só foi aqui a malícia, mas o temor um dos cúmplices da conjuração, porque muitos dos interessados nela eram de espírito tão sossegado que se considerassem seguro o novo estado se conformaram com a fortuna presente. **Porém, tendo por certa a perda e não menos o favor de El-Rei antigo, em caso de se oporem ao moderno, se acomodavam a participar os perigos da contingência com a firme esperança do prémio seguro.** CHTB: FMMTP, Século XVII)

O fato da oração condicional com *em caso de* ocorrer intercalada à oração principal, no século XVII, sugere que tais microconstruções se concentram em usos mais subjetivos. É possível observar, em (194), que o usuário da língua traz na condicional uma ressalva ou adendo sobre algum aspecto do que foi enunciado anteriormente, a fim de indicar ao interlocutor sobre qual hipótese específica se ampara a proposição da oração subsequente.

A construção em (194), mediante o verbo no subjuntivo *opor*, de denotação futura, localiza-se sob o escopo da futuridade, estabelecendo uma condição. Nesse sentido, o evento hipotético contido na oração principal apenas poderá ser atestado a partir da realização da situação “em caso de se oporem ao moderno”, condição a ser vislumbrada no futuro. A construção condicional com *em caso de* exhibe uma relação de dependência entre a realização do evento retratado na cláusula condicional e um outro evento futuro ancorado em tempo anterior ao momento de escrita/fala, dado o uso da locução verbal no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo (*se acomodavam a participar*).

A descrição das microconstruções conectivas condicionais com *caso* no século XVII evidenciou a instanciação de um novo padrão construcional, com um arranjo colocacional mais

abstrato, em relação às sincronias anteriores investigadas. Esse padrão sancionado pelo subesquema [[(PREP) (DET) N (PREP) (QUE)] CONECT oração finita] passa a abrigar quatro tipos de estruturas no *slot* de conectivo (CONNECT): *em caso que*, *no caso (em) que*, *caso que* e *em caso de*.

Verificamos, além disso, vários graus de composicionalidade e de analisabilidade entre os conectivos. O conectivo complexo *no caso (em) que* corresponde a um tipo de conectivo mais composicional em relação aos conectivos complexos *em caso que*, *em caso de* e *caso que* haja vista a presença das preposições e do determinante. A microconstrução com *caso que*, por sua vez, demonstra menos composicionalidade e analisabilidade entre todos os outros, pois só se ampara no complementizador *que* e no verbo da oração hipotática adverbial no modo subjuntivo para construir significado condicional.

Em termos de produtividade do subesquema, observa-se, nesta sincronia, aumento da frequência *token* e *type* das microconstruções conectivas condicionais com *caso* no português. Encontram-se 4 *types* de conectivos em construções complexas condicionais, em um total de 21 ocorrências, sendo, novamente, *em caso que* o conectivo mais frequente com 15 ocorrências. Pode-se verificar aumento da frequência *type* no que diz respeito às correlações modo-temporais da construção introduzida pelo conectivo *em caso que*, com 11 *types* distintos. O conectivo *no caso (em) que*, segundo mais frequente, também demonstrou aumento nos tipos de correlações modo-temporais e nos domínios cognitivos, que se expandem para sentidos pragmáticos mais subjetivos. *Em caso de* e *caso que* permanecem com a mesma frequência *token* e *type*, sendo portanto menos produtivas neste século.

3.3.5. Século XVIII

A investigação do século XVIII apontou quatro *types* de microconstruções conectivas com *caso*, as quais podem ser conferidas na tabela abaixo.

Tabela 20– Microconstruções conectivas com *caso* encontradas na sincronia do século XVIII.

| Esquema | | | |
|-------------------------------|----------------------|------------------|------------------------|
| [[CONNECT] oração i] CONDIÇÃO | | | |
| Subesquema | Freq. <i>Type</i> | Microconstruções | Total de <i>tokens</i> |

| | | | |
|---|---|--|------------------|
| [[(PREP) (DET) N (PREP) (QUE)] oração (não) finita] CONDIÇÃO | 4 | [[no caso que] oração finita] CONDIÇÃO | 13 (68,4%) |
| | | [[no caso de] oração não finita] CONDIÇÃO | 4 (21,05%) |
| | | [[em caso que] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (5,26%) |
| | | [[caso] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (5,26%) |
| Freq. Token | | | 19 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

No século XVIII, o primeiro ponto a se observar, referente ao século anterior, é a expansão para dois novos tipos de conectivos condicionais com *caso*: o conectivo complexo *no caso de* e, uma forma mais reduzida, o conectivo simples *caso*. Outras mudanças perceptíveis são a ausência dos conectivos *em caso de* e *caso que* e a redução da frequência de uso da microconstrução com *em caso que*, que, em sincronias passadas, apresentava a maior frequência *token* em relação às demais microconstruções.

Nessa sincronia, as microconstruções com *no caso que* (68,4% = 13/19) se mostram mais frequentes. Como consequência, registra-se o aumento de sua frequência *type* no que diz respeito à ordenação do arranjo linear de oração hipotática face à oração matriz na construção. A oração condicional marcada por *no caso que* aparece em posições iniciais (53,84% = 7/13), finais (38,46% = 5/13) e em posição medial (7,69% = 1/13). Abaixo, exemplificamos tais ocorrências em (195), (196) e (197), respectivamente.

- (195) No caso que minha Mãe falte, peço a V. M. se digne amparar a minha filha e facilitar-lhe os meios da sua educação, mandando-ma ou tomando as medidas que V. M. julgar próprias para a sua felicidade. (CHPTB: MA, Século XVIII)
- (196) Sábado parte para Hamburgo um navio que dá pronta e fácil passagem ao General de Divisão para transportar-se de lá a Varsóvia, a falar com El-Rei, e vir aqui autorizado com carta de S. M. e talvez na companhia de algum dos Príncipes. Este passo, talvez único para destruir tôdas as dúvidas e animar os nossos esforços, não se podia dar sem algum dinheiro, como propus a V. A. R. , e porisso eu e o Patriarca assentámos em procurá-lo; eu, à custa da minha módica subsistência, que **devo à generosidade do Príncipe, assim como alguns, ainda que poucos diamantes, e o Patriarca das suas próprias rendas, no caso que V. A. R. e o Príncipe não se determinem ainda suprir a esta despesa.** (CHPTB: MA, Século XVIII)
- (197) Finalmente o que me parece mais acertado, no caso que não queirais emendar o vosso estilo, é que renunciéis inteiramente a tudo o que se chama pena, tinta e papel, empregando o dinheiro que nisso dispendeis em outras obras que vos possam ser 10 meritórias. (CHPTB: CO, Século XVIII)

Em termos de tipos de correlações modo-temporais estabelecidas na construção complexa com *no caso que* também se percebe um aumento considerável de frequência *type*.

Verificamos 8 tipos distintos de correlações modo-temporais em 13 ocorrências, conforme pode-se ver na Tabela 25, a seguir.

Tabela 21 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *no caso que* no século XVIII

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|--------------|------------------------------------|----------------------------------|-------------|--------|
| 1. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo | 4 | 30,76% |
| 2. | Presente do subjuntivo | Presente do subjuntivo | 3 | 23,07% |
| 3. | Presente do subjuntivo | Pretérito perfeito do indicativo | 1 | 7,69% |
| 4. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo | 1 | 7,69% |
| 5. | Presente do subjuntivo | Imperativo afirmativo | 1 | 7,69% |
| 6. | Presente do subjuntivo | Infinitivo | 1 | 7,69% |
| 7. | Presente do subjuntivo | Gerúndio | 1 | 7,69% |
| 8. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Pretérito perfeito do indicativo | 1 | 7,69% |

Fonte: Autoria nossa.

Como pode-se depreender da Tabela 21, acima, prevalecem os usos de *presente do subjuntivo* na oração condicional e *presente do indicativo* na oração principal (cf. (198)) e *presente do subjuntivo* na prótase e *presente do subjuntivo* na apódose (cf. (199)).

- (198) Um amigo nosso compôs a Gramática Grega e Hebraica, cada uma em duas folhas de papel grande, com uma clareza inimitável para um principiante. Procuo que a imprima, para utilidade dos Portugueses. É, sem dúvida a mais fácil que tenho visto nesta matéria. ***No caso que o estudante não tenha quem o aconselhe na eleição de livros, deve sempre apegar-se a uma Gramática das mais modernas e mais breves***, principalmente compostas por alguns seculares ingleses, holandeses, alemães e alguns franceses, porque, como estes não seguem as leis que obrigam alguns Regulares a não se desviarem dos seus antigos métodos, procuram sempre melhorar no método e na inteligência, como a experiência me tem mostrado. (CHPTB: LAV, Século XVIII)
- (199) As ordens para as tropas são de que pouco a pouco vão entrando em Espanha, divididas em pequenos corpos, até se achar número suficiente, e, ***no caso que El-Rei de Espanha queira fazer algum obstáculo, seja este Rei a primeira vítima, que o prendam e à família Real, e revolucionem a Espanha, o que não será difícil***. Para encher esta indicação, mandam a Madrid, Fruguet o mesmo que já lá esteve e falou a El-Rei com uma violência que pasmou a tôda a Europa. (CHPTB: MA, Século XVIII)

Além disso, nesse século, as construções com *no caso que* com valores condicionais em domínios epistêmicos e de atos de fala se tornam predominantes. Em (200), há um exemplar de condicional epistêmica (53,84% = 7/13) e, em (201), uma condicional em domínio conversacional (46,15% = 6/13).

- (200) Para que S. A. R. fique certo da solidez com que me tenho metido em todos êstes negócios, declaro que o General-em-Chefe dos realistas jurou fidelidade ao Príncipe Regente e, ***no caso que hajam projectos contra êste reino, os mesmos exércitos realistas que pretendem restabelecer o Rei legítimo em França virão impedir igualmente qualquer perfídia a nosso respeito.*** (CHPTB: MA, Século XVIII)
- (201) ***No cazo que V. S.a não lhe de emcomodo a pasarme huma Attestaçã*** do meu bom o mau seruido que fis a Mag.de em Publico qdo fui a esse estabelecim.to do Colegio e se for assignada pellos mais Senhores Lentes e Conegos que foraõ testemunhas do meu disvello me fazem fauor bem entendido que não quero mais do que na verd.e V. S.a sabe que fis ao modo com que me comortei Não seruida de Nada porem pode vir tempo em que sirua visto que a d.a Attestaçã sera a paga do meu trabalho. (CHPTB: PM, Século XVIII)

É possível identificar uma inferência epistêmica do usuário da língua em (200), pois, nessa condicional, há a manifestação de uma pressuposição colocada pelo usuário da língua “no caso que hajam projectos contra êste reino” a partir da qual é possível inferir a conclusão ou a dedução do que está enunciado na oração matriz “os mesmos exércitos realistas que pretendem restabelecer o Rei legítimo em França virão impedir igualmente qualquer perfídia a nosso respeito”. As condicionais em domínios de atos de fala são, comumente, utilizadas quando o usuário da língua está preocupado em não ferir à face de seu interlocutor, sendo mais educado, e menos invasivo. Nesse passo, em (201), para fazer a declaração da apódose “me fazem favor bem entendido (...) a atestação será paga do meu trabalho”, utiliza-se a base condicional “No caso que não lhe dê incômodo”, a fim de se ser menos assertivo e se distanciar do compromisso de afirmar o evento da oração principal como real/verdadeiro.

O segundo *type* mais frequente atestado em nossas análises é a microconstrução com o conectivo complexo *no caso de* (21,05% = 4/19), instanciada pelo subesquema circunstancial [[PREP DET N PREP]_{CONNECT} oração não finita]. A hipotaxe com *no caso de*, nessa sincronia, ocorreu tanto anteposta (50% = 2/4) quanto posposta (50% = 2/4) à oração matriz, como verifica-se, respectivamente, em (202) e (203).

- (202) Como a quem tem zêlo do serviço de V. M. nada é tão sensível como preterições, porque parecem sempre ao público uma falta de estimação do preterido, suplico a V. M. queira atender a honra com que a serve o conde de Oeynhausen, e que nem na carreira diplomática nem na militar consinta V. M. o excluam de adiantar-se no seu real serviço, e, ***no caso de vagar alguma das embaixadas, queira V. M. considerar os motivos justos por que eu posso desejar para***

meu marido êsse cómodo, tanto pela classe em que nascemos, como pela experiência dos negócios que êle tem e pelo desejo, tão natural a um vassalo, de distinguir-se no serviço de V. M. (CHPTB: MA, Século XVIII)

- (203) Não entendais, Senhor, que no que digo pretendo estabelecer-me no vosso agrado, quando sei que a verdade anda fugitiva, porque he mal vista; mas como não pude negar-me ao vosso preceito, não devo faltar em dizer-vos o que sinto, o que ouço, e o que convem: perdoai-me, se acaso vos desagradão as minhas ponderações, despidas de adornos, e cheias da mais brilhante verdade, que como he tão vil, e horrorosa a mentira, antes quero sujeitar-me a que me sepulte a vossa indignação nas ruínas de tal tempo, que ser complice no vosso engano; e se me julgais algum merecimento, **deixai-me, Senhor, fugir dos homens, porque me não enganem, que eu estimo renunciar as riquezas, no caso de mas prometter o vosso agrado**), porque me não corrompão, e darei de mão ás honras, porque me não ensoberbeço; e se acaso tenho sido demaziado, ainda que as minhas palavras nascem de hum coração sincero, e verdadeiro, a vossa bondade me desterre de huma Corte desordenada. (CHPTB: TMS, Século XVIII)

Similar à estrutura com o conectivo *em caso de*, identifica-se, no século XVIII, que há uma tendência de usos com verbos no infinitivo na oração encabeçada por *no caso de*. A Tabela 22, a seguir, confirma esse resultado.

Tabela 22 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *no caso de* no século XVIII.

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|--------------|--------------------|----------------------------------|-------------|-----|
| 1. | Infinitivo | Presente do subjuntivo | 1 | 25% |
| 2. | Infinitivo | Presente do indicativo | 1 | 25% |
| 3. | Infinitivo | Futuro do presente do indicativo | 1 | 25% |
| 4. | Infinitivo | Infinitivo | 1 | 25% |

Fonte: Autoria nossa.

Como podemos observar, *no caso de* inicia uma oração não finita a qual designa um evento que, devido às formas verbais utilizadas, podem ser compreendido como hipotético e alternativo expressando, assim, uma condição para a uma realização futura do evento da oração principal. Em (204), as formas verbais utilizadas no infinitivo na oração_i e futuro do presente do indicativo na oração_j; em (205), as orações com verbos no infinitivo (*no caso de de se passar*) e infinitivo (*levar a clausula*), o que proporciona o efeito de futuridade.

- (204) Negocieei, trabalhei e venci tudo, e escrevo ao Príncipe, dizendo-lhe que, se quere a glória que lhe ofereço, me mande uma simples carta de recomendação para esta Côrte, que me autorize a aparecer em público, o que ainda não fiz nem posso fazer dignamente sem ela. Em troca disto,

ofereço-lhe da parte de Inglaterra defesa de tôdas as suas colónias e o excedente das fôrças que ela precisa para sua própria defesa, concordando S. A. R. em conceder aos realistas os socorros que lhe prometeu, se a concordância destas duas potências existisse. Remeto a V. Em.^a a carta para o Príncipe pelo Ministro de Inglaterra que, ***no caso de achar a V. Em.^a molesta, entregará êle mesmo a S. A. R.*** (CHPTB: MA, Século XVIII)

- (205) Quanto as remessas do Dr. o eu proporei ao Sr Intendte pois me parece mto bem o que V. S.a aponta Pelo que pertensse ao Memorial que V. S.a me enviou de loze Pereira de Carualho escrivão da Villa de Mortagoa eu Logo o faço Presente ao Sr Intendte Geral e Creja V. S.a que todos os Off.es da Secartaria da Intendencia ficaraõ de Acordo para não pasarem Ordenes nem rezistarem respto deste Homem sem que primeiro se Veya a Sua Suplica para ***no cazo de se pasar Alguma Ordem a requerimto de Seus Inimigos Levar a clauzula que elle requer*** e tenho Magoa Grande quando V. S.a me ocupa não ser em couzas que eu logo imediatamte lhe possa dar resposta deseziua em que por mim sse mostre o mto gosto que tenho em ser ocupado por V. S.a pois o respeito tanto quanto estimo e a purpução mostrarlhe o mto que sou De V. S.a Seo mais Obediente Criado. (CHPTB: PM, Século XVIII)

A microconstrução com *no caso de* também é produtiva em relação aos tipos de domínios conceptuais atualizados na construção. Encontram-se construções em domínios de conteúdo (25% = 1/4) e, em domínios de atos de fala (75% = 3/4), que corresponde à maioria dos dados analisados. Na construção em (36), acima, há uma condicional em domínio de conteúdo, já que é perceptível uma relação de causa e consequência entre dois estados de coisas do mundo real, isto é, o estado de coisas enunciado na oração núcleo “entregará êle mesmo a S. A. R.” é a consequência/o efeito do estado de coisas da condicional “no caso de achar a V. Em.^a molesta”. Nas demais ocorrências, mais (inter)subjetivas, a condicional com *no caso de* é utilizada como motivadora para a o ato de fala que é enunciado na oração principal.

A terceira microconstrução investigada, com *em caso que*, apresenta menor frequência *token* se comparada à verificada nos séculos XVI e XVII. À semelhança do que foi observado no século anterior, a construção condicional com o conectivo complexo *em caso que* é empregada anteposta em relação à oração núcleo. Em termos da correlação modo-temporal, averiguamos que o *slot* da oração_i marcada por *em caso que* permanece sendo preenchido por uma oração finita, em particular, com verbo no presente do subjuntivo (*sejam*); a oração subsequente, também desenvolvida, apresenta verbos no presente do indicativo (*basta*) e presente do subjuntivo (*tenham*). A única ocorrência dessa construção, como mostrado em (206), é empregado em domínio conversacional.

- (206) Finalmente, depois de qualquer proposição em que haja palavras que unam com as palavras seguintes. Especialmente se põe, quando se fala de coisas opostas, ou quando se faz enumeração de muitas partes e se especificam todas, v. g. Destruio cazas, e templos; o sagrado, e profano; o seu, e o alheio, etc. . **Adverte-se, porém, que os períodos (os quais, sendo longos, podem receber ponto e vírgula), em caso que sejam curtos, basta que tenham vírgula, por não fazer tão enfadonha a repetição dos pontos e vírgulas.** (CHPTB: LAV, Século XVIII)

O que constatamos, nesse século, foi a emergência de uma nova microconstrução que se realiza por meio do arranjo construcional [[*caso*]_{CONNECT} oração não finita]_{CONDIÇÃO}. A ocorrência, mostrada em (207), ilustra esse *type*.

- (207) Tomara eu que os senhores Franceses me dissessem com que direito e com que razão se riem dos excessos e finezas dos Portugueses em matéria de amor, porque, **caso negado que esses excessos e essas finezas fossem culpas e vícios repreensíveis**, é certo que se descobrem semelhantes acções de franceses que não desmerecem, como esta, de serem contadas na primeira ordem e na primeira hierarquia das famosas constâncias ou extravagâncias do amor. (CHPTB: CO, Século XVIII)

Trata-se de uma construção condicional epistêmica em que a oração iniciada por *caso* apresenta um cenário alternativo, uma situação eventual e não realizada “caso negado que esses excessos e essas finezas fossem culpas...” que funciona como uma pressuposição para a conclusão da afirmação posterior na apódose “é certo que se descobrem semelhantes ações de franceses ...” Em (207), *caso* funciona como conectivo condicional e introduz uma oração reduzida com verbo no particípio que pode ser interpretado como um adjetivo e ser parafraseado como “se for negado que esses excessos e essas finezas fossem culpas..”. Nessa ocorrência, além da forma verbal nominalizada indicando uma contingência, o verbo no presente do subjuntivo *fossem* é crucial para que o evento seja compreendido como uma projeção de um espaço mental hipotético. As formas verbais utilizadas na oração condicional marcada por *caso* segue as predições acerca do processo de constituição de conectivos (Traugott, 1985; Kortmann, 1997) os quais são estruturas que se relacionam, em estágios mais iniciais de desenvolvimento, com nomes ou formas nominalizadas do verbo na oração adverbial. A construção complexa em (207) também apresenta estados de coisas relacionados em uma sequência linear icônica; assim, a posição inicial da condicional pode ser explicada pelo fato de que o usuário da língua infere que as pressuposições devem vir antes das conclusões.

A descrição apresentada aqui mostra que as microconstruções conectivas com *caso* começam a se aplicar em contextos mais generalizados, o que parece ter provocado o aumento de frequência *type*. Assim, nota-se que o subesquema [[(PREP) (DET) N (PREP) (*QUE*)]_{CONNECT} oração_i]_{CONDIÇÃO} que se desenvolve no século XVIII passa a apresentar um padrão de colocação

mais amplo em comparação aos séculos passados. Trata-se, de tal modo, de um padrão mais abstrato, com menos restrições de colocações nos *slots*, e portanto, mais produtivo. Esse subesquema abriga 3 *types* de conectivos complexos, dos quais dois são formados com *que* e um formado com *de*; e um tipo de conectivo simples, que, assim, como *no caso de*, é instanciado nessa sincronia. As microconstruções com conectivos complexos são mais composicionais e analisáveis, devido às presenças de preposição e/ou determinante simples e dos subordinadores *de* ou *que*. O conectivo simples apresenta reduções morfológicas significativas, logo é uma microconstrução mais esquemática e menos composicional.

3.3.6. Século XIX

Nesse século, verifica-se o decréscimo na frequência *token* da microconstrução com *no caso que*, e aumento na frequência dos dois novos *types* (*no caso de* e *caso*) que surgiram no século anterior; o conectivo *caso que*, *type* mais antigo, persiste nessa sincronia com apenas uma ocorrência. As quatro microconstruções conectivas com *caso* atestadas representam, juntas, uma frequência de 18 ocorrências. Mostramos esse resultado na Tabela 23 abaixo.

Tabela 23 – Microconstruções conectivas com *caso* encontradas no século XIX.

| Esquema | | | |
|---|------------|--|------------------|
| [[CONNECT] oração i] CONDIÇÃO | | | |
| Subesquema | Freq. Type | Microconstruções | Total de tokens |
| [[(PREP) (DET) N (PREP) (QUE)] oração i] CONDIÇÃO | 4 | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] CONDIÇÃO | 8 (44,44%) |
| | | [[<i>caso</i>] oração (não) finita] CONDIÇÃO | 8 (44,44%) |
| | | [[<i>no caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (5,55%) |
| | | [[<i>caso que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (5,55%) |
| Freq. Token | | | 18 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

Relativamente à ordenação do arranjo linear da oração adverbial face à oração núcleo, a microconstrução com *no caso de*, admite variação em três tipos de posições: anteposta (37,5% = 3/8), posposta (50% = 4/8) e intercalada (12,5% = 1/8). Apresentam-se, a seguir, as ocorrências dessa microconstrução nas respectivas posições.

- (208) Chamo a tua atenção pa o serviço dos correios do Rio Grde do Sul. **No caso de mandar abrir nova concorrência, limite a prorrogação ao praso absolutamte indispensavel, tres ou 4 vezes.** (CHPTB: CB, Século XIX)

- (209) Conforme a ordem de VExcia entendi-me com a directoria deste ultimo banco para sobre **qual o desconto que fariam no caso de pretender o Governo fazer uma liquidação.** (CHPTB: CB, Século XIX)
- (210) Pensando, como V Exa quando inspetor da alfandega, que o verdadeiro merecimento não aumenta, nem perde de valôr por decreto imperial, **peço-lhe permissão para, no caso de V Exa não me dar a satisfação exigida, poder eu publicar esta carta.** (CHPTB: CB, Século XIX)

O aumento de produtividade também pode ser constatado nas formas verbais utilizadas nos *slots* das orações. Das oito ocorrências com *no caso de*, identificamos 6 *types* de combinações modo-temporais dos verbos da prótase e da apódose. No entanto, permanece, nessa sincronia, uso de orações reduzidas na apódose, com verbo no infinitivo e no particípio, como confirma a tabela a seguir.

Tabela 24 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *no caso de* no século XIX.

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|--------------|-------------------------|-------------------------------------|-------------|-------|
| 1. | Infinitivo | Presente do subjuntivo | 1 | 12,5% |
| 2. | Infinitivo | Presente do indicativo e infinitivo | 3 | 37,5% |
| 3. | Infinitivo | Pretérito imperfeito do subjuntivo | 1 | 12,5% |
| 4. | Infinitivo | Futuro do pretérito do indicativo | 1 | 12,5% |
| 5. | Infinitivo | Imperativo afirmativo | 1 | 12,5% |
| 6. | Infinitivo e particípio | Presente do indicativo e infinitivo | 1 | 12,5% |

Fonte: Autoria nossa.

Como pode-se observar, em destaque, na Tabela 24, o esquema modo-temporal mais frequente (37,5% = 3/8) apresenta verbo no infinitivo na oração condicional introduzida por *no caso de* e locução verbal no presente do indicativo e infinitivo na matriz, conforme mostra a ocorrência (211).

- (211) De passagem: esta resposta não é lá muito para louvar-se. A melhor e mais eloquente resposta que uma senhora grave deve dar a uma declaração, é o voltar costas ao atrevido, sem gestos, sem pala-vras, e sem rudeza: ***no caso de se tornar* elle per-tinaz e impertinente, como o sr. Estevão, o melhor meio é evital-o, e evital-o á todo o custo; mas nós desculpamos uma moça, que timbrava de ser ho-nesta (e o era), que aborrecia a um demonio, que a importunava sempre,**

accrescendo que sua educação não era lá mito fina e muito cuidada. (CHPTB: AGT, Século XIX)

Nas construções condicionais investigadas com *no caso de* nota-se que as configurações verbais indicam uma linearidade temporal em que a oração_i apresenta tempos anteriores ou iguais ao evento da oração_j. Isso pode ser visualizado na ocorrência (211), em que a prótase, que está no infinitivo (*tornar*), expressa uma projeção futura e, na apódose, o uso do presente do indicativo correlacionado ao verbo no infinitivo (*é evitá-lo*) também implica uma possibilidade futura. Essas ocorrências, no entanto, apresentam uma relação de sequencialidade causal mais frouxa entre as orações pois, se manifestam em domínios conceptuais de atos de fala, assim, a efetivação do evento da condicional é independente da realização do enunciado da oração núcleo. Todas as instâncias de *no caso de* verificadas nessa sincronia pertencem a esse domínio. Como mostramos em (212), a condicional “no caso de se converter o projecto em lei...” apresenta uma razão para a expressão do ato ilocucionário da oração subsequente.

(212) Falei ao Doria, que é uma esphinge: o mais que d'elle consegui foi dizer-me que julgava ingviavel [?] que se me desse opção ***no caso de*** se converter o projecto em lei, sem mesmo querer declarar se apoiaria a emenda n'esse sentido. (CHPTB: CB, Século XIX)

Outra microconstrução com frequência expressiva nos dados analisados corresponde ao uso do *type* com conectivo simples *caso*. Em relação ao século XVIII, no qual esse conectivo emerge, constata-se, nessa sincronia, um aumento considerável da frequência *token* que também afeta às frequências *types* dessa microconstrução para contextos mais amplos.

Foram atestadas 8 (44,44%) instâncias de orações condicionais com o conectivo *caso* as quais apresentaram estruturas lineares antepostas (cf. (213)) e pospostas (cf. (214)) às orações principais.

(213) e como temessem, bem fundamente, que s. s. não tivesse espirito e expedientes necessarios para de prompto proceder em ordem e advogar os seus interesses, aquelles credores combinaram em que s. s. deixasse o exercicio do cargo, afim de que, reassumindo-o posteriormente, **caso as cousas não tivessem corrido a sua feição, par un coup de force, annullar tudo o que se tivesse feito e crear cousa nova, livre, deste modo, dos embaraços de ter de proferir decisões promptamente, sem que lhe fosse dado ouvir o oraculo e delle receber inspirações, a não ser pelos meios pouco decorosos de que se fez uso na reunião de 7 de março.** (CHPTB: JBII, Século XIX)

(214) Deve chegar por estes tres dias a resposta. Lembro-te que debes desde já olhar pa o futuro. **O nosso exercito não poderá voltar senão já no começo do inverno, caso sejamos felizes, como creio.** Porque não mandarás comprar em França todos os novos vestuarios de inverno? Tenho visto aqui alguns que vierão para o governo argentino, os quaes são um primôr de obra e

debarateza. Mas não mandes algum menino bonito; manda um homem sério. (CHPTB: CB, Século XIX)

A posposição da oração_i é categórica (87,5% = 7/8) e revela que, nesse século, a oração condicional introduzida por *caso* é utilizada, no geral, em contextos mais subjetivos. Em (215) podemos verificar que a oração condicional atua como uma ressalva sobre o que foi afirmado na oração principal.

- (215) A moça que, não obstante as lágrimas, as exclamações do Juiz de Paz durante a narração de sua historia, e o interesse, que lhe prestára, nada havia desconfiado, **porque, bem que soubesse que seu pae não morrerá na Praia- Pequena, comtudo o acreditava no Rio de Janeiro, caso fosse vivo**; á vista desta derradeira effusão, ouvindo este grito— Minha filha! — começou a desconfiar o que quer que fosse. A syncope de Augusto não a fez desesperar. Os pedaços daquelle coração, pesador do amor filiar, procuraram seu centro; ahi se reuniram, e esse coração, bafejado pela celeste aragem de vivificadora esperança, ungido pelo balsamo das lagrimas do amor filiar, palpitou de novo; Augusto voltou á vida. Maria então lhe disse:- Senhor, que significam essa palavras? - Minha filha... eu sou Augusto, teu desgraçado pae... - Meu pae!!!... (CHPTB: AGT, Século XIX)

Na ocorrência (215), a oração condicional posposta se realiza como um adendo restritivo por estar assinalando que o fragmento da oração núcleo “acreditava no Rio de Janeiro” está direcionado, especificamente, ao conteúdo da oração condicional “caso fosse vivo”.

Nesse século, o conectivo simples *caso* encabeça orações não finitas (cf. (216)) e finitas (cf. (217)).

- (216) A magistratura deve me recer de V S a mais solicita attenção; eis porque me atrevo a vir oferecer-lhe os meus serviços. Em 7 de Dezembro ultimo obtive o gráo de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Faculdade do Recife, com o titulo de laureado; porque colhi distincção em todas as cadeiras do 2º anno em diante. Para manter-me e poder estudar, exerço, ha quase 11 annos, um cargo postal e hoje sou amanuense dos Correios de Pernambuco. Tenho 28 annos completos de idade e sou natural da Cidade do Rio de Janeiro. **Tudo o que escrevo aqui provarei competentemente, caso V S se dignar de responder me, acceitando os meus serviços em comarca onde eu possa prestar bons serviços ao Estado da Bahia e tambem, por conseguinte, á politica a que V S pertence.** Fica portanto á sua disposição esse cr e colla (CHPTB: CB, Século XIX)
- (217) No outro dia tudo correu como o sr. Estevão havia disposto. Em uma hora convencionada, e a um signal do patife, Domingas chamou seu senhor a parte, e soprou-lhe no ouvido que no quarto da senhora estava um preto detraz da porta. O sr. Bento crendo que fosse algum ladrão, disse aos parceiros: - Que engraçada cousa! Diz-me a preta que no meu quarto está um preto detraz da porta!.. - Algum miseravel ladrão disse o sr. Estevão. - **Sem duvida; mas peço a dois dos senhores para irem por fóra, e cortarem-lhe a passagem pela janella, caso elle queira por ali evadir-se.** Eu, e os mais senhores, vamos ao quarto. (CHPTB: AGT, Século XIX)

Com relação ao esquema modo-temporal dos segmentos da construção complexa com conectivo *caso*, identificamos 7 *types* distintos. A tabela abaixo traz essas configurações verbais.

Tabela 25 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *caso* no século XIX

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. <i>Token</i> | % |
|--------------|---|--|--------------------|-------|
| 1. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo e infinitivo | 1 | 12,5% |
| 2. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo e infinitivo | 1 | 12,5% |
| 3. | Presente do subjuntivo | Infinitivo | 2 | 25% |
| 4. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Pretérito imperfeito do indicativo | 1 | 12,5% |
| 5. | Pretérito imperfeito do subjuntivo e infinitivo | Futuro do pretérito do indicativo e infinitivo | 1 | 12,5% |
| 6. | Pretérito imperfeito do subjuntivo e particípio | Infinitivo | 1 | 12,5% |
| 7. | Infinitivo | Futuro do presente do indicativo | 1 | 12,5% |

Fonte: Autoria nossa.

No que concerne ao posicionamento do usuário da língua, as construções aqui analisadas apresentam distanciamento epistêmico neutro e negativo. As construções condicionais introduzidas pelo conectivo *caso* que demonstram postura neutra do usuário da língua são aquelas cujo verbo da prótase está, sobretudo, no modo subjuntivo nos tempo presente, e o verbo da oração núcleo no presente, no passado e no futuro. As construções potenciais com *caso* mais recorrentes, em destaque na Tabela 25, são as que apresentam presente do subjuntivo na hipotática e infinitivo na oração núcleo, como ilustra a ocorrência exposta em (218).

(218) **Ao merecer de V Exa o favor de despachar para 4 °. escripturario da Alfandega desta Prova, ou de outra qualquer *caso* não se dê vaga nesta**, ao Sr. Je Aurelio da Silva, ja empregado na mesma repartição, q segundo me informão tem bom comportamento. (CHPTB: CB, Século XIX)

Nas condicionais potenciais, o usuário da língua entende a realização da condição como um evento possível – como em (218), na qual é construída uma situação provável de ser efetivada. Assim, através da escolha modo-temporal, é possível depreender que a condicional “caso não se dê vaga nesta”, associada à oração núcleo “despachar para 4 °. escripturario da Alfandega desta Prova”, expressa uma informação esperada ou previsível de ocorrer. Em (219),

no entanto, as formas verbais da construção condicional manifestam uma postura epistêmica que é negativa.

- (219) E essa agravação da situação dos credores não mudaria de aspecto, por ser parcial antes que geral; isto é, por ao envez de affectar todos os credores legitimamente admittidos (isto é, os anteriores á fallencia), como no caso de admissão de novos interessados, só attingir ella alguns dos primeiros, como na hypothese de, sendo todos os credores anteriores áquella catastrophe, para usar da expressão de Vidari, haver o avultamento do passivo provindo de accrescimos correspondentes a tempo posterior a ella, verificados só em beneficio desse ou daquelle credor, e taes que se torne necessario á massa, para fazerlhes face, despende somma maior do que a que teria de desembolsar, si elles não houvessem se dado, ou que a que o fallido, **elle proprio, haveria de pagar, caso tivesse de fazel-o no momento de ser, pela fallencia, desapossado do respectivo patrimonio.** (CHPTB: JBII, Século XIX)

A sentença acima, com referência de futuro do pretérito e infinitivo, na apódose, e de pretérito imperfeito do subjuntivo e infinitivo, na prótase, expressa um grau maior de dissociação mental do indivíduo sobre a possibilidade de realização dos eventos; o usuário da língua cria uma situação hipotética que ele não crê como realizável ou possível no momento de fala/escrita. Essas condicionais são construídas como estratégias pragmáticas para expor situações que aconteceram ou que poderiam ter acontecido em um momento anterior da afirmação.

Nas construções condicionais marcadas pelo conectivo *caso* analisadas, destaca-se o aumento da frequência dos tipos de domínios cognitivos manifestados na construção. Encontram-se uma ocorrência em domínio epistêmico (cf. (218)) e uma ocorrência metatextual (cf. (219)). Prevalecem, ainda, o emprego da condicional com *caso* no domínio de atos de fala (75% = 6/8), como exemplificamos na ocorrência abaixo.

- (220) Escrevo-te aqui da Granja onde as tuas cartas me têm chegado. O requerimento foi entregue conforme os teus desejos ao Malheiro Dias e sobre os episódios desse caso, guardarei a reserva que indicas. Conforme me pedes vou ver se alinhavo um *leading article* para a tua revista sobre o tratado inglês, a sua significação política e histórica e as conseqüências que importa para os destinos da nossa pátria. **Assiná-lo-ei Spectator para poder deitar sobre ti a responsabilidade das minhas afirmações caso seja necessário.** (CHPTB: EQOM, Século XIX)

A condicional de ato de fala representada pela ocorrência (220) mostra que “caso seja necessário” expressa não assertividade e, portanto, faz com que a declaração na oração principal “assina-lo-ei espectador ...” seja pragmaticamente mais adequada e polida. A partir da condicional, a qual codifica uma situação que pode ou não ser verdadeira, o usuário da língua é capaz de se distanciar do compromisso de afirmar como real o evento da apódose.

Constatamos, em nossas análises, que o emprego do conectivos condicional *no caso que* enfraquece nesse século, fato que pode ser explicado pela emergência do conectivo simples em sincronia anterior, que parece ser uma forma reduzida e derivada das microconstruções conectivas com *que*. Demonstramos a única ocorrência atestada da construção condicional com *no caso que*, em (221).

- (221) Para isso o mais direto e seguro é perguntar francamente ao Barro Gomes. Isto não é um segredo de Estado- e estou convencido que ele to dirá sinceramente, e sem dificuldades. Depois comunica-me o que surdir. Se a minha informação é exata, e há possibilidade de que, por uma transferência do Faria, Paris venha a ficar vago, e se torne regular então a apresentação da minha candidatura- **tu farás, no caso que seja necessário dar logo alguns passos, aquilo que a tua amizade te sugerir.** (CHPTB: EQOM, Século XIX)

A ocorrência em (221) é uma construção que manifesta significado condicional em domínio conversacional, cuja hipotaxe marcada por *no caso que* está intercalada à oração núcleo, com verbos no presente do subjuntivo na prótase e futuro do presente do indicativo na apódose.

A microconstrução conectiva com *caso que* também ocorreu apenas uma vez no século XIX, similarmente às outras sincronias investigadas (séculos XVI e XVII). Em (222), *caso que* inicia uma oração finita no pretérito imperfeito do subjuntivo (*desconfiasse*) e atua como uma espécie de apoio condicional para o ato de fala na oração subsequente, a qual apresenta verbos no presente do indicativo e infinitivo (*mando dizer*).

- (222) Ainda que alguma vez nos encontremos, não me falle, nem me corteje. Não julgue que é medo, não; mas devemos seguir á risca os preceitos do padre Balthazar, que recommenda toda a prudencia, para que se não perca a nossa santa causa. (Fecha a porta. Pelle sae.) (Reparando á janella) Oh!... Ahi vem o mestre de minha sobrinha... Encontrou-se com o Genovez... Observa-o... Olha agora para cá... Chico é guapo moço... Será... Lá pára... Ora mede com a vista o Genovez, ora olha para cá... Não seja **caso que desconfiasse...** (Pensa) **Mando dizer que não estou em casa.** Virei depois, se quizer. Como não ha só uma porta... (Chama) Honorata. (CHPTB -JC19)

Nessa sincronia, o subesquema [[(PREP) (DET) N (PREP) (QUE)]CONNECT oração_i] CONDIÇÃO se mantém. Identifica-se a fixação de um padrão relativamente amplo, em termos de esquematicidade e produtividade. Há aumento da frequência *token* dos conectivos *no caso de* e *caso*, instanciados em sincronia anterior, o que afeta a frequência *type*, desencadeando o aumento de usos para outros contextos sintáticos e semântico-pragmáticos não constatados no século XVIII.

3.3.7. Século XX

Como podemos visualizar na Tabela 26, houve persistência, no século XX, de apenas dois *types*, cuja frequência *token* cresce mais para um do que para outro. É perceptível, ainda, a instanciação de uma microconstrução conectiva nova, com *no caso de que*, que ocorreu somente uma vez.

Tabela 26 – Microconstruções conectivas com *caso* encontradas no século XX.

| Esquema | | | |
|--|------------|--|------------------|
| [[CONNECT] oração i] CONDIÇÃO | | | |
| Subesquema | Freq. Type | Microconstruções | Total de tokens |
| [[((PREP) (DET) N (PREP) (QUE)) oração;i] CONDIÇÃO | 3 | [[<i>caso</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 14 (58,3%) |
| | | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] CONDIÇÃO | 9 (37,5%) |
| | | [[<i>no caso de que</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 1 (4,16%) |
| Freq. Token | | | 24 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

No século XX, apuramos 24 ocorrências de microconstruções conectivas com *caso*, as quais estão distribuídas em três *types*, que, com exceção de *no caso de que*, já foram verificados nas sincronias passadas: *caso* (58,3% = 14/24), *no caso de* (37,5% = 9/24) e *no caso de que* (4,16 % = 1/24). O *type* mais frequente, a microconstrução com conectivo simples *caso*, demonstra expansão de usos para variados contextos. Nesse século, passam a admitir, quanto à ordenação do arranjo linear, orações antepostas (42,85% = 6/14), pospostas (42,85% = 6/14) e intercaladas (14,28% = 2/14), que seguem exemplificadas, respectivamente, nas ocorrências dadas a seguir.

- (223) **Caso você ache que não deve atender ao chamado, não me deixe no fône numa longa expectativa.** Como já o fez recentemente. Estou escrevendo rapidamente com receio que a música cesse. Releve portanto o atropelamento de palavras meio desconexas. (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)
- (224) Adiantei ao nosso Herminio que podia assumir por mim qualquer compromisso, garantindo mesmo maioria nas primeiras eleições, **caso me sejam entregues a direção local da política e as posições.** (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)
- (225) Otto: Ouço o Concerto de “Vassovia”. E cedo a um impulso. Digo impulso porque não pretendia, depois do que aconteceu, por-me no seu caminho novamente. E estou certa que se a música cessar, eu o impulso também cessará. **Quem lhe escreve é uma amiga – caso possa ser considerada “ainda” como tal – que sentiu necessidade de conversar com você.** É como se discasse para 10-50. (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

É notória a extensibilidade de tipos verbais no *slot* da oração condicional com *caso* e da oração principal nesse século, como se observa na tabela abaixo, que mostra as diferentes combinações modo-temporais para as 14 instâncias investigadas.

Tabela 27 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *caso* no século XX.

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. <i>Token</i> | % |
|--------------|-------------------------------------|---|--------------------|--------|
| 1. | Presente do subjuntivo | Presente do subjuntivo | 1 | 7,14% |
| 2. | Presente do subjuntivo | Presente do subjuntivo e infinitivo | 1 | 7,14% |
| 3. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo | 2 | 14,28% |
| 4. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo e infinitivo | 1 | 7,14% |
| 5. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo | 1 | 7,14% |
| 6. | Presente do subjuntivo | Imperativo negativo | 1 | 7,14% |
| 7. | Presente do subjuntivo | Gerúndio | 1 | 7,14% |
| 8. | Presente do subjuntivo e infinitivo | Presente do indicativo | 1 | 7,14% |
| 9. | Presente do subjuntivo e infinitivo | Presente do indicativo e infinitivo | 1 | 7,14% |
| 10. | Presente do subjuntivo e infinitivo | Imperativo negativo | 1 | 7,14% |
| 11. | Presente do subjuntivo e particípio | Presente do indicativo | 1 | 7,14% |
| 12. | Presente do subjuntivo e particípio | Pretérito imperfeito do indicativo e infinitivo | 1 | 7,14% |
| 13. | Ausência de verbo | Imperativo afirmativo | 1 | 7,14% |

Fonte: Autoria nossa.

Considerando as construções complexas condicionais com o conectivo *caso*, pode-se observar na Tabela 27 acima que foi apurado no século XX um total de 13 tipos particulares de esquemas modo-temporais dos verbos da oração adverbial com *caso* e da oração matriz, distribuídos de forma bastante equilibrada. Destacam-se, com maior frequência *token*, a relação entre presente do subjuntivo na prótase e presente do indicativo na apódose, com 2 ocorrências (14,28%). Deve-se observar, além disso, a tendência da prótase com *caso* apresentar verbos no presente do subjuntivo (57% = 8/14) e perífrases verbais de presente do subjuntivo + infinitivo

ou participípio (35, 71% = 5/14). Demonstramos, nas ocorrências a seguir, essas formas verbais que são mais frequentes na prótase condicional com *caso*. Em (226), exemplificamos o emprego de presente do subjuntivo, na ocorrência (227), há uso de perífrase verbal com presente do subjuntivo e infinitivo e, em (228), presente do subjuntivo e participípio.

- (226) O descontentamento quanto a actuação politica do mesmo é, quase geral, ao passo que, sem falsa modestia, posso affirmar que conto com forte corrente de sympathias. **A ocasião é pois, muito oportuna para uma acção decisiva da vossa parte, caso como disse atrás, tenham o amigo e o Senhor seu Pai interesse na direcção politica daqui.** (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)
- (227) Velhinha: Felizmente estou incluído entre as pessoas que voce sabe lhe querem bem! Vou ficar daqui aguardando o resultado daquelas decisões tôdas que você me fez ciente na carta de 4ª feira, 14. Por favor continue a me manter ao par de tudo o que fôr se processando em você. **Então, velhinha, você quer renunciar a mim!! Já se concedeu o prazo, (que significa aquêlê “o prazo è curto”, entre parentese?), já imaginou o sofrimento que você irá ter, já, enfim, chegou a uma decisão a qual pretende ser intransigente, caso não consiga melhorar!** (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)
- (228) O edital não declarando quaes os documentos necessarios, remetto-vos apenas a certidão de idade e a procuração. **Caso, porem, sejam precisos outros peço que em telegrapheis.** A minha carta está registrada na Secretaria de Coité, desde 27 de Julho de 1934, sob numero 155. (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

Como já mencionado anteriormente, o modo subjuntivo é utilizado para ajudar a compor o significado de condicionalidade nas microconstruções com *caso*, uma vez que é uma estrutura verbal que marca traços como possibilidade para o futuro, probabilidade, dúvida e incerteza. Nesse mesmo sentido, ainda considerando os dados da Tabela 27, foi identificada uma construção sem verbo na oração condicional com o predicado modal *possível* que, relacionado ao conectivo *caso*, expressa avaliação de incerteza do falante em relação à possibilidade de realização ou não do evento apresentado na oração adverbial, como ilustrado em (229).

- (229) Saudações cordiaes. Tudo por aqui em paz. Temos tido algumas chuvas. Accuso a minha ultima carta sobre a permuta dos soldados. Hoje volto a fazer-vos novo pedido: Dezejo que empregueis meios afim de que a Policia destaque duas praças para o Arraial de Banzahê neste Município. Será uma medida de grande alcance para este Município, porquanto, alem de evitar o contrabando, interceptará a passagem dos bandidos que embora esparsos ainda infestam esta zona. Alem do mais, os praças serão auxiliados por civis armados. **Caso possível, consiga umas 10 armas e alguma munição para este Município, pois as que temos são insuficientes.** (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

Na ocorrência em (230), o mesmo predicado aparece, com verbo no presente do subjuntivo *seja*, revelando, mais uma vez, a expressão de não assertividade e o distanciamento

epistêmico do usuário da língua frente à verdade de suas afirmações, que pretende, a partir da condicional com *caso*, ser polido e atenuar o tom de franqueza do ato de fala contido na oração núcleo “procure revelar e mande pra mim”.

- (230) Velhinho, Rui não mandou os retratos que nós tiramos no morro, com você, nem o que estou sozinha. Porque? **Caso seja possível procure mandar revelar e mande para mim.** (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

No que se refere aos domínios conceptuais, nossa análise mostra que, no século XX, podem emergir vários tipos de interpretação associada ao nexos causal, superpondo-se, frequentemente, as relações de condicionalidade em domínios de atos de fala (85,71% = 12/14), conforme demonstrado na ocorrência (231).

- (231) Pessoas inescrupulosas de baixo padrão social difamadoras da vida alheia, inclusive um certo Salão de Beleza cheio de desocupadas, e malandros de gravatas desocupados, que ficam em esquinas e pontos de carros de praça, esquecendo seus antecedentes, andam difamando minha filha que todos a conhece bem de perto e sabem que o nome não é o publicado, sabem muito bem que a mesma não pratica certos atos dessa natureza, portanto peço aos linguarudos que preste bem a atenção nos seus familiares que talvez pratique atos dessa natureza, e não minha filha que é pessoa honesta como todo povo desta terra bem conhece. **Caso seja necessário tenho a fotografia da referida senhorita e Volks á qual foi hóspede de pessoas de destaque nesta cidade na Micareta para publicá-la se possível.** (BIT-PROHPOR: CLRFN, Século XX)

Encontram-se, ainda, relações de causalidade que podem ser interpretadas em domínios epistêmico (cf. (232)) e metatextual (cf. (233)).

- (232) **O pequeno Rogério Araújo de apenas um ano e dois meses de idade corre o risco de morrer num curto espaço de tempo caso não seja submetido a uma intervenção cirúrgica para implantação de um aparelho no crânio.** Rogério está acometido de hidrocefalia que é uma doença que se caracteriza por um acúmulo anormal no crânio de líquido cefalorraquiano, acompanhado do aumento da cabeça, proeminência da fonte, atrofia encefálica, deficiência mental e convulsões. (BIT-PROHPOR: CLRFN, Século XX)
- (233) Otto: Ouço o Concerto de “Vassovia”. E cedo a um impulso. Digo impulso porque não pretendia, depois do que aconteceu, por-me no seu caminho novamente. E estou certa que se a música cessar, eu o impulso também cessará. **Quem lhe escreve é uma amiga – caso possa ser considerada “ainda” como tal – que sentiu necessidade de conversar com você.** É como se discasse para 10-50. (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

Enquanto em (231) a condicional “caso seja necessário” estabelece um tópico partilhado entre falante e ouvinte que motiva a expressão de um ato de fala na oração matriz, em (232), há a relação sequencial entre dois eventos que podem ser compreendidos como: a partir da premissa da condicional “caso não seja submetido a uma intervenção cirúrgica...” é possível

apresentar uma conclusão na oração subsequente “o pequeno Rogério corre o risco de morrer”. Em (233), notamos uma condicional com expressão de causalidade mais abstrata; a prótase “caso possa ser considerada “ainda” como tal” funciona pragmaticamente como um comentário sobre parte da apódose “quem lhe escreve é uma amiga”. Como se vê, a condicional metatextual é empregada, especificamente, para fazer uma referência ou revisão do enunciado anterior, a fim de contribuir na interpretação – sendo, de tal modo, mais intersubjetiva.

O segundo *type* identificado nesse século é formado pelo conectivo [*no caso de*], que introduz orações não finitas, que podem ser antepostas (44,44% = 4/9) ou pospostas (55,55% = 5/9) à oração principal. Observa-se aqui a preferência pela ordem posposta, como também ocorreu no século XIX.

Ilustramos, em (234), uma ocorrência da microconstrução com *no caso de* em posição inicial (à margem esquerda da oração principal) e, em (235), em posição final (à margem direita da oração principal).

- (234) Deite-se um pouco de manteiga n'um prato que vá ao fogo; ponha-se a fogo brando; quando a manteiga estiver derretida, quebrem-se os ovos no prato, tendo cuidado em não desfazer a gemma; salpiquem-se de sal e de pimenta. Logo que as claras estejam presas, tire-se e sirva-se. **No caso de os ovos não estarem fritos por igual, passe-se uma pá em braza sobre os sitios que estiverem menos cozidos.** (BBM: CC, Século XX)
- (235) Junte-se toucinho do peito cortado em bocados pequenos, uma capella de cheiros com tomilho e louro (**pôde supprimir-se o louro no caso de incommodar o seu aroma.**) (BBM: CC, Século XX)

Conforme os dados expostos na Tabela 28 a seguir, das 9 construções condicionais analisadas com *no caso de*, verifica-se 6 tipos distintos de esquemas modo-temporais. O infinitivo permanece sendo a forma verbal favorita da prótase com *no caso de* (66,66% = 6/9).

Tabela 28 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *no caso de* no século XX.

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|--------------|--------------------|------------------------|-------------|--------|
| 1. | Infinitivo | Presente do indicativo | 2 | 22,22% |

| | | | | |
|----|-------------------------|-------------------------------------|---|--------|
| 2. | Infinitivo | Presente do indicativo e infinitivo | 2 | 22,22% |
| 3. | Infinitivo | Futuro do presente do indicativo | 1 | 11,11% |
| 4. | Infinitivo | Imperativo afirmativo | 1 | 11,11% |
| 5. | Infinitivo e particípio | Presente do indicativo | 2 | 22,22% |
| 6. | Infinitivo e particípio | Futuro do presente do indicativo | 1 | 11,11% |

Fonte: Autoria nossa.

Os períodos com as construções com *no caso de* concentram-se acentuadamente na correlação infinitivo + presente do indicativo (cf. (236)), infinitivo + locução verbal no presente do indicativo e infinitivo (cf. (237)) e locução verbal com infinitivo e particípio + presente do indicativo (cf. (238)), ambas com 22,22% dos dados. Continuam predominando, portanto, no *slot* da oração_i com o conectivo *no caso de*, verbos não finitos, sobretudo no infinitivo, como mostram os exemplos a seguir.

- (236) Preparação da choucroute antes de a empregar.— Umi mez ou seis semanas depois da sua 'preparação está a choucroute, prompta para a cozinha, *no caso de se querer comer*. (BBM: CC, Século XX)
- (237) Convites para jantar.— Quando se quer dar um jantar é preciso fazer os convites alguns dias antes. Esses convites fazem-se por visita ou por escripto. A pessoa que receber um convite é obrigada a responder no caso de não acceitar. (BBM: CC, Século XX)
- (238) A vacca deve ser cozida até um certo ponto; se o fizerem de mais, as tiras partem-se e produzem mau effeito á vista, *no caso de terem sido cortadas ao correr do fio*. (BBM: CC, Século XX)

As construções com *no caso de* admitem ainda, de forma mais expressiva, relações de causalidade em domínios de atos de fala (77,77% = 7/9), conforme demonstrado na ocorrência (239).

- (239) O Dr. Alvaro Silva assim que se positivou a 1ª vaga se lembrou de mim; até me comunicou no mesmo dia, por telegrama. A minha substituida que é a profª Maria Conceição Gavazza e que foi 1v. removida nas mesmas condições, foi agora efetivada na Escola da Pojuca e eu ainda continúo interina. **Eis o meu pedido, no caso de vos ser possível**. A cadeira de Teotonio, é para mim de todo inconveniente; pois a saúde ali me foi assás prejudicada. (BIT-PROHPOR: CP, Século XX)

Usos com *no caso de* em domínios de conteúdo também são perceptíveis em algumas ocorrências (22,22% = 2/9), como pode se observar em (240) a seguir.

- (240) Ao capital, nacional ou estrangeiro, invertido em serviços de utilidade pública deverá ser garantida, em quaisquer circunstâncias, a integridade, além de uma razoável remuneração durante o tempo em que estiver ligado à execução dos serviços. **No caso de ser importado o capital, essas garantias respeitarão a moeda de origem.** (CHPTB: JB, Século XX)

No século XX, identifica-se um terceiro *type*, formado com o conectivo condicional *no caso de que*, como em (241), única ocorrência verificada em todo o *corpus*.

- (241) têm-se dois bules de prata, um para o chá preto, que é o que se toma vulgarmente, o outro para o chá verde, **no caso de que alguém peça** (BBM: CC, Século XX)

Diferentemente do que ocorre com *em caso de* e *no caso de*, o conectivo *no caso de que* introduz uma oração desenvolvida com verbo no presente do subjuntivo. A presença de *que* parece, assim, atrair um esquema modo-temporal distinto de outros conectivos preposicionais com *caso*. Aqui, mais uma vez, a forma verbal no modo subjuntivo é empregada para construir a interpretação de um evento potencial hipotético, isto é, que pode ou não se realizar futuramente. A posposição da oração_i também sugere uma interpretação pragmática particular. A oração condicional “no caso de que alguém peça” funciona como uma espécie de complemento do que se diz anteriormente. Trata-se de uma indicação por parte do usuário da língua de qual momento específico se deve usar o bule de prata. Em termos de domínios conceptuais, é possível perceber um ato linguístico diretivo na oração núcleo “têm-se dois bules de prata...” que se ampara na condicional com *no caso de que*.

Avançando para o século XX, observa-se que o subesquema [(PREP) (DET) N (PREP) (QUE)]_{CONNECT} oração_i]_{CONDIÇÃO} embora tenha continuado a aumentar em frequência para 24 *tokens*, tornou-se exclusivamente associado a três expressões fixas convencionais, *caso* (14 *tokens*), *no caso de* (9 *tokens*) e *no caso de que* (1 *token*). A perda de produtividade *type* nessa sincronia corrobora com a hipótese de que o conectivo simples *caso* seja uma estrutura reduzida que emerge, gradativamente, após micropassos de mudanças que afetam conectivos complexos mais pretéritos representados pelo padrão construcional [(em) (o) *caso que*]_{CONNECT} oração_i]_{CONDIÇÃO}. A alta frequência de ocorrência dos conectivos *em caso que* e *no caso que* nos séculos XVI, XVII e XVIII parecem ter afetado a memória do usuário da língua favorecendo à redução fonética que leva ao surgimento dos conectivos *caso que*, e posteriormente, *caso*. Com base em

Bybee (2016), argumentamos que a redução morfofonológica dos conectivos com *caso* pode ser atribuída tanto à facilidade de processamento cognitivo por falante e ouvinte (devido ao *priming*⁵⁰), quanto ao processo analógico com outras formas já existentes na língua utilizadas para introduzir oração circunstancial, como *desde que*, com dois elementos linguísticos, e *se*, com apenas um elemento.

Os conectivos formados com preposição (*no caso de*, *em caso de*), por sua vez, parecem seguir um percurso de mudança peculiar. Como pode-se averiguar a partir da análise dos dados, a forma com *no caso de*, em comparação à microconstrução com conectivo simples *caso*, apresenta maior restrição colocacional no que diz respeito aos tipos de verbos que podem ocupar o *slot* da oraçãoⁱ, aos tipos de posições da oração, e aos tipos de domínios cognitivos manifestados, sendo, portanto, uma microconstrução menos produtiva e esquematizada, além de ser mais composicional e analisável, já que há a permanência da preposição *em* e do determinante simples no *slot* do conectivo.

3.3.8. Século XXI

Os resultados da Tabela 29, relativos ao século XXI, confirmam a tendência de predominância das microconstruções com conectivo simples *caso*. Podem ser visualizadas, no entanto, algumas diferenças em relação à produtividade *type* do subesquema verificado nessa sincronia, indicativas de uma possível trajetória de dessas construções.

Tabela 29– Microconstruções conectivas com *caso* encontradas no século XXI.

Esquema

⁵⁰ O *priming* linguístico é a ideia de que as unidades da língua são ativadas quando são percebidas ou usadas, e alguns traços dessa ativação permanecem por um tempo, tornando mais fácil e/ou mais rápido reativá-las. Os usuários da língua terão uma reação mais rápida a uma palavra ou padrão que viram antes, mesmo que não tenham percebido conscientemente.

| [[CONNECT] oraçãoi] CONDIÇÃO | | | |
|---|------------|--|------------------|
| Subesquema | Freq. Type | Microconstruções | Total de tokens |
| [[PREP] (DET) N (PREP)] oraçãoi] CONDIÇÃO | 3 | [[<i>caso</i>] oração finita] CONDIÇÃO | 32 (94,11%) |
| | | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] CONDIÇÃO | 1 (2,94%) |
| | | [[<i>em caso de</i>] oração não finita] CONDIÇÃO | 1 (2,94%) |
| Freq. Token | | | 34 (100%) |

Fonte: Autoria nossa.

Em comparação às sincronias anteriores, verifica-se, no século XXI, um aumento expressivo da frequência *token*. Foram levantadas 34 ocorrências do padrão construcional [[PREP] (DET) N (PREP) (QUE)] oraçãoi] CONDIÇÃO que instancia 3 *types*. O *type* com conectivo simples *caso* cresce em frequência *token*, correspondendo quase ao valor total de *tokens*, com 32 ocorrências (94,11%). Atestam-se, ainda que com baixa produtividade, instâncias com os conectivos complexos *no caso de* (1 ocorrência), constatado em sincronias anteriores, e *em caso de* (1 ocorrência), identificado somente nos séculos XIV e XVII.

Relativamente ao fator de ordenação do arranjo linear, nos dados do português brasileiro escrito, a microconstrução mais frequente, com conectivo simples *caso*, permanece admitindo qualquer tipo de posição da oração hipotática face à matriz, como mostram os exemplos em (242), (243) e (244), respectivamente, com a oração condicional anteposta (50% = 16/32), posposta (46,87% = 15/32) e intercalada (3,12% = 1/32).

- (242) Ainda não é oficial. Mas pelas notícias de ontem o Inter vai enfrentar o Sport, amanhã à noite, no Beira-Rio, sem o incansável Magrão, que sofreu um problema na coxa na decisão de domingo e sente muitas dores no local. **Caso se confirme a ausência do volante, o técnico Abel Braga vai ter que achar um jeito de fazer o seu time seguir marcando forte, sem perder a força no ataque, num jogo em que tem obrigação de ganhar e de não levar gol.** (PorPopular: DG, Século XXI)
- (243) Como Guñazu também participou do treino, resta uma questão para o técnico Abel Braga resolver: começará uma final com dois jogadores recém egressos de parada? Se Andrezinho não estivesse em alta, nem haveria dúvida: os dois jogariam. **O técnico examina os riscos de ser obrigado a "queimar" uma ou duas substituições, caso Guñazu e Alex tenham problema.** (PorPopular: DG, Século XXI)
- (244) Está certo que o goleiro Eduardo Martini, ex-Grêmio, defendeu um pênalti batido pelo atacante Soares. Mas foi o atual camisa 1 gremista, Victor, que se destacou no sábado. Ele evitou a derrota na Ressacada com três grandes defesas em menos de dez minutos. Ao contrário do jogo de Erechim, o trio de volantes Eduardo Costa, Willian Magrão e Rafael Carioca não foi bem – assim como Julio dos Santos. **O que facilita o retorno de Roger (caso ele se recupere de lesão no pé esquerdo) na estréia do Brasileiro, sábado que vem, contra o São Paulo, no Morumbi, às 18h10min.** (PorPopular: DG, Século XXI)

Comparando os resultados das sincronias anteriores, pode-se constatar um aumento significativo na frequência da correlação modo-temporal das orações da construção condicional com conectivo *caso*. Assim, na Tabela 30 exposta a seguir, observamos, nos dados do português escrito e falado, 15 padrões de combinações verbais diferentes que podem preencher os *slots* dos segmentos da construção.

Tabela 30 – Correlações modo-temporais das orações com a microconstrução conectiva *caso* no século XXI.

| <i>Types</i> | Oração condicional | Oração principal | Freq. Token | % |
|--------------|---|--|-------------|--------|
| 1. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo | 5 | 15,62% |
| 2. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo e infinitivo | 5 | 15,62% |
| 3. | Presente do subjuntivo | Presente do indicativo e infinitivo e particípio | 1 | 3,12% |
| 4. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo | 4 | 12,5% |
| 5. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo e infinitivo | 4 | 12,5% |
| 6. | Presente do subjuntivo | Futuro do presente do indicativo e particípio | 2 | 5,88% |
| 7. | Presente do subjuntivo | Imperativo afirmativo | 3 | 9,37% |
| 8. | Presente do subjuntivo | Infinitivo | 1 | 3,12% |
| 9. | Presente do subjuntivo | Infinitivo e particípio | 1 | 3,12% |
| 10. | Presente do subjuntivo e infinitivo | Presente do indicativo e infinitivo | 2 | 5,88% |
| 11. | Presente do subjuntivo e infinitivo | Pretérito perfeito do indicativo e infinitivo | 1 | 3,12% |
| 12. | Presente do subjuntivo e infinitivo | Imperativo afirmativo | 1 | 3,12% |
| 13. | Presente do subjuntivo e particípio | Presente do indicativo e infinitivo | 1 | 3,12% |
| 14. | Pretérito imperfeito do subjuntivo | Futuro do pretérito do indicativo | 1 | 3,12% |
| 15. | Pretérito imperfeito do subjuntivo e infinitivo | Futuro do pretérito do indicativo | 1 | 3,12% |

Fonte: Autoria nossa.

De forma equilibrada, as correlações mais frequentes são presente do subjuntivo + presente do indicativo e/ou infinitivo e presente do subjuntivo + futuro do presente do indicativo

e/ou infinitivo que representam, respectivamente, 15,62% (5/32) e 12,5% (4/32) das ocorrências com conectivo simples. As ocorrências a seguir demonstram essas configurações verbais.

(245) *Presente do subjuntivo - Presente do indicativo*

Não é só no Beira-Rio. Pelo que se sabe, o Flamengo, adversário de sábado, no Maracanã, corre o risco de encarar o Inter sem Ibson, sem Kleberson e, talvez, sem Souza, todos titulares. ***Caso se confirme a notícia, o time do técnico Caio Junior perde força nos três setores, exatamente como aconteceu semana passada no Olímpico.*** (PorPopular: DG, Século XXI)

(246) *Presente do subjuntivo - Presente do indicativo e infinitivo*

As atenções do Sport, próximo adversário do Inter, no sábado, estão completamente voltadas ao duelo contra o Vasco da Gama, pela Copa do Brasil, amanhã, em São Januário. O confronto vale uma vaga na final. Na partida de ida, o Leão venceu por 2 a 0 e pode até perder por um gol de diferença que se classifica. ***Caso chegue à final, é grande a chance de um time reserva viajar à Porto Alegre para enfrentar o Inter.*** No último final de semana, na vitória por 2 a 1 contra o Fluminense, o técnico Nelsinho Batista poupou alguns titulares. (PorPopular: DG, Século XXI)

(247) *Presente do subjuntivo - Futuro do presente do indicativo*

COMO PERDER UM HOMEM EM DEZ DIAS (HOW TO LOSE A GUY IN 10 DAYS) – De Donald Petrie. Com Kate Hudson e Matthew McConaughey. Publicitário aposta com seu chefe: ***caso faça com que uma mulher se apaixone por ele em dez dias, ficará com uma campanha concorrida.*** (PorPopular: DG, Século XXI)

(248) *Presente do subjuntivo - Futuro do presente do indicativo e infinitivo*

Caso não haja acerto com Adilson, restará ao Inter pagar a multa de 2,3 milhões de dólares (R\$ 4,1 milhões) para tirar Abel Braga do Al Jazira (Emirados Árabes Unidos). O treinador já admitiu que voltaria correndo ao Inter. (PorPopular: DG, Século XXI)

A admissão de inúmeras formas verbais no *slot* da oração marcada por *caso* revela o crescimento gradiente da produtividade da construção que se torna mais ampla e passa a ser empregada em contextos mais generalizados no português. Essa constatação confirma, mais uma vez, que a microconstrução com conectivo simples é a uma estrutura em processo mais avançado de convencionalização, portanto, está mais rotinizada e esquematizada na língua, em relação aos conectivos complexos com *caso*. Como afirma Trousdale (2008, p. 170-171), “quanto mais esquemática a construção, mais produtiva ela será⁵¹”, isto é, a ocorrência de novos tipos de verbos pode contribuir para a extensibilidade do esquema.

Nota-se que as condicionais com *caso*, no português atual, podem manifestar relações de condicionalidade em qualquer tipo de domínio cognitivo. Com frequência *token* bastante equilibrada encontram-se, no português escrito, usos em domínios de conteúdo (31,25% = 10/32), epistêmico (28,12% = 9/32), atos de fala (31,25% = 10/32), e com menor frequência, metatextual (9,37% = 3/32); no português falado, as duas construções verificadas atuam em

⁵¹ No original: “[t]he more schematic the construction, the more productive it will be.”

domínio conversacional. Mostramos os quatro tipos de domínios nas ocorrências exemplificadas em (249), (250), (251) e (252), respectivamente.

- (249) Se os suíços vencerem, dependerá do saldo de gols. **Caso os chilenos classifiquem-se, será a primeira vez que as oitavas da Copa terão cinco times sul-americanos.** (PorPopular: DG, Século XXI)
- (250) A hora é de fazer o óbvio. Cheio de desfalques, o Inter só vai conseguir voltar do Maracanã com lucro na bagagem se repetir a forma de jogar utilizada na conquista do Gauchão: muita posse de bola, marcação impiedosa e velocidade no ataque. **Caso não consiga colocar em prática os três requisitos, o time do técnico Abel Braga vai ter um sábado complicado, com muita chance de acumular outro fracasso e terminar a rodada muito mais longe dos ponteiros.** (PorPopular: DG, Século XXI)
- (251) **Partindo para as comemorações, caso não seja o primeiro encontro, que tal esquecer as filas e a despesa com uma saída para a noite e preparar um jantar especial a quatro mãos?** Pode ser um prato único, como macarrão ao sugo, risoto de frango, ravioli ou uma simples sopinha de capeletti, acompanhado de um pãozinho ao forno e um bom vinho (beba com moderação). (PorPopular: DG, Século XXI)
- (252) Recebi uma mensagem de um gremista informando que o Tricolor marcou até agora, em sua história, 9.998 gols. Logo, está se aproximando do gol 10 mil, o que é mais um feito a ser comemorado pela torcida. Não sei se a notícia encontra confirmação oficial, porque não vi nem ouvi nada sobre isso partindo do clube. **Mas, caso se confirme, a questão é saber quem será o goleador 10 mil.** (PorPopular: DG, Século XXI)

Em (249), o segmento marcado por *caso* apresenta a causa hipotética que leva à realização eventual do conteúdo descrito no enunciado matriz. Essa relação ocorre no domínio de conteúdo, uma vez que o falante descreve uma sucessão de eventos observados numa situação externa e, assim, a condicional tem seu significado assentado sobre uma situação concreta percebida. De modo semelhante, em (250), a oração marcada por *caso* atua como o quadro hipotético a partir do qual infere-se a verdade do segundo enunciado. Mais subjetiva que (249), a relação que liga os dois enunciados em (250) é de inferência epistêmica, indicando que o conhecimento que se tem de um fato leva-se a concluir um outro. Esse significado está fundamentado na avaliação que o falante faz de uma situação interna ou cognitiva e, por isso, resulta de uma suposição sua, que hipotetiza acerca da relação entre os dois fatos descritos. Em (251) e (252), nota-se que a oração marcada por *caso* formula uma condição pragmática que dá relevância para o ato enunciado na oração matriz. Definitivamente mais subjetivos que os dois primeiros, nesses casos o falante demonstra ater-se a todas as normas pragmáticas e convenções sociais ao evitar enunciar um ato que, por alguma razão, possa ser questionado no evento de fala. A diferença entre (251) e (252) consiste no fato de que em (252) a condicional faz referência explícita – por meio do verbo *confirmar* – à matriz, trazendo-a para a condicional, o

que reforça, assim, o quadro de adequação do ato enunciado. Essas nuances do significado condicional estão assentadas na situação textual e metalinguística e são altamente embasadas na avaliação do falante em relação à interação.

A segunda microconstrução identificada nesse século diminui enormemente em frequência *token* se comparada à observada no século XX. O conectivo *no caso de* permanece iniciando uma oração não finita, posposta à matriz, com verbo no infinitivo (*marcar*) que indica uma situação aberta e alternativa, possível de ocorrer no futuro. A única ocorrência desse *type*, ilustrado em (253), expressa uma condicional em domínio metatextual.

- (253) O assistente uruguaio Pablo Fandiño foi atingido com um cubo de gelo na cabeça, e o árbitro Jorge Larrionda suspendeu o jogo um minuto antes do tempo estipulado. Além da perda do mando, o Boca foi punido com multa de US\$ 30 mil (cerca de R\$ 50 mil). Assim, o atual campeão da América livrou-se da pena máxima, que era a perda pelo placar de 3 a 0. **Diante disto, na semana que vem, em Minas Gerais, o Cruzeiro só passará de fase se vencer por 1 a 0 ou por dois gols de diferença (no caso de o Boca marcar algum).** (PorPopular: DG, Século XXI)

Outra microconstrução atestada nessa sincronia é a com conectivo *em caso de*, conforme mostramos em (254), que também só ocorreu uma vez na modalidade escrita. Como se vê no exemplar a seguir, a oração adverbial com *em caso de* está anteposta à oração principal, em que é possível uma interpretação condicional em domínio de conteúdo, já que o acontecimento descrito na prótase implica a efetivação do evento da apódose. Observa-se, ainda, a fixação da oração não finita, com verbo no infinitivo, na prótase.

- (254) Em junho, haverá nova regra para cobrança da tevê por assinatura. Pela nova regra, as operadoras de televisão a cabo não podem mais cobrar pelo ponto extra ou ponto de extensão, independentemente do plano de serviço do assinante. No entanto, a regulamentação permite a cobrança de instalação e manutenção, que pode ser uma taxa mensal ou por evento. Fidelização – **Em caso de oferecer um pacote de fidelidade, a operadora é obrigada a ter um igual, sem fidelidade, sendo permitido, neste caso, haver preços diferentes.** (PorPopular: DG, Século XXI escrito)

O subesquema identificado no português brasileiro contemporâneo (século XXI), embora apresente a maior frequência *token*, é mais restrito e menos produtivo em termos de frequência *type*, se compararmos com as sincronias do século XVII em diante. Observamos, nesse século, que os *types* formados com complementizador *que* – *em caso que, no caso (em) que, caso que, no caso de que* – deixam de ocorrer, e os conectivos formados com preposição – *em caso de* e *no caso de* – se tornam cada vez mais escassos no português. No entanto, o conectivo simples *caso* cresce acentuadamente em frequência *token* e *type*, de modo que pode

ser empregado em quase qualquer tipo de contexto, com padrões de colocação bastante variados. Pode-se afirmar, portanto, que as microconstruções com *em caso de* e *no caso de* estejam menos sedimentadas na língua, em comparação ao conectivo simples.

É possível visualizar que a partir do século XVIII, os conectivos complexos com *que* perdem a composicionalidade pela rotinização do uso e passam a formar um único elemento, dando origem ao conectivo condicional simples com *caso que*, por sua vez, passa a ser cada vez mais produtivo na língua. Conforme aponta Bybee (2016), a alta frequência de um *chunk* na língua pode ocasionar na redução da forma, o que leva à perda de analisabilidade e composicionalidade da microconstrução. Ainda segundo Bybee (2016, p. 87) “quando uma expressão atinge frequência alta, é mais difícil encontrar exemplos sem redução fonética (...)”. Os resultados encontrados corroboram, assim, as nossas previsões acerca do processo de desenvolvimento de conectivos com *caso* no português e está em conformidade com as constatações de outros autores (LEÃO 1961; BARRETO 1999; GERARDS; KABATEK 2018; LONGHIN 2020) que também hipotetizaram que a emergência de *caso* ocorre após mudanças nas estruturas com *que*.

CAPÍTULO 4 – A CONSTRUCIONALIZAÇÃO DOS CONECTIVOS CONDICIONAIS COM CASO NO PORTUGUÊS

Neste último capítulo, apresenta-se o processo de construcionalização gramatical das microconstruções conectivas com *caso* no português. Para tal, realizamos um panorama geral das mudanças construcionais pelas quais a construção passou desde o século XIV até o século XXI. O foco está principalmente nas mudanças nas frequências *token* e *type*, bem como no comportamento colocacional e semântico-pragmático dos padrões analisados. Sob a visão da Gramática de Construções, mostramos nas próximas seções como certas mudanças construcionais podem ser concebidas como mudanças na produtividade, na esquematicidade e na composicionalidade, que, por sua vez, podem desencadear reorganizações na rede construcional.

4.1. A evolução diacrônica das construções conectivas condicionais formadas com CASO

Antes de focar na trajetória de construcionalização gramatical e nas reorganizações da rede, primeiro é necessário identificar quais tipos de mudanças nas propriedades de produtividade as microconstruções conectivas com *caso* passaram ao longo dos séculos e como tais mudanças são relevantes para a estrutura da rede. Esta seção se concentrará, portanto, nas frequências *token* e *type* das microconstruções conectivas com *caso* e nas mudanças nos preenchimentos de *slots* atestados, mas também nas mudanças nas preferências colocacionais e no surgimento (ou desaparecimento) de novos subesquemas. Consideremos os dados de frequência diacrônica sintetizados na Tabela 31.

Tabela 31 - Síntese dos padrões construcionais apurados nas diferentes sincronias do português.

| Período | Séc. | Subesquemas | Microconstruções | Freq. <i>Token</i> | Freq. <i>Type</i> |
|-----------|------|-----------------------------------|---|--------------------|-------------------|
| Ar cai | 14 | [[PREP N PREP] oração não finita] | [[<i>em caso de</i>] oração não finita] | 1 | 1 |

| | | | | | |
|-------------------------------------|----|--|---|------------|----------|
| | 15 | [[PREP N <i>QUE</i>] oração finita] | [[<i>em caso que</i>] oração finita] | 1 | 1 |
| Frequência por período | | | | 2 | 2 |
| Médio | 16 | [[PREP (DET) N <i>QUE</i>] oração finita] | [[<i>em caso que</i>] oração finita] | 8 | 3 |
| | | | [[<i>no caso que</i>] oração finita] | | |
| | | | [[<i>caso que</i>] oração finita] | | |
| | 17 | [[PREP (DET) N (PREP) (<i>QUE</i>)] oração;] | [[<i>em caso que</i>] oração finita] | 21 | 4 |
| | | | [[<i>no caso (em) que</i>] oração finita] | | |
| | | | [[<i>caso que</i>] oração finita] | | |
| | | | [[<i>em caso de</i>] oração não finita] | | |
| | 18 | [[PREP (DET) N (PREP) (<i>QUE</i>)] oração;] | [[<i>no caso que</i>] oração finita] | 19 | 4 |
| | | | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] | | |
| | | | [[<i>em caso que</i>] oração finita] | | |
| [[<i>caso</i>] oração não finita] | | | | | |
| Frequência por período | | | | 48 | 6 |
| Moderno | 19 | [[PREP (DET) N (PREP) (<i>QUE</i>)] oração;] | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] | 18 | 4 |
| | | | [[<i>caso</i>] oração (não) finita] | | |
| | | | [[<i>no caso que</i>] oração finita] | | |
| | | | [[<i>caso que</i>] oração finita] | | |
| | 20 | [[PREP (DET) N (PREP) (<i>QUE</i>)] oração;] | [[<i>caso</i>] oração finita] | 24 | 3 |
| | | | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] | | |
| | | | [[<i>no caso de que</i>] oração finita] | | |
| | 21 | [[PREP (DET) N (PREP)] oração;] | [[<i>caso</i>] oração finita] | 34 | 3 |
| | | | [[<i>no caso de</i>] oração não finita] | | |
| | | | [[<i>em caso de</i>] oração não finita] | | |
| Frequência por período | | | | 76 | 7 |
| TOTAL | | | | 126 | 7 |

Fonte: Autoria nossa.

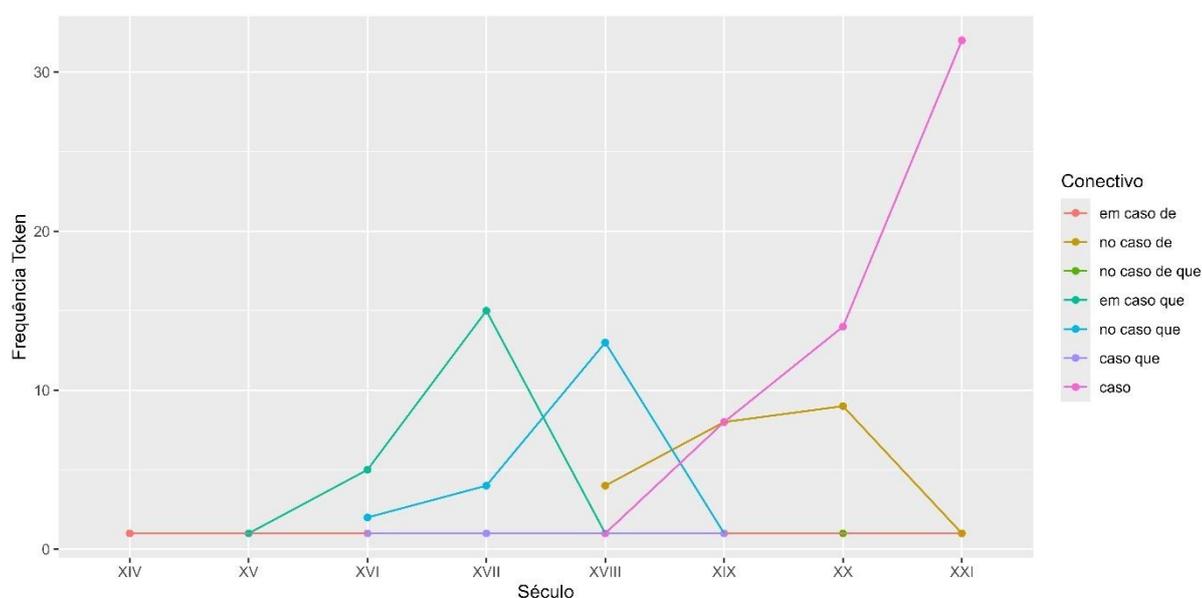
Do período arcaico para o moderno, é possível observar o aumento dos *types* de microconstruções conectivas com *caso*. Esses conectivos condicionais se ampliam de 2, no período arcaico, para 7 no período moderno, fato que pode ser explicado pela expansão gradual de usos de conectivos com *caso* em diferentes subesquemas, sobretudo a partir do século XVII, do período clássico/médio.

A frequência *token* dos conectivos condicionais com *caso* também apresenta crescimento significativo através dos séculos. Foi apurado na história do português um total de 126 ocorrências de microconstruções conectivas condicionais com *caso*. De 2 ocorrências (1,58%) no português arcaico, passam a 48 (38,09%), no português clássico/médio. No período moderno, que corresponde ao momento com maior expansão de tipos, as microconstruções conectivas parecem se consolidar na língua e se tornam ainda mais frequentes, com 76 ocorrências (60,31%).

É notória, ainda, a partir dos resultados sumarizados na Tabela 31, a abstratização dos subesquemas na diacronia. Encontram-se, no total, 5 tipos distintos de subesquemas, que se tornam cada vez mais amplos ao longo dos séculos, devido ao aumento na extensibilidade do *slot* de conectivo e do *slot* da oração hipotática. Percebe-se, assim, que quanto mais tipos de microconstruções são atestadas, do século XIV ao XX, mais amplo o subesquema se torna um processo que, na Gramática de Construções, é descrito como esquematização. No século XXI, por sua vez, há uma diminuição dos tipos que afeta a representação do padrão construcional que passa a ser mais especificado.

Na expressão gráfica a seguir, podemos visualizar a frequência *token* dos diferentes tipos de conectivos condicionais com *caso* por século.

Gráfico 1- Frequência *token* dos conectivos por século.



Fonte: Autoria nossa.

Como é possível inferir do Gráfico 1, acima, há 7 tipos de conectivos com *caso*, sendo um deles de base morfológica simples e outros seis, de base morfológica complexa. O conectivo complexo *em caso de*, primeiro a ser atestado em nossas análises, tem baixa frequência *token* em toda a diacronia ($2,38\% = 3/126$). Esse conectivo ocorre nos três períodos do português: 1 *token*, no período arcaico (século XIV); 1 *token*, no período clássico/médio (século XVII); e outro, no período moderno (século XXI). Esse resultado pode ser um indicativo de que o conectivo *em caso de* esteja em um estágio menos avançado da construcionalização gramatical em comparação aos outros conectivos condicionais com *caso*.

O conectivo *em caso que*, verificado posteriormente, a partir do século XV, tem maior frequência, com 22 *tokens* no total (17,46%). Observamos aumento de frequência considerável do conectivo *em caso que* do período arcaico para o período moderno: 1 *token* no século XV, 5 *tokens* no século XVI e 15 *tokens*, no século XVII. No entanto, a partir do século XVIII, a frequência passa a cair e o conectivo deixa de ocorrer. De forma análoga, o conectivo *no caso (em) que* emerge no século XVI, período clássico/médio, e aumenta em frequência gradativamente ao longo do tempo. Dos 20 *tokens* constatados (15,87%), encontramos 6 ocorrências no português médio – 2, no século XVI e 4, no século XVII –, e no século XVIII, com maior frequência, encontramos 13 ocorrências. Do século XIX em diante, a microconstrução com *no caso (em) que* se torna menos frequente, com 1 *token*. Nos séculos XX e XXI não foram atestados usos do conectivo *no caso (em) que*.

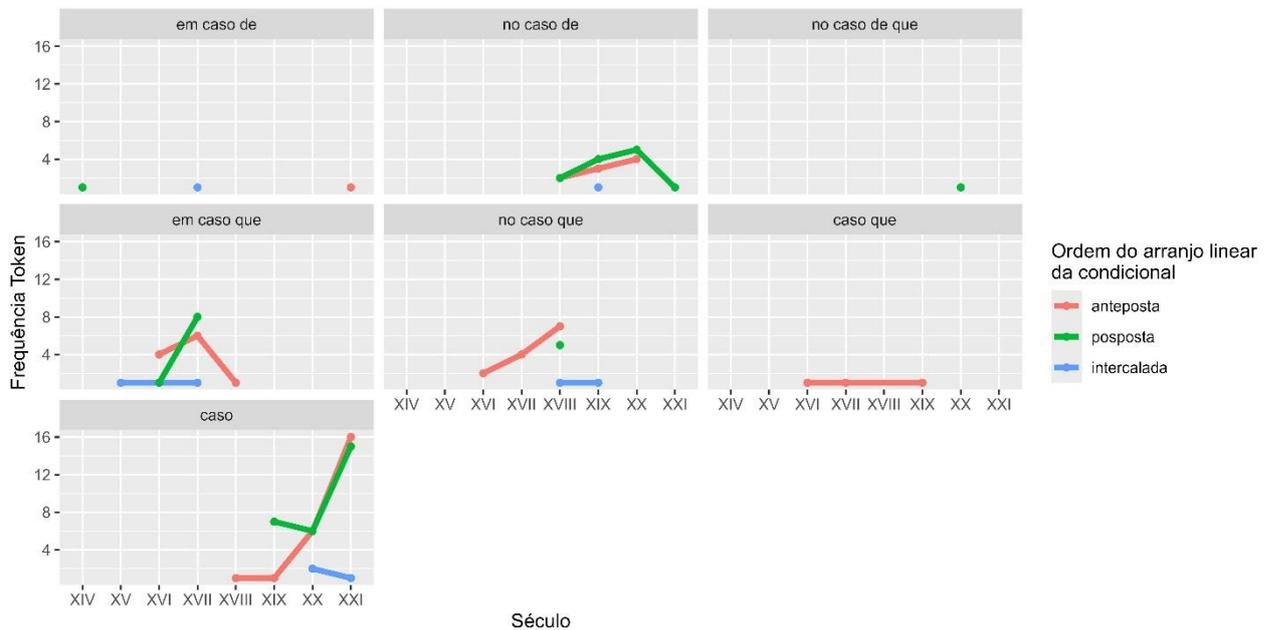
No século XVI, período clássico/médio, também identificamos a instanciação do conectivo *caso que*, que é pouco frequente em nosso *corpus*, uma vez que demonstra um total de 3 ocorrências (2,38%). A microconstrução com *caso que* ocorreu em duas fases da língua: português médio, com 2 *tokens* – 1 no século XVI e outro no século XVII – e português moderno, somente com 1 *token* no século XIX. Como indicam os dados do Gráfico 1 acima, *caso que* ocorre no português um pouco mais tarde do que *em caso que*, então pode-se supor que o conectivo *caso que* é resultado da rotinização e conseqüente redução morfológica (omissão da preposição inicial) de *em caso que*.

O conectivo complexo *no caso de* é o segundo *type* mais frequente em nosso *corpus*, com um total de 22 *tokens* (17,46%) em toda a diacronia – assim como o conectivo *em caso que*. A microconstrução conectiva com *no caso de* emerge no fim do período clássico/médio, no século XVIII, com 4 *tokens* e aumenta em frequência no período moderno, nos séculos XIX (8 *tokens*) e XX (9 *tokens*); no século XXI, no entanto, há apenas uma ocorrência do conectivo. O conectivo *no caso de que*, por sua vez, foi atestado somente uma vez, no século XX.

Por fim, o conectivo simples *caso* é o mais produtivo em frequência *token*, apresentando quase que a metade dos dados levantados ($43,65\% = 55/126$). O conectivo simples ocorre, primeiramente, no século XVIII, e cresce gradativamente em frequência de uso em todo português moderno, inclusive no século XXI.

As diferentes microconstruções conectivas com *caso* também demonstram diferenças em termos de produtividade *type*. No Gráfico 2, mostramos a ordenação do arranjo linear da oração condicional marcada por cada tipo de conectivo com *caso* em relação à oração matriz.

Gráfico 2- Frequência de tipo de ordenação do arranjo linear da oração condicional em relação à oração matriz.



Fonte: Autoria nossa.

A comparação dos resultados mostrados no Gráfico 2 evidencia que quanto mais frequente o uso da microconstrução conectiva, mais tipos de ordenações da oração hipotática em relação à oração subsequente serão possíveis. Entre o período clássico/médio e moderno, as orações com *no caso de*, *em caso que*, *no caso (em) que* e *caso* passam a aumentar em frequência *token* e, conseqüentemente, aumentam em frequência *type*, expandindo, gradualmente, para os três tipos de posições. Enquanto *no caso de que* e *caso que*, menos frequentes, apresentam maior restrição em relação à posição.

Outro resultado constatado é o aumento da anteposição – ordem favorita das orações condicionais –, à medida que alguns tipos de microconstruções conectivas com *caso* vão se tornando mais frequentes e generalizadas. Como podemos visualizar a partir do Gráfico 2, as orações com os conectivos *no caso (em) que*, *caso que* e *caso* são mais frequentemente antepostas e tendem a apresentar uma informação dada, atuando como tópico, conforme (255), em que o conteúdo da oração condicional é trazido como uma informação já conhecida e disponível no discurso antecedente.

- (255) Para que S. A. R. fique certo da solidez com que me tenho metido em todos êstes negócios, declaro que o General-em-Chefe dos realistas jurou fidelidade ao Príncipe Regente e, **no caso que hajam projectos contra êste reino,** os mesmos exércitos realistas que pretendem restabelecer o Rei legítimo em França virão impedir igualmente qualquer perfídia a nosso respeito. (CHPTB: MA, Século XVIII)

As orações com *no caso de*, *no caso de que* e *em caso que* são mais frequentemente pospostas com tendência a apresentar informação nova, focal, como nos exemplos a seguir.

- (256) Conforme a ordem de VExcia entendi-me com a directoria deste ultimo banco para sobre qual o desconto que fariam **no caso de pretender o Governo fazer uma liquidação.** (CHPTB: CB, Século XIX)
- (257) têm-se dois bules de prata, um para o chá preto, que é o que se toma vulgarmente, o outro para o chá verde, **no caso de que alguém peça** (BBM: CC, Século XX)
- (258) A permissão que Sua Majestade me tinha dado, de poder tornar para Portugal, se me revogou pelas últimas cartas, querendo Sua Majestade **que eu me detivesse aqui, para assistir, segundo entendo, a Dom Luís de Portugal, em caso que os negócios desta paz ficassem à sua disposição,** o que entendo não será, porque desta vez devem ficar ou desesperados ou concluídos, salvo em alguns accidentes, que melhor se podem negociar do Reino, enviando com que adoçar vontades, do que trabalhando aqui pelas persuadir. (CHPTB: CAV, Século XVII)

As orações com *em caso de*, devido a baixa frequência de ocorrência, não é predominante em nenhuma ordenação específica, mas ocorreu nos três tipos de posições: posposta (cf. (259)), intercalada (cf. (260)) e anteposta (cf. (261)).

- (259) Vasco Martins disse que lho tinha em grande merce, mas que tal carregó nam filharia, por elle ser vassalo Del Rey de Portugal, & seu Guarda mór, & que poderia ser de se receber depois guerra contra o Reyno de que elle era natural, & cahiria **em caso de menos valer.** (CHPTB: FL, Século XIV)
- (260) Alguns políticos, ou cegamente piedosos ou incrédulos se persuadiram a negar todos estes princípios. Fácil é de interpretar e ainda de satisfazer qualquer acção antes de contratada pelos primeiros sucessos. Porém quando estes se lhe seguem, como infalível consequência, parece antes injúria que piedade querer admitir as escusas dos criminosos. Contudo me persuado não

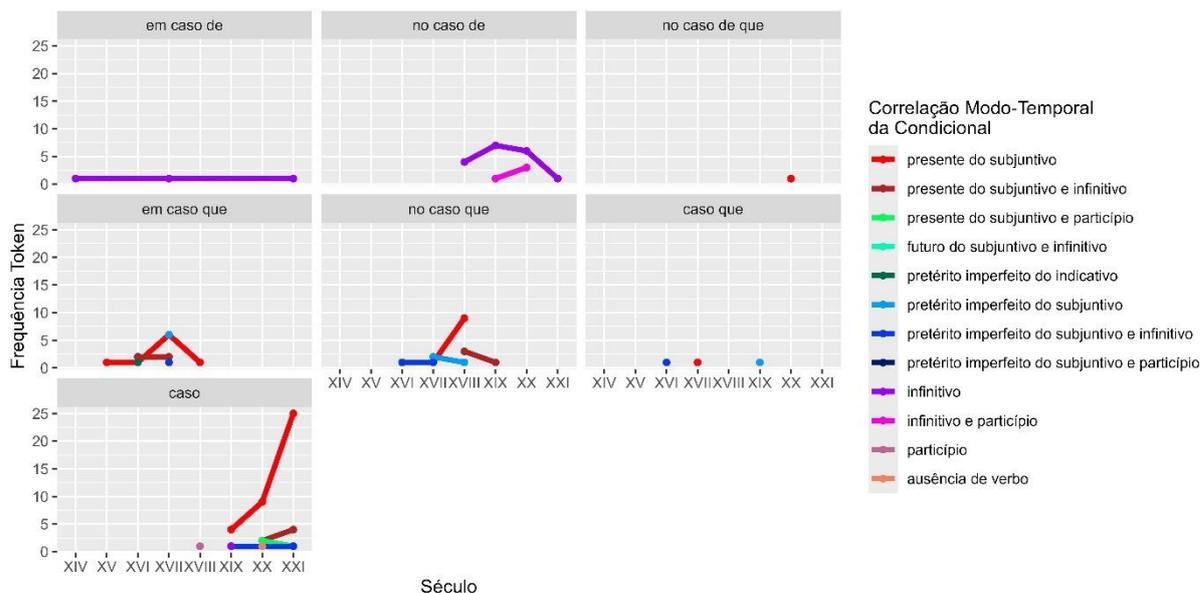
só foi aqui a malícia, mas o temor um dos cúmplices da conjuração, porque muitos dos interessados nela eram de espírito tão sossegado que se considerassem seguro o novo estado se conformaram com a fortuna presente. **Porém, tendo por certa a perda e não menos o favor de El-Rei antigo, em caso de se oporem ao moderno, se acomodavam a participar os perigos da contingência com a firme esperança do prémio seguro.** CHTB: FMMTP, Século XVII)

- (261) Em junho, haverá nova regra para cobrança da tevê por assinatura. Pela nova regra, as operadoras de televisão a cabo não podem mais cobrar pelo ponto extra ou ponto de extensão, independentemente do plano de serviço do assinante. No entanto, a regulamentação permite a cobrança de instalação e manutenção, que pode ser uma taxa mensal ou por evento. Fidelização – **Em caso de oferecer um pacote de fidelidade, a operadora é obrigada a ter um igual, sem fidelidade, sendo permitido, neste caso, haver preços diferentes.** (PorPopular: DG, Século XXI)

É possível considerar, assim, no que diz respeito à ordem preferida das condicionais, que as microconstruções com os conectivos *no caso (em) que*, *caso que* e *caso*, estariam em um grau mais avançado da mudança linguística, uma vez que apresentam resultados mais próximos da ordem prototípica das condicionais.

A expansão diacrônica do arranjo colocacional da oração hipotática com os conectivos com *caso* também pode ser verificada a partir da frequência de tipos de correlações verbais. Conforme se depreende do Gráfico 3, o contexto morfossintático vai se tornando mais amplo ao longo das sincronias, a depender do tipo de conectivo empregado.

Gráfico 3- Frequência de tipo de correlação modo-temporal da oração condicional.



Como disposto no Gráfico 3, nos *slots* das orações condicionais com *em caso de* e *no caso de* prevalecem os usos de verbos não finitos em todas as sincronias, sobretudo, no infinitivo. O padrão com *em caso de*, com baixa frequência de uso, é associado somente a um tipo de verbo, no infinitivo. O conectivo *no caso de* é um pouco mais frequente e a oração condicional pode ser utilizada com verbos no infinitivo e com locução verbal formada por infinitivo e particípio.

As prótases marcadas pelos conectivos *em caso que*, *no caso (em) que*, *no caso de que* e *caso que*, representadas pelo subesquema $[(em) (o) caso (de) que]_{CONNECT}$ oração finita] CONDIÇÃO, apresentam verbos finitos, predominantemente, no modo subjuntivo. A microconstrução com o conectivo *em caso que* apresenta em toda diacronia 6 tipos de correlações verbais distintas. Nas primeiras sincronias, séculos XV e XVI, a oração com *em caso que* é preenchida por verbos no presente do subjuntivo – combinação verbal com maior frequência de ocorrência em todos os séculos – e pretérito imperfeito do indicativo. Do século XVII até o século XVIII, outras formas verbais passam a ser atestadas no *slot* da oração condicional com *em caso que*: presente do subjuntivo e infinitivo, presente do subjuntivo e particípio, pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo e infinitivo.

As orações hipotáticas com o conectivo *no caso (em) que* exibem grau de produtividade similar em comparação à orações com *em caso que*, pois ocorreram com 5 tipos de correlações verbais, a saber: no século XVI, futuro do subjuntivo e infinitivo e pretérito imperfeito do

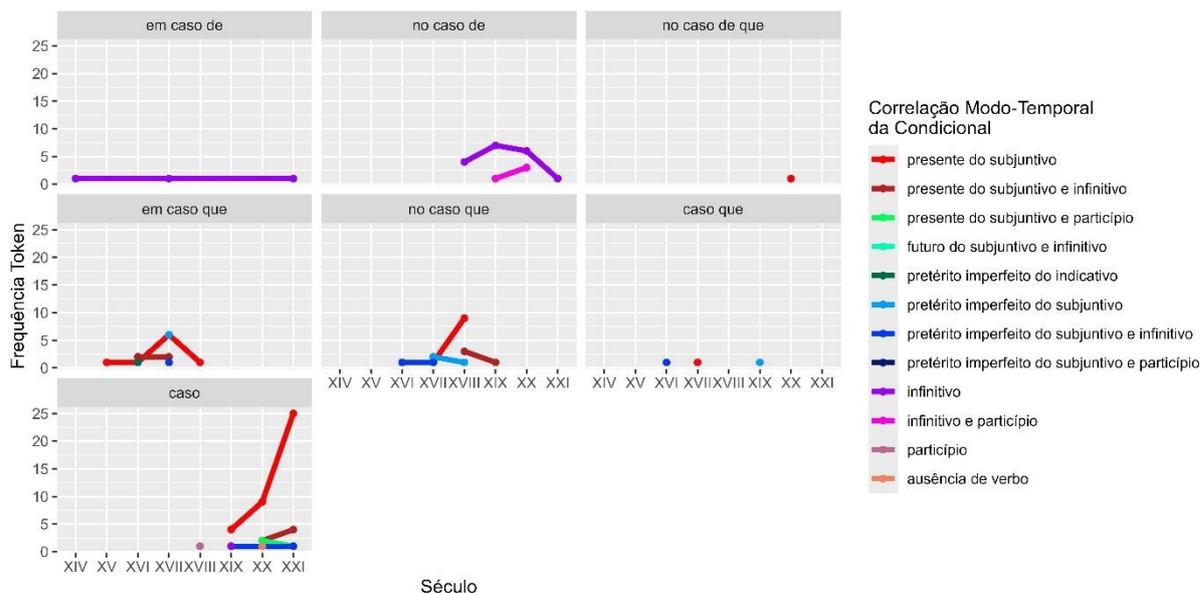
subjuntivo e infinitivo, do século XVII ao XIX, presente do subjuntivo, presente do subjuntivo e infinitivo e pretérito imperfeito do subjuntivo.

Com produtividade bastante baixa, nos *slots* das orações condicionais com *caso que* foram identificados três tipos de correlações verbais: pretérito imperfeito do subjuntivo e infinitivo no século XVI, presente do subjuntivo presente do subjuntivo no século XVII e pretérito imperfeito do subjuntivo no século XIX. A microconstrução com menor produtividade é, evidentemente, a oração condicional introduzida por *no caso de que* que foi atestada apenas uma vez com verbo no presente do subjuntivo.

Em contrapartida, a microconstrução com conectivo simples instanciada pelo subesquema [[*caso*] CONECT oração_i] CONDIÇÃO demonstra um grau maior de produtividade, em relação às todas as outras microconstruções conectivas, já que há o *slot* da oração_i é mais amplo e possibilita uma grande variabilidade de estruturas verbais (10 *types*, no total). Ao longo das sincronias, a frequência de tipos de combinações verbais da prótase condicional com o conectivo simples *caso* se expandem, de formas nominais, para formas finitas - presente do subjuntivo, presente do subjuntivo e infinitivo, presente do subjuntivo e particípio, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e infinitivo e pretérito imperfeito do subjuntivo e particípio. Esse resultado mostra que a microconstrução com o conectivo simples está altamente rotinizada e sedimentada no português, exibindo um padrão de colocação mais amplo e generalizado.

Foi possível atestar, com as análises das correlações verbais, que quanto mais esquematizada como construção procedural e mais integrada à rede de conectivos condicionais, maior a expansão do *slot* da oração e das formas verbais utilizadas na oração adverbial, o que pode desencadear o aumento de produtividade do esquema em contextos semântico-pragmáticos que são categóricos para a manifestação de condicionalidade.

No que concerne às características semântico-pragmáticas das construções condicionais marcadas pelos conectivos com *caso* na diacronia, é possível observar a expansão gradual para sentidos mais (inter)subjativos, como demonstra o Gráfico 4.



Fonte: Autoria nossa.

As construções complexas condicionais introduzidas pelo conectivo *em caso de* concentram, nos séculos XIV, XVII e XXI do português escrito, todas as ocorrências em domínio de conteúdo, ao passo que o padrão com *no caso de*, com frequência *token* maior, é utilizado em três tipos de contextos: conteúdo e atos de fala nos séculos XVIII, XIX e XX, e metatextual no século XXI.

As condicionais com os conectivos formados com *que* – *em caso que*, *no caso em caso (em) que*, *no caso de que* e *caso que* – também demonstram graus distintos de produtividade *type*. As construção com os conectivos *em caso que* e *no caso (em) que* demonstram características similares porque são usadas nos domínios de conteúdo, epistêmico e de atos de fala. O que diferencia as duas construções é que as condicionais com *em caso que* apresentam um número maior de ocorrências em domínios de conteúdo, enquanto que as condicionais com *no caso (em) que* são mais frequentes em usos mais abstratos, nos domínios epistêmicos e de atos de fala.

As demais construções, com os conectivos *no caso de que* e *caso que* não são produtivas no corpus investigado: a construção condicional com *no caso de que* é atestada somente no domínio de atos de fala, no século XX; a construção com *caso que* é identificada em domínios de conteúdo nos séculos XVI e XVII e atos de fala no século XIX.

Conforme observamos no gráfico 4, as condicionais iniciadas por *caso* aparecem nos diferentes domínios conceituais de forma variável, desde os com sentidos mais concretos com

conteúdo e epistêmico até os domínios de atos de fala e metatextual, propostos por Sweetser (1999) e Dancygier e Sweetser (2005). Os resultados revelam que houve, ao longo dos séculos, uma expansão da construção com conectivo simples *caso* para usos mais abstratizados.

Nas próximas seções mostramos os contextos dos desenvolvimentos dos conectivos formados com *caso* no português, a partir da proposta de Diewald (2002, 2006), Diewald e Smirnova (2012) e Diewald (2020).

4.1.1. Contextos de mudanças nas construções conectivas com CASO

O objetivo desta seção é analisar os estágios de mudança e os contextos específicos que levam à emergência dos conectivos formados com *caso* no português. Iniciamos demonstrando quais são os contextos para formação da microconstrução conectiva condicional [*em (o) caso de (que)*] e, na sequência, o processo de desenvolvimento do conectivo simples.

4.1.1.1 Contextos de mudança linguística nas construções conectivas [*em (o) caso de*]

Como podemos ver na ocorrência em (262), a microconstrução [*em (o) caso de*], em seu *contexto fonte*, é composta pelo item lexical *caso* acompanhado de preposição e determinante, podendo apresentar função sintática argumental de complemento nominal e função semântica referencial relacionada a um estado de coisas:

(262) Prezado Amigo Dr. Dantas Junior Muito e muito grato por todo o seu interesse ***no caso do recurso de habeas corpus***, cuja derrubada constitue uma brilhante vitoria. (PROHPOR: CP, Século XX)

No primeiro estágio de mudança, *contexto atípico*, a microconstrução [*em (o) caso de*], passa a atuar em contextos semânticos mais abstratos em que o sentido circunstancial/eventual pode ser inferido. Note-se que, em (263) e (264), o nome *caso* faz referência a uma proposição do usuário da língua. As primeiras ocorrências em contextos atípicos ocorrem nos séculos XV e XVII, como se verificam nos exemplos a seguir.

(263) Ho comde, tanto que vio a frota dos mouros, começou de rrepartir suas guardas. - Senhor, - disse elle contra dom Johã - quero saber de vos omde vos prazerá ter carrego de estar, pera eu perder o cuydado dessa parte omde vos estiverdes, caa, pero este cuydado primçipall seja meu,

vista vossa grandeza, nõ vos ey **ẽ este caso de** ter senã por parceiro. (CIPM: CPM, século XV)

- (264) E havendo-vos vós de vir, porque não podereis vir tanto depressa , me enviareis logo em diligência recado de como vós vindes, e o modo em que deixais o negócio, tudo muito declaradamente. E **nesto caso de** deixardes assentado o concerto, e vir cá a minuta dele, como dito é, vós vos podereis vir em boa hora; porque não será lá mais necessária vossa estada. (CHPTB: CDJ, século XVI)

A partir do século XVII, no *contexto crítico*, [*em (o) caso de*] passa a apresentar ambiguidades na forma e no sentido. Como se vê nas ocorrências (265) a (267), a condicionalidade passa a ser uma leitura possível.

- (265) Entre os mais culpados pareceu mais inocente o duque de Caminha, que em tudo obrou como fiel, se não prevalecesse aquela sentença de Bártolo, tão reprovada de Baldo, que obriga aos filhos e pais, contra a Lei da Natureza, delatarem ao príncipe uns e outros **em caso de conspiração**. (CHTB: FMMTP, Século XVII)
- (266) BRAZ Peça qualquer coisa. CHICO Muito simples. BENEFICIADO Um copo d'agua. ALFERES E **no caso de defluxo, morna**. D. BRAZ O sr. Casaca é que ha de decidir. Quer-se coisa, que não faça mal a um doente. (CHPTB: JCC, século XIX)
- (267) *Com Gillete TECH, não há perigo de cortes no caso de um gesto brusco...* Frisos anti-deslisantes garentem segurança! (PROHPOR: AFN, século XX)

Por meio das construções exemplificadas acima, observa-se que o nome *caso* passa a funcionar sintaticamente como adjunto adverbial e pode ser interpretado como uma situação hipotética, um evento que pode ou não acontecer.

Por fim, no último estágio de mudança, *no contexto de isolamento*, a função de introdutor de oração complexa condicional é consolidada:

- (268) Chamo a tua atenção pa o serviço dos correios do Rio Grde do Sul. **No caso de mandar abrir nova concorrência, limite a prorrogação ao praso absolutamte indispensavel, tres ou 4 vezes**. (CHPTB: CB, Século XIX)

- (269) Conforme a ordem de VExcia entendi-me com a directoria deste ultimo banco para sobre **qual o desconto que fariam no caso de pretender o Governo fazer uma liquidação.** (CHPTB: CB, Século XIX)

Como podemos ver a partir das ocorrência (cf. (268-269)), a microconstrução [*em (o) caso de*] deixa de atuar como construção referencial perde função sintática argumental e fixa na língua como conectivo condicional.

4.1.1.2 Contextos de mudança linguística da microconstrução [*(em) (o) caso que*] e pós-construcionalização da construção conectiva simples CASO

Em seu uso típico, *em contexto fonte*, *caso* atua como um item lexical que faz referência a uma situação concebida/realizada, podendo ser marcado por artigo definido ou indefinido, acompanhado de modificador nominal, assinalando o sujeito da sentença, fazendo referência a uma entidade do mundo real e imaginário e identificando uma entidade tópica no discurso, como observamos na ocorrência seguir.

- (270) Esperam os Estados Unidos que o Conselho de Segurança condene a Russa - Fórmula engenhosas vetadas por Moscou - *Os grandes têm os seus dramas: o de Berlim é um caso típico.* (CHTB: JB, Século XX)

Como vimos em capítulo anterior, as microconstruções *neste caso/em tal caso* atuam como anáforas encapsuladoras as quais retomam uma situação hipotética/condicional, sendo assim, um *contexto atípico*, que marca um primeiro estágio para o desenvolvimento de interpretações mais abstratas para o nome *caso*.

O *contexto crítico* para formação da microconstrução conectiva condicional [*(em) (o) caso (que)*] são as construções aliadas ao complementizador *que*, conforme ilustra o exemplo com oração adverbial reduzida de gerúndio introduzida por *sendo caso que*, em (271).

- (271) Parece-me bem o cobre que enviais nestes navios e no galeão enviareis também o que vos bem parecer, e não outras mercadorias nem cabedal, somente levará dom Pedro no galeão cinco até seis mil cruzados em outro, para que, ***sendo caso que inverne em Mascate***, como parece que será, e aí não for o Capitão Mor de Índia, ter dinheiro para os mantimentos e provisão da armada (...). (CHTB:DJ, Século XVI)

O *contexto de isolamento* ocorre, a partir do século XV, com a emergência do conectivo condicional *em caso que*, conforme observa-se em (272). Neste momento, a microconstrução passa a participar do paradigma de construções gramaticais e deixa de ser utilizada como construção lexical, com significado referencial.

(272) A quynnta, que pois nosso senhor he fonte, comprimento e perfeiçom de toda virtude, que de todo [que] per el foi ordenado sejamos contentes, ou creamos fyrmente que o devemos seer, sabendo que al nom pode nem deve seer bem feito nem bem ordenado, ainda que o desejemos ou nos razom pareça, dizendo ***em caso que tal duvyda ou contradizimento da vontade syntamos***: Senhor, nom assy como eu entendo nem quero, mas como tu. (CIPM:LC, Século XV)

A emergência de *caso* como conector condicional simples parece estar diretamente relacionada aos usos do conectivo [caso que]- conector que surge no português a partir do século XVI, como uma redução das formas *sendo/havendo caso que*, *em (o) caso que*, -, tal qual mostra o exemplo (273) abaixo.

(273) Seja notório a todos os eclesiásticos, e seculares moradores nesta ribeira do Minho, compreendida da cidade de Tui , até a Vila da Guarda , que os que quiserem assistir em suas igrejas , casas , e fazendas , o poderão fazer , vindo tomar salvaguarda , que lhe mandarei dar , e os segurarei de qualquer hostilidade , querendo avir-se , e reconhecer obediência às reais armas de El-Rei Dom Afonso o sexto Meu Senhor , e em seu real nome serão desobrigados de todos os tributos a que os obriga o terrível , e ímpio domínio de Castela , e gozarão suas fazendas , e bens com todo o descanso; ***caso que não venham todos os moradores dos lugares compreendidos , oferecer a devida obediência , serão os lugares , e fazendas entregues à violência da guerra com todo o rigor dela*** . (CHTB: ASM, Século, XVII)

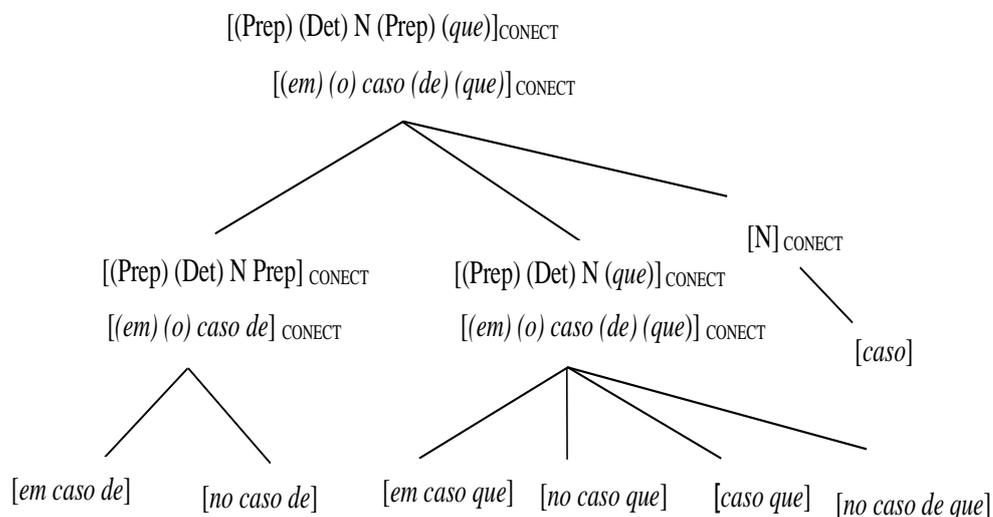
A emergência do conectivo condicional simples com *caso* marca o desencadeamento do processo de mudanças pós-construcionalização. Como pode ser verificado nas seções de análise das microconstruções conectivas com *caso* no português, o conectivo simples *caso* parece ser uma estrutura reduzida que emergiu após micropassos de mudanças graduais que afetaram os padrões de composicionalidade dos conectivos complexos representados pelo padrão construcional [(em) (o) *caso que*]_{CONNECT}.

Os conectivos complexos *em caso que* e *no caso que* passam a ser utilizados frequentemente após o contexto de isolamento e consolidação do processo de construcionalização. Assim, a frequência de ocorrência afeta significativamente a memória do usuário da língua o que levou à redução morfofonêmica da microconstrução o que proporcionou ao surgimento dos conectivos *caso que*, que desaparece nos usos do português atual, e passa a dar lugar ao conectivo simples *caso*.

4.1.2. A rede de microconstruções conectivas condicionais com CASO no português

Os sete *types* de microconstruções conectivas condicionais com *caso* podem ser abrigadas em um único subesquema mais abstrato, a saber [(em) (o) caso (de) (que)]_{CONNECT}. Na figura 9, a seguir, mostramos a rede hierárquica da esquematicidade da construção, a partir de subesquemas e microconstruções.

Figura 9- Esquema, subesquema e microconstruções conectivas condicionais com *caso*.



O subesquema [(em) (o) caso (de) que] emerge via analogização com o esquema [X QUE], o qual, segundo Cezário et al (2015), surge no latim com os constructos temporais *postquam*> depois que; *antequam*> antes que. Em Barreto (1990), vê-se que o subesquema [PREP N QUE] ocorre primeiramente no português do século XIII, com as construções conectivas com valor modal *de/a guisa que* e temporal *ao tempo que*.

Esta rede vai se ampliando: conforme os dados investigados nesta tese, *em caso que* com significado condicional surge a partir do século XIV, e *no caso que* no século XVI. A microconstrução conectiva simples com *caso* parece ser resultado de mudanças construcionais pós-construcionalização, no que diz respeito aos graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade; e da expansão e rotinização dos conectivos complexos formados por [(*em*) (*o*) *caso que*]- redução da forma e ampliação dos contextos de forma e semântico-pragmáticos.

Pode-se observar, além disso, que a microconstrução conectiva simples com *caso* atua em mais contextos apresentando maior frequência *token* e *type* possivelmente devido à redução fônica do item: nos estágios mais avançados de construcionalização gramatical há redução da forma, o que é esperado, já que construções mais gramaticais apresentam maiores possibilidade de redução fônica e perda de analisabilidade (Bybee, 2016). Pesquisas diversas acerca de processos que levam uma construção lexical a uma construção procedural revelam que as mudanças semântico-pragmáticas pelas quais passam essas construções são acompanhadas na redução na morfologia. Assim, vê-se que há uma perda tanto da preposição *em* e determinante *o*, quanto a perda do complementizador *que*.

A constatação de que o conectivo simples com *caso* seja mais frequente e atue em contextos mais amplos pode estar também relacionado com o fato de que tal microconstrução mantenha relações de herança com o subesquema de conectivos simples, com semântica mais básica e neutra; além disso, pode-se supor que o conectivo *caso* tenha emergido por meio do processo de cognitivo de analogização com o conectivo simples *se*, que também surge na língua através de expressões adverbiais com sentidos circunstanciais e passa por redução fônica tornando-se morfofonêmico e altamente generalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas nos capítulos anteriores, apontamos os resultados obtidos tendo em vista os objetivos e as hipóteses apresentadas na seção de introdução deste trabalho. Partimos da proposição de que o subesquema [(em) (o) caso (de) (que)]_{CONNECT} emerge na língua após sucessivas mudanças graduais na forma e no sentido dando origem a novos conectivos condicionais formados com *caso* no português. Concluimos que a formação da condicional microconstrução conectivas complexas com *caso* ocorreu mediante construcionalização gramatical que envolvem mudanças construcionais em três contextos mais gerais.

No primeiro estágio, em contextos atípicos, a função referencial anafórica presente no nome *caso* leva o usuário da língua a criar generalizações de significado, e *caso* liga-se à pronomes dêiticos formando o subesquema [Prep (Pron_{dem}) (Det) *caso*], que pode abrigar as microconstruções [*no caso*], [*neste caso*], [*em tal caso*]. Assim, o nome *caso* passa a apresentar sentidos polissêmicos; há, nesse estágio, a abstratização metafórica do significado factual para significados relacionados à eventualidade e hipoteticidade. Além disso, vê-se que, o contexto atípico é marcado pela associação que o nome *caso* começa a fazer com a rede de modificação adverbial, já que as formas introduzidas por pronomes anafóricos sugerem uma leitura adverbial da construção.

Entre os séculos XVI e XVII, no contexto crítico, é possível observar que *caso* passa a demonstrar ambiguidades na forma e no sentido, o que proporciona interpretações distintas do estágio anterior. Aqui, *caso*, que é um nome com semântica mais geral e inespecífica, junta-se a novos elementos linguísticos, criando o subesquema [X *caso que*], em que o *slot X* pode ser preenchido por preposição e/ou determinante e verbos nominalizados seguidos de *caso* e do complementizador *que*. Mostramos que o fato de *caso* ser um *shell noun*, como defende Schmid (2000), foi determinante para que houvesse constantes abstratizações de sentidos e mudanças na forma, de modo que *caso* necessita de complementos específicos para que seu significado seja restringido na construção. Pode-se verificar também que a característica integradora e anafórica dos *shell nouns* permitiu com que *caso* fosse neoanalisado como uma forma adverbial. Desse modo, observa-se, nesta etapa de mudança, que primeiramente, *caso* passa a funcionar como núcleo de uma oração adverbial introduzida por *que* (*sendo o caso que, dado o caso que, nos casos em que, no presente caso que*) podendo ser interpretado tanto como um nome com sentido factual quanto eventual e condicional. Posteriormente, no último estágio, no contexto de isolamento, a função de conectivo condicional é convencionalizada e instâncias de

conectivos condicionais complexos (*em caso que, no caso que, caso que*) acomodados pelo subesquema [(em) (o) caso que] emergem no português.

Por fim, após a mudanças pós-construcionalização de conectivos formados com *que*, o conectivo condicional *caso* emerge via metonimização, já que adquire a função conectiva e condicional de *que*. Neste contexto, as interpretações de estágios anteriores não podem ser recuperados, a nova forma gramatical se fixa e o conectivo simples com *caso* se consolida na língua é abrigada pela rede [[CONNECT]ORAÇÃOI [CONDIÇÃO NEUTRA] e passa a integrar o paradigma de conectivos condicionais.

Constatamos em nossas análises que *caso* perde gradualmente seus traços de nome pela opacidade e generalização de suas funções, o que provoca metonimização, interpretada como perda categorial e desconfiguração da forma de origem. Vê-se que *caso* é neoanalisado como construção procedural, em parte, devido às pressões contextuais, sobretudo no que diz respeito à sua característica fórica e integradora, o que induz a interpretações mais procedurais.

Concluimos que a formação do conectivo condicional simples com *caso* ocorre a partir de generalizações que são constituídas gradualmente ao longo da diacronia, o ganho de funções procedurais está, em parte, associado aos processos cognitivos de domínios gerais que atuam na mudança de *caso* e no modo como tal construção é capaz de se relacionar com outras redes do português. A construcionalização gramatical de *caso* pode então ser explicada pelas associações com *shell nouns* fazem não só com a rede de nomes abstratos, mas também com a rede de pronomes anafóricos. As constantes mudanças de sentido e forma também proporcionaram as associações com a rede de expressões adverbiais, que foi um passo importante para a constituição das funções procedurais que vão se desenvolvendo até que *caso* se torne parte da rede de conectivos condicionais.

REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Grammatica historica da lingua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BARÐDAL, Jóhanna. **Productivity**: evidence from case and argument structure in Icelandic. Amsterdam: John Benjamins. 2008.
- BARÐDAL, Jóhanna; GILDEA, Spike. Diachronic construction grammar: epistemological context, basic assumptions and historical implications. *In*: BARÐDAL, Jóhanna; SMIRNOVA, Elena; SOMMERER, Lotte; GILDEA, Spike. **Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins. 2015.
- BARRA JOVER, Mario. **Propiedades lexicas y evolucion sintactica. El desarrollo de los mecanismos de subordinacion en espanol**. Noia (A Coruña): Toxosoutos, 2002.
- BARRETO, Terezinha Melo. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Universidade Federal da Bahia. (Tese de doutoramento), 1999.
- BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. Introduction: a usage-based conception of language. *In*: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 7-25.
- BECHARA, Evanildo. **Novo dicionário de dúvidas da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BRINTON, Lauren. Rise of the adverbial conjunctions (any, each, every) time. *Em* Ursula Lenker & Anneli Meurman-Solin (eds.), **Connectives in the history of English**. 77-96. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- BYBEE, Joan. **Morphology. A study of the relation between meaning and form**, Amsterdam - Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n. 4, p. 711-33, dez. 2005.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMACHO, Roberto Gomes; HATTNER, Marize Mattos Dall'Aglio; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. O substantivo. *In*: ILARI, Rodolfo. (Org.). **Palavras de classe aberta. Gramática do português falado culto no Brasil**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2014, v. III. p. 13-56.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Biblioteca Brasileira de Filologia. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. Volume 4, 1972.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, Charles N. (Ed.). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.

CHAFE, Wallace. How people use adverbial clauses. **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, Berkeley, v. 10, p. 437-49, 1984.

COMRIE, Bernard. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. et al. (Eds.). **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 77-99.

CROFT, William. **Radical construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica F. et al. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CUNHA, Maria Angélica F; CEZÁRIO, Maria. M. **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013. p. 13-40.

DANCYGIER, Barbara. **Conditionals and predication: time, knowledge and causation in conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. (Cambridge Studies in Linguistics, 87).

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Mental spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. (Cambridge Studies in Linguistics, 108).

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISHER, I.; DIEWALD, G. (eds). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, Gabriele. Contexts types in grammaticalization as constructions. In: Special Volume 1: **Constructions all over** – case studies and theoretical implications. 2006. Disponível em: www.constructions-online.de:009-4-6860. Acesso em: 10 de fev. 2020.

DIEWALD, Gabriele. Modal particles in diferente communicative types. In: **Constructions and frames**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 218-257. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/cf.7.2.03die>. Acesso em: 15 nov. 2020.

DIEWALD, Gabriele. Paradigms lost – paradigms regained: paradigms as hyper-constructions. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, ELENA. **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 277-314.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. “Paradigmatic integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K; *et al* (ed). **Grammaticalization and language change – new reflections**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. New York: Cambridge

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: MIT Press, 1985.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. **Dictionnaire etymologique de la langue latine: histoires des mots**. Paris: Librairie Klincksieck. 1951.

GERARDS, David Paul; KABATEK, Johannes. Grammaticalization, distance, immediacy and discourse traditions: the case of portuguese caso. Em Salvador Pons Bordería & Óscar Loureda Lamas (eds.), **Beyond Grammaticalization and Discourse Markers**. 115-159. Leiden/Boston: Brill, 2018.

GIVÓN, Talmy. Modal Prototypes of Truth and Action. In: GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Publishing Company, 1995. p.111-71.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; OLIVEIRA, Taísa Peres de. Por uma abordagem de construções complexas em perspectiva construcional. **Working Papers em Linguística**. v. 21 n. 1: Gramática do Uso, 2020.

GUIRALDELLI, Lisângela A. **O modo subjuntivo e a expressão das modalidades epistêmica, deôntica e volitiva**. 2004. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

GRANVIK, Anton. The development of the conditional *caso* construction in Spanish. Em Evie Coussé / Peter Andersson & Joel Olofsson (eds.), **Grammaticalization meets construction grammar**. 205-239. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2018.

HAIMAN, John. Conditionals are topics. **Language**, v. 54, n. 3, p. 565-89, set. 1978.

HAIMAN, John.; THOMPSON, Sandra. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, HIMMELMANN & WIEMER (eds). **What makes grammaticalization?** A look from its fringes and its components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico pragmático**. 2005. 135 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

ILARI, Rodolfo. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba (org). **A gramática do português falado**. v. 1. (A ordem). Campinas: UNICAMP, 1990. p. 63-141.

KORTMANN, Bernd; KÖNIG, Ekkehard. Categorical reanalysis: the case of deverbal prepositions. **Linguistics** 30, 671-697, 1992.

KORTMANN, Bernd. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, Ronald W. A dynamic usage based model. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. **Usage-Based Models of Language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p. 1-63.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra. (Eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LONGACRE, Robert; THOMPSON, Sandra. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-286. (Vol. 2).

LONGHIN, Sanderleia Roberta. Gramaticalização de construções condicionais em português: trajetórias de mudança do nome *caso*. **Estudos de Linguística Galega** 12: 1-29, 2020.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra (Eds.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 275- 329.

MONTOLÍO, Estrella. On affirmative and negative complex conditional connectives. Em Elizabeth Couper-Kuhlen / Bernd Kortmann (eds.), **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives**. 143-171. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica Vol. 1. 1955.

NEVES, Maria Helena de M. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, Maria Helena de M. As construções condicionais. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 397-444. (Vol. VII: Novos estudos).

NEVES, Maria Helena de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NEVES, Maria Helena de M. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Taísa P. de. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, Taísa P. de. **Conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. 2008. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

OLIVEIRA, Taísa P. de; HIRATA-VALE, Flávia B.M. A condicionalidade como zona conceitual. **Delta**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 291-313, 2017.

OLIVEIRA, Taísa Peres de. A construção condicional em português. **Revista de Letras**, v.2, n.38, p. 1-19, 2019a.

OLIVEIRA, Taísa P. de. As bases conceituais dos conectores condicionais em português. **Revista Odisseia**, v. 4, n. Esp., p. p. 194 - 210, 23 nov. 2019b.

OLIVEIRA, T.P; SILVA, C.F. Padrões e restrições do subesquemas condicional [CASO CLi]COM CLj]. In: Cristina dos Santos Carvalho; Norma da Silva Lopes; Angélica Rodrigues. (Org). **Sociolinguística e Funcionalismo: vertentes e interfaces**. 1ed. Salvador: Eduneb, 2020, p. 201-2019.

PIMPÃO, Tatiana S. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. **Dicionário do Latim Essencial**. Autêntica coleção clássica, 2ª edição, 2014.

ROSCH, Eleanor H. Natural categories. **Cognitive Psychology**, v. 4, p. 328-50, 1973.

SILVA, Camila Fernandes da. **Construções condicionais introduzidas por “caso” no português do Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2018.

SILVA, Camila Fernandes da. A expressão de condicionalidade na construção [caso + oração finita] no português do Brasil. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 49, n. 2, p. 1069-1085, jun. 2020.

SCHMID, Hans-Jörg. **English Abstract Nouns as Conceptual Shells: From Corpus to Cognition**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2000.

SMIRNOVA, Elena; SOMMERER, Lotte. The nature of the node and the network – open questions in diachronic construction grammar. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena. **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1- 42.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. (Cambridge Studies in Linguistics, 54).

TALMY, Leonard. Attention phenomena. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 264-295.

TUGGY, David. The thing is is that people talk that way. The question is is Why?. In: Eugene H. Casad, ed., **Cognitive linguistics in the redwoods. The expansion of a new paradigm in linguistics**, Berlin - New York: Mouton de Gruyter, 713-752, 1996.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Conditional markers. Em John Haiman (ed.), **Iconicity in syntax**.289-304. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Subjectification in grammaticalization. Em Dieter Stein & Susan Wright (eds.), **Subjectivity and subjectivisation: linguistic perspectives**. 31-54. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira; Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2021.

TRUDGILL, Peter. Grammaticalisation and social structure: non-standard conjunction-formation in East Anglian English. Em Robert Frank Palmer (ed.), **Grammar and meaning**. 136-147. Cambridge:Cambridge University Press, 1995.

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: BOOGAART, R; COLLEMAN, T; RUTTEN, G. (ed). **Constructions all the way everywhere: the extending scope of construction grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2014. p. 141-179.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in philosophy**, Ithaca/N.Y.: Cornell University Press,1967.

VERGARO, Carla; SCHMID, Hans-Jörg. Do the meanings of abstract nouns correlate with the meanings of their complementation patterns? A case study on English commissive shell nouns. **Pragmatics & Cognition**. University of Perugia, Italy /LMU Munich, Germany, 2017.

VISCONTI, Jacqueline. On English and Italian complex conditional connectives: matching features and implicatures in defining semanto-pragmatic equivalence. **Language Sciences**, v. 18, n. 2, p. 549-573, 1996.

VISCONTI, Jacqueline. **I connettivi condizionali complessi in italiano e in inglese: uno studio contrastivo**. Alessandria: Edizioni Dell'Orso, 2000.

ZAMPRONEO, Silvana. **A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.